A woman in a white, long-sleeved, tiered dress stands in a dark, stone-walled room. Her hands are pressed against her face, and she appears to be in a state of distress or fear. The room has a rough, textured wall and a dark doorway behind her. The overall atmosphere is dark and unsettling.

# ASYLUM A FUGA

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

MADELEINE ROUX

PLATA  
FORMA 31

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# ASYLUM A FUGA

MADELEINE ROUX

TRADUÇÃO: Alexandre Boide

PLATA  
FORMA

TÍTULO ORIGINAL *Escape from Asylum*

© 2016 by HarperCollins Publishers. Publicado com a autorização da HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

**Plataforma21** é o selo jovem da V&R Editoras  
[www.plataforma21.com.br](http://www.plataforma21.com.br)

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Bóris Fatigati e Ana Luiza Candido

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

CAPA Cara E. Petrus e Sammy Yeun

IMAGENS menina © 2016 by Clayton Bastiani / Trevillion Images

textura © 2013 by Naoki Okamoto / Getty Images

arabescos das laterais © 2013 by iStockphoto

chaves © 2013 by Dougal Waters / Getty Images

doutor © 2016 by Everett Collection / Shutterstock

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Roux, Madeleine**

---

Asylum: a fuga [livro eletrônico] / Madeleine Roux; tradução Alexandre Boide. — 1. ed. — São Paulo: Plataforma21, 2017.  
5 Mb; ePUB

Título original: *Escape from Asylum*

ISBN: 978-85-927-8319-8

1. Ficção juvenil 2. Suspense — Ficção I. Título.

17-02570 CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

**VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

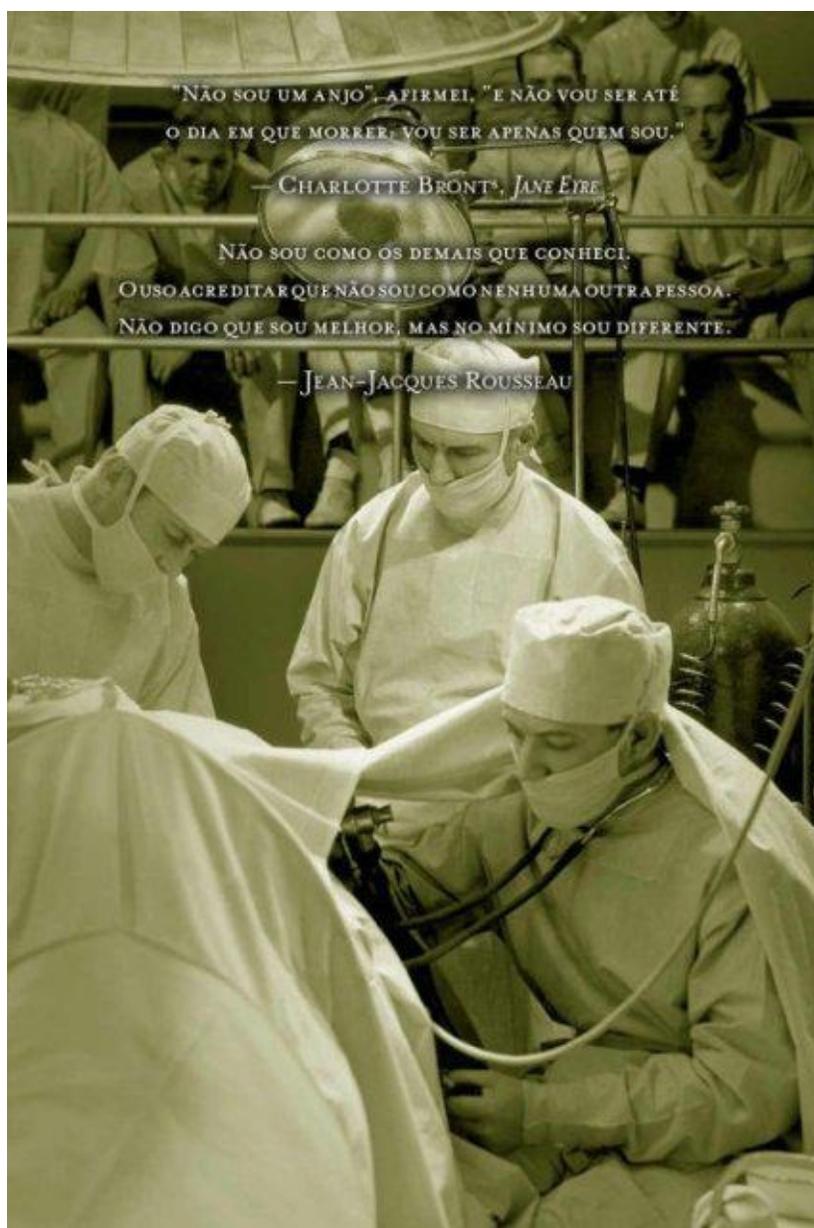
[vreditoras.com.br](http://vreditoras.com.br) | [editoras@vreditoras.com.br](mailto:editoras@vreditoras.com.br)

"NÃO SOU UM ANJO", AFIRMEI. "E NÃO VOU SER ATÉ  
O DIA EM QUE MORRER; VOU SER APENAS QUEM SOU."

— CHARLOTTE BRONT<sup>a</sup>, *JANE EYRE*

NÃO SOU COMO OS DEMAIS QUE CONHECI.  
OUSO ACREDITAR QUE NÃO SOU COMO NENHUMA OUTRA PESSOA.  
NÃO DIGO QUE SOU MELHOR, MAS NO MÍNIMO SOU DIFERENTE.

— JEAN-JACQUES ROUSSEAU



*Para toda a equipe da série na HarperCollins e para os fãs de Asylum, antigos e novos.*



The image shows a book cover with a repeating damask pattern in shades of green and gold. A white rectangular label is placed in the upper-middle section of the cover, featuring the word 'PRÓLOGO' printed in a black, serif, all-caps font. The label is slightly tilted to the right.

PRÓLOGO

Ele não queria ser o primeiro. Até o silêncio no quarto parecia um grito, o arrastar de um pé ou o zumbido das dúvidas assolavam sua mente, amplificados até se tornar algo ensurdecedor. Era uma coisa boa ser o primeiro, o diretor havia garantido. Uma honra. Afinal de contas, o diretor estivera esperando por Ricky – pela pessoa certa – fazia um bom tempo. Não seria melhor simplesmente cooperar? Era algo especial. Ser o primeiro, o Paciente Zero, era um privilégio.

Mas Ricky não queria ser o primeiro. O quarto era gelado e solitário, e alguma coisa no fundo de seu ser, na essência de sua humanidade, dizia que aquilo era ruim. Muito ruim.

Ser o Paciente Zero significava perder a si mesmo, e não para a morte, mas para algo muito pior.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 1

Brookline, 1968

Três semanas antes

Eles o levaram para o pequeno quarto em silêncio. Ricky já tinha passado por isso antes, mas da última vez fora por iniciativa própria para o Victorwood, nos Hamptons. Aquele era seu terceiro “retiro”. Estava começando a ficar irritante.

O rapaz abaixou a cabeça, olhando para o chão e fingindo como nunca. Estava arrependido? Nem um pouco, mas queria ir embora dali. Do Hospital Brookline. Podia até ser um hospício, mas parecia tão pretensioso e idiota como as clínicas de repouso. Ele queria se livrar de tudo aquilo o quanto antes.

– Preciso falar com meus pais – disse. O aperto em seus braços se tornou ainda mais forte. Um dos auxiliares de enfermagem apanhou uma mordaca, e Ricky nem precisou fingir que estava assustado dessa vez. – Opa, ei, não tem necessidade disso. Só queria conversar com minha mãe. Vocês precisam me escutar, deve ter acontecido algum engano. Se eu puder falar com ela...

– Sei, garoto. É claro. Um engano. – O auxiliar deu uma risadinha. Era maior e mais forte do que ele, e tentar resistir seria inútil. – Não queremos machucar você, Rick. Só estamos tentando ajudar.

– Mas minha mãe...

– Já ouvimos essa conversa antes. Milhares de vezes.

Ele tinha uma bela voz, o auxiliar. Gentil. Educada. Era sempre assim: vozes doces dizendo palavras doces, que encobriam más intenções. Aquelas vozes queriam mudá-lo. E, às vezes, Ricky cogitava permitir que o fizessem.

– Preciso falar com meus pais – repetiu calmamente. Era difícil disfarçar o quanto estava apavorado enquanto era arrastado para uma cela em um lugar que não conhecia. A cela de um *manicômio*. – Por favor, me deixem falar com eles. Sei que parece ridículo, mas acho que posso explicar tudo.

– É tarde para isso – disse o auxiliar. – Agora quem vai cuidar de você somos nós. Seus pais vão voltar quando tiver melhorado.

– O diretor Crawford é o melhor – disse o outro homem. Tinha um tom de voz igualmente caloroso, mas seu olhar era gelado e parecia ver *através* de Ricky. Como se ele não estivesse lá, ou como se sua presença fosse absolutamente insignificante.

– Ele é mesmo – acrescentou o mais alto, mecanicamente.

Nesse momento, Ricky tentou resistir. Já tinha ouvido essas mesmas palavras antes sobre outros médicos e “especialistas”. Era uma espécie de código. Eles falavam em linguagem cifrada, esse pessoal dos “retiros” e dos hospitais. Nunca diziam o que de fato tinham em mente: que só iam liberá-lo caso se transformasse em uma pessoa completamente diferente. O auxiliar mais alto e mais forte à sua direita praguejou baixinho, segurando com força o braço de Ricky enquanto procurava por algo que estava fora de seu campo de visão.

O quarto estava gelado, por causa da chuva de primavera que caía do lado de fora, e as luzes eram fortes demais, frias e pálidas como tudo lá dentro. A vida ao ar livre nunca lhe pareceu tão distante. Estava a apenas alguns passos de distância, atrás de uma barreira de poucos centímetros de tijolo, mas era como se estivesse do outro lado de um paredão de concreto de quilômetros de espessura.



– A escolha é sua – disse o auxiliar, com um suspiro de irritação. – É você quem decide como vai ser tratado aqui.

Ricky sabia que isso não era verdade, por isso resistiu ainda mais, jogando o peso do corpo de um lado para o outro, tentando fazer com que um deles batesse a cabeça na parede e o largasse. As vozes foram ficando mais distantes conforme a segunda agulha perfurou seu braço, com mais força do que o normal, afundando na veia.

– Eu só queria falar com eles – disse Ricky enquanto afundava no piso de linóleo. – Posso explicar tudo.

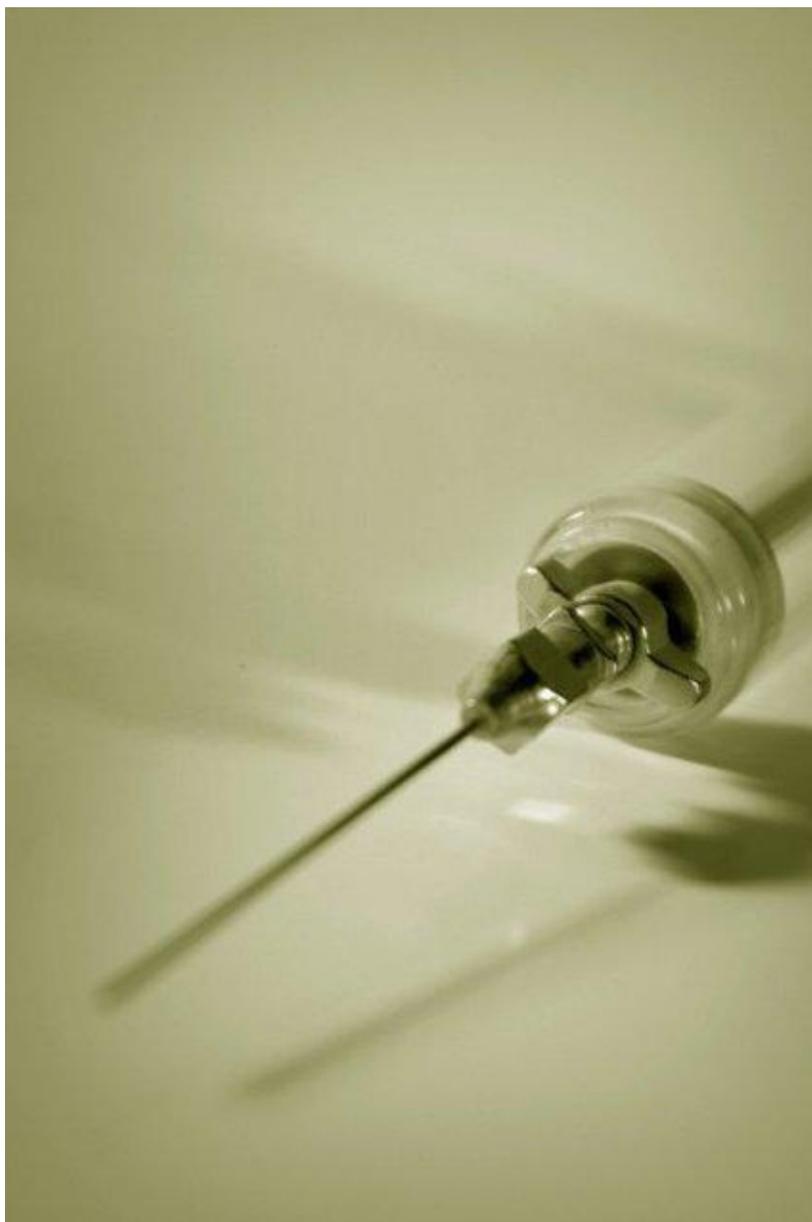
– Claro que pode. Mas agora precisa descansar. Seus pais vão estar de volta antes do que você imagina.

Eram palavras tranquilizadoras. Conversa fiada. Os contornos do quarto foram ficando borrados. A cama, a janela e a escrivaninha se tornaram massas similares de um cinza leitoso. Ricky mergulhou na escuridão, sentindo a inconsciência amortecê-lo de forma quase bem-vinda, aliviando o nó no estômago que o medo e a sensação de traição provocavam.

Sua mãe e Butch deviam estar na estrada àquela altura, voltando para Boston. Já tinham ido embora fazia tempo, muito tempo. Ele sempre conseguia se livrar na base da conversa, e com certeza conseguiria de novo se tivesse um minuto a sós com sua mãe.

– Ele vai ficar bem, não é? – ela perguntara. O Cadillac subia mansamente a colina do hospital,

castigada pela chuva incessante e rítmica, como pequenos soldadinhos de chumbo marchando numa janela. – É bem diferente do Victorwood... Talvez seja um exagero.



– Quantas vezes mais vamos passar por isso, Kathy? Ele é uma aberração. É violento. É um maldito...

– Não diga isso.

O que aconteceu antes parecia um sonho, principalmente naquele momento. A princípio, Ricky tinha certeza de que seria levado de volta para o Victorwood, um lugar para rapazes “instáveis” como ele. Os empregados de lá eram uns palermas, fáceis de manipular, e bastavam algumas ligações chorosas para casa e sua mãe aparecia na entrada luxuosa, com os olhos cheios de lágrimas e os braços abertos. Mas não foi para o Victorwood que o levaram dessa vez. Em algum momento fizeram um desvio, uma mudança de rota. As *consequências sérias da próxima vez* prometidas por Butch pareciam ter chegado.

Droga. Ele não poderia ter sido pego com Martin daquele jeito. Butch finalmente tinha concretizado suas ameaças. A longa e tensa viagem de carro até o Brookline já seria castigo suficiente e, na verdade, durante o tempo todo Ricky pensava que não aconteceria. Eles não iam interná-lo.

No momento em que perdia a consciência, distante de casa, com dois estranhos o colocando sobre um colchão fino, seus últimos pensamentos foram: *Eles fizeram isso mesmo. Desta vez foram até o fim. Estão me trancafiando aqui e não vão voltar.*

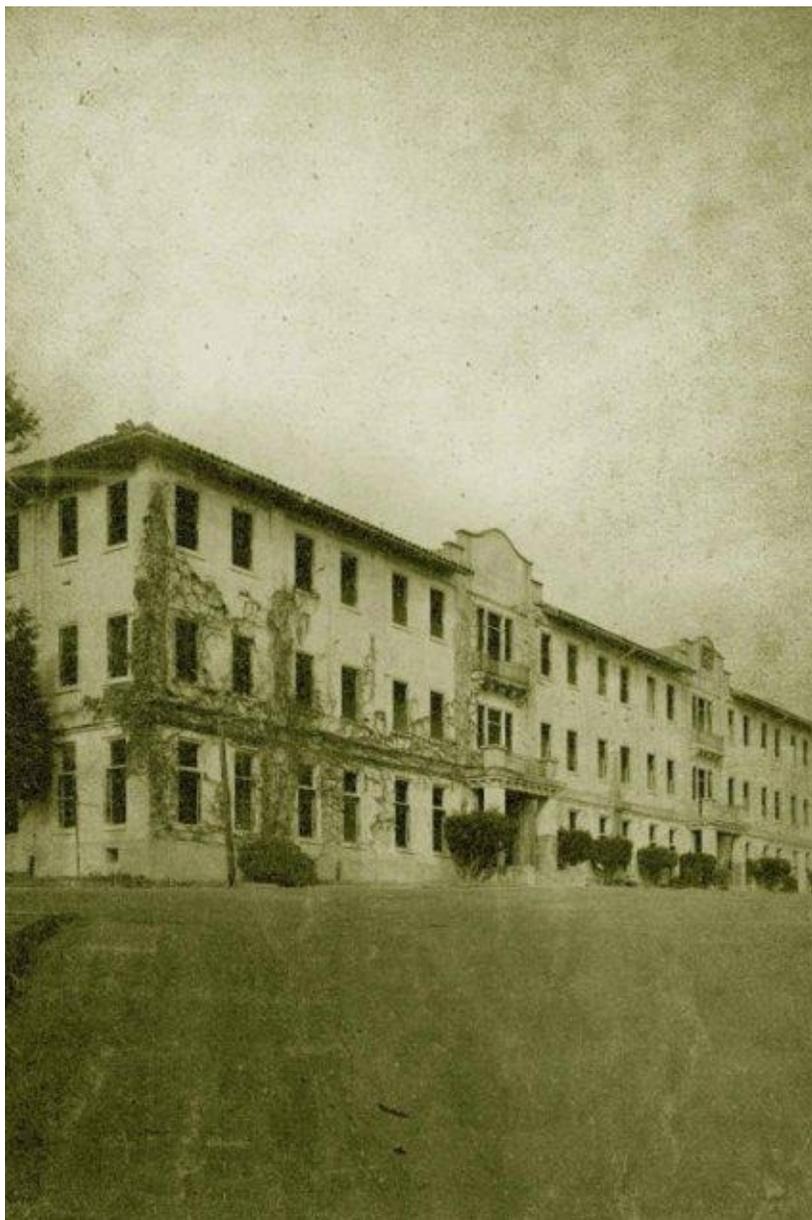
CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 2

**E**le ficou olhando para o teto durante horas, com as mãos entrelaçadas sobre a barriga. Sua voz estava rouca de tanto gritar com os auxiliares e, depois que percebeu que era inútil, de cantarolar para si mesmo tentando controlar a ansiedade. Nesse momento, estava em silêncio. Sentia as pontas de seus dedos tão geladas que temia que fossem congelar e cair.

O frio se instalou em seu corpo no momento em que atravessou a porta do hospital, num primeiro aviso. O jardim em torno do Brookline era bonito e bem cuidado, mas as grades pretas e resistentes indicavam que a liberdade de ir e vir dependia da condição de paciente ou visitante. Os prédios de tijolos que cercavam o hospital num semicírculo tinham um estilo completamente diferente – eram antigos, escuros e colegiais. Jovens despreocupados de colete de lã e calça de veludo circulavam entre um prédio e outro – estudantes se preparando para as férias de verão, Ricky soube disso mais para frente.

Perto desses prédios mais antigos, o Brookline era de uma brancura total. Imaculada. Até a grama era aparada na altura perfeita. Parecia falsa quando pisada, ele se lembrava. E havia os pacientes espalhados pelo jardim, com as costas curvadas, removendo as flores mortas e aparando os arbustos sob o olhar implacável dos auxiliares em uniformes sempre alinhados.



Era tudo impecável e perfeito, até alguém entrar e sentir aquele frio abalar o corpo como um choque elétrico.

Por mais que estivesse grogue, Ricky estava certo de que jamais conseguiria descansar em um lugar como aquele, nem mesmo com mais uma dose cavalariça de sedativos. Ele cochilava e despertava o tempo todo, com a certeza de que havia alguém do outro lado da porta, vigiando. Seu sono leve ainda foi interrompido por um grito súbito no meio da noite. (Ele supôs que era noite – era difícil ter certeza em sua cela fechada.)

Seus membros estavam pesados quando se forçou a se sentar. O grito se repetiu de novo e de novo, fazendo com que despertasse de vez. Ricky levantou e foi até a porta, apoiando-se em sua superfície gelada. Levou a mão à fechadura e ficou surpreso quando ela cedeu sob a mais leve pressão. Não era possível. Não devia ser permitido circular sozinho pelos corredores do Brookline. Pela recepção áspera que teve, sabia que não era assim que as coisas funcionavam por ali. Os auxiliares teriam se esquecido de trancar a porta? No corredor estava tudo escuro e silencioso, sem enfermeiras ou auxiliares por perto, nem outros pacientes ou qualquer sinal de vida além de uma vibração no ritmo da batida de um coração, lenta e constante, sob seus pés. Talvez fosse o encanamento ou uma fornalha de calefação antiga, grunhindo nos porões como uma fera ancestral. Na base do edifício. Em sua fundação. O coração vivo e ativo do manicômio.

Ricky foi até a escada, sentindo os pés descalços gelados como o piso. Uma luz leitosa se espalhava pelo local, iluminando os degraus enquanto descia para o primeiro andar. Aquele coração pulsante o atraía com sua batida contínua, e ele seguiu em frente. Não se sentia exatamente seguro. Sabia que estava sendo imprudente. Mas o que poderiam fazer, expulsá-lo de lá? Não era culpa sua se aqueles idiotas tinham deixado a porta destrancada.

Além disso, por mais estranho que parecesse, o pulsar do coração do prédio lhe dava coragem. Era quase reconfortante.

Quando chegou ao saguão de entrada, a ansiedade voltou. Foi lá que, horas antes, viu Butch assinando a papelada da internação, enquanto sua mãe chorava.

– Você não vai sentir minha falta? – ele dissera, lançando um olhar de cãozinho sem dono para a mãe.

– Querido...

Ela estava quase caindo na armadilha, com o lábio inferior tremendo enquanto o encarava.

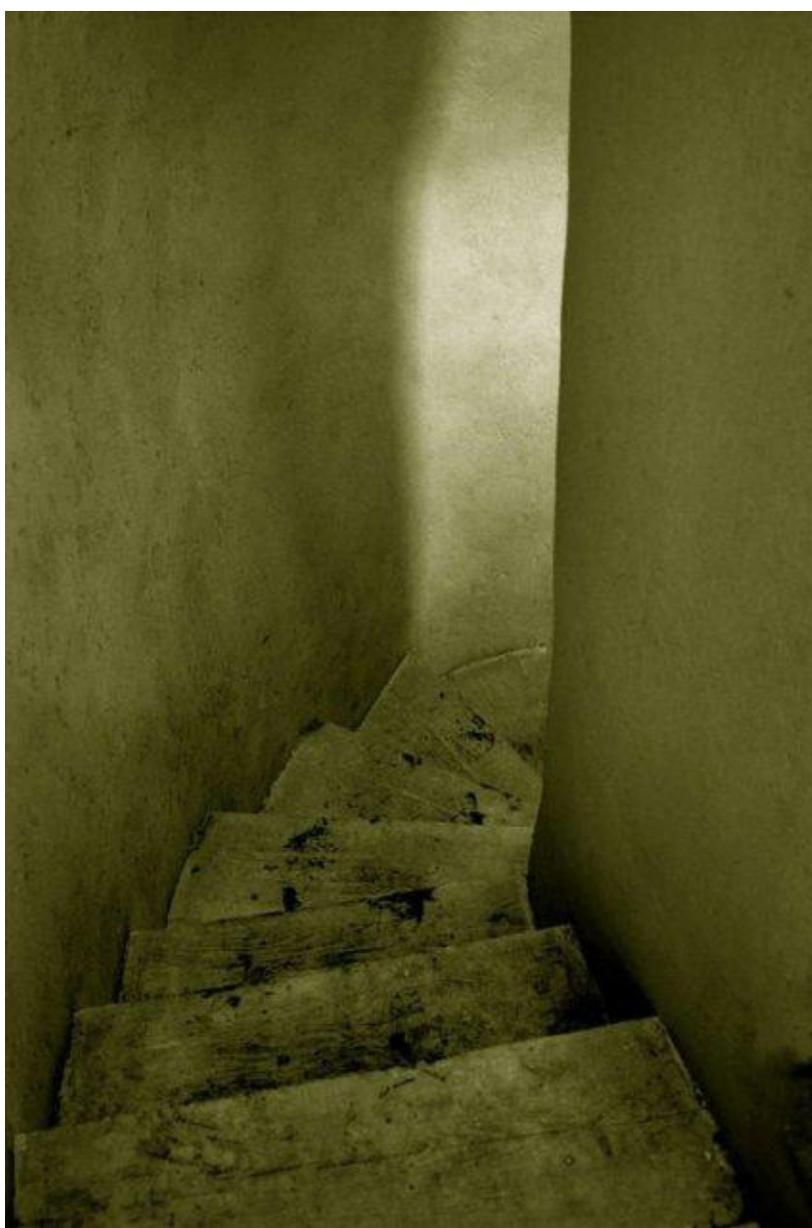
– Não, isso de novo não.

Butch quebrou o feitiço. E Ricky o odiou por isso.

O temor e a incredulidade experimentados nesse momento se tornaram ainda mais fortes, dominando sua mente como uma onda que ameaçava afogá-lo. Ele correu para as portas de saída, pensando por um segundo de desvario que conseguiria fugir e procurar um telefone para ligar para a mãe, mas sua sorte não chegava a tanto – a saída estava muito bem trancada.

O coração – ou a fornalha ou o que quer que estivesse fazendo aquele barulho – começou a chamá-lo com mais intensidade, e mais uma vez Ricky foi em frente, agora com passos mais relutantes. A música “Nowhere to Run” lhe veio à mente – era como se não houvesse mesmo para onde fugir. O som que vinha do subsolo era parecido com a linha de baixo da canção: ascendente, cativante, obscuro e contagioso.

Impossível fugir...



Ele estava em uma parte do manicômio que não conhecia. Isso não era surpresa nenhuma, já que não fazia nem um dia que estava naquele lugar. O saguão ficou para trás. Mais à frente, havia escritórios, corredores e depósitos em um corredor estreito que terminava em uma boca escura. Uma arcada. Uma arcada que levava para baixo.

Ricky desceu para as profundezas cada vez mais frias, sentindo as pedras ásperas nas paredes e o cheiro de terra molhada que dominava os porões. As escadas pareciam se estender para sempre, e o batucar constante foi ficando mais alto, reverberando até entrar em sintonia com seu corpo, entranhando-se em seu medo, parecendo emanar dos tijolos e do cimento que havia ali. Os canos retiniam, estalavam e pareciam prestes a se romper a qualquer momento.

Uma busca. Ele se deu conta de que era nisso que estava envolvido, desesperado para encontrar não um telefone ou uma saída, mas a fonte daquele pulsar.

Ricky seguiu o batucar por um corredor longo e comprido, com o teto tão alto que parecia até que estava ao ar livre. Alguma coisa arranhou suas costas, mas, quando virou, ele não viu nada. Nesse momento, deu-se conta de que poderia estar sonhando – afinal, parecia que unhas humanas tinham raspado sua camisa e feito sua pele arder, mas não havia nada ali. Ele estava sozinho no corredor.

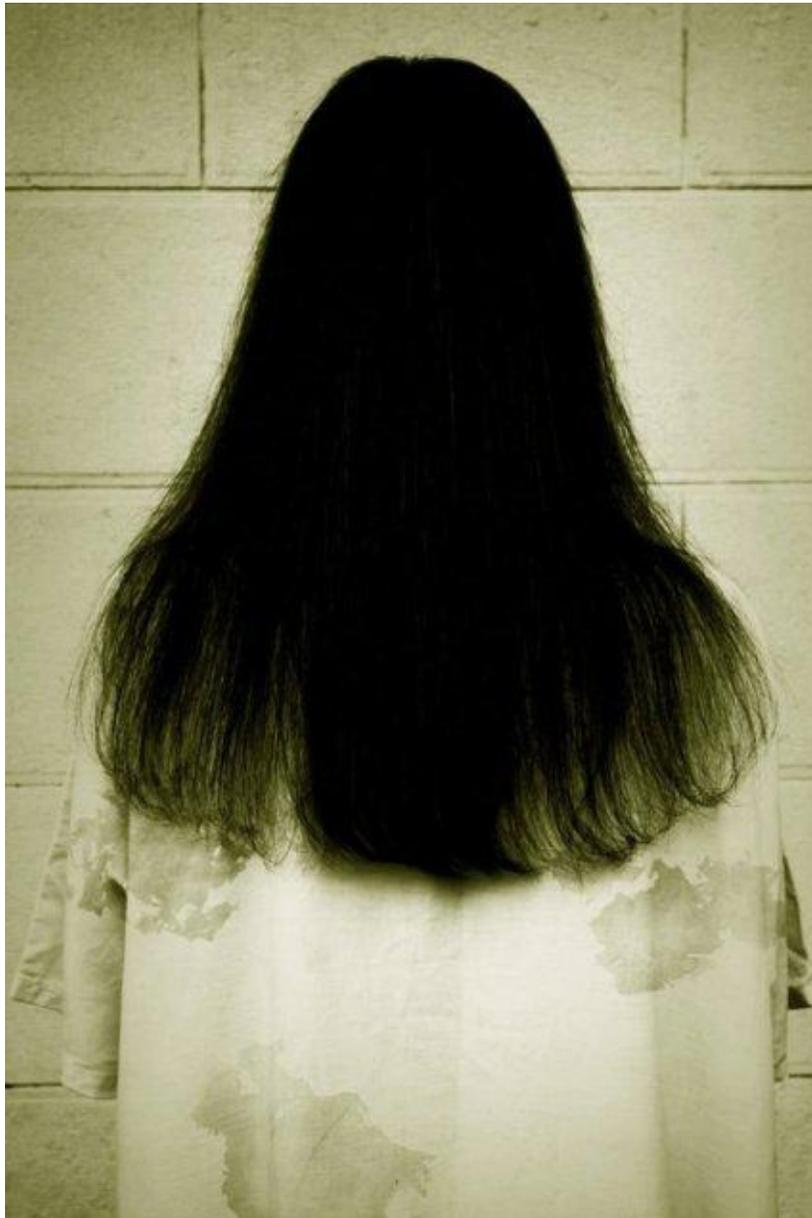
Cerrando os dentes por causa da dor, ele continuou seguindo na direção do pulsar, passando por portas sem janelas de ambos os lados do corredor. Sabia que estariam trancadas, mas tentou abrir mesmo assim. De repente, teve a certeza de que o grito de antes viera daquele corredor. Alguém atrás da última porta à

direita estava gritando tão alto que era possível ouvir do seu quarto, e o pulsar do subterrâneo o conduzia diretamente para lá.

Quando chegou à última porta à direita, descobriu que estava aberta, assim como a sua. Mais um ato de negligência, com certeza. Ricky precisava entrar para escapar das garras que arranhavam suas costas e encontrar o pulsar que trovejava em seus ouvidos. Eram seus próprios batimentos agora, sua própria pulsação.

Ele parou diante da porta e espiou lá dentro, sentindo as unhas dentro de si, rasgando seu estômago e subindo pela garganta. Não houve grito nem pulsar, só silêncio. Então olhou ao redor. Uma garotinha estava de pé na cela vazia, com a camisola suja e esfarrapada. Ela se virou bem lentamente, mas só dava para ver seus cabelos compridos e imundos.

Não havia rosto por baixo deles, mas de alguma maneira Ricky conseguia sentir os olhos. Estavam lá, observando, avaliando... Ele era parte daquele lugar agora. Tinha sido visto.



CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 3

**D**e manhã, ele estava se sentindo mais centrado, mas acordou com “Nowhere to Run” ainda ressoando na cabeça. Tinha sido só um sonho provocado pela ansiedade, concluiu. De jeito nenhum poderia ter saído do quarto no meio da noite.

Só para se certificar, verificou a sola dos pés. Estavam limpas. O alívio foi maior do que Ricky gostaria de admitir.

De volta ao plano A: encontrar um telefone. Seus pais – ou pelo menos sua mãe – voltariam para buscá-lo em breve. Ela não conseguiria viver sem seu Ursinho querido. A mãe voltaria para tirá-lo de lá, com ou sem Butch, porque era fraca e frágil demais para resistir ao impulso. Isso não era uma crítica, era apenas a verdade. Ela não conseguia levar a vida sem Ricky, nem tomar as pequenas decisões diárias, muito menos assumir grandes responsabilidades.

E, droga, ele quase a convenceu no saguão, mas Butch interferira e estragara tudo. A mãe se casou de novo pouco tempo depois que o pai dele desaparecera. Após um ano, o juiz emitira a sentença de divórcio por “abandono do lar”, então Butch apareceu em sua vida em um estalar de dedos, como se estivesse à espera para tomar o lugar do pai. Ela não conseguia ficar sozinha. Não conseguia ser responsável por *nada*. Ricky não sabia se odiava a própria mãe, mas com certeza não a amava.

Ainda assim, o vínculo de sangue podia ser ralo como água, mas era o que garantiria sua liberdade no final.

Em breve ele estaria de volta a Boston, em seu quarto, cercado pelos pôsteres de Paul e John, por suas roupas e suas coisas, seus livros e seus cards de beisebol. Provavelmente teria de volta até o Chevrolet Biscayne – seu verdadeiro passaporte para a liberdade, o qual nem teve tempo de desfrutar antes das férias forçadas.

Ricky podia até imaginar: os vidros abaixados, a música alta, o vento da primavera carregando o cheiro glorioso de hambúrguer e salsicha chiando em dezenas de churrasqueiras do subúrbio... Pelo menos sua mãe tinha deixado que comesse um último sanduíche ontem antes de saírem, mas Butch tinha se recusado a ligar o rádio para ouvir qualquer outra coisa além dos resultados do beisebol no caminho.

Ele ouviu uma leve batida na porta. Sentou na cama e pôs as pernas para fora. Estava passando as mãos pelos cabelos desalinhados quando a porta se abriu e uma enfermeira ruiva de aspecto simpático entrou.

– Olá! Não estou interrompendo nada, estou?

Ricky deu um risinho de deboche e se recostou na cama.

– É esse o tipo de piada que vocês fazem por aqui?

Ela não era bonita, não exatamente. Era mais do tipo inofensivo. Limpa. E com um olhar afiado como as pontas de um origami. A mulher o encarou, claramente surpresa.

– Ah, não. Eu não estava brincando. – Ela puxou a prancheta para junto do peito. – Sou a enfermeira Ash e vou cuidar do seu tratamento aqui no Brookline.

– *Ash*. Enfermeira Ash. Cinzas. Um nome apropriadamente macabro para esse calabouço tão simpático.

Ela ficou sem expressão e encolheu os ombros, olhando para seus papéis.

– Não vou reclamar se isso ajudá-lo a manter o bom humor a respeito da situação – ela respondeu, com um tom jovial. – Vamos ter que aprender a conviver. Prefiro ver meus pacientes bem-dispostos, se possível. No mínimo, cooperativos.

– Sim, sim – ele murmurou, batendo continência. Estava acostumado a lidar com psicólogos sisudos que o encaravam por trás dos óculos, mas talvez pudesse se divertir um pouco com aquela enfermeira.

Era surpreendentemente jovem para uma enfermeira, pouco mais velha que ele próprio. Se Ricky jogasse as cartas certas, ela poderia virar sua amiga, e uma amiga poderia ajudá-lo a telefonar para sua mãe. – E como você conduz a nau dos insensatos? Gosta de *dar duro* ou prefere ser mais suave?

Uma brincadeirinha maliciosa entre amigos nunca fez mal, mas jamais daria certo com os psicólogos que costumavam tratá-lo.

– Sei que isso tudo deve ser difícil para você... – A enfermeira Ash revirou seus papéis, que incluíam os motivos listados por Butch para a internação. Ricky identificou o instante em que ela localizou o motivo exato para ele estar ali. Depois de nome (Carrick Andrew Desmond, embora ninguém além de sua avó e Butch o chamassem assim), idade, peso e data de nascimento, deveria haver outro eufemismo para o *problema* que Butch via nele.

Das últimas duas vezes, “surto de violência” tinham sido incluídos na ficha. Tinha sido um episódio isolado, e Butch merecera levar uma garfada na cabeça pelas palavras que usara contra Ricky.

– Fui pego na cama com o filho do vizinho. Um rapaz bem crescidinho, que fique bem claro. Não sou assim *tão* pervertido.

– Eu não usaria a palavra pervertido de forma nenhuma, sr. Desmond – a enfermeira Ash respondeu de imediato. Ah. Aquilo era novidade. – Não gosto desse tipo de definição. Isso só serve para causar vergonha. E um tratamento não deve ser baseado na vergonha.

Talvez ela fosse mesmo diferente. Ricky duvidava, mas tudo era possível.

– Estou chocada, enfermeira Ash. Mas no bom sentido.

Ela deu uma risadinha, o que a deixou quase bonita.

– Por favor, me diga se tiver algum problema de adaptação. Se acostumar à rotina daqui pode ser... – a enfermeira mordeu o lábio, hesitante – complicado.

– Ah, não é nada com que eu não consiga lidar, pode acreditar. Fui criado por carcereiros.

Não era exatamente uma verdade.

Enquanto se preparava para sair, ela franziu a testa e sacudiu a cabeça.

– Pelo jeito a vida foi bem injusta com você.

Isso era verdade, sem dúvida.

– Pelo jeito a vida é injusta com todos.

– Volto para ver como você está daqui a pouquinho – a enfermeira respondeu, dando as costas para ele e caminhando para a porta depressa, talvez para esconder que tinha ficado vermelha.

Ricky estava se sentindo bem consigo mesmo, talvez até um pouco demais, quando um grito conhecido de menina quebrou o silêncio. A porta foi batida e trancada, e o sorriso desapareceu do rosto dele. Não era o grito de alguém dominado pela loucura. Era um urro de dor.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 4

O café da manhã era às sete. O almoço, ao meio-dia. Tudo previsível. Regimental. Quando Ricky perguntou à enfermeira de rosto fino que o conduziu ao refeitório o que havia para almoçar, ela sacudiu a cabeça e falou com uma risadinha triste:

– Sopa e pão, sr. Desmond, sopa e pão. Vai se acostumar.

Ela não era tão simpática nem tão fácil de provocar como a enfermeira Ash.

No café da manhã tinha comido mingau e ovos (não exatamente mexidos e não exatamente ovos, ele suspeitava, mas uma coisa granulada). Era impossível engasgar com aquela coisa. Devia ser esse o motivo por trás da sopa e do pão também.

Ricky comeu num silêncio observador, esquadrinhando o “refeitório” que, na verdade, era um salão usado para múltiplos fins, com um corredor gradeado que dava para as cozinhas e para uma passagem em arcada até o saguão principal, que podia ser fechada e trancada se necessário. Era tudo muito branco e impecavelmente limpo. Dava até para comer do chão, mas por sorte ele não era obrigado a fazer isso.

A chuva castigava as paredes externas; era possível ouvir os pingos à distância, um lembrete de que a vida continuava enquanto ele estava preso no Brookline.



A sopa era da cor de sangue diluído. Em algum momento devia ter se parecido com uma sopa de legumes, mas fora coada, dissolvida e transformada em água colorida com sabor de tomate e um ou outro pedaço de salsão. Ricky baixou a colher e observou a chegada de outros pacientes ao recinto. Eles eram trazidos em lotes. Sua mesa já estava cheia, e a de trás também estava ficando.

Era como no colégio, mas sem as panelinhas que viviam em seus mundinhos fechados. Ninguém ali conversava. Os pacientes comiam tão depressa que era como se estivessem fazendo sua última refeição, de modo que Ricky se apressou em terminar sua sopa, imaginando que deveriam ter um bom motivo para isso. As enfermeiras ficavam a postos nas beiradas das mesas compridas e brancas, todas com a mesma expressão impassível no rosto.

Na mesa diante dele, uma mulher mais velha estava sentada ao lado de uma menina de cabelos curtos que parecia sempre prestes a olhar para trás, talvez para trocar um olhar com Ricky. Mas, todas as vezes que ia se virar, ela via as enfermeiras e mudava de ideia.

Ele deu a última colherada na sopa e enfiou metade do pãozinho velho na boca. As enfermeiras começaram a percorrer o banco em que estava sentado, dando um tapinha no ombro de cada paciente, o sinal de que era hora de sair. Um sujeito grandalhão de ombros largos na mesa de Ricky não levantou, porque ainda não tinha terminado a sopa.

– *Dennis.*

Ela bateu palmas uma única vez, e Ricky viu com os olhos arregalados o gigante se levantar às pressas, baixando a cabeça como se fosse um menino surpreendido roubando doces. O que quer que as enfermeiras fizessem para manter os pacientes na linha, estava funcionando.



Quando a chuva parou, eles foram levados para o lado de fora, para a “hora de trabalho”.

Ricky ficou de pé no gramado, observando o céu fechado e repassando alguns discos em sua mente. Otis, Stevie, Smokey... Só podia ouvi-los quando estava sozinho em casa. Seus pais detestavam esse tipo de música, principalmente Butch.

Ricky franziu o nariz quando a enfermeira Ash apareceu no jardim, trazendo uma cesta cheia de luvas de jardinagem. Era só o que faltava. Era obrigado a fazer esse tipo de trabalho braçal quando Butch chegava mais cedo em casa e o surpreendia tocando o disco novo de Smokey Robinson no último volume. No equipamento de som *hi-fi* do padrasto, para piorar.

– *Não quero essa barulheira dos infernos na minha casa. Um homem precisa de paz e tranquilidade depois de trabalhar o dia inteiro.*

– *Ah, Butch, acho que minha mãe não ia gostar de ouvir esse palavreado aqui em casa...*

– *Para fora, Carrick. Agora!*

A enfermeira Ash não gritou com Ricky ao lhe entregar um par de luvas. Sua aparência era contida e sóbria como a das outras enfermeiras, mas ele notou que seus cabelos ficavam soltos sob a touca, não presos com grampos ou amarrados em um coque.

– O que eu vou fazer com isso? – ele perguntou em um tom sarcástico.

– Colocar nas mãos, imagino – a enfermeira Ash respondeu, num tom igualmente ácido.

Ele deu uma risadinha.

– Isso eu sei, mas... – Ricky apontou com o queixo para os outros pacientes, que depois de vestir as luvas foram imediatamente para seus postos de trabalho.

– Todos os dias depois do almoço fazemos uma atividade de jardinagem supervisionada. Vocês não podem usar nenhum instrumento afiado, claro, mas o diretor Crawford considera que esse tipo de exercício faz bem. Por que não se junta a Kay? Ela vai remover as pétalas mortas das azaleias.

– Maravilha – Ricky murmurou. Antes que a enfermeira Ash passasse ao paciente seguinte, ele falou: – Escuta, você acha que... teria alguma chance de falar bem de mim para o diretor? Preciso muito conversar com minha mãe. Se eu puder fazer um telefonema, ficaria muito feliz.

Em vez de rejeitar imediatamente seu pedido, ela só entregou um par de luvas para o paciente ao lado, sem se alterar.

Quando Ricky se conformou com a ideia de que seria ignorado, a enfermeira Ash perguntou:

– Alguma coisa está incomodando você?

A gargalhada dele foi tão alta que chamou a atenção de todos no jardim. Todos os olhares se voltaram para Ricky, que limpou a garganta e abaixou a cabeça, tentando ser mais discreto.

– Meu lugar não é aqui – ele disse baixinho. – Olha só para mim. Não dá para perceber? Não sou um... um deles. Um louco.

Ela soltou um suspiro.

– Ordem, rotina, disciplina e, sim, de vez em quando, medicação apropriada. É isso que oferecemos aqui. O que mantém nossos pacientes saudáveis. Isso impede que façam mal a si mesmos. – Ela fez uma pausa antes de acrescentar: – Ou a outras pessoas.

Certo. Então talvez tivesse sido aquele incidente que realmente o colocara no Brookline. E não a coisa toda com Marvin.

– Foi uma única vez – ele murmurou.

– Seu padrasto fraturou o punho – ela argumentou. – Tente se acostumar à rotina daqui, Ricky. É para seu próprio bem. Ordem, disciplina...

– Certo, já entendi.

Ricky colocou as luvas e se virou para a entrada do outro lado da grade de ferro. Uma fileira de arbustos, aparentemente azaleias, ladeava a cerca, marcando os contornos da prisão em tons de verde e rosa. Um auxiliar de expressão séria e físico imponente guardava o portão. A enfermeira Ash apontou para uma garota ajoelhada junto aos arbustos. A névoa da manhã já tinha se dissipado, mas se agarrava como um espectro ao entorno das grades, como um fantasma que se espalhava por todo o jardim.

Ele caminhou em direção à garota sem tirar os olhos do portão. Pensou por um instante em partir para cima do guarda, mas, depois do sedativo e com apenas ovos e sopa de tomate aguada no estômago, não se sentia exatamente energizado para uma fuga audaciosa.

– Pode parar de olhar lá para fora – a menina falou quando ele se aproximou. Ricky não tinha notado que ela o estava observando. – Ninguém vai vir buscar a gente.

– Por enquanto.

O terreno era ligeiramente inclinado perto dos arbustos. Quando se ajoelhou ao lado dela, Ricky a reconheceu: era a menina que tentara olhar para ele no refeitório. Era negra e tinha cabelos curtos, cortados de forma irregular, mas nem mesmo as falhas no couro cabeludo eram capazes de esconder sua beleza. Era alta e magra, com uma bela silhueta perceptível até por baixo das roupas largas que os pacientes eram obrigados a usar.

Ele se ajoelhou na terra e começou a arrancar as pétalas, embora quase não houvesse flores mortas ali.

– O que aconteceu com seu cabelo?

– Eles não querem que eu deixe crescer e, às vezes, arranco os fios em vez de cortar – ela disse num tom de tristeza, bem baixinho, como se tivesse alguém dormindo ali perto. Ricky havia conhecido alguns nova-iorquinos no Victorwood e no Hillcrest, e notou que seu sotaque parecia com o deles, embora não conseguisse afirmar com certeza. – Ordem e disciplina não combinam comigo. Nunca vi você por aqui antes.

– Acabei de chegar – respondeu. Ele parou de trabalhar e virou-se para ela. – Meu nome é Rick, ou melhor, Ricky. Carrick, na verdade, mas só me chamam assim para brigar comigo.

Ela sorriu.

– Kay. Também prefiro nomes simples e simpáticos.

– E você está aqui por quê? Por arrancar os cabelos?

– Não, esse é meu único ato de rebeldia. Tento não chamar muita atenção – ela contou, fazendo uma pausa e passando a mão na testa. Quando Kay se agachou, Ricky notou que era bem mais alta do que ele, talvez mais de dez centímetros. – Você já deve ter percebido, mas aqui quem fala demais ou na hora errada é punido e disciplinado. Mesmo assim, damos nosso jeito. – Ela apontou para a direita, onde a enfermeira Ash falava com um paciente idoso que parecia mais interessado em admirar as tulipas do que em fazer algum trabalho de jardinagem. Um dos lados do pescoço dele era coberto de cicatrizes. As feridas pareciam antigas, mas ainda estavam inchadas e rosadas. – Esse é Sloane. Tem certeza de que consegue voar. Tentou pular do telhado várias vezes, e os filhos se cansaram de ter que socorrer toda vez que ele dava de cara no chão. Acho que nunca mais vai sair daqui. E aquela é Angela – continuou Kay, apontando para uma mulher de meia-idade que cuidava dos narcisos em uma elevação. Não parecia maluca, só entediada. – Ela esquartejou o marido e tentou servir a carne para a madrasta dele.

Ricky virou de novo para Angela, dessa vez com os olhos arregalados.

– Sério?

Kay fez que sim com a cabeça.

– Ela apanhou do marido durante anos. Ninguém fazia nada, porque ele era policial. É uma história revoltante.

– Que horror. Mas ela não deveria estar na cadeia?

– Talvez o juiz tenha pegado leve. Não conheço a história dela em detalhes – Kay explicou em um tom despreocupado.

– Então agora nos resta falar de você...

– E de *você* – retrucou Kay.

– Ah, mas eu perguntei primeiro – disse Ricky, apreciando aquele joguinho.

– Conte tudo isso voluntariamente para você. É difícil conseguir respostas por aqui, sabe? Até mesmo conversar acaba metendo a gente em encrenca. Levei um mês para trocar meia dúzia de palavras com Angela durante a hora de trabalho.

Na verdade, ele tinha sorte de poder conversar com Kay, e num clima quase amigável. Ricky virou a cabeça para o outro lado e falou:

– Eu gosto de garotos. Quer dizer, de garotas também. Não tenho uma preferência clara, e acho que o problema é esse.

– De acordo com seus pais – disse Kay com sua voz suave.

– De acordo com quase todo mundo. – Ele a observou por um momento antes de acrescentar: – Mas não você.

– Não. Eu não. – Ela cerrou os dentes, e eles viram a enfermeira Ash afastar Sloane do portão e conduzi-lo de volta pela rampa de acesso à entrada do Brookline. Ricky ainda não tinha conseguido identificar o sotaque da garota, que parecia se esforçar para escondê-lo. – Só isso? Você não fez mais nada?

– Na verdade, não – mentiu Ricky. Ela não precisava saber a respeito da única vez em que perdera a cabeça, quando seu padrasto acabou com o pulso fraturado.

– Já tentaram internar minha tia num hospital na Califórnia por isso. Quase acabei lá também. Graças a Deus voltamos para Nova York antes que isso ocorresse. Aconteceram coisas horríveis naquele lugar. Nem quiseram me contar o que, disseram que era demais para a cabeça de uma criança. Pena que não acharam que me colocar *aqui* seria demais. Acho que pelo menos não existem histórias de terror sobre este lugar.

Ricky estremeceu. Os “retiros” anteriores em que estivera eram horríveis à sua própria maneira. Mesmo assim, às vezes ele gostava de provocar os funcionários desses lugares só para ver o que

acontecera. Era como uma brincadeira. Ainda achava que o Brookline também poderia ser uma, só precisava conhecer melhor como as coisas funcionavam por ali.

– Então, você é como eu? – ele perguntou, tentando não pensar demais no tempo que poderia ficar internado. Achava que não suportaria ficar naquele lugar nem por um mês.

Kay deu uma risadinha e o olhou de lado.

– Não sei se dá para dizer isso.

– Então conte. Ou quer que eu adivinhe?

– Eu não obrigaria você a fazer isso. – Kay mordeu o lábio. Parecia áspero e marcado, como se ela costumasse fazer aquilo o tempo todo. – Vou ser boazinha, porque está falando comigo como se eu fosse uma garota.

Ricky piscou algumas vezes, confuso.

– Porque você... é uma garota.

Ela deu uma risadinha, revirando os olhos.

– Acha mesmo?

– Isso é algum tipo de pegadinha? – perguntou, sentindo o rosto ficar vermelho. – Você é uma garota, ué – reafirmou Ricky.

– Mas nem sempre me pareci com uma.

Era um assunto para se pensar, mas não naquele momento. Ele não gostava de ficar perdido em uma conversa, de sentir que estava fazendo papel de bobo. Ricky a olhou de cima a baixo, da forma mais sutil possível.

– Bom, pelo que estou vendo, você parece uma garota, sim. – Isso provocou uma risadinha. – Tem um visual meio Diana Ross, é bem bacana.

– Diana Ross... – murmurou Kay, concentrando-se num ponto além de Ricky, com o olhar ligeiramente perdido. – Legal. Só que ela não nasceu Daniel Ross, nasceu?

– A srta. Ross e eu não temos tanta intimidade assim – Ricky falou em um tom brincalhão.

– Kay é um apelido. Meu nome é Keith.

Ela ficou à espera, observando, com um sorriso mais largo a cada instante que se passava, como se estivesse acostumada com a situação. Depois de um momento, Ricky balançou a cabeça. Só isso. O que mais poderia fazer? Ele entendeu do que se tratava, mas parecia que Kay tinha algo mais a dizer.

– Meus pais sempre foram bem magrinhos, e meu pai tem uma barba tão rala que mal se vê, para minha sorte. – Ela deu risada, sacudindo a cabeça. – Meu irmão ficou sabendo que eu ia pegar um trem para Baltimore e me dedurou. Pelo jeito meu esforço foi em vão.

– Então, é por isso que cortam seu cabelo curtinho aqui? – ele questionou.

Kay confirmou com a cabeça, passando os dedos no cabelo com falhas.

– Antes de me colocarem aqui, estava bem comprido. Você precisava ver.

– O que é que tem em Baltimore?

– Algumas mentes mais abertas – ela murmurou. – Ouvi falar que tem um médico por lá que ajuda garotas como eu. Estava com medo, sabe? Não queria ir embora de casa, mas o que mais poderia fazer? Precisava crescer, ou pelo menos tentar.

– Eu não sei nem se conseguiria ir até a estação de trem – Ricky falou com toda a sinceridade. – Isso exige muita coragem.

– Não consegui entrar no trem – ela falou, um pouco envergonhada. – Quem sabe o que teria acontecido se fosse até o fim?

– Ei, vocês dois, a hora de trabalho terminou.

A enfermeira Ash foi até eles, com o jaleco sujo de lama depois de ter ajudado Sloane. O jardim estava vazio, a não ser pelos três e por um homem mais velho de óculos e jaleco comprido, que os observava da porta. Ricky não tinha reparado na presença dele antes, mas sentiu o peso de seu olhar, o

que o deixou desconfortável. Ele estava encrencado? Kay mencionou que não podiam conversar muito. Talvez fosse esse o problema.

– É falta de educação interromper uma conversa – Ricky falou em tom de brincadeira, inclinando a cabeça para o lado.

– Muito engraçado, sr. Desmond, mas está na hora de entrar.

Kay começou a se dirigir à entrada, sem contestar.

– É melhor fazer o que eles mandam, Ricky. Confia em mim... é bem mais fácil desse jeito.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 5

— Quem é aquele?

Kay ergueu os olhos do papel. Com um giz de cera azul, ela havia desenhado um barco à vela sobre uma nuvem. Ela tirou os olhos do desenho apenas por um instante.

— O diretor Crawford.

— Ele gosta mesmo de ficar encarando os outros — comentou Ricky, observando o homem na porta.

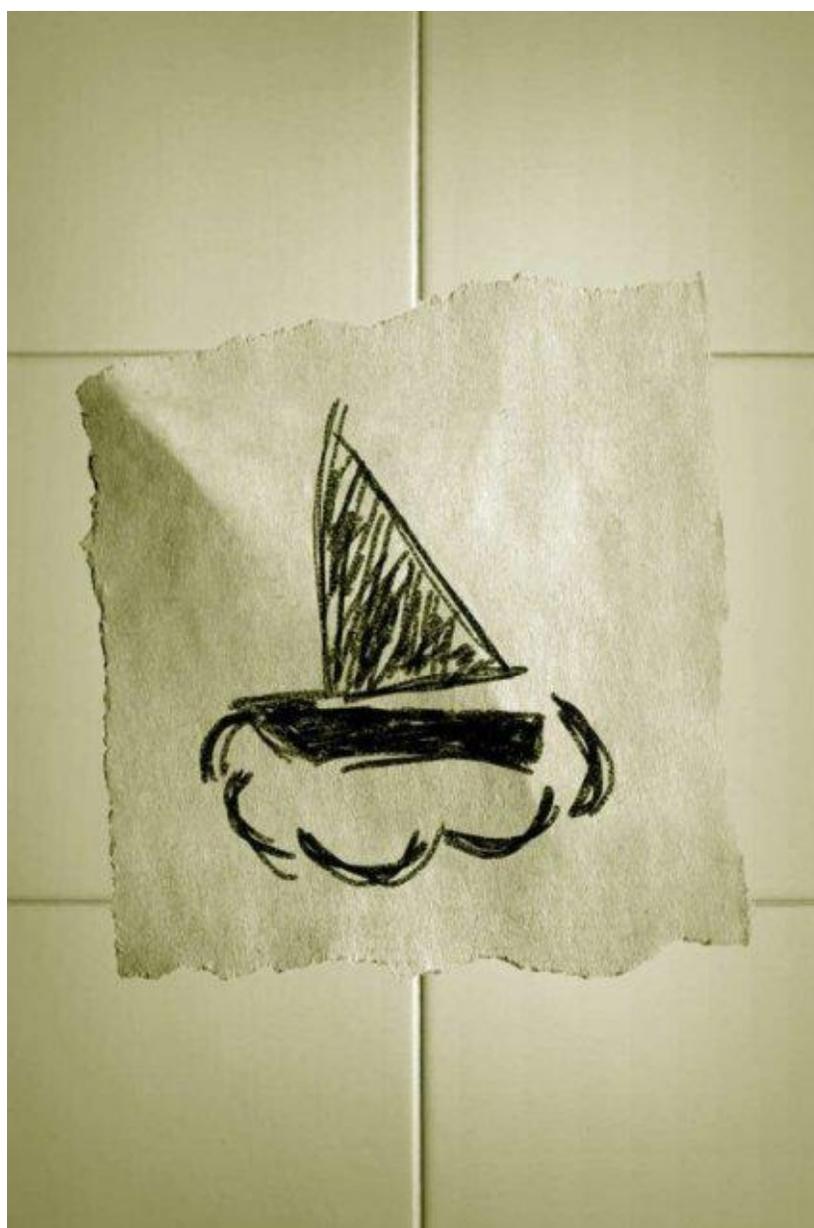
Era o mesmo sujeito que dois dias antes ficara parado na porta durante a jardinagem supervisionada. Assim como na ocasião anterior, olhava fixamente Ricky enquanto cochichava com a enfermeira Ash. Ela se encolhia na presença dele, desviando o olhar o tempo todo.

Na verdade, todos os funcionários do Brookline se comportavam de maneira estranha na presença do diretor. Ficavam quietos, imóveis como soldadinhos de chumbo.

— Não ia adorar ver o que tanto escrevem nessas pranchetas?

— Não sei se quero saber — disse Kay. — Com o tempo você deixa de reparar. E, quanto menos atenção chamar, melhor.

— *Terceiro dia* — ele imitou com a voz mais anasalada e pretensiosa de que era capaz. — *Os pacientes ainda estão aqui, e ainda estão loucos.* — Ricky baixou o tom de voz. — Sério mesmo que ele pensa que pode mudar você?



*Ou eu?*, pensou Ricky.

Ela encolheu os ombros, acrescentando árvores ao cenário do barco à vela sobre a nuvem.

– Ele me mantém aqui a pedido do meu pai. Espero que seja bem pago por isso. Se estiver satisfeito com o dinheiro, vai me deixar em paz.

Ricky deu uma risadinha ao ouvir isso, mas não durou muito tempo. Detestava ser encarado daquele jeito. O diretor e a enfermeira Ash não estavam sendo nada sutis. Claramente falavam sobre ele, como se fosse uma cobaia submetida a um teste de laboratório. O rapaz encarou de volta, desafiando-os a tomar uma atitude.

Na parede ao lado do diretor e da enfermeira, havia fotografias que Ricky tinha visto diversas vezes ao entrar e sair das áreas comuns. Ele tentava não olhar, porque não eram o tipo de coisa que deveria ser exposta abertamente. Eram imagens de pacientes: alguns tranquilos em seus quartos, outros amarrados a macas no meio de um auditório. Por algum motivo pareciam ainda mais mórbidas com o diretor ali parado, impassível, como se estivesse diante de meros objetos de decoração.

– Essas fotos... – Ricky começou a dizer. Naquele momento os pacientes deveriam estar ocupados rabiscando com giz de cera em seus bloquinhos, os únicos materiais de escrita e desenho que tinham permissão para usar. Ele nunca pensara em suicídio, mas àquela altura não descartaria furar o olho com um lápis para tentar conseguir uma visita às pressas da mãe.

– Odeio essas fotos – murmurou Kay, estremelecendo. – Nunca olho para elas.

– Não é estranho que fiquem expostas desse jeito? – cochichou Ricky. – São assustadoras.





– Acho que o objetivo é esse – ela argumentou. – É uma espécie de ameaça. Um aviso.  
– É isso mesmo que elas são.

Ricky se virou para o jovem que tinha se manifestado. Nunca prestara muita atenção nele antes, já que, como todos os outros pacientes, passava a maior parte do tempo calado. E obediente. Parecia um pouco mais velho do que Ricky, porém era difícil ter certeza. Tinha uma beleza atemporal, com olhos azuis sonolentos e uma boca risonha.

– Vocês falam demais – comentou o garoto. – Sei do que estou falando, porque... bom, as enfermeiras não gostam de cochichos. Nossa mesa inteira pode ser castigada. Elas estão de olho.

– Relaxa, Tanner – respondeu Kay, com toda a paciência. – Vamos falar mais baixo, está bem?

Isso não foi suficiente para acalmá-lo. Ele tinha uma expressão apavorada, como se houvesse passado por poucas e boas.

– Ah, que maravilha, ele está vindo.

Pelo jeito era tarde demais para baixar o tom de voz. Ricky não tirou os olhos do diretor enquanto ele se aproximava. Mesmo se quisesse, não conseguiria. A maioria dos adultos não o intimidava, mas aquele homem era diferente. Não parecia aborrecido nem preocupado. Era uma pedra de gelo, como se sua pele fosse uma máscara usada para esconder outro rosto que havia por baixo.

– Estamos encrecados por minha causa, Kay? – indagou Ricky.

– Eu avisei – murmurou Tanner, enterrando a cabeça no que estava escrevendo.

– Não precisam entrar em pânico – disse Kay. – Provavelmente ele só quer se apresentar. Você é novo aqui, esqueceu?

– Nunca esqueço, graças a você.

Kay posicionou os blocos nas páginas em que estavam os textos nada sinceros que eles registravam em seus diários. O diretor atravessou a sala com passos lentos, e Ricky começou a enxergar manchas em seu campo de visão. As luzes daquele salão eram ofuscantes. Ali era impossível alguém se esquecer de que estava em um hospital, um lugar onde cirurgias eram realizadas.

Esse pensamento lhe provocou um nó na garganta. Kay havia contado mais coisas a respeito do hospital na Califórnia para onde sua tia fora mandada. Eles faziam diversos tipos de experimentos brutais com os pacientes. Como eram “indesejáveis” e “pervertidos”, os médicos tinham sinal verde para proceder como quisessem. Pelo menos o Brookline não era esse tipo de lugar, Ricky pensou para se acalmar.

– Olá, sr. Desmond.

A voz do diretor era tranquila e gelada como sua aparência. Ele lançou um olhar para Kay e pareceu pensar em alguma coisa antes de voltar sua atenção para Ricky.

– Boa tarde – ele respondeu, enfim quebrando o contato visual e focando nas anotações sem sentido no papel.

Sentiu um nó no estômago. A maioria dos adultos detestava a maneira como os encarava em desafio, mas o diretor não parecia se abalar. Parecia *gostar* daquilo, e mantinha um meio sorriso inabalável no rosto, um sorriso de ventríloquo.

– Eu sou o diretor Crawford, como já deve saber. Segundo a enfermeira Ash, Keith é muito bem informado sobre o que se passa por aqui – falou, sem tirar os olhos de Ricky.

Kay se encolheu e cravou a ponta do giz no papel, produzindo uma pequena montanha de cera.

– Incentivamos nossos pacientes a escrever diários. Sonhos. Pensamentos. Suas impressões da estada aqui, sejam positivas ou não... Considero útil refletir sobre essas coisas. Imagino que vocês estejam se dedicando ao exercício com a seriedade necessária.

O sorriso do diretor se alargou, mas não de uma forma amigável. Ricky moveu a mão, escondendo seu parágrafo composto de letras de músicas aleatórias. Metade dos versos de “Sittin’ on the Dock of the Bay” desapareceu sob seu punho.

– Sim. Com certeza – ele resmungou.

– Com certeza – reforçou Kay.

– Como nosso novo paciente, tem alguma pergunta a me fazer? – O diretor se inclinou para a frente como se estivesse interessado em ler o que Ricky estava escrevendo.

Só uma pergunta veio à mente de Ricky.

– Quando meus pais podem vir me visitar? – ele questionou, tentando desviar a atenção do diretor de sua nova amiga. Além disso, estava curioso de verdade para saber. Devia haver alguma espécie de cronograma de visitas. No Hillcrest, os pais podiam ir todo fim de semana. Assim como encarar, perguntas diretas tinham a tendência de deixar os adultos desconcertados, mas estava começando a desconfiar que precisaria ser mais esperto e ardiloso para lidar com aquele homem em especial.

*Se você fosse tão genial quanto pensa, não teria vindo parar aqui. Teria conseguido se controlar.*

– Em breve, tenho certeza – o diretor respondeu de maneira educada. – A enfermeira Ash me falou que você está se adaptando bem, o que significa que é hora de começar seu tratamento para valer.

– Meu tratamento? – Ricky lançou um olhar para Kay, que estava ocupada demais tentando se fundir com o tampo da mesa. – E qual seria ele?

O diretor deu uma risadinha, inclinando-se para trás e enfiando as mãos nos bolsos do jaleco. Sacou uma latinha de metal, abriu e enfiou uma bala de menta na boca.

– Vou cuidar do seu caso pessoalmente, sr. Desmond, portanto não se preocupe. Sua curiosidade vai

ser saciada muito em breve.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 6

—A hora de trabalho às sextas-feiras é diferente para todo mundo – explicou a enfermeira Ash.

Seus cabelos ruivos balançavam sob a touca enquanto ela conduzia Ricky pelo saguão. Uma nova família estava sendo recebida na entrada, mas parecia impossível saber quem era o paciente. Ele quase gritou, armando um escândalo, então um grupo de enfermeiras apareceu no fim do corredor para onde estava sendo conduzido, com pranchetas em punho, para fazer a ronda pelos quartos dos pacientes. Todas acenaram com a cabeça para a enfermeira Ash e encararam Ricky como se soubessem o que se passava por sua cabeça. Ele estremeceu.

Seguindo pelo corredor, Ricky e a enfermeira Ash passaram por um elevador antiquíssimo, do tipo que tem uma grade de metal na frente da porta. Estava parando naquele exato momento, vindo de baixo. Então havia *mesmo* um subsolo, como no sonho.

A enfermeira Ash o conduziu por uma porta pesada até uma espécie de sala de espera. Aquela devia ser a ala administrativa. No Victorwood, muitas vezes ele ouvia as enfermeiras rindo e tagarelando perto da farmácia. O som de suas conversas animadas reverberava pelos corredores. Ali, o silêncio era total.

Do outro lado da sala espaçosa, Ricky viu uma porta com uma janela de vidro e as palavras DIRETOR CRAWFORD. Por um momento apavorante, pensou que a enfermeira Ash o estivesse levando para lá, mas, em vez disso, ela se dirigiu a uma porta de madeira sem nenhuma inscrição, o que o fez soltar um suspiro de alívio.



– Que lugar é este? – perguntou.

– O Brookline existe há décadas – ela explicou. – E, sinceramente, não damos conta de toda a papelada com tantos pacientes e famílias envolvidos. Estamos tentando dar um jeito nisso agora, mas as coisas nem sempre foram muito bem administradas.

– Trabalho burocrático – murmurou Ricky. – Que maravilha!

– Isso é uma reclamação? – Ela parou com a porta entreaberta, olhando feio para ele.

Ricky tinha se esquecido de que a enfermeira Ash era um deles. De que havia sempre a ameaça de que o disciplinassem, embora ainda não soubesse o que isso significava. Mas definitivamente não estava a fim de descobrir.

– É que eu prefiro atividades ao ar livre, só isso – emendou Ricky.

A expressão dela se atenuou.

– Claro, acho que todo mundo prefere. Vou mostrar a você o que vai fazer hoje.

Do outro lado da porta havia uma saleta apertada, apinhada de prateleiras. Não era como os corredores, os quartos e as celas do Brookline, onde tudo estava sempre perfeitamente limpo e alinhado. Era bem mais desorganizada. E empoeirada. A enfermeira Ash tirou uma flanela do bolso do jaleco.

– Arrume tudo da melhor maneira possível – ela instruiu. – Comece por aqui, pelas fichas de admissão e dispensa dos pacientes. Tire todas, organize em ordem alfabética e archive de volta. Sei que é meio tedioso, mas talvez seja uma chance de refletir a respeito dos motivos de você estar aqui.

Ricky concordou com um aceno de cabeça, mas não estava escutando com atenção. Uma caixa na prateleira em frente à porta estava aberta, transbordando de fotografias e ferrótipos antigos. Atraído por essa visão, ele apanhou uma das fotografias para examinar melhor. Uma menina encarava o fotógrafo com uma expressão sem vida, o pequeno rosto obscurecido pelas sombras dos médicos, que pareciam enormes ao seu redor. O único impulso que lhe veio à mente foi o de ajudá-la, salvá-la...

– Essas fotos – ele disse baixinho. – São iguais às que estão no salão. No refeitório.

– Sim – respondeu a enfermeira Ash. Ela foi até Ricky e tirou a foto da mão dele com um movimento suave, colocando-a de volta na caixa. – Acho que são perturbadoras, para ser bem sincera. Mas o diretor considera importante exibir o trabalho que é feito aqui. Diz que devemos ter orgulho dele.

– Orgulho de machucar garotinhas – retrucou Ricky.

– Avançamos bastante – respondeu a enfermeira Ash, um pouco na defensiva, talvez. – Não temos como apagar o que foi feito no passado, mas sempre podemos tentar melhorar. – Ela fez uma pausa. – *Precisamos* melhorar.

A enfermeira pareceu triste. Resignada.

– Eu ainda gostaria de falar com minha mãe – lembrou Ricky, sentindo o momento de fraqueza, de vulnerabilidade, dela.

Mas a enfermeira Ash se recompôs, eliminando a tristeza de suas feições, juntando as mãos e virando para a porta.

– Não posso ajudar você, Ricky. Não com isso. É um privilégio poder fazer esse tipo de trabalho, sabe? Nem todo paciente tem permissão para entrar aqui. Só posso sugerir que se comporte. Ordem e disciplina, lembra? É o que recompensamos aqui.





– Pois é – ele respondeu. – Eu lembro. E prometo que não vou decepcionar. Ainda vou arrancar esse telefonema de você – conclui, dando uma piscadinha.

– Você vai ter que fazer melhor que isso – disse a enfermeira Ash, saindo em seguida.

Ricky ouviu a chave trancando a porta. A iluminação lá dentro não era das melhores, e por um momento sentiu certa claustrofobia. A poeira sufocava seus pulmões. Ele ouviu os estalos dos canos dentro das paredes e se lembrou daquele estranho pulsar que o perseguira em seu sonho. Um sonho... uma visão... Depois de uma semana tendo seu sono interrompido o tempo todo por aquela gritaria terrível, estava cada vez menos certo do que acontecera na primeira noite.

– Que belo privilégio – comentou consigo mesmo.

Atraído pela caixa de fotografias, decidiu começar a arrumação por lá. Um pequeno ato de rebeldia. Encontrou a garotinha de novo. Parecia apavorada. Talvez o suficiente para dar aqueles gritos. Mas aquela imagem era antiga, e ele não reconheceu nenhum dos auxiliares ao redor dela. Havia fotos de equipamentos médicos e cirúrgicos, que os homens de jaleco examinavam como se fosse o que havia de mais moderno e avançado. Serras. Brocas. Seringas grandes o bastante para aplicar injeções em elefantes.

Ricky fez uma careta e afastou as fotografias. Se estivesse em outro lugar, poderia até ser uma coisa fascinante, ainda que mórbida, mas estava em um sanatório. Aquelas eram fotos do Brookline, lembrou a si mesmo. Aquelos instrumentos tinham sido usados em pacientes de carne e osso.

Era uma experiência real demais.

Sentindo um calafrio, ele se forçou a se concentrar nas caixas que a enfermeira Ash tinha designado. Estavam uma bagunça. Metade das pastas tinha sido aberta, e as fichas e anotações estavam empilhadas no fundo da caixa úmida. A flanela não parecia suficiente para limpar nem uma fração do que era preciso, então ele a enrolou em torno do nariz e da boca para se livrar da poeira. A umidade estragara alguns papéis, e outros estavam simplesmente em branco.

Ele esvaziou a caixa e começou a organizar tudo. A enfermeira Ash tinha razão quanto a ser um trabalho tedioso, embora essa não fosse a palavra mais apropriada. Rastrear todos os pedaços de papel pertencentes à pasta de cada paciente se mostrou quase impossível, já que em muitos casos os nomes estavam borrados ou eram simplesmente omitidos. Depois de um tempo, ele decidiu agrupar o material por sintomas ou tratamentos.

Imediatamente, a tarefa se tornou menos tediosa.

– Meu Deus – ele murmurou. Alguns dos tratamentos faziam sua semana de jardinagem e escrita de diário parecer um período agradável de férias. Da mesma forma como estava usando o método de dedução para juntar as partes dos prontuários, os médicos aplicavam o método de tentativa e erro com os pacientes. Novos coquetéis de medicamentos. Terapia de isolamento. Tratamento de choque.

Um homem chamado Maurice Abeline tinha sido submetido a um tratamento de choque tão intenso e prolongado que se tornou inerte a qualquer estímulo. Havia poucas anotações a seu respeito depois disso.

– Eles o mataram – murmurou Ricky, esmurrando uma gaveta de arquivos. Não parecia certo que ele, também um paciente, visse aquelas coisas. Era como nas fotos, tudo muito explícito, sem nenhum pudor. Voltou a mexer na pasta de Maurice e encontrou uma última descrição de seu tratamento. Depois deixou de lado sua pasta e se concentrou na seguinte, e então na seguinte, coletando todas as informações possíveis sobre cada caso.

Quando a caixa estava mais ou menos organizada, Ricky se sentou de pernas cruzadas no chão frio de cimento para examinar as últimas fichas.

*Não reagiu ao tratamento. Falecido. Vítima de complicações. Falecido. Desconhecido. Desconhecido.*

Os “desconhecidos” eram o mais assustador. O que era desconhecido, o destino dos pacientes ou a causa de sua morte? Examinou as fichas de novo, tentando descobrir padrões ou alguma explicação para tantos finais tristes. A maioria, pelo que notou, era composta de homens, e a frequência dos “falecidos” ou “desconhecidos” vinha aumentando desde 1964. Os casos mais recentes eram de 1966.

Ricky não tinha a menor ideia do que estava procurando. Um grande número de pacientes do sexo masculino tinha morrido no Brookline em um período de dois anos. Por que em tão pouco tempo? E por que isso não acontecia também com as mulheres?

Ele enfiou os papéis de volta na caixa, ainda agrupados de acordo com seus parâmetros de organização. Estavam fora das vistas, mas se necessário poderiam ser encontrados de novo rapidamente. Ricky ficou de pé e ajustou a flanela no rosto. Não estava ajudando muito com o cheiro da saleta e só o fazia se sentir mais claustrofóbico. Tinha muito trabalho ainda. Uma caixa já estava arrumada, mas havia dezenas por lá.

Eram tantas... E poderia haver mais pacientes mortos esperando naquelas outras caixas. Ele suspirou e resolveu guardar os documentos organizados na prateleira antes de decidir o que fazer em seguida. Quando se agachou, ficou paralisado, sentindo uma lufada de ar frio na nuca. Era como um grunhido, um suspiro, mas gelado como nenhum hálito humano era capaz de ser.

Com as costas rígidas, ficou de pé e virou. Não havia ninguém por lá, nenhuma janela à vista. Era sua imaginação, portanto. Paranoia. Como no caso da menina aos berros e do pulsar. Ricky virou para a caixa e quase deu um grito. Sua garganta se fechou e abafou o som. Um homem, ou talvez um garoto, estava bem diante dele.

Fantasmagórico. Pálido. Com um fino rastro de sangue escorrendo do olho. Estava usando o mesmo pijama do hospital que ele. *Aquilo* – tal aparição não poderia ser humana – estendeu os braços em sua direção. Por instinto, Ricky se jogou para trás, sem conseguir respirar o ar daquela saleta escura e fria com seus fantasmas de hálito gelado. Fantasmas *de verdade*.

Ele cambaleou para trás, na direção das prateleiras à direita da porta. A figura desapareceu em um piscar de olhos, logo depois de estender os braços. Ricky tentou se apoiar na prateleira, que estava em mau estado. Cerrando os dentes, fez força para impedir que tombasse. Uma das caixas se soltou e escorregou para a beirada. Seu conteúdo se espalhou pelo chão, dezenas de fotografias que cobriram o chão de cimento.

Ele ouviu passos se aproximando no corredor. Alguém tinha escutado. De quatro no chão, tentava recolher as fotos e guardar de volta na caixa. Houve uma batida na porta.



– Sr. Desmond? Ricky? Tudo bem aí?

A enfermeira Ash. Ela estava ali fora o tempo todo.

– Tudo – ele respondeu, tirando a flanela do rosto para sua voz não sair abafada. – Foi só uma caixa que caiu, não precisa se preocupar.

Ela não se afastou mais da porta. Ricky acelerou o ritmo, ajeitando a caixa e apanhando as fotos ainda caídas. Havia algo de estranho na última delas... Parecia familiar. Assustadoramente familiar.

*Dolorosamente* familiar.

Ele ouviu a chave na porta e entrou em pânico. Enfiou a foto na caixa e ficou de pé em um pulo. Mal conseguia organizar dois pensamentos quando o rosto sorridente da enfermeira Ash apareceu. O jovem naquela fotografia era parecido com ele mesmo, como um primo distante. Ou até um irmão.

Havia uma semelhança, isso era certeza.

– O pano não era para o seu rosto – ela falou, incomodada.

– Preciso ligar para minha mãe. Agora.

A enfermeira manteve a porta aberta para que Ricky saísse, com uma ruga de preocupação entre os olhos.

– Você sabe que não posso deixar – a enfermeira respondeu. – E gostaria muito que parasse de me pedir isso.

CAPÍTULO

No. 7

## *Diário de Ricky Desmond – junho*

Eles deveriam olhar melhor debaixo do meu colchão. Esconder essas coisas é quase fácil demais. Não, é fácil demais mesmo. Kay diz que revistam o quarto dela todas as noites, procurando até a menor das irregularidades. Mas a enfermeira Ash não me pediu nem para virar os bolsos desde que entrei aqui. Não que eu esteja reclamando, mas é esquisito. Minha mãe poderia estar pagando por um tratamento preferencial, como o pai de Kay faz, mas não acho que ela faria isso depois do que aconteceu com Butch.

Tudo bem. Eu admito. Se isso servir de consolo, mãe, estou arrependido por ter atacado o idiota do seu marido, e posso até me desculpar pessoalmente se vocês vierem me tirar deste lugar. No começo não era tão ruim, mas agora tenho pesadelos todas as noites. Sempre com a mesma menina. Ela está mesmo aqui? Existe de verdade?

Não sei o que vi naquela sala. A pessoa na fotografia se parecia comigo. Disso tenho certeza. Mesmo que seja só uma coincidência, preferiria não ter visto. Não consigo parar de pensar a respeito. Tentei perguntar para a enfermeira Ash durante uma das rondas. “Eu pareço familiar para você?” Esse tipo de coisa. Ela ficou toda sem jeito. As outras enfermeiras nem falam comigo. É como se nós pacientes fôssemos invisíveis para elas, ou não tivéssemos a capacidade de nos comunicar caso tivessem algum interesse em falar conosco.

O diretor disse que ia começar meu “tratamento” em breve, mas nunca voltou a falar comigo. Já o peguei me vigiando. Está sempre fazendo isso. O que espera ver?

Ontem Kay conseguiu dar uma espiada no cronograma enquanto a enfermeira Ash distribuía os lanches da tarde. Ela vai passar por um tratamento de choque. Desgraçados. Não sei como conseguem olhar para ela e ver alguma coisa além de uma menina bonita. Kay é tão tranquila. Faz tudo o que mandam. Não prejudica ninguém e conhece de cor quase todas as músicas da Barbara Randolph. Isso a torna ainda mais especial, mas querem dar choques nela como fizeram comigo no Hillcrest.

Eu disse que não vai funcionar, que isso não vai mudá-la, mas não sei se Kay acreditou.

Preciso me lembrar dessas coisas. Preciso me lembrar de todos. Se minha mãe vier me buscar, não quero esquecer, e talvez... Droga. Sei lá. Talvez possa ajudar Kay a sair daqui de alguma forma. Ela não merece viver neste inferno. Nenhum de nós merece. Está bem, talvez a Angela, mas todo mundo aqui é tão tranquilo. É como se já estivessem mortos.

Mas não eu. Nem Kay.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 8

—E ncontrei uma coisa estranha.

Assim que Ricky abriu a boca, sentiu-se meio idiota. Eles estavam em um manicômio. Tudo o que fosse encontrado ali seria estranho, de uma forma ou de outra. Mas Kay lançou para ele um olhar de interesse genuíno, e aquilo bastava. Ela andava compreensivelmente distante desde que o tratamento de choque começara, e Ricky estava se sentindo culpado, como se de alguma maneira fosse o responsável por aquilo. Eles estavam com os joelhos e as mãos no chão, lado a lado, trabalhando com os demais pacientes para limpar o salão. O piso estava gelado, como sempre, e o brilho esbranquiçado que se seguia à limpeza só fazia tudo parecer ainda mais frio.

Kay tinha ouvido dois auxiliares conversando sobre um grande evento prestes a acontecer. Por isso, o diretor queria que tudo estivesse impecável. *Eles não deveriam ter uma equipe de limpeza para isso?*

— Estranha como? — Kay quis saber.

— Eles já pediram para você limpar a sala de arquivos?

— Só uma vez — ela murmurou, encolhendo os ombros. Mal dava para ouvir o que dizia, com o arrastar de dezenas de panos de chão no piso de cerâmica. — Estava um horror lá dentro. Não consegui respirar direito por uma semana depois disso.

— Pois é — ele falou. — Mas você deu uma olhada no que estava limpando?

— Evito esse tipo de coisa, Ricky. Só faço o que eles mandam torcendo para poder sair daqui.

— Talvez seja bom dar uma espiadinha da próxima vez. — Ricky parou para ver se as enfermeiras que vigiavam o trabalho ainda estavam perto da porta.

Elas conversavam distraidamente com o diretor, e pelo jeito não estavam mais tão interessadas no andamento da faxina. Como uma espécie de mau agouro, aquele homem parecia estar em toda parte.

— Não, Ricky, você não está entendendo — Kay disse com um suspiro. Estava dando atenção a ele de novo, mas não de um jeito positivo. — Cabeça baixa. Silêncio. Eu é que não vou arrumar confusão. Não quero ser disciplinada.

Ele empalideceu. Depois de dez dias de internação, seu tratamento continuava tranquilo, quase negligente. Não sabia o que Kay havia feito para merecer um tratamento mais severo, mas ela estava certa: se a ordem e a disciplina eram uma obsessão por ali, não chamar atenção era a melhor estratégia de sobrevivência. Por outro lado... ele tinha sentido um hálito frio e fantasmagórico na nuca. Tinha visto fichas de pacientes com mortes violentas. E tinha encontrado uma fotografia que não saía de sua cabeça. A encenra o perseguia, independentemente de sua vontade.

Kay inclinou a cabeça para o lado, apoiando-a na palma da mão enquanto o observava. Seu olhar era suave, mas não escondia o forte brilho da curiosidade intensa que a dominava.

— Vamos parar com esse suspense, bobalhão. O que foi que você viu?

— Acho que este lugar nem sempre foi tão certinho — ele comentou. — Os pacientes morriam como moscas aqui até dois anos atrás. E as fotografias...

— São tão cruéis como essas? — ela perguntou, apontando com o queixo para a parede.

— Pior. E eu senti uma presença estranha. Quer dizer, eu nem acredito em fantasmas. Vamos esclarecer isso logo de cara. Mas vi um monte de fichas de gente morta, e um minuto depois senti uma respiração no pescoço. Sei lá, Kay, é um tipo de coincidência bem difícil de engolir.

— Ou — ela falou em um tom suave, e Ricky percebeu que precisaria fazer força para se segurar ao ouvir o que viria a seguir — você está se deixando impressionar. Não é nenhuma surpresa ter uma visão com uma pessoa morta depois de ler a respeito de várias.

— Pensei nisso — Ricky admitiu com sinceridade. — Mas nem foi o mais estranho. Em uma das fotos...

e, sim, eu sei que isso vai parecer ridículo... Enfim, um homem em uma das fotos era parecido comigo. Muito parecido *mesmo*.

– Isso é um pouco mais estranho – Kay concordou com uma careta. – Eu também ficaria intrigada.

– Obrigado por acreditar em mim. Pelo menos na parte da foto.

– Eu limpei aquela sala de cima a baixo com Sloane e Angela – contou Kay. – Você precisa ouvir algumas coisas que Sloane fala. Acha que todo mundo aqui quer matar ele. O tempo todo. A cada minuto. Até os ratos nas paredes. A conversa que estamos tendo parece bem racional, se você quer saber.

O diálogo foi interrompido de forma abrupta, por vozes agudas vindas do canto da sala. Perto da porta dupla e alta, duas enfermeiras tentavam impedir que os pacientes olhassem para o diretor, que tinha começado a discutir com um homem com estatura, peso e rosto bem parecido com os dele, e com a pele clara e lisa. Eram ambos homens de meia-idade, ativos e com nariz comprido. O segundo homem não usava óculos, mas a semelhança era perceptível mesmo à distância.

– Já disse mil vezes: não venha me interromper *aqui* – o diretor esbravejou, sem se importar com a plateia. Ricky olhou ao redor. A maioria dos pacientes fingia trabalhar, mas os panos esfregavam o chão de forma bem lenta. Todos estavam com os ouvidos voltados para a discussão. – Estou *trabalhando*.

– Você não parece estar fazendo muita coisa aqui – comentou o outro. – E que opção eu tenho? Você não me atende quando ligo. Precisamos dividir a herança da mamãe, e não vai ser como você quer.

– Isso é assunto para outro momento e outro lugar – respondeu o diretor. – O que está acontecendo aqui é extremamente irregular e nem um pouco profissional.

Dois auxiliares apareceram e tentaram pôr o homem para fora com a ajuda do diretor, formando um cerco ao seu redor.

– Tudo bem. Sou seu irmão, mas vou embora se assim deseja. Só que o assunto não está encerrado.

O suspiro do diretor reverberou pelo salão.

– Nunca está.

Alguma coisa naquela conversa incomodou Sloane. O velho ficou de pé com uma agilidade surpreendente para sua idade e começou a gritar.

– Irmão! Irmão, irmão! Você era como um irmão para mim! Para, para! Como *pôde* fazer isso comigo?

As enfermeiras voaram para cima dele, baixando seus braços e o imobilizando. Os auxiliares que cercavam o irmão do diretor ouviram a confusão e, sem hesitar, correram para ajudar. Eles silenciaram o velho com a mordaca que ameaçaram usar em Ricky em seu primeiro dia, e os gritos de “Irmão!” foram sufocados.

– Uau – murmurou Kay, enquanto via o irmão do diretor sair pisando duro e Sloane ser arrastado para fora do salão.

– Acho que esse tipo de coisa não costuma acontecer por aqui, não é?

– É extremamente irregular – respondeu Kay. – Como o diretor falou.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 9

— Onde está a enfermeira Ash?

Ricky olhou ao redor da sala de espera para onde ela o levara na sexta-feira anterior. Um auxiliar que ele não conhecia o tirara do quarto para o que Ricky pensou que fosse o almoço. Em vez disso, encontrou uma enfermeira mal-humorada à sua espera no saguão, batendo o pé como se estivesse atrasado para alguma coisa.

— Você vai entrar agora — a enfermeira falou, apontando para a porta com as palavras DIRETOR CRAWFORD na janela.

Então ele finalmente veria onde o chefão passava seu tempo. Precisava se preparar e respirar fundo, porque — uma semana após a ameaça ser feita — seu tratamento ia começar. Não dava para saber se era uma resposta a algo que fizera. Sim, ele conversara com Kay na hora de trabalho, mas com certeza aquilo não era nada em comparação com o que havia acontecido no salão.

Ricky detestava a palavra “tratamento”. Por um lado, podia significar que havia alguém cuidando dele. Um bom tratamento seria faltar à escola e ir com Martin ao Píer 6 comer frutos do mar. Ou seria encontrar um doce na meia pendurada na lareira no Natal, ou receber a nova edição da *Rolling Stone*.

Mas essa palavra também podia significar um choque elétrico de centenas de volts no Hillcrest. Também podia significar se sentar em roda no Victorwood e falar como se sentira crescendo sem um pai. O que “tratamento” significava no Brookline?

A porta da sala do diretor estava entreaberta, e Ricky a abriu um pouco mais. Estava quentíssima. Ele recolheu a mão às pressas, sentindo uma pontada de dor como se tivesse sido escaldada. Por um momento, um calor terrível atingiu seu rosto, e em seguida ele ouviu uma mulher gritando. Passos apressados ecoaram. Ricky se apoiou no batente para recuperar o fôlego, piscando algumas vezes, e notou que o calor e o barulho tinham desaparecido.

— Para dentro — disse a enfermeira, pondo-se atrás dele.

Tentando se recompor, Ricky entrou no escritório e com alívio percebeu que o diretor ainda não estava lá. Ele amenizou o tom de voz, sem querer que a enfermeira soubesse o que havia acabado de experimentar. Sair do Brookline seria mais difícil se alucinasse na frente dos funcionários.

— Gosto mais da enfermeira Ash, se é que minha opinião faz alguma diferença — ele falou com um sorriso forçado.

Os olhos miúdos e escuros da enfermeira, que até então estavam fixos nele, se reviraram. Foi a maior reação emocional que conseguiu despertar em outra pessoa da equipe.

— Não faz. Sente.

Ricky desabou na cadeira com força suficiente para que o ar fosse expulso de seus pulmões. A enfermeira ficou à espera na porta, provavelmente para o caso de ele tentar pegar uma das canetas-tinteiros do diretor e cometer um homicídio em massa com sua ponta afiada. Ricky se perguntou se ninguém ali notava que os pacientes já estavam suficientemente domados — apesar do escândalo de Sloane no dia anterior.

Ele e a enfermeira esperaram pelo o que pareceu ser horas. Aquilo também havia sido planejado? Uma enfermeira desconhecida esbravejando, uma longa espera no escritório gelado do diretor, morrendo de fome, sem conseguir evitar de pensar na estranha sensação de calor que sentira na porta... Talvez o tratamento tivesse começado sem seu conhecimento.

*Você só está fora de sua zona de conforto, ele lembrou a si mesmo. E está cansado. Desnutrido. Longe de casa.*

Por fim, o diretor apareceu, mas não por onde Ricky esperava. Ele entrou por uma porta na parede

oposta, que o jovem imaginara ser um armário. Em uma olhada rápida, notou a presença de uma escada que levava para baixo. O pulsar do Brookline vinha do subsolo, e ao que parecia o manicômio tinha muitas veias e artérias.

– Ah. Você está aqui, sr. Desmond. Ótimo, já estava na hora de termos uma conversa. Estou ansioso para trabalhar com você.

Rick endireitou as costas, rígido como um prego. O diretor dispensou a enfermeira, fechou a porta e a trancou. O jovem olhou ao redor, em pânico – não havia nenhum instrumento cirúrgico à vista que o diretor pudesse usar, mas talvez fosse apenas uma breve sessão terapêutica antes que a verdadeira tortura começasse, no subsolo.

*Só não se esqueça de quem você é, Ricky lembrou a si mesmo. Consegue sobreviver a isso. Já sobreviveu antes. Pode fingir se for preciso, mas não esqueça. O sorriso torto de Martin. O buraco entre seus dentes. As luzes da Boylston Street à meia-noite. A sensação de fugir de casa e se sentir livre, vivo e feliz.*

– Que tal ir logo com isso? – perguntou Ricky, cruzando as mãos sobre o colo e olhando para a frente.

O diretor Crawford contornou a mesa sem pressa para se acomodar em sua cadeira. Ele soltou um suspiro silencioso ao olhar para Ricky, como se fosse um avô decepcionado com o neto desobediente.

– Não precisamos estabelecer um antagonismo, sr. Desmond. Não foi bem tratado desde que chegou?

Ricky fechou a cara.

– Não é essa a questão.

– Ah, não? – O diretor arregalou os olhos, em uma surpresa fingida. – Então qual é?

– Isto é um manicômio. Não estou aqui por vontade própria. E você está prejudicando minha amiga. Está fazendo terapia de choque em Kay, e ela não fez nada de errado.

– O comportamento desviante de Keith Waterson não tem nada a ver com você, nem o tratamento médico aplicado nele por um profissional qualificado.

Ricky já estava sentindo o medo e a raiva borbulhando dentro de si, mas não esperava que fosse vir à tona naquele exato momento. Nunca esperava. Ele bateu com o punho na mesa, fazendo uma estatueta de porcelana quicar sobre o tampo.

– Você está fazendo isso com ela e vai fazer comigo também! Eu sabia que era só questão de tempo. Os tratamentos modernos que seus médicos venderam para meus pais são pura enganação!

O diretor ficou em silêncio, apenas o encarando novamente. Aquilo era quase pior. Ele deveria ser repreendido pela explosão. Punido. Sedado. Não estava sendo muito ordenado ou disciplinado. Sempre se sentia mal depois de perder o controle daquela maneira. Envergonhado.

– Entendo sua frustração, sr. Desmond, mas não precisa elevar o tom de voz.

– Eu não estou... escuta, só quero falar com meus pais. Com minha mãe. Não sei por que você está praticamente me ignorando há tanto tempo e nem quero saber. É tudo um mal-entendido.

O diretor se inclinou para a frente, apoiou os cotovelos na mesa e ajustou os óculos de aro de metal. As lentes não aumentavam seus olhos. Na verdade, faziam o contrário, tornando suas pupilas menores, mais afiadas, como agulhas apontadas para Ricky.

– Cada paciente aqui é um indivíduo. Sendo assim, ele é avaliado e tratado com base em suas necessidades específicas. Tentamos manter uma rotina. Principalmente no começo, a consistência é importante. Sua família o deixou aos meus cuidados, e não tenho a menor intenção de trair essa confiança. Podemos estabelecer uma relação de confiança também, mas não se me encarar com suspeita. Ou pior: com hostilidade.

Ricky cruzou os braços e manteve a cara fechada.

– Por que eu confiaria em você se sua única intenção é me mudar? Sei por que estou aqui. Não tem como dar certo.

Pela primeira vez, foi possível ver um sentimento genuíno na expressão do diretor Crawford. A pele

clara e lisa de seu rosto se contorceu, e um sorriso fingido distorceu suas bochechas. Ele se inclinou um pouco mais para a frente, chegando quase à metade da mesa.

– Por que você acha que está aqui? – perguntou.

Ricky se limitou a encará-lo, recusando-se a responder.

– Entendo. Você não se sente à vontade para falar. Isso não é incomum.

A porta se abriu, provocando um sobressalto nos dois. A enfermeira Ash entrou, e sua expressão neutra se transformou em um olhar de medo quando notou que os dois estavam juntos.

– Ah! – exclamou, dando um passo para trás. Carregava uma pequena bandeja com atum e alguns biscoitos no braço direito. – Desculpe, não sabia que o senhor estava ocupado.

– Você deveria examinar com mais atenção a agenda do dia – o diretor esbravejou. – Ela está sujeita a mudanças e sabe disso, mas por algum motivo a senhorita resolveu se esquecer. E, assim como em qualquer outro lugar, aqui também é recomendável bater na porta antes de entrar.

– Peço desculpas, de verdade. É que geralmente eu trago seu almoço às...

– A *agenda* do dia, enfermeira Ash. Não me obrigue a ficar me repetindo.

Ricky não entendeu o motivo de ter ficado tão surpreso. Aquele homem era claramente um tirano. A enfermeira Ash pediu desculpas praticamente aos prantos e saiu da sala, fechando a porta com tanto cuidado que Ricky mal pôde ouvir o estalar da fechadura.

– Você trata todo mundo assim, não é mesmo? – ele questionou. – Os funcionários, seu irmão...

O comentário não provocou a reação esperada. O diretor deu uma risadinha, demonstrando que já havia recuperado a calma e a compostura.

– Imagino que esse seu comportamento abusado tenha deixado seus terapeutas anteriores desconcertados. Você vai perceber que esse método é ineficaz por aqui.

– É mesmo?

Ricky sabia que era burrice retrucar, mas às vezes não conseguia se controlar. Era melhor colaborar. Ser apenas mais um. Mas aquilo não vinha funcionando, e com certeza não seria suficiente para lhe garantir um telefonema para a mãe. Ele só precisava descobrir o que seria.

– É. Agradeço suas observações. São interessantes. Mas saiba que não tenho a menor intenção de mudar o senhor. Eu o aceito quase exatamente como é. Na verdade, só quero *aperfeiçoá-lo*.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 10

As palavras ecoavam sem parar em sua mente.

*Eu o aceito quase exatamente como é.*

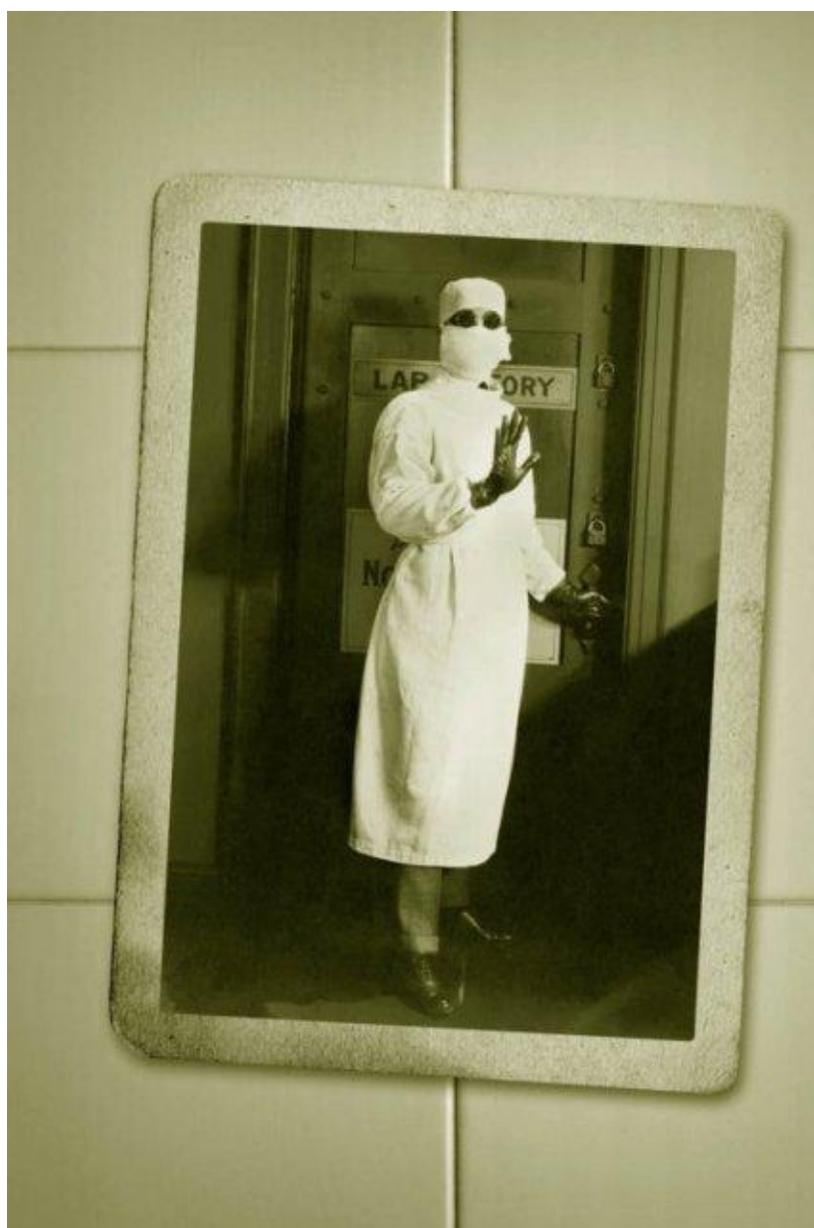
O tempo todo, ele tentava pôr a ênfase na palavra “quase”, mas o restante da frase o fazia se sentir estranho – exposto. Nenhum adulto havia dito aquilo para Ricky... nunca. Ele ficou só olhando para o diretor, piscando algumas vezes, à espera de um complemento, de uma explicação para aquele “quase” que o livrasse da sensação vaga de pertencimento que o estimulava a baixar a guarda.

– Venha, quero mostrar uma coisa. – O diretor ficou de pé, pegou uma bala e ofereceu a latinha a Ricky com um sorriso. – Eu sei, eu sei... as regras. Ordem e disciplina. Vá em frente. Não vou contar para ninguém. Afinal, são as *minhas* regras.

Ricky pegou uma bala e sentiu sua boca arder imediatamente com o gosto forte de menta. Ele não punha nada na boca além de mingau insosso, ovos esquisitos e sopa aguada fazia dias. O diretor caminhou na direção da porta na parede oposta. Como o restante do manicômio, sua sala era incrivelmente limpa e organizada. As pastas e os papéis estavam empilhados em torres retangulares. Uma prateleira ao lado da porta em questão ostentava diplomas, premiações e troféus. Não havia fotos do irmão que Ricky vira no dia anterior, apenas um pequeno retrato do diretor, além de mais imagens emolduradas de pacientes. As fotos do escritório pareciam ter mais propósitos médicos que as expostas no salão. Algumas imagens eram closes tão aproximados de alguma parte do corpo que ficava impossível identificar do que se tratava. Outras fotografias mostravam o diretor posando ao lado de pacientes, porém ele parecia mais um caçador exibindo suas presas do que um médico em serviço.







– Não precisa ficar hesitante – ele acrescentou, abrindo a porta para Ricky. – Só vamos fazer um breve passeio.

– Aonde estamos indo? – perguntou Ricky. A escada que levava para o subsolo era inquietantemente familiar. Ele se lembrava daquele lugar do sonho no qual perambulava pelo prédio. Segurando um suspiro de nervosismo, seguiu o diretor pelos degraus.

A curiosidade de Ricky quanto ao que de fato havia lá embaixo podia até ser grande, mas foi a porta trancada atrás de si que o forçou a seguir em frente. Ele já havia tido *déjà-vus*, mas nada parecido com aquilo. Curiosidade misturada com medo. Depois de descer os degraus, o diretor remexeu no bolso à procura das chaves. Estreitando os olhos, Ricky conseguia ver o que havia mais adiante.

– Os pavimentos inferiores são reservados para os casos mais desafiadores – explicou o diretor.

Ricky deu uma boa olhada no corredor, mas não havia enfermeiras nem auxiliares por lá, muito menos médicos. Estava sozinho com o diretor, cuja companhia o inquietava cada vez mais.

– Eu... eu deveria estar mesmo aqui embaixo? – ele perguntou.

Luzes fracas de emergência estavam acesas, revelando muito pouco.

O diretor deu uma risadinha, fazendo um sinal para que ele fosse em frente.

– Ah. Parece que eu estou dando a você algum privilégio?

– E não está?

– Claro que sim. Teremos um evento de arrecadação de fundos em breve, e quero mostrar a nossos

beneméritos que o Brookline é capaz de elevar a qualidade de vida de nossos pacientes. Minha intenção é mostrar pessoas como você, com potencial.

Ele abriu um sorriso e continuou andando. Ricky podia segui-lo ou ficar para trás. Mas ele o seguiu. Poderia haver ali uma oportunidade. Se colaborasse, obedecendo àquela figura sinistra, talvez pudesse conseguir mais um privilégio: um telefonema para casa. Quando sua mãe notasse o sofrimento em sua voz, viria correndo de Boston.

– Mas por quê? – Ricky não conseguiu evitar o questionamento. – O que eu tenho de tão especial?

– Como assim? Pensei que você se considerasse muito especial. Único. Superior.

Ricky fez uma careta.

– Só gosto de mexer com as pessoas. Falar com grandiloquência, essas coisas.

– Hum. Bom, então vamos colocar a coisa da seguinte maneira: eu disse que os pacientes aqui são indivíduos, e acredito nisso. Por outro lado, também vejo vocês da mesma forma. São todos pacientes. E precisam de tratamento. A única diferença é na abordagem.

Um gemido longo e penetrante se elevou das profundezas do manicômio. Ricky quase foi ao chão de susto, segurando-se na parede para não cair. O diretor pareceu não perceber e continuou avançando pelo corredor estreito com passos seguros.

– Os pacientes aqui estão à espera – falou o diretor, parando no alto de outro lance de escada, um que descia em espiral e tinha apenas um corrimão estreito como apoio. Ricky não fazia ideia de que o porão do Brookline fosse tão vasto ou tão frio. – À espera de curas para os males que os afligem. Novas técnicas. A medicina falhou com eles. Não é possível ajudá-los. Pelo menos não ainda.

Ricky se lembrou das fichas, dos pacientes que morreram entre aquelas paredes. Não era uma questão de fracasso da medicina, julgou, de uma simples limitação da ciência. Aquelas pessoas tinham sido assassinadas.

*Falecido, falecido, falecido...*

*Desconhecido, desconhecido, desconhecido...*

– Com certeza eles são loucos. Tão loucos quanto você, quanto eu – o diretor acrescentou, continuando a jornada descendente.

– Como assim? – questionou Ricky.

Ele não estava gostando daquilo. Queria voltar para o andar principal. Mais acima, longe de vista, ouviu a porta da escadaria se fechar, um som que ecoou pelo porão cavernoso.

– Homem nenhum é verdadeiramente são nos dias de hoje – disse o diretor. – Galileu era louco? Michelangelo? Darwin? Não. Eram todos gênios, mas seus contemporâneos se recusavam a admitir. E, se eu for chamado de insano por aquilo que pretendo realizar em *nosso* tempo, meu rapaz, que seja.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 11

O pavimento inferior do porão, bem abaixo de sua pequena cela no Brookline, era exatamente como Ricky lembrava. Como era possível que já tivesse visto aquele lugar? Devia ser alguma espécie de ilusão mental, pensou, como acontece quando você ouve uma palavra pela primeira vez e começa a enxergá-la em toda parte. Mesmo assim, ele ficou todo arrepiado sob as roupas finas do manicômio, que ofereciam o isolamento térmico de uma folha de papel.

Ricky ouviu vozes vindas da passagem alta e arqueada mais adiante, à esquerda das escadas. Alguma coisa batia sem ritmo contra uma superfície de metal, um baque oco que o lembrava do pulsar de seu sonho.

– O sonho de Galileu sobre o sistema solar, o de Michelangelo sobre nossos mecanismos internos, o de Darwin sobre nossa origem... Pensamentos magistrais. Uso produtivo de seu tempo de vida. Esses pensamentos sobreviveram, ainda que suas vidas tenham terminado. – O diretor parou diante da passagem arqueada, assim como Ricky, que lançou um olhar apreensivo para o corredor, encontrando as portas fechadas de seu sonho. Três auxiliares estavam lá, conversando distraidamente. – E isso, essas vidas interrompidas, é uma grande pena.

Ricky não entendeu. Claro que haviam morrido. Todos morrem.

*Alguns mais cedo que outros, e muitos bem aqui neste lugar.*

Ele esfregou inutilmente os antebraços, sentindo-se gelado. O diretor o observava, interessado em seu silêncio desconfortável.

– Por que estamos aqui embaixo?

– Os casos perdidos – o diretor disse com um suspiro de tristeza. – Os incuráveis. Nós os mantemos aqui. Queria mostrar o que *todos* nós podemos nos tornar, para que nunca aconteça com você. A medicina não pode ajudar essas pessoas, ou pelo menos ainda não, e a espera deve ser terrível. É por isso que faço o que faço, que todo mundo faz o que faz, aqui no Brookline. É por isso que trabalhamos tanto, que temos tantas regras e diretrizes a seguir.

O diretor Crawford conduziu Ricky pelo corredor. Os baques metálicos foram ficando mais altos à medida que avançavam, e o garoto percebeu que vinha de uma das celas. Alguém estava se arremessando contra a porta com todas as forças. *Bum! Cabum!* Ricky se sobressaltava a cada impacto. O ruído estava tão próximo e elevado que reverberava em seu cérebro. A porta não cedia, mas as paredes balançavam com a força das pancadas.

– Ninguém vai entrar aí? – perguntou Ricky bem baixinho. – E se alguém se machucar?

– Ah, eles já estão machucados. E com o tempo se cansam. Esse caso em particular tem um toque de drama.

Drama? Parecia mais um toque de *pânico*.

O ruído distraía Ricky, que reparou que estava quase no fim do corredor. Uma porta levava a outra ala mais adiante, porém seus pensamentos não estavam voltados para ela. Estavam na última porta à direita. Era impossível que aquela menina estivesse de fato lá. O diretor Crawford sacou um chaveiro do bolso e caminhou com passos decididos até ela. Ele ia mesmo abri-la. Ricky não sabia, nem queria saber, o que veria lá dentro.

– Mas o que é isso?!

O grito veio de trás dele. Ricky virou e lá estava a enfermeira Ash, a apenas alguns passos de distância, com a boca ainda aberta, paralisada de pavor. Seus saltos batucaram o chão de pedra e ela chegou até os dois em um instante. Segurou Ricky pelo pulso e o afastou da porta.

– Enfermeira Ash. *Jocelyn*. – A voz do diretor soou fria e rígida como aço. Seu rosto se transformou

em uma máscara branca e impassível outra vez. – O que pensa que está fazendo com meu paciente?

Ela hesitou por um instante, abrindo e fechando a boca no que pareceu ser um suspiro sufocado. Mesmo assim, não soltou o pulso de Ricky. O alívio tomou conta dele. Era como se estivesse sendo resgatado, embora não soubesse ao certo de quê.

– Ele... se queixou de enxaqueca esta manhã – a enfermeira Ash gaguejou, olhando fixamente para Ricky. – Não *foi*?

– Hã... foi – respondeu Ricky, imitando lentamente o aceno de cabeça da enfermeira. – Enxaqueca.

– A codeína acabou de chegar – ela se apressou em acrescentar. – Não tínhamos como medicar o paciente antes, mas não podemos deixar que fique com dor, diretor Crawford.

– Enxaqueca. – O diretor perdeu o interesse em Ricky por um instante, lançando para a enfermeira seu olhar afiado. O rapaz ficou com pena dela. Dava para sentir que sua mão tremia em contato com seu pulso e começava a transpirar. Por que tamanha urgência? Ela sabia que o que havia atrás daquela porta e queria protegê-lo? – Ricky Desmond tem enxaqueca – ele falou vagarosamente, como se estivesse tentando extrair a lógica da afirmação palavra por palavra.

– É... Tão forte que não estou nem conseguindo dormir direito – disse Ricky, temperando a mentira com uma pitada de verdade. – Eu deveria ter avisado. É que... hã... a dor me deixa confuso.

– Bom, mas agora já podemos ajudar. – Ela o puxou pelo pulso, para longe do diretor, sem a menor sutileza. – Vamos lá. Venha comigo, Ricky. *Agora*.

CAPÍTULO

No 12

**E**le só se sentiu livre do olhar do diretor quando voltou para o quarto, a três pavimentos e um mundo de distância. A enfermeira Ash o empurrou lá para dentro, apoiando-se na porta fechada como se esperasse estar sendo seguida.

Ela não dissera uma palavra enquanto o retirava do porão, ignorando os olhares de suas colegas no caminho. Ordem e disciplina. Não estavam atravessando calmamente os corredores, e Ricky imaginava que a expressão dela devia estar tão assustada quanto a sua.

– O que está acontecendo? – ele questionou, colocando-se bem no meio do recinto. Era difícil acreditar, mas estava *contente* por estar de volta à sua cela minúscula e escura. – Está acontecendo alguma coisa. Por que você mentiu para o diretor daquele jeito?

A enfermeira Ash não respondeu, ainda encostada à porta e respirando fundo. Ela o encarou fixamente, estreitando os olhos como se não o reconhecesse. Então recobrou a postura, ergueu o queixo e ajeitou os cabelos ruivos que tinham escapado da touca.

Ela se aproximou com gestos exaltados, mas Ricky não recuou em seu questionamento.

– Você sabe o que tem naquela cela? O que ele queria que eu visse?

– Nada – a enfermeira falou com um sussurro rouco. Seus olhos ainda estavam arregalados. Pareciam atormentados. – Não tem mais nada naquela cela. Havia uma menininha antes. Eu não... não sei onde ele a colocou.

– *Quê?*

Ricky ficou pálido e sentiu suas mãos formigarem, sentindo ainda mais frio do que no porão. Não era possível. Ele não tinha como saber aquilo. Não podia ter sido só um sonho.

A enfermeira Ash pôs a prancheta debaixo do braço e o segurou pelos pulsos com as duas mãos.

– Você precisa me prometer, Ricky... precisa me prometer que não vai voltar lá com ele.

– Que conversa é essa? – ele perguntou, sacudindo a cabeça. – O diretor não é seu *chefe*?

– Só quero que... – Ela olhou por cima do ombro para a porta, parecendo pensar. – Só quero que você me prometa – a enfermeira Ash disse por fim, voltando-se para ele, esperando que a encarasse antes de voltar a falar. As mãos dela ainda estavam trêmulas e suadas. – Prometa que você não vai voltar lá. Ele não é de confiança.

– Mas ele é seu chefe – repetiu Ricky. – O que está acontecendo?

– Você confia em mim? – ela perguntou, franzindo o lábio.

Ele detestava quando respondiam a suas perguntas com outra pergunta. Talvez ela estivesse se esquivando, mas Ricky fez que sim com a cabeça. Pelo menos desse modo podia mantê-la falando e talvez conseguisse mais alguma informação.

– Acho que sim.

– Então isso vai ter que bastar – ela se apressou em dizer. Seu lábio estava marcado no local onde fora mordido. – Este lugar... Não é exatamente o que parece. Não mesmo.

– Bom, isso já deu para perceber – murmurou Ricky.

– Como? – ela perguntou. – Por que, especificamente? O que foi que você viu? Do que ficou sabendo?

Tantas perguntas. Bom, ele tinha dito que confiava nela e, como obedecer ao mantra de ordem e disciplina do lugar não tinha levado a lugar nenhum, Ricky decidiu arriscar.

– Estou vendo coisas estranhas. Acho que tive uma alucinação. Uma em que eu descia para o porão e via uma garotinha, e não sei como posso ter imaginado isso. Nunca tinha ido lá antes. Além disso, na salinha do arquivo eu senti uma presença e vi... na verdade não sei o que vi. Um fantasma, talvez. Um vulto. Ah, e quando pus a mão na porta do escritório do diretor, ela estava quente, como se a sala

estivesse pegando fogo.

A enfermeira ficou em silêncio, assimilando as informações.

– Sei que parece loucura – continuou Ricky. – Mas você deve estar acostumada com isso por aqui.

– Acontecem coisas por aqui que eu também não tenho como explicar – ela disse com um suspiro. –

Quero muito ajudar você e todos os pacientes.

– O diretor me disse uma coisa bem parecida.

– *Não*. – Ela virou, segurando a touca com força e enfiando mais na cabeça. Em seguida, acalmou-se um pouco e ajeitou com cuidado o adereço. Sua voz saiu quase chorosa. – Não, eu não sou como ele, Ricky. Quero ajudar de verdade.

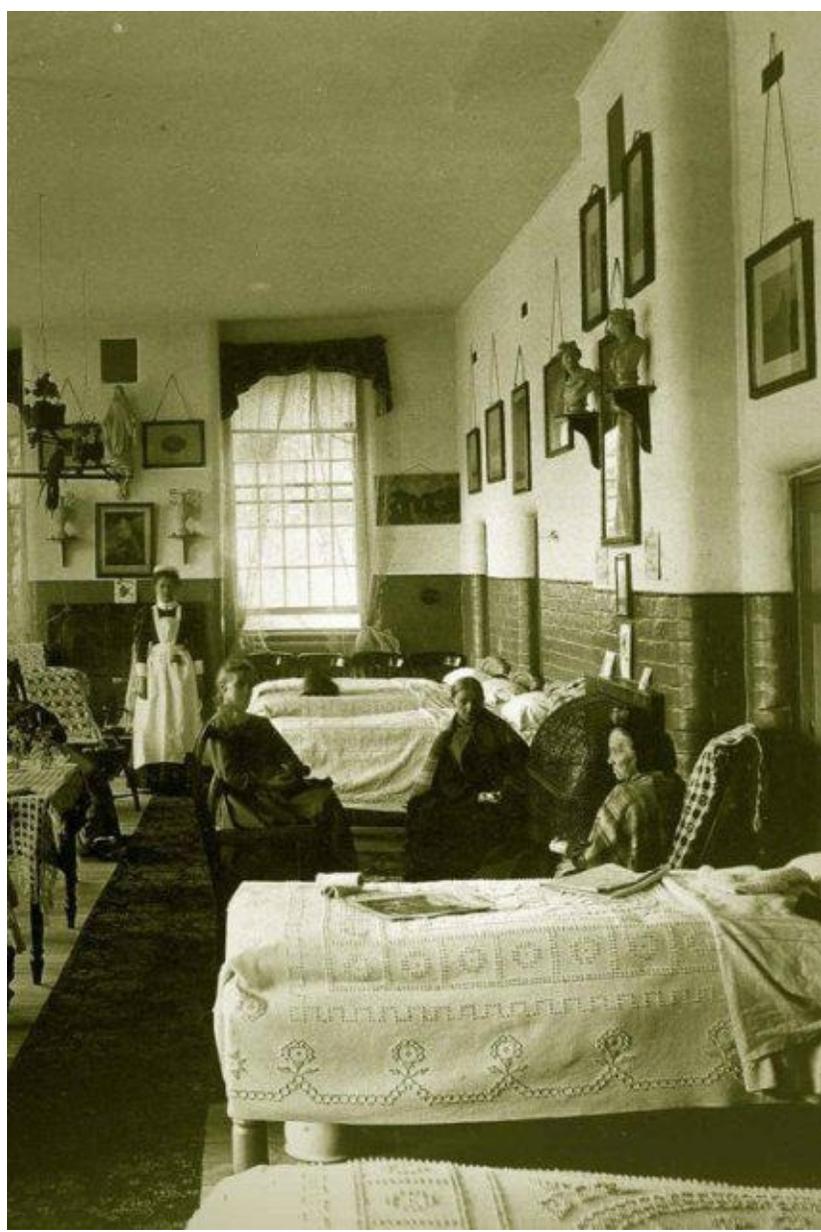
– E ele não. – Não foi uma pergunta, e ela não o contestou.

– Existem coisas que quero contar, mas não posso. O diretor sabe bem como manipular as pessoas. Sei que isso não faz sentido agora e espero que nunca faça, para seu próprio bem.

– Mas eu...

– Me escute. Me escute e não esqueça, por mais que eu diga outra coisa amanhã ou depois. Não importa se ele é meu chefe – ela falou, fechando os olhos com força. – Independente disso, ele é um carnicheiro. Um *monstro*.

Os olhos da enfermeira Ash se abriram de repente, e ela levou a mão à boca. Parecia pálida, enojada, como se estivesse prestes a vomitar nas próprias mãos, como se dizer aquelas palavras lhe causasse um desconforto físico. Logo em seguida, correu para a porta e saiu, batendo-a atrás de si.



CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 13

## Diário de Ricky Desmond – junho

Só preciso aguentar até setembro. Então minha mãe vai vir me buscar. As aulas vão começar. Ela não vai querer questionamentos sobre o motivo de eu não voltar à escola. Isso só vai durar um verão, apenas alguns meses. Vou ter que ir embora quando começarem as aulas.

Mantenha as aparências, mãe. Venha me buscar. É nisso que você é boa, em fingir que está tudo bem na família. Eu não ligo. Perdoo você, desde que venha me tirar deste lugar. Não sei como pôde me abandonar. Foi um caso isolado. Uma única vez as coisas ficaram realmente feias. Sei que machuquei Butch e assustei você. Peço desculpas. Posso dizer o que quiser para convencê-la a ser uma mãe de verdade e levar seu filho para casa.

O diretor é um carniceiro. Um monstro. Pronto, enfermeira Ash, pus isso por escrito, para não esquecer. Está contente agora? Da próxima vez responda às minhas perguntas em vez de ficar com medo e sair correndo. O diretor sabe bem como manipular as pessoas! Com certeza. Isso é provavelmente algum joguinho idiota de vocês. Se está tentando me deixar confuso, deve ser porque tenho certeza demais da minha sanidade para o seu gosto, e por isso não vai me deixar em paz. Por isso não vai me deixar ir embora. Aposto que você receberia um belo sermão, um verdadeiro esporro, se eu sáísse daqui sem receber tratamento. Foi por isso que agiu daquele jeito hoje? Foi por isso que me salvou do diretor, mas não me deixou telefonar para minha mãe? Deus do céu. Não sei se estou grato ou com raiva de você. Ou dele.

Não, eu odeio os dois. Igualmente, por me manterem neste lugar. O que está acontecendo?

Quando você vai vir me buscar, mãe? É mais fácil e mais conveniente me esquecer?

**R**icky nunca tinha dobrado tantos guardanapos na vida.

Era um trabalho monótono. Repetitivo. Longe de ser a melhor maneira de passar uma tarde. Estava começando a ficar com câimbra nas mãos. Cada quadrado de pano precisava ser dobrado de forma elaborada e depois amarrado com um pedaço de barbante. Em um laço ligeiramente mais curto que as pontas. *Uma preciosidade.*

Dennis, o grandalhão, estava fazendo esse trabalho na mesa da frente; era surpreendentemente ágil na tarefa, não parecendo ter o físico apropriado para trabalhos manuais delicados. Suas mãos eram gigantescas, com dedos do tamanho de salsichas, grossos o suficiente para esmagar o crânio de Ricky sem fazer muita força. Ele estava em silêncio no refeitório, fazendo seu trabalho quase sem se mexer. Os funcionários o tratavam como um cavalo selvagem, falando sempre baixo e sem nunca o tocar. Ricky ficou surpreso por não balançarem uma cenoura diante do nariz dele para que fosse de um lugar para o outro.

Ele já havia almoçado na mesma mesa que Dennis antes, mas os dois quase nunca se encontravam na hora de trabalho. Naquele dia, o grandalhão estava cumprindo seu turno com a cabeça cheia de manchas roxas e pretas e cortes profundos na testa robusta.

– Escorregou no chuveiro, Dennis? – perguntou Ricky, amarrando mais um guardanapo. – Hoje de manhã tive direito até a água quente. Que sorte, não? Estou me sentindo revigorado.

Dennis o ignorou, passando a trabalhar umas duas vezes mais depressa.

– Quem organiza um evento de gala em um manicômio, aliás?

A pergunta não era dirigida a ninguém em especial, mas a cinco dias do grande acontecimento, Ricky não conseguia entender por que aquele trabalho não poderia ser feito por profissionais contratados. Angela, Sloane, Tanner e alguns outros estavam perto deles. Ricky já era capaz de reconhecer mais de seus colegas. Sloane era fácil de lembrar, por causa dos cabelos brancos e desalinhados e da enorme cicatriz no pescoço (Ricky não queria nem saber como aquilo tinha acontecido). O outro também parecia reconhecê-lo e fazia questão de manter distância, sem esconder a insatisfação quando os dois precisavam entrar juntos em algum lugar ou se sentar à mesma mesa. Havia também John-John, um garoto mais ou menos de sua idade que sofria de perda de memória de curto prazo. Estava ali porque seus pais

consideravam tudo uma farsa, uma desculpa inventada por ele para não precisar ir à escola. Pelo que Ricky conseguiu observar, John-John era dono de uma mente afiadíssima para a matemática e as ciências, então se estivesse matando aula aquilo não faria grande diferença em seu aprendizado.

E havia Patty, uma mulher de meia-idade com fala suave cujo quarto ficava no mesmo andar que o de Ricky. Ela tinha uma tendência a se comunicar em versos ou começar a cantar do nada. Na verdade, era até agradável. Às vezes ficava óbvio que ela estava fazendo aquilo para irritar os funcionários. Ricky sempre gostava de ouvir sua voz. Em certas noites ela interpretava as canções de espetáculos inteiros. Fora *Oklahoma!*, na noite anterior. Não ajudou muito com a insônia, mas pelo menos o distraiu de certos pensamentos mais sombrios que ameaçavam acometê-lo quando estava sozinho.

Ricky amarrou mais um guardanapo, sem o menor capricho, e arremessou na pilha.

Seis enfermeiras guardavam a porta, apontando para diferentes mesas do refeitório e então para os espaços vazios, talvez discutindo a melhor forma de organizar o ambiente para satisfazer às exigências do diretor. Ricky estava pensando em maneiras de dar início a uma rebelião quando Kay apareceu na porta, passando por trás das enfermeiras e atravessando o salão em sua direção. Sem nenhuma hesitação, ela se acomodou ao seu lado, observando a maneira como Dennis dobrava e amarrava os guardanapos antes de começar a trabalhar também.

– Não sabia que íamos trabalhar juntos hoje – Ricky disse baixinho, embora não se importasse que Dennis ouvisse, já que o gigante não parecia muito interessado nisso, e muito menos em dedurá-los.

– E não íamos – ela revelou. – Eu não deveria estar aqui, mas precisava mostrar uma coisa para você.

– Está infringindo as regras? – questionou Ricky, impressionado. – Por mim? Não precisava fazer isso.

– Isso pode fazer você mudar de ideia. – As mãos dela se moveram com uma velocidade absurda, largando o guardanapo que tinha acabado de amarrar e sacando algo que estava escondido no elástico da calça. Ela entregou o objeto para Ricky e olhou para trás. – Pode não ser nada. Sei lá. Mas aquilo que você falou sobre o fantasma na salinha...

– Eu disse que não sabia o que tinha visto – resmungou Ricky.

– Que tal você dar uma olhada? – Ela pegou outro guardanapo desdobrado e continuou copiando os movimentos de Dennis.

De outro ponto na mesa, Patty começou a cantar mais uma música, mas as enfermeiras estavam entredidas demais para reparar nela.

– A maior parte está apagada – comentou Ricky, examinando a ficha. As anotações eram feitas à mão, em uma caligrafia quase indecifrável. Na parte de cima, reconheceu metade do nome de um médico. O do paciente parecia ser Diamond, Dandelion ou *Desmond*.

Quem quer que fosse, havia sido isolado por causa de um surto violento, em que acabou ferindo um dos auxiliares. Pelo jeito, o paciente tinha se mostrado “extremamente resistente à terapia experimental de terça”.

– Desmond é um nome bem comum – ele comentou. – E talvez nem seja esse o nome.

No entanto, sua mão tremeu um pouquinho enquanto lia a ficha. Kay não sabia a verdade sobre o que Ricky havia feito com o padrasto, mas ver seu sobrenome ligado a episódios de violência era preocupante. Assustador.

– Sei que você não gosta muito do seu padrasto – Kay comentou baixinho. – O que aconteceu com seu pai?

– Ele deu no pé – contou Ricky. Era a única coisa que sua mãe falara a respeito. – Não se dava bem com a gente. Eu já não era fácil quando pequeno. Acho que foi a gota d’água para ele.

– Lamento – ela murmurou.

– Sei o que você está pensando.

– Só estou pensando que lamento – ela reafirmou.

– Ele se mandou. – *Abandonou a gente. Deixou minha mãe e eu com Butch.* Aquela era a verdade.

Ricky apertou com mais força a ficha, notando a sensação sombria que precedia uma de suas explosões. Não, a culpa não era de Kay. Ela só estava tentando ajudar. Mesmo assim, ele sentiu vontade de arrebentar alguma coisa. Estava prestes a estourar, sobrecarregado, e o medo e a incerteza precisavam ser direcionados para algum lugar. Mas não havia nada para quebrar, então ele guardou a ficha no elástico da calça.

– Tudo bem se eu ficar com isso? – ele perguntou.

– Já está dentro da sua calça, então acho que não tem mais volta.

A necessidade de arrebentar alguma coisa se desfez, e ele deu risada, erguendo os olhos. Ela tentou retribuir o sorriso. Tinha violado as regras por ele, e Ricky sabia que aquilo não era pouca coisa.

– Obrigado. Sei que você está só tentando ajudar.

– Desmond é um nome comum – disse Kay.

– Bem comum mesmo – concordou Ricky. Ele já estava se sentindo melhor.

Dennis ergueu a cabeça, segurando um guardanapo com as duas mãos.

– *Imóvel* – comentou o grandalhão, tão devagar que parecia ter caído no sono enquanto pronunciava aquilo. – Totalmente imóvel. Parecia uma estátua, aquele lá. Rígido. Paradinho. Lindo.

– O que foi que você falou? – Ricky trocou um olhar com Kay. Apesar de estar lá há mais tempo, ela parecia tão chocada quanto ele. – Do que você está falando, Dennis?

– Nada. Da última vez que o vi. Nada. – Dennis sorriu, parecendo distante, e amarrou mais um guardanapo.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 14

O s gritos que o acordaram na manhã seguinte não foram sua imaginação. Eles o fizeram se sentar na cama em um pulo. Estavam distantes, porém eram bem *reais*. Ricky sabia disso porque reconheceu a voz. Kay.

Ricky pulou da cama, andando de um lado para o outro, agitado, exausto. O que estariam fazendo com ela?

Seria o tratamento de choque usado para o “problema” pior do que aquele que havia suportado no Hillcrest? Já tinha sido ruim o suficiente. Uma humilhação. Uma tortura. Não sabia como alguém podia fazer aquele tipo de coisa e ainda se considerar um médico. Médicos ajudam as pessoas. Médicos se importam com elas. Assim como “tratamento”, aquela palavra não parecia se aplicar muito bem ao caso.

Deus do céu, ele estava se sentindo um caco. E devia parecer um também. Não se olhava no espelho fazia dez dias. Na escola, nunca teve problemas para chamar atenção. “Parece Burt Ward”, sua mãe costumava dizer, antes de saber mais sobre suas preferências. Ela bagunçava seus cabelos e depois os arrumava. “Bonito como Burt Ward, meu menino prodígio!”

Aquilo sempre pareceu a Ricky uma bobagem. Havia só uma vaga semelhança, e as roupas que o ator usava no seriado do Batman eram ridículas. *Eu vestiria uma fantasia daquelas agora mesmo e sairia correndo pelo refeitório na frente de toda a escola se isso me tirasse daqui.*

Os pacientes não tinham acesso a espelhos, provavelmente por acharem que iam quebrá-los e usar os cacos para se ferir. Agora ele entendia esse desespero, essa necessidade de *fugir*. Os outros pareciam tão calmos. Aclimatados. Ele jamais queria ficar assim. Não permitiria que acontecesse.

Fosse como fosse, era hora de elaborar um plano melhor que puxar o saco da enfermeira Ash ou do diretor e torcer para conseguir um telefonema. Estava na cara que aquilo nunca seria permitido. Nos últimos dias, ele mal tinha visto aqueles dois, aliás. Isso porque a enfermeira dizia querer ajudá-lo.

Kay era sua maior preocupação no momento. Ele precisava vê-la. Precisava ajudá-la. Precisava de um aliado se quisesse manter a cabeça no lugar.

A enfermeira Ash apareceu só na hora do almoço. Outra enfermeira o levou para o café da manhã, mas Kay não estava lá, e a mulher sem nome o vigiou de perto enquanto comia. Ricky estava pronto, parado junto à porta, quando a enfermeira Ash chegou; ele ouvira os saltos dela batucando o piso do corredor e reconheceu seu jeito de andar menos rígido que o das demais.

– Está com fome hoje, hein? – ela brincou, cheia de sorrisinhos quando destrancou a porta e o encontrou já a postos.

– Fome? Está brincando? – Ele soltou um risinho de deboche. – Depois do que você falou da última vez, acho que me deve algumas respostas. Foi embora sem me dizer nada. Parecia que estava passando mal. O diretor é um monstro, lembra? Um carniceiro? O que quis dizer com isso? O que ele fez com a garotinha do porão?

A enfermeira Ash jogou a cabeça para trás, erguendo uma sobrancelha.

– Rick... não tenho ideia do que você está falando. Só estou aqui para levá-lo para o almoço, depois para a jardinagem e depois para escrever no seu diário.

– Mas você... Não! Você me salvou do porão! Disse para eu não confiar no diretor... me fez prometer que não iria a lugar nenhum com ele.

Ela franziu a testa, consultando seu cronograma.

– Não seja ridículo, sr. Desmond. O diretor é meu superior. Eu jamais diria uma coisa dessas, e agradeceria se não me envolvesse nos seus delírios absurdos.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 15

Ricky ainda não tinha se acostumado à sensação de confinamento. Mesmo naquele momento, preocupadíssimo com Kay e muito curioso para saber mais a respeito daquele outro Desmond, ainda era capaz de fantasiar uma fuga, correndo até sumir de vista depois de nocautear o auxiliar que guardava o portão.

Kay não havia aparecido no almoço e não estava no jardim para a hora de trabalho. Ricky não viu nenhum sinal de que os demais pacientes estivessem preocupados com isso, o que por si só já era uma tristeza. A amiga sempre prestava atenção em todos eles.

Um calafrio o percorreu quando virou para entrar no manicômio ao fim de uma hora, como se uma rajada de vento tivesse se materializado para empurrá-lo rumo à liberdade.

*Corra*, uma voz suave disse atrás dele. Viera de fora de sua cabeça, tinha certeza. Ele virou na direção do som, sentindo a pele gelar outra vez.

– Ricky, vamos, está na hora de entrar – a enfermeira Ash chamou.

– Mas eu ouvi...

– Hoje você resolveu dar trabalho?

Ricky notou o tom de impaciência na voz dela e tentou ignorar o calafrio que percorria sua pele. Sutilmente, beliscou o próprio mindinho para sentir o quanto estava gelado. E era quase verão.

Ele estava a poucos passos do salão quando ouviu de novo a voz, dessa vez mais próxima. Bem em seu ouvido. *Corra*, ela repetiu. *Se esconda*.

Ricky não esperava encontrar Kay escrevendo no diário, mas lá estava ela, sentada sozinha à mesa mais distante, parecendo tão infeliz que as enfermeiras nem tentaram fazer com se aproximasse dos demais. Só o fato de ela conseguir se manter sentada sozinha era impressionante. Depois de no máximo quinze minutos de terapia de choque no Hillcrest, Ricky ficava confuso e atordoado, e sua memória demorava um dia inteiro para se restabelecer.

A enfermeira Ash permaneceu por perto depois de entregar o giz de cera e o papel. Ela o seguiu até a mesa onde estava Kay e ficou vigiando os dois. A pele de Ricky ainda estava gelada e sua mão tremia ao encostar o giz na página.

– Quero vocês dois trabalhando em silêncio – disse a enfermeira Ash, falando diretamente com Ricky. – O diretor quer usar o evento beneficente para apresentar os pacientes mais promissores aos doadores. Não seria bom que isso incluísse vocês? Poderiam até comer um pedaço de bolo no fim da noite.

– Que emoção – murmurou Ricky.

– Pode deixar de lado o sarcasmo – ela disse com um suspiro.

– O diretor gostou de ouvir minhas observações. Você também deveria.

– Não sou o diretor – ela retrucou. Ele ergueu os olhos. Era a primeira indicação que dava de que se lembrava da estranha conversa que haviam tido. Teria sido um lapso? Um lembrete? – Se concentre no diário, Ricky.

Ele esperou que a enfermeira se afastasse antes de abrir a boca de novo.

Kay parecia muito, muito cansada. A cabeça mal se equilibrava no pescoço, os olhos estavam vermelhos, as mãos tremiam em cima da mesa. Parecia uma tortura ainda maior mantê-la ali. Deveriam pelo menos deixá-la descansar e se recuperar um pouco.

Talvez tivesse sofrido alguma perda de memória. Talvez estivesse atordoada. Ele esperou, mas seus pensamentos estavam a mil. Seu joelho se mexia sem parar sob a mesa e seu giz de cera permanecia imóvel sobre o papel, como se Ricky estivesse tentando pensar em algo para dizer, sem saber se era uma boa ideia contar a respeito da voz que acabara de ouvir. Aquilo poderia fazer parecer que estava

entrando em parafuso, o que tornaria o dia ainda mais difícil para Kay, piorando ainda mais as coisas.

– Quer saber? – ela falou, desenhando uma espiral no papel. – Acho que meu pai não é má pessoa. Sei que não é. Às vezes a pessoa fica obcecada com uma coisa e não consegue pensar em mais nada. No meu caso, só queria que ele ficasse feliz. Não é um pensamento tão ruim assim, certo? Eu fazia de tudo para isso, e por um tempo funcionou.

A voz de Kay soou mais firme do que Ricky esperava. Aquilo lhe deu esperança de que ela tivesse voltado ao normal, ou pelo menos ao que ele conhecia como normal.

– Mas meu pai não pensava assim. Achava que devia fazer de tudo para deixar Deus feliz, e o que deixa Deus feliz não é o que me deixa feliz. Não mesmo. Às vezes, para fazer uma pessoa feliz, a gente é capaz de qualquer coisa, mesmo que provoque um sofrimento pessoal profundo.

Fosse ou não verdade, Ricky sacudiu a cabeça. Ele deu uma olhada nos outros. Sloane estava lá, mas não parecia muito interessado no diário. Só olhava feio para Ricky. Angela e Patty escreviam compenetradas, ou pelo menos era o que parecia. A enfermeira Ash estava em silêncio perto da porta ao lado de sua superior, a enfermeira Kramer, o que para Ricky estava bom. Qualquer coisa era melhor que o olhar do diretor sobre ele.

– Ele é que deveria querer deixar você feliz – Ricky disse baixinho. – Você deveria ser a principal preocupação dele. Você e sua felicidade.

Kay encolheu os ombros.

– Você já passou por isso antes?

Ricky sabia muito bem o que ela estava sentindo. Ou pelo menos achava que sim. Duvidava que houvesse muita variação no “tratamento”.

Ele assentiu com a cabeça.

– No Hillcrest. Era um lugar bem tranquilo na maior parte do tempo, mas pegaram pesado comigo no fim. Eles te mostram fotografias e aplicam choques caso fique excitado com as coisas erradas – contou Ricky, gaguejando um pouco. Era impossível falar sobre o assunto sem mostrar toda a sua repulsa, mas talvez aquilo fosse necessário. – Você vê um cara bonitão e seu brinquedinho sobe? *Bum*. Choque. No lugar mais sensível.

Aquilo fez Kay abrir um sorriso. Ela era muito bonita, talvez até mais do que Diana Ross, se podia parecer tão angelical mesmo com os cabelos naquele estado.

– Pois é.

– Às vezes eu não conseguia fazer meu corpo cooperar nem quando não estava gostando da apresentação de slides. O que acontece da minha cintura para baixo não é uma ciência exata – ele acrescentou, querendo fazê-la sorrir de novo. Conseguiu, e ela até deu uma risadinha.

Eles ficaram em silêncio por um tempo depois disso, e então Ricky contou o que conseguia se lembrar de sua conversa com a enfermeira Ash. A que tiveram antes que ela perdesse a memória ou o que quer que houvesse acontecido. Talvez o diretor tivesse feito uma lavagem cerebral nela ou coisa do tipo. Parecia absurdo, mas Ricky não achava que a enfermeira estivesse tentando enganá-lo ou provocá-lo.

*O diretor é um carniceiro. Um monstro. Pronto, enfermeira Ash, pus isso por escrito, para não esquecer. Está contente agora?*

Kay espiava de tempos em tempos enquanto ele escrevia, mas Ricky não se importava. Quando terminou, esperou que a enfermeira Ash se distraísse para arrancar a página do bloco e prender no elástico da calça, como fizera com a ficha do paciente. Eles começariam a revistá-lo com mais frequência? O que o diretor quis dizer quando falou em “privilégios”?

Estremecendo, escreveu algumas palavras muito mais banais no bloco.

– Você está bem? – perguntou Kay, com o giz suspenso no ar.

– Claro – respondeu Ricky. – Na verdade, não. Estamos em um manicômio, então isso é meio relativo, mas com certeza estou pior do que estava quando cheguei.

Ela balançou a cabeça devagar, aproximando o rosto da mesa. Para qualquer um que observasse a cena, ficaria evidente que estava prestes a murmurar um segredo.

– É por causa dos sonhos? – ela perguntou, molhando os lábios em seguida. – Dos pesadelos?

– Todas as noites saio vagando pelo Brookline. Tem um barulho como um tambor, ou um coração batendo, que eu não consigo deixar de seguir, assim como da primeira vez, quando pensei que estivesse acontecendo de verdade. Agora nem sei se não foi real mesmo. *Pareceu* ser. Não dá para notar a diferença.

– E você vai lá para o porão – ela acrescentou, arregalando cada vez mais os olhos escuros.

– Onde tem uma garotinha...

– Na última cela à direita. – Kay se recostou na cadeira, erguendo a mão como se fosse morder a ponta do giz de cera. Então se deu conta do que era e cravou os dentes no dedo. – É uma tremenda coincidência.

– Pois é – disse Ricky. A enfermeira Ash não olhava para eles. Estava distraída com a enfermeira Kramer, que mostrava alguma coisa em sua prancheta. Era o momento perfeito. – E tem mais, Kay. Muito mais.

– Nem sei se quero ouvir – ela falou, remexendo-se um pouco na cadeira e se inclinando para a frente. – Mas pela sua cara dá para perceber que precisa desabafar.

– Eu não tive a chance de contar ontem, mas o diretor finalmente mandou me chamar. Ficou falando um monte de coisa sobre gênios, que é uma tristeza eles morrerem. Pois é, não precisa me olhar assim, para mim também não fez o menor sentido. O que importa é que senti que ele estava querendo me selecionar para alguma coisa. Alguma coisa estranha. Disse que não quer me mudar. Tipo, não quer fazer com que eu pare de gostar de outros garotos. O que você acha que significa?

– Isso não me parece certo. Porque *com certeza* ele quer me mudar. Na verdade, está fazendo de tudo para isso. Não é nada justo!

Os olhos dela faiscaram de raiva, então Kay desviou o olhar, para que Ricky não pensasse que o problema era com ele. Talvez ela tivesse bons motivos para odiá-lo. Talvez o fato de ele ser um “bom” menino branco de uma boa família branca fosse o que garantisse o favorecimento do diretor. Mas não era o que parecia. John-John também parecia mais do que infeliz com seu tratamento.

Ricky ainda não fazia ideia do que o diretor queria com ele.

– Não é que eu tenha gostado – ele falou, meio na defensiva. – Ele me levou para o porão.

– E aí? – Kay quis saber. – O que tinha lá?

– Era igual ao sonho, só que não tão assustador, acho. Tinha auxiliares lá embaixo, e alguém se arremessava contra uma porta. O diretor ia me mostrar a cela... a da garotinha... aí a enfermeira Ash apareceu e me arrancou de lá.

Deus do céu, aquilo parecia maluquice pura quando dito em voz alta. E era *mesmo*. De qualquer modo, era bom conversar com alguém que o escutava e acreditava nele. Mesmo com a iluminação forte, era possível ver um brilho angelical em torno de Kay, que conferia à conversa um ar de sacralidade. De confissão. Ao contrário de todos os sacerdotes que Ricky conheceu, a presença dela o tranquilizava.

– Juro que é tudo verdade – Ricky acrescentou baixinho.

– E depois?

– A enfermeira Ash me arrastou de volta para o quarto, e o diretor ficou bravo. Tipo, furioso mesmo. Ela me falou que o diretor era sinônimo de problemas, que eu não deveria dar ouvidos a ele. Um monstro. Foi assim que ela o chamou. Um carnicero e um monstro. Ela me fez prometer que nunca mais desceria ao porão com ele. Aí hoje foi como se nada tivesse acontecido. Ela agiu como se eu tivesse inventado tudo! Parece que eles estão se esforçando ao máximo para fazer com que eu me sinta um maluco.

Kay ficou em silêncio por um bom tempo. Ele deveria ter previsto – aquela história parecia bizarra até

para ele, que a vivera. O momento de tranquilidade estilo confessional poderia se desfazer a qualquer momento. Kay refletiu a respeito por um ou dois minutos, girando o giz de cera verde nos dedos. As unhas dela estavam curtas e quebradas, pelo que ele pôde ver, como se tivessem sido roídas de nervoso, como seu lábio inferior.

– O que foi que você acabou de guardar na sua calça? – ela perguntou.

– Eu queria anotar o que a enfermeira Ash me falou ontem. É tudo verdade, Kay, juro. Por que inventaria uma coisa dessas?

– Acho que você não faria isso, Ricky. Por outro lado, a gente não se conhece muito bem. Fazer amizades aqui é... Você sabe, nem sempre é fácil. Ou uma boa ideia. Você conhece a pessoa... começa a gostar dela... e de um dia pro outro ela some. É levada embora, recebe alta ou faz tanto mal a si mesma que não pode mais ser salva. Qual é o seu caso?

– O da pessoa que é levada embora – ele respondeu sem pestanejar. – Porque estou bem. Porque aqui não é meu lugar. Você sabe que nós só somos diferentes. Isso não significa que somos doentes.

Ela suspirou profundamente e baixou a cabeça em direção à mesa, soltando o ar até ficar quase sem fôlego. Em seguida voltou a morder a unha. Precisava se livrar do mau hábito.

– O que você vai fazer?

– Você acredita em mim?

Ela levantou a cabeça lentamente, então a abaixou no que por fim se revelou uma espécie de aceno positivo.

De repente, Ricky se sentiu culpado outra vez, despejando histórias pesadas sobre ela depois de uma manhã de tratamento doloroso. Kay escutara tudo. E acreditara. Uma aliada forte assim era tudo o que qualquer um poderia querer.

– É coisa demais para ser invenção – ela falou. – Mesmo no seu caso.

– Nem vou me ofender por isso.

Eles trocaram um sorriso, mas foi bem breve. O coração de Ricky foi parar na boca, e depois no dedão do pé. Houve uma agitação junto à porta do salão. As enfermeiras abriram passagem e o diretor passou por elas com um sorriso suave. Não foi preciso muito tempo para que localizasse o paciente de quem estava atrás.

– Você não respondeu à minha pergunta – insistiu Kay.

– O que eu posso fazer? O que mais me resta fazer? Preciso sair daqui de um jeito ou de outro, e não vou conseguir fazer isso sozinho.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 16

– **V**ocê quer que a gente faça o *quê*?

Ricky caminhava atrás do diretor, tentando não pisar no calcanhar do homem. Eles saíram do salão e atravessaram o corredor a passos lentos, com o diretor mantendo o tempo todo as mãos atrás das costas.

– É uma espécie de terapia – contou o diretor, com um tom diferente do grave habitual. A voz dele impunha respeito, mas também era suave, como a primeira camada de gelo sobre um lago no inverno, por um instante convidativa, e logo em seguida sombria e perigosa.

Ricky já tinha notado essa transformação quando o diretor perdeu as estribeiras com o irmão e mais tarde com a enfermeira Ash. Naquele momento, o jovem se perguntava se aconteceria de novo. Mas o diretor parecia satisfeito em caminhar um pouco e parar, caminhar um pouco e parar, detendo-se diante das fotografias penduradas nas paredes.

– Certas instituições fazem de tudo para separar os pacientes – ele disse a Ricky, aproximando-se de uma das fotografias emolduradas e estendendo a mão para remover um grãozinho de poeira minúsculo do vidro. – Considero essa abordagem contraproducente. Um membro funcional da sociedade deve ser capaz de interagir com seus semelhantes. Realizamos esse teste aqui de tempos em tempos, para medir o progresso dos pacientes, permitindo certo grau de socialização e cooperação. Minha carreira toda vem sendo dedicada a encontrar uma solução mais branda e suave para as práticas bárbaras utilizadas por meus predecessores.

Mais branda. Suave. Parecia ótimo, principalmente se significasse nunca mais se submeter à terapia de choque.

– Acho que os outros não estão tão mal – admitiu Ricky. – Quer dizer, Angela e Patty têm seus momentos, mas nunca tive problemas com elas.

– É muita gentileza sua dizer isso, sr. Desmond, obrigado.

*Na verdade não foi um elogio, mas tudo bem.*

– Disponha – disse Ricky, acrescentando o tom sarcástico apenas em pensamento.

– Da mesma forma, você não vai ter problema em organizar uma breve apresentação para o evento. Um esquete. Nada muito elaborado. Só uma pequena demonstração do bom trabalho que fazemos, uma prova de que nossos pacientes estão estáveis e evoluindo, sendo capazes de trabalhar juntos.

Ficar a cargo da “apresentação” parecia mais um “privilégio”, e Ricky não gostou nem um pouco dele. Não sabia o que responder, e sentiu que seria forçado a fazer aquilo mesmo contra sua vontade, mas foi salvo quando alguma coisa na parede chamou a atenção do diretor.

– Eu adoro isso.

Só faltou o diretor babar sobre a foto pendurada na parede.

Ricky deu uma olhada. Não havia nada ali que pudesse ser adorado. Era um paciente deitado de perfil, olhando para o teto, com o que parecia ser uma tesoura acima do seu corpo.



– Hã...

*Corra. Se esconda.*

Ricky estremeceu. Mais do que nunca, queria seguir o conselho daquela voz, que não parecia vinculada a nenhum corpo presente.

– Não vai ser seu destino, imagino – disse o diretor com uma risadinha seca. – Não sou o responsável por esse trabalho, claro. Esse médico em especial era muito ativo. Fazia dezenas de tratamentos por dia, dezenas... – Ele suspirou e quando voltou a falar pareceu quase melancólico. – Esses dias ficaram no passado. Seus métodos foram substituídos por outros mais modernos, mas mesmo eu admito que havia algo de admirável no entusiasmo de Freeman. Espero poder conhecer esse homem algum dia.

Eles ficaram em silêncio. O diretor Crawford não parecia disposto a desgrudar daquelas fotos tão cedo. Ainda um pouco para trás, Ricky deu uma espiada na sempre presente prancheta debaixo do braço dele. O diretor parecia bem distraído... Com gestos lentos, Ricky virou para a direita, tentando enxergar os papéis presos à prancheta. O antebraço e o pulso do homem cobriam quase todas as palavras, mas ele conseguiu ler o cabeçalho.

Não pretendia ficar muito tempo no Brookline e em breve arrumaria um jeito de ir embora, mas a curiosidade falava mais alto. O que o diretor realmente pensava a seu respeito? O que *todos* eles pensavam?

Seu nome estava lá, em letra de forma, seguido por algumas informações básicas. Nada inesperado.

Seus olhos foram percorrendo o papel, fazendo força para decifrar a caligrafia apertada que preenchia linha após linha. A maior parte era ilegível, mas havia algumas que ele conseguia entender.

*Pretensioso. Arrogante. Tudo conforme previsto. Mudar para F2 em breve e aplicar primeira dose.*

Ricky engoliu em seco, afastou os olhos da prancheta e deu um passo apressado para trás, só então percebendo que, silenciosa e discretamente, o diretor havia se virado para observá-lo. Era bizarra e perturbadora a maneira como a cabeça do homem estava virada apenas em parte para Ricky, como se fosse um boneco com o pescoço torcido.

Bom, se ele era tão *pretensioso* e *arrogante* assim, talvez ninguém sentisse sua falta quando desse o fora dali.

– Sobre esse esquete... – Ricky começou a falar, talvez um pouco alto demais, torcendo para que o diretor não o tivesse observado por muito tempo. Não fazia ideia de como interpretar o que lera, mas nada ali parecia muito encorajador. Ir embora era a única opção possível, e ele queria fazer aquilo no mesmo instante. De alguma forma, precisava conseguir seu telefonema, antes da F2 e da primeira dose, o que quer que significasse. – ...você, hã, quer que eu mesmo o escreva?

O diretor se afastou distraidamente da foto e corrigiu a estranha posição de cabeça, seguindo em frente pelo corredor, com um sorriso distante no rosto.

– Não, a enfermeira Ash está com o roteiro. Tenho certeza de que você vai causar uma ótima impressão.



O texto era moralista e tedioso como Ricky imaginava. O único lado bom era que servia de pretexto para passar mais tempo com Kay, embora os dois fossem vigiados de perto.

– Vocês têm quatro dias – a enfermeira Ash dissera quando lhe entregara um maço de brochuras.

Eram os roteiros datilografados. Ele notou alguns erros de digitação na folha de rosto.

– Quem foi que escreveu isso? – indagou Ricky, indignado.

Ele e os demais pacientes convocados para participar estavam na sala de recreação. Angela e Patty se ocupavam de examinar os elementos de cena e as caixas com os figurinos.

– O diretor – ela respondeu com um leve sorriso. Então deu uma piscadinha discreta e acrescentou: – Acho melhor ele não abandonar a medicina.

Ricky abriu um sorriso. A companhia teatral era composta por ele, Kay, Angela, Patty, Dennis e Tanner. Era um alívio que Sloane não estivesse envolvido – o velhote era assustador e, depois de ter evitado Ricky por tanto tempo, sua mania de encará-lo e fazer cara feia era ainda mais desconcertante. Eles ficaram reunidos em torno dos elementos de cena e das caixas com os figurinos enquanto Ricky examinava o roteiro. Era pior do que esperava, em especial no que dizia respeito aos diálogos. Os personagens pareciam ser garotos-propaganda de clínicas psiquiátricas.

– Vamos precisar falar essas coisas na frente de outras pessoas? – murmurou Kay, franzindo a testa ao ler uma das falas. – Quero um papel pequeno. Não importa que sejam desconhecidos. Isso é vergonhoso.

– Você pode ser a Menina Dois – Ricky falou com um risinho de deboche. – Quanta criatividade.

– Isso é ridículo – concordou Tanner. Ele fechou seu roteiro, fez cara feia e olhou para as portas do salão.

A enfermeira Ash os observava placidamente, sem notar, ou sem querer notar, a silhueta esguia posicionada logo atrás – o diretor. Ele estava de olho em tudo. Mesmo à distância, Ricky conseguia sentir o olhar gelado do homem sobre si.

Era melhor não perder tempo. Ele bateu palmas, imitando a sra. Calloway, a estranha professora de teatro de sua escola. Ela sempre era alvo de piadas, com seus cabelos armados e seus óculos de gatinha.

Parecia mais um inseto zumbindo pelos corredores do que a diretora de uma companhia teatral. Teatro foi uma das atividades extracurriculares que ele experimentou e logo largou, cansado de ser chamado de “atração de circo” por Butch sempre que chegava em casa depois dos ensaios.

– Agora eu virei atração de circo mesmo, Butch, e a culpa é toda sua por ter me colocado aqui – Ricky falou para si mesmo, o que lhe deu uma ideia.

Todos eles estavam sendo vigiados, mas mesmo assim seria possível acrescentar um pouco de graça àquele esquete, tomando cuidado. Ele se aproximou de Kay, observando enquanto Angela e Patty vestiam jalecos grandes demais para elas e davam risada.

– Está disposta a quebrar as regras mais uma vez? – perguntou.

– O que você tem em mente?

– Eu vi uma coisa escrita na prancheta do diretor Crawford – confessou Ricky. – Sobre mim. Sei que falei que vou arrumar um jeito de dar o fora daqui, e precisa ser depressa. Mas antes eu quero ver o que eles andam escrevendo a meu respeito, e preciso da sua ajuda para isso.

– Por que não vamos logo embora? – ela questionou.

– Nós vamos. – Ricky falou, quase como uma promessa. Porém, era impossível ignorar a sensação de que o diretor estava brincando com ele. Por que ser tão gentil e permissivo se o considerava só um moleque pretensioso e arrogante? Havia alguma coisa errada com aquele homem, com o Brookline, e Ricky precisava descobrir o que era antes de ir embora para sempre.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 17

—E ra isso que você estava procurando?

A enfermeira Ash parou na porta diante dele, relutante. Ricky conseguia ver o porquê – lá dentro estava um breu.

Os últimos dias tinham se passado de forma surpreendentemente tranquila. Dirigir o esquete o deixara ocupado e até proporcionara algum divertimento. Aquilo o fizera se lembrar de que gostava de verdade das aulas de teatro antes de Butch começar com seus comentários. E era bom ter uma atividade em que não só podiam como *deviam* falar, mesmo que as palavras não fossem suas, e sim do diretor.

Além disso, o esquete lhe deu maior liberdade com os funcionários. Ele ainda não tinha um plano concreto. Na verdade, eram pequenas ideias isoladas, mas uma delas poderia funcionar. Não ia desistir enquanto não conseguisse telefonar para casa. Com o evento se aproximando, esperava que a agitação e a vigilância relaxada lhe proporcionassem uma boa oportunidade, e queria estar pronto para aproveitá-la, fosse qual fosse.

Enquanto isso, encarava a rotina de ensaios, refeições e noites geladas, atormentado pela desconfiança. Quando iria para a F2? O diretor pretendia lhe dar uma dose de quê?

– Não dá para saber, com a luz apagada – respondeu Ricky, então a enfermeira Ash entrou e puxou um cordão que descia do teto.

Mesmo com a lâmpada acesa, aquele era um lugar escuro. Ricky nem sabia que existia. Ligado ao salão por um corredor úmido, parecia mais uma caverna do que um depósito. A enfermeira Ash acendeu outra luz mais adiante, que piscou algumas vezes antes de pouco a pouco ganhar vida. Era possível ver mesas e cadeiras sobressalentes, bandejas e luminárias, tudo escondido nas sombras. Alguns manequins para treinamento médico estavam apoiados em suportes, bloqueando o caminho. Um deles estava inclinado precariamente para a frente, com a cabeça virada de um jeito que o fez lembrar do diretor.

Sempre de olho. Sempre observando.

Ricky estremeceu e foi abrindo espaço em meio às tralhas que atulhavam o chão.

– Está vendo alguma coisa aqui que possa servir? – ela perguntou. – Sei que você falou que queria mais figurinos, mas o esquete não precisa ser lá muito elaborado.

– Pensei que o diretor quisesse que a gente causasse uma boa impressão – rebateu Ricky. Ele ficou surpreso por ter recebido permissão para vasculhar o antigo depósito. Talvez fosse hora de reavaliar suas chances de conseguir um favor dela. – Estou dando meu melhor aqui – ele acrescentou, com sinceridade. – Você me falou para manter a cabeça baixa e seguir as regras. É exatamente o que estou fazendo. Cumprindo as ordens.

– Tem razão – respondeu a enfermeira. – É bom que esteja levando esta responsabilidade a sério. Você tem tendência a ser... bom...

– Pretensioso? – arriscou Ricky. – Arrogante?

– Hum, não eram essas palavras que eu ia usar.

Então talvez ela não tivesse visto as anotações do diretor, ou não lhe causaram o mesmo impacto que nele.

– Que tal “petulante”?

A enfermeira Ash seguia atrás dele, com os saltos batucando baixinho enquanto se deslocavam pelo chão coberto de coisas.

– Achei que poderia ter algumas perucas velhas e casacos aqui. A enfermeira Kramer contou que os funcionários costumavam fazer uma apresentação de Natal para os pacientes.

– E por que pararam? – perguntou Ricky, agachando-se para ver um dos manequins. Estava etiquetado

e dividido em seções, como um esquema de açougueiro mostrando os diferentes cortes de carne.

– Por causa de algum incidente, com certeza – ela falou. – Nunca fiquei sabendo da história toda.

– Bingo! Aqui está.

Ele viu uma fileira de caixas que chegavam à altura de seus joelhos, com uma peruca escura por cima. Uma de suas ideias, aquela que o levara até ali, era conseguir um uniforme para poder se passar por um auxiliar. Ricky podia aproveitar o evento para sair discretamente e fugir (o que era difícil) ou pelo menos chegar à sala de espera do escritório do diretor Crawford para usar o telefone (ainda difícil, mas não impossível). A vantagem da segunda opção era poder examinar as anotações do diretor sobre ele – e com sorte obter mais informações sobre o outro Desmond.

(Se ele visse que nenhuma daquelas opções ia funcionar, outra ideia era encontrar o convidado que parecesse mais bonzinho e contar sua história. Na verdade, ele era um menino mal compreendido, e só precisava entrar em contato com sua querida mãe, a sra. Desmond, na Boylston Street, em Boston, para dizer que queria voltar para casa.)

Seu estômago se revirou ao pensar em Kay caso pusesse em prática qualquer uma dessas ideias. Como ele a tiraria do Brookline? Dizia a si mesmo que, caso fosse bem-sucedido em sua tentativa, teria os recursos e a liberdade necessários para criar um plano de fuga mais ousado para ela.

Por ora, precisava se concentrar em achar algo parecido com as camisas brancas do uniforme que os auxiliares usavam. Uma peruca seria útil também, caso quisesse chegar ao portão sem ser abordado.

A lâmpada atrás dele espocou, estalou, piscou, mas continuou acesa. A enfermeira Ash tropeçou em alguma coisa e praguejou baixinho. Ele ouviu passos no andar de cima, lentos e arrastados, como se alguém estivesse andando de um lado para o outro, num batucar abafado que atravessava as paredes grossas e as camadas ainda mais grossas de poeira do velho depósito. Ele se perguntou quantos locais como aquele haveria no Brookline, salas escuras e sujas que habitavam as entranhas da fachada imaculadamente branca.

Ricky subiu em uma caixa de papelão fechada, perto do pequeno tufo de cabelos visível a poucos passos de distância. Estava mais escuro ali, além do alcance da luz fraca. O incômodo provocado pela poeira se acumulava na garganta, o que fez com que se lembrasse do ar quase irrespirável na sala dos arquivos. Mas ele estava perto de seu objetivo e seguiu em frente apressado, ansioso para voltar à luz com o que quer que encontrasse.

Ricky contornou as caixas e então deteve o passo, sentindo o sangue gelar em suas veias. Um homem? Um cadáver? Um homem, pálido e frágil, de constituição estreita, sentado em um espacinho vazio entre as caixas. Suas mãos seguravam os joelhos, puxando as pernas junto do peito. Ele ouviu a chegada de Ricky imediatamente. Os cabelos escuros e desarrumados se agitaram, então ele ergueu a cabeça com os olhos arregalados e a boca escancarada. Seus olhos eram enormes e pretos, e estavam molhados de lágrimas.

– Desculpe, não me levem para o porão de novo – sussurrou o homem, com o rosto marcado de vergões, nos locais onde suas unhas haviam atingido a própria carne. Suas mãos tremiam quando ele ergueu um bisturi, o sangue escorrendo dos dedos. – Eu me comportei muito bem. Fiz tudo o que pediram! Fiz tudo o que pediram, não me obriguem a fazer isso. Eu não posso! Desculpe, desculpe...

– Ricky! Ricky?

Alguém o estava sacudindo. De repente, não era mais possível determinar se ele estava olhando para o homem esquelético de cima ou se estava caído no chão ao lado dele, desmaiado. Sim, ele estava definitivamente no chão. Dava para sentir o cimento gelado sob a palma da mão e a camada de poeira que subia até as juntas dos dedos. Como havia caído? A enfermeira Ash ainda o sacudia, e em seguida levou a mão à sua testa para ver se estava com febre.

O homem tinha desaparecido.

– Eu vi...

*Não, não fale nada. Eles não são seus amigos. Não podem saber.*

– Fiquei tonto de repente – mentiu Ricky.

– Você está gelado – murmurou a enfermeira Ash. – Não é febre. Tomou café da manhã?

– Não – ele mentiu de novo. – Eu... não estava com fome. Acho que desmaiei ou coisa do tipo.

– Nem me fale. Você despencou como um saco de cimento. O que estava dizendo, aliás? – ela perguntou, ajudando-o a se levantar devagar.

– Eu? – Ricky abriu e fechou a boca por alguns segundos, olhando para o local vazio no chão onde o homem estivera escondido. Ele era capaz de jurar que havia a marca de um corpo ali, na grossa camada de poeira. – Acho que não estava dizendo nada.

– Você gritou alguma coisa antes de cair – a enfermeira contou, preocupada, segurando com força seus braços enquanto o afastava das caixas. Não havia peruca nenhuma, era possível ver agora. Nunca houvera. – Você parecia muito assustado, Ricky. Soou como um pedido de socorro.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 18

O refeitório estava com uma iluminação bem diferente, mais acolhedora, e o ar parecia carregado com o cheiro apetitoso de carne assada e molho de ervas. Aperitivos reluziam nas mesas de jantar alinhadas ao longo do salão de festas improvisado.

O cheiro da comida, que em geral deixaria Ricky com água na boca, provocou um enjoo forte e um aperto no estômago. Ele não havia comido nada naquele dia. Nem no anterior. Seus pés pareciam pesados sobre os sapatos que os pacientes usavam naquela noite – e apenas naquela noite. Estava nervoso e quase anestesiado, com as costas apoiadas na parede.

– Que absurdo – comentou Kay ao seu lado.

Ela e os demais pacientes admitidos no evento de gala do diretor estavam com camisa branca e calça social, no caso dos homens, ou camisa branca e uma saia preta e discreta no caso das mulheres. Ela se remexeu dentro das calças, parecendo contrariadíssima. Era um claro insulto da parte do diretor, mas Ricky conseguiu abrir espaço em meio à névoa que encobria seus pensamentos para dizer que ela estava bonita mesmo assim. Os demais pacientes esperavam ansiosamente, observando os convidados se misturarem e se empanturrarem. Ele estava de olhos abertos à procura de algum convidado que pudesse se revelar simpático à sua causa, mas até o momento não havia encontrado nenhum. Kay parecia concordar.

– Estão todos se divertindo. Acho que para eles nem somos gente. Acha que algum desses palhaços vai perder o sono por causa do que viu aqui?

– Não. Eles vão para casa dormir profundamente em seus colchões cheios de dinheiro e vão acordar de manhã sem nenhuma preocupação no mundo. Aliás, dá uma olhada na faixa. – Ricky apontou para uma faixa gigante pendurada sobre a porta da área comum, onde estava escrito em letras berrantes:

SALVEM NOSSOS DOENTES – ALIMENTOS E LEITOS MELHORES PARA O BROOKLINE

– Eles pensam que estão fazendo um favor para nós – comentou Ricky. – Não que eu fosse reclamar se a comida fosse melhor...

– Pois é, mas acho que são todos infelizes. Só não se dão conta.

Ricky abriu um sorriso ao ouvir isso.

– Você sempre vê o lado bom das coisas.

– Quando é que vamos encenar essa peça? – ela questionou.

Os poucos elementos de cena estavam escondidos em um saco de pano ao lado de Ricky. Os atores lançavam olhares ansiosos para ele em busca de instruções. Ricky não sabia o que fazer, por isso evitava olhar para eles.

– Daqui a pouco, espero – ele falou. Sem conseguir encontrar um disfarce convincente, estava vasculhando desesperadamente o salão com os olhos, à espera de um sinal de que os auxiliares tinham baixado a guarda... e de que conseguiria sair sem ser notado. – Você ainda está dentro?

– Sim, só que estou ficando cada vez mais nervosa a cada minuto que passa – Kay respondeu baixinho. – Seria uma pena causar uma boa impressão e depois desperdiçar a boa vontade conquistada com um plano fracassado.

– Se não funcionar, acho que a gente vai ter muito mais com o que se preocupar do que isso, Kay. Está parecendo cada vez mais que é agora ou nunca.

Ricky não contou para ela sobre ter visto o fantasma ou o que quer que fosse no depósito. Seu medo, que o incomodava quase tanto quanto o que o diretor havia escrito na prancheta a seu respeito, era de que, quanto mais tempo ficasse ali, mais tempo *precisasse* ficar. O Brookline o estava enlouquecendo.

– Se eu... se eu não conseguir escapar, não quero que você volte por minha causa – ela murmurou, olhando para o chão.

– Kay, eu jamais a deixaria para trás. Deve ter algum jeito de nós dois conseguirmos escapar. Você pode me passar uma lista dos seus parentes, os mais legais, que concordariam em vir ver sua situação.

Era uma esperança remota, e ambos sabiam disso. Provavelmente, ninguém além do pai dela tinha autoridade para tirá-la do Brookline.

O diretor entrou por uma porta à esquerda, o que silenciou a conversa. E não só a deles. Um burburinho de curiosidade começou a ser ouvido entre os presentes. Ricky não conseguia acreditar no número de pessoas reunidas ali. A maioria era de idade, mas viu alguns jovens também.

Uma moça praticamente correu na direção do diretor. Era baixa e curvilínea, com cabelos escuros e diversos colares pendurados no pescoço. Devia ser uma universitária.

De acordo com a etiqueta de um evento de gala, os convidados usavam apenas preto e branco, mas aqui e ali Ricky via algum toque de vermelho escondido em uma lapela ou em um colar. Alguns usavam pequenos broches vermelhos também, mas nem todos.



O diretor examinou a comida e a bebida, começando a conversar em seguida com a moça de cabelos escuros que o interceptara.

Ricky não estava muito interessado no que os dois tinham a dizer um para o outro, então voltou sua atenção para a porta. Não havia música, mas as conversas em voz baixa pelo salão forneciam uma trilha sonora para seus pensamentos. Havia apenas um auxiliar na porta, atento, mas não exatamente

concentrado em sua tarefa, a julgar pela maneira como olhava para a moça de cabelos escuros que falava com o diretor.

As enfermeiras circulavam entre os convidados, a maioria com sorrisos abertos enquanto desempenhavam o papel de garçonetes aquela noite.

Não era uma supervisão leniente, não com a enfermeira Ash tão próxima, mas não parecia haver *muitos* auxiliares e enfermeiras por lá. Talvez depois de apresentar o esquete Ricky conseguisse chamar a atenção de algum convidado; por ora, nenhum deles se aproximava dos pacientes. Ele e seus colegas eram observados e esquadrinhados à distância. Estavam todos “domados”, claro, mas nem por isso deixavam de ser internos de um manicômio.

A maioria dos auxiliares e enfermeiras devia estar espalhada por outros lugares do prédio, mantendo os pacientes tranquilos e sob controle para não perturbar os convidados. Ordem e disciplina. Era assim que o Brookline funcionava.

Se qualquer coisinha saísse dos trilhos, Ricky sabia que o diretor exigiria de sua equipe uma ação imediata. Depois de tanto trabalho e preparação, nada podia dar errado.

– Vou pedir para guardarem um pedaço de bolo em troca de toda a sua dedicação – falou a enfermeira Ash, aproximando-se deles e abrindo um sorriso encorajador. – Estou ansiosa para ver o esquete.

– Quando vamos começar? – perguntou Patty. Ela estava ao lado de Kay e parecia cada vez mais agitada. A camisa branca não lhe caía bem, e a barra da saia, que deveria ir até os tornozelos, chegava a roçar no chão em seu corpo baixo e atarracado. Os olhos grandes e azuis dela pareciam um pouco vesgos, sugerindo que talvez precisasse de óculos, mas não podia usá-los no manicômio. – A peça... Quanto tempo ainda vamos ter que esperar? Estou morrendo de fome...

– Com certeza não vai demorar muito – Tanner falou ao lado dela, olhando para a frente atento e concentrado, como se estivesse fazendo de tudo para ignorar a conversa e os aromas que tomavam conta do ambiente.

Do outro lado do salão, a moça de cabelos escuros jogou a cabeça para trás e deu risada com gosto de alguma coisa dita pelo diretor. O espaço entre seus dentes era tão acentuado que Ricky conseguiu vê-lo mesmo à distância. Em seguida, ela saiu pela porta por onde chegavam os últimos convidados. Um instante depois reapareceu, carregando um pequeno gongo com uma baqueta de ponta redonda e macia. Ela ergueu o instrumento e bateu em sua superfície duas vezes, com um sorriso no rosto.

Imediatamente os convidados ficaram em silêncio, e Ricky sentiu mais uma vez que não fazia ideia do que estava acontecendo ali.

– Formalidades – disse o diretor, quase como quem pede desculpas. – Se os principais doadores puderem fazer a gentileza de me acompanhar...

Ele usava um paletó preto formal, com uma camisa branca quase sem colarinho. Um pequeno broche vermelho reluzia no lugar onde deveria ficar o lenço. Ricky observou que um grupo de mais ou menos uma dezena de convidados se separou dos demais e saiu em fila indiana. Todos usavam os broches vermelhos reluzentes.

– Vamos ter que esperar ainda mais? – resmungou Patty, inquietando-se. Kay tentou colocar a mão em seu ombro para acalmá-la, mas foi imediatamente rejeitada. – Estamos prontos há um tempão. Acho melhor aproveitar o momento. Estamos aqui para fazer uma apresentação, não?

Ricky pensou ter visto um brilho de malícia ou raiva nos olhos de Patty, mas não tinha certeza daquilo. Um homem alto, de boa aparência, sorriso fácil e cabelos avermelhados se destacou dos demais, estendendo a mão para o diretor, que o cumprimentou antes de conduzir os Broches Vermelhos para fora.

– Aonde é que eles vão? – murmurou Kay.

– Contar o dinheiro? Quem é que sabe? Essa pode ser a distração de que precisávamos – ele respondeu.

A enfermeira Ash o encarou, sorriu e fez um gesto para o meio do salão, pedindo que começasse a

apresentação.

Ricky foi às pressas até ela, quase engasgando com a nuvem de perfume que vinha dos convidados.

– O diretor nem está aqui – ele murmurou. – Não é melhor esperar?

– Ele já volta, com certeza. As coisas estão um pouquinho atrasadas, é melhor vocês começarem.

Ricky fez que sim com a cabeça. Ele não queria se importar com a ausência do diretor em sua apresentação idiota, mas era irritante saber que o homem o tinha feito preparar tudo aquilo para depois nem se dignar a ver.

Ele se voltou para seu elenco, todos parecendo absolutamente desinteressados, com exceção de Patty, que estava se contorcendo de ansiedade.

– Vamos lá – murmurou Ricky.

– Atenção, por favor – disse a enfermeira Ash, acenando para os convidados e pedindo que ficassem em silêncio. – O diretor Crawford solicitou a nossos pacientes que mais progrediram que fizessem uma breve apresentação para os senhores. Certamente é uma satisfação para eles receber um instante de sua atenção.

Ricky reconheceu os olhares e as expressões de expectativa e ligeira irritação de pais que veem os filhos travessos cantando no recital anual da igreja ou da escola. Quase todos inclinaram a cabeça para o lado de forma condescendente, contorcendo os lábios e prontos para dizer: “Ah, que gracinha”.

Ele limpou a garganta e assumiu sua posição no espaço que foi aberto para os pacientes. Segurando um pedaço de papelão que emulava uma prancheta, ele apoiou o queixo no punho fechado com uma expressão pensativa e pronunciou sua primeira fala:

– O trabalho de um médico nunca termina. Curar os enfermos. Atender os feridos e incapacitados. Mas cuidar dos que sofrem das doenças que atingem a cabeça? – Ele fez um “HAHÁ!” exagerado e balançou a cabeça. – Os mistérios da alma e da mente são os maiores que existem no mundo.

Aplausos educados e discretos ecoaram pelo salão. Ricky virou para a direita, para o fundo do recinto, procurando por Kay, que daria a deixa para a fala seguinte.

– Meu primeiro paciente do dia! – ele exclamou, odiando cada palavra idiota que saía de sua boca. – Que estimulante! O primeiro mistério a ser solucionado!

Mas Kay não o escutava nem se preparava para entrar. Ela estava ocupada tentando empurrar Patty de volta para a parede com os demais. Pelo jeito, a mulher havia se cansado de esperar. Com as enfermeiras carregando bandejas e os auxiliares espalhados pelo prédio, Patty se dirigia tranquilamente para o meio dos convidados.

A plateia deu um passo atrás, abrindo bastante espaço. Alguns apontavam e riam, e Ricky ouviu claramente um homem dizendo para a esposa:

– Ah, que divertido! Eles vão fazer um showzinho!

Patty ergueu os braços e começou a recitar um discurso quase musical. Sua voz ressoou com uma clareza shakespeariana no salão de teto abobadado. A enfermeira Ash foi correndo até ela, enquanto as demais tentavam se desvencilhar das bandejas sem derrubar nada o mais depressa possível.

– Como são deliciosos os prazeres da imaginação! Nesses momentos de deleite, o mundo inteiro está a nossos pés; nenhuma criatura é capaz de resistir a nós – gritou Patty, ficando toda vermelha de empolgação com a atenção recebida. – Devastamos o mundo e o repovoamos com novos objetos que, no devido tempo, imolamos. Somos capazes de qualquer crime e cometemos todos eles, multiplicando o horror por uma centena.

A voz dela se tornou cada vez mais aguda, e duas enfermeiras a cercaram, tentando fazer com que se acalmasse sem precisar usar uma injeção para isso, já que estavam diante de uma plateia tão grande.

– O que a gente faz? – quis saber Kay, cobrindo a boca e soltando um suspiro.

– Vamos deixar rolar – respondeu Ricky, percebendo uma chance. Ninguém havia ficado encarregado de vigiar a porta. – Depois podemos agradecer pelo desempenho arrasador.

Kay sacudiu a cabeça negativamente, com uma expressão de tristeza. Aquilo o chateou um pouco, mas não havia tempo para hesitação. Se não fugisse naquele momento, talvez nunca mais conseguisse escapar.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 19

Ricky contornou a plateia, deixando Kay para trás com os demais pacientes. Dava para entender por que ela não queria se arriscar. A chance de serem pegos era grande e só aumentaria se estivessem em dois. Quando se aproximou da porta, Ricky lançou um olhar para ela, que tentava acalmar Dennis, que batia a testa na parede, agitado com a confusão.

Patty não estava disposta a desistir facilmente. Ela resistiu às enfermeiras que tentavam interromper seu surto. Ricky teve a impressão de que a mulher olhou para ele com um sorriso. No instante seguinte, chegara ao corredor, soltando um suspiro de alívio ao constatar que estava vazio.

Com passos apressados, seguiu até o acesso ao saguão principal. Era preciso ter cuidado. A entrada, por uma porta alta com uma janelinha de metal e uma tranca pesada, nunca ficava sem ninguém. Estava trancada, na certa, mas o saguão permanecia mal iluminado e silencioso depois de todos os convidados terem entrado. Pelo que dava para ver, não havia ninguém tomando conta do lugar.

Ele decidiu tentar a sorte e, secando as mãos suadas na calça emprestada, atravessou a porta. Não era difícil chegar à administração a partir dali. O corredor seguia em uma única direção, apesar da abundância de portas de ambos os lados, antes de terminar em uma porta pesada que dava acesso à sala de espera do escritório do diretor e, a partir dali, ao subsolo. Ricky sentiu os pelos da nuca se arrepiarem e diminuiu o passo, lembrando-se da voz que parecia segui-lo pelo manicômio e que vinha sempre depois daquele arrepio inquietante. Aconteceu de novo, mas ele estava determinado a ignorar os pelos dos braços se eriçando quando parou diante da sala do diretor.

Estava escuro lá dentro, mas a porta não estava trancada. Ele só não sabia se havia sido um descuido dos funcionários ou uma pressuposição arrogante de que o evento transcorreria sem problemas. Ricky não pensou duas vezes antes de entrar. Já havia chegado até ali e duvidava que o castigo por entrar em uma sala fosse mais severo do que aquele que receberia por ter fugido. E ele não seria pego, tentou dizer a si mesmo.

Correu até a mesa organizada, acendeu a luminária e lançou um olhar para o relógio do diretor. Deu a si mesmo três minutos. Mesmo aquilo parecia um risco. O que quer que encontrasse, teria que guardar de volta. Caso não conseguisse escapar, o diretor não poderia saber que estivera bisbilhotando suas coisas. Ele entrou em um frenesi, abrindo gavetas de forma aleatória à procura de uma prancheta, um bloco de anotações, qualquer coisa em que pudesse pôr as mãos.

Na última gaveta do lado direito da mesa havia pelo menos cinquenta pastas arquivadas. Etiquetas no alto de cada uma revelavam o sobrenome dos pacientes, em ordem alfabética. Ele viu uma com “DESMOND. R.” e a arrancou da gaveta. Havia encontrado o que queria, e ainda tinha dois minutos para deixar tudo em ordem antes de ir embora. Ricky a abriu e...

Estava vazia.

Ele ficou olhando para a pasta que deveria conter dezenas e dezenas de anotações, mas não havia nada lá. Em pânico, puxou outra pasta aleatoriamente. Aquela estava praticamente transbordando de tabelas, registros, observações feitas à mão...

O estranho miasma gelado o envolveu mais uma vez, e ele ficou paralisado. Poderia ser sua imaginação, mas parecia que passos se aproximavam pelo corredor. Felizmente, tinha fechado a porta ao entrar. Ele apagou a luminária de mesa e ficou parado no escuro, com os ouvidos em alerta e a respiração acelerada. Os passos estavam cada vez mais próximos.

*Corra, a voz spectral sussurrou asperamente em sua orelha outra vez. Se esconda.*

CAPÍTULO

Nº 20

Ricky fechou a gaveta procurando fazer o mínimo de barulho possível, agachou atrás da mesa e se aninhou em um canto. A parte frontal da escrivaninha era fechada e havia bastante espaço do outro lado para as pernas e os pés. Foi ali que ele se escondeu, com os joelhos colados ao peito, agarrado às duas pastas.

Por um momento, pensou que os passos fossem só imaginação sua, mas não: a porta se abriu em seguida, rangendo de leve. Ele prendeu a respiração, trêmulo e indefeso, esperando para ser descoberto.

Três pares de pés entraram. Um deles usava saltos, o que ficava evidente por causa do barulho que produziam contra o piso. Todos pararam diante da mesa, a poucos centímetros da tábua de madeira que os separava da cabeça de Ricky.

– Uma grande falha de segurança, Crawford. Você nem tranca a porta da sala? – questionou um homem com a voz grave e um tanto áspera, talvez por ser um fumante contumaz.

– Não seja ridículo, Roger. Nada acontece aqui sem que eu fique sabendo – disse o diretor.

– Podemos ir direto ao assunto? Tem alguns canapés e enfermeiras bonitas à minha espera lá no salão.

Ricky ouviu o diretor suspirar e se aproximar da mesa. Ele prendeu o fôlego, notando que o homem sentava na superfície da mesa. A madeira rangeu, produzindo um ruído ensurdecedor para ele, que tentava se manter em absoluto silêncio, como se quisesse se incorporar ao móvel.

– A Fase Dois vai começar em breve, Roger, eu garanto – disse o diretor, parecendo bem seguro de si.

– Em breve? Por que não amanhã? Qual é o motivo da hesitação? Sabe quantas mãos precisei molhar para arrancar um nome daquelas instituições? Tive que mandar o panfleto do Brookline para os pais do garoto seis vezes. *Seis*. E agora cada dia que passa é um desperdício do dinheiro que estou investindo neste lugar. Tem sido dispendioso demais.

– Crawford sabe o que está fazendo – disse a mulher, com o mesmo tom de irritação do diretor. – Como é que diz o ditado mesmo? A pressa é inimiga da perfeição?

– Bom, com você pelo jeito ele não perdeu tempo – rebateu Roger.

– Já chega – interrompeu o diretor. – Agradeço seu apoio, Carie, mas sou perfeitamente capaz de falar por mim mesmo. A Fase Dois foi adiada porque o objeto de estudo está se revelando incomumente cooperativo e dócil. É um bom sinal, claro, já que um Paciente Zero voluntário é nosso objetivo. Minhas tentativas anteriores foram bem menos ambiciosas; eram um trabalho de base, não o projeto final. Só preciso de mais tempo para observar o garoto antes de prosseguir o tratamento. Estamos falando de seres humanos, Roger, não de ratos de laboratório. Eles são complexos. Complicados. O que tem sido dispendiosa demais é a aquisição de espécimes adequados.

– *Vou ser reitor em breve* – disse Roger, igualmente exaltado. – Você pode escolher depois disso. Vou ser reitor em breve, não?

– O diretor está pressionando o comitê, mas essas coisas levam tempo – respondeu a mulher. – Não é possível conseguir esse tipo de poder em um piscar de olhos.

– Não por enquanto, pelo menos – Roger acrescentou com uma risadinha áspera. – Ela sempre fala com você desse jeito?

– Gosto de interlocutores sinceros.

– Então nisso concordamos. Muito bem. Só aperte o passo, certo? A Fase Dois precisa começar o quanto antes – rugiu Roger. – Não quero nenhuma surpresa no caminho. Essa sua técnica precisa ser absolutamente perfeita. O dinheiro que estou desembolsando exige perfeição, Crawford, não improvisos.

*Alimentos e leitões para o Brookline uma ova*, Ricky pensou amargamente. Ele se perguntou se todos os convidados sabiam para que estavam contribuindo, e não só os “maiores doadores”.

Ricky ouviu os passos se dirigindo para a porta.

– Agora, se me dão licença, os canapés estão me esperando – disse Roger.

A porta foi aberta e fechada. Ricky relaxou um pouco, esquecendo que ainda havia duas pessoas na sala e que uma delas estava sentada bem em cima dele.

– Idiota – ele ouviu a mulher resmungar.

– Pois é – concordou o diretor Crawford. – Mas um idiota necessário. Como está se sentindo? Alguma dor de cabeça? Sangramento nasal?

– Estou bem – ela garantiu. – Agora me conte mais sobre esse novo objeto de estudo. Vou poder conhecer o garoto?

– No seu devido tempo, Carie. No seu devido tempo. Você vai ter tempo de sobra com ele depois que a transformação começar.

A porta se escancarou, produzindo um barulho parecido com um tiro. Ricky teve um sobressalto, torcendo com todas as forças para que o diretor não tivesse ouvido ou sentido uma movimentação sob a mesa.

– Enfermeira Ash? O que foi? – perguntou o diretor. Ele pareceu levantar da mesa, e em um instante Ricky ouviu seus passos atravessando a sala.

– Você precisa... É... O senhor precisa vir ver.

O escritório se esvaziou com a mesma velocidade com que tinha sido ocupado, e Ricky finalmente voltou a respirar. Fechou os olhos por um momento, sem conseguir acreditar na sorte que tivera. Em seguida saiu de seu esconderijo e recolocou as pastas no lugar, certificando-se de que estavam em ordem alfabética. Então caminhou silenciosamente até a porta, que fora deixada aberta, e olhou para o corredor. Parecia que a comoção iniciada no salão se espalhava pelo restante do manicômio.

Ele saiu para o corredor e correu na direção do saguão, tentando abrir caminho por entre os convidados que saíam escandalizados. Estavam por toda parte, mas o ignoravam, e Ricky conseguiu se esgueirar pela parede até o refeitório, observando o caos que reinava e a tentativa do diretor de assumir o controle da situação. Dennis tinha começado a esmurrar a parede, rugindo de raiva enquanto três auxiliares tentavam amordaçá-lo e arrastá-lo para o chão. Ele resistia às investidas, dando golpes cegos com os braços e acertando a cabeça de um dos auxiliares com tanta força que o homem foi ao chão. Patty enfim estava sedada e em silêncio, mas Angela ficou histérica porque sua amiga fora imobilizada.

Ricky procurou por Kay, mas a enfermeira Ash o encontrou primeiro. Ele sentiu sua presença antes de vê-la, quando foi agarrado com força pelo pulso.

– Onde você estava? – ela perguntou.

Os dois últimos convidados passaram, a mulher aos prantos, cobrindo a boca com o lenço do marido.

– Do que está falando? – Ricky perguntou, enquanto tentava inventar uma história às pressas.

– Onde você estava? – repetiu a enfermeira Ash. Ele nunca a tinha visto tão furiosa. – E nada de mentir para mim desta vez.

CAPÍTULO

No 21

—O que é a Fase Dois?

A enfermeira Ash tinha acabado de levá-lo de volta ao quarto. Ela interrompeu o gesto de fechar a porta e ficou congelada. Então abaixou a cabeça e inclinou levemente os ombros, como um animal que identifica um odor ameaçador à distância.

Por fim, ela falou:

— Preciso voltar para ver se o diretor precisa de ajuda para isolar os outros pacientes.

— Pode falar, eu aguento o tranco — insistiu Ricky, ainda de pé. Do lado de fora, o caos diminuía, e a voz do diretor reverberava, tentando acalmar os poucos convidados que ainda restavam. — O que é a Fase Dois? Tem a ver comigo?

Ela fez menção de ir embora, mas em vez disso fechou a porta, aparentemente para abafar o ruído que vinha de fora. Seu olhar não era dos mais amigáveis, porém não parecia mais irritada, apenas exausta.

— Muito bem — disse a enfermeira Ash em tom de cautela. Ela endireitou a postura, deixando de parecer um animal acuado, e cruzou os braços. — Já chega. Sei que você fugiu da festa. Para onde foi?

Ricky sacudiu negativamente a cabeça. Suas mãos ainda estavam suadas, e ele sentia um aperto forte no peito. Aquilo sempre acontecia antes de suas explosões: a dose de adrenalina, a vontade repentina de esmurrar alguma coisa. Ricky nem pensaria em atacar a enfermeira Ash, mas estava se sentindo perigoso. Pilhado.

— Não vou responder às suas perguntas se você não responder às minhas.

— Você é um *paciente* aqui, Ricky. Quantas vezes vou ter que repetir? Isto é um hospital. Para onde você foi? — Apesar dos olhos faiscantes, ela não elevou o tom de voz. — O que você viu?

Ele sabia. Ela não era sua amiga. Era só mais uma pessoa que o abandonaria em um piscar de olhos, mais uma em uma longa lista que incluía seu pai, sua mãe, seu padrasto e seus colegas de escola. Ricky sentiu vontade de gritar. Tentar conseguir alguma ajuda ou compaixão era inútil. O diretor pretendia fazer alguma coisa, mas ele não tinha ideia do que era a Fase Dois. Uma dose de... alguma coisa. E os amigos de Crawford também estavam envolvidos de alguma forma. Aquilo só piorava as coisas. Do que foi que o diretor o chamou? Espécime?

Ele se sentou no colchão fino e olhou para o nada.

— Isso não importa, não é mesmo? O que eu vi ou escutei... Minha mãe não vai vir me buscar dessa vez, vai? Eu estraguei tudo.

Não era encenação. Seus braços e suas pernas tremiam. O sentimento de derrota ou resignação era terrível. Tinha fugido e sido pego, e para quê? Para ouvir que mais alguém tinha planos a seu respeito. Planos que não tinha como entender nem deter.

— Você atacou seu padrasto — disse a enfermeira Ash, alterando o tom de voz.

Agora ela parecia gentil. Como se estivesse barganhando. Caminhou na direção dele, e parou ao lado da cama. Era tão nova. Como alguém se torna enfermeira tão cedo? A carga de trabalho já estava começando a fazer efeito, a julgar pelas suas linhas de expressão em torno dos olhos e da boca, profundas demais para alguém da idade dela. Como seria, ele se perguntou, trabalhar em um lugar como aquele, vendo gente de sua idade sofrendo ou desperdiçando a juventude que nunca mais teria de volta?

— Ele se machucou — ela continuou. — Isso não é brincadeira, Ricky. Você passou por duas instituições diferentes antes de vir para cá. Tem um sério problema de temperamento e sabe muito bem disso. Sua família está preocupada. As saídas de madrugada, as faltas na escola, os...

— Os garotos — ele murmurou.

— Seus pais trouxeram você aqui por um motivo — ela argumentou. — Que tal tentar entender isso?

– Eu entendo – garantiu Ricky, com toda a sinceridade. – Você está certa. Tenho um problema de temperamento. Mas não acho que é por isso que estou aqui. Tem alguma coisa acontecendo. Pode dizer o que quiser, mas eu sei que é verdade. Você não consegue decidir se está do meu lado ou do lado do diretor. Não sei quem são esses amigos dele, nem o que é essa Fase Dois, mas sei reconhecer quando estão mentindo para mim. Não sou mais criança.

– Rick...

A enfermeira Ash inclinou a cabeça para o lado ao escutar um grito angustiado vindo do porão mais abaixo. O rosto dela ficou vermelho. Aquilo indicava que estava ouvindo também, o que era ótimo. Era o desfecho perfeito para os questionamentos dele.

Ricky deitou de barriga para cima na cama.

– Vocês podem me dar uma dose do que quiserem, podem tentar me calar ou me mudar. Mas sei que o diretor está escondendo alguma coisa. Que vocês todos estão. Vou dar um jeito de sair daqui e não vou esquecer quem me ajudou e quem não me ajudou.

Ele ainda tinha o papel onde anotara as palavras dela. *Monstro. Carniceiro.* Não, Ricky não ia esquecer. Agora havia outras palavras espreitando seus pensamentos, graças ao diretor. *Espécime, dose, transformação.*

Ricky respirou fundo e fechou os olhos. A raiva passara e agora só estava assustado, sentindo um medo terrível. Não podia permitir que ela visse aquilo.

– Quero ficar sozinho – ele disse.



CAPÍTULO

No 22

O confinamento dentro do quarto durou dois dias. Ao final, Ricky ficou quase contente em ver o diretor de novo quando ele abriu a porta. O homem ficou parado observando-o por um bom tempo, fazendo algum cálculo mental. Seus óculos brilhavam sob a luz do corredor, que refletia nas lentes de tal forma que Ricky não conseguia ver seus olhos, apenas dois círculos brancos.

– Acho que todo mundo já se acalmou desde aquela infeliz confusão – o diretor falou com frieza. Ele parecia um pai decepcionado. – Por que não vem comigo para discutirmos sua versão dos acontecimentos?

Ricky se arrastou para fora da cama e foi até a porta. Não tomava banho fazia dois dias, e seus cabelos estavam bagunçados e oleosos. A calça e a camisa estavam começando a cheirar a seu corpo. Em silêncio, com os dentes cerrados, ele saiu do quarto com o diretor.

– Soube que você e Keith Waterson estão ficando bem próximos – o homem comentou.

Ricky não se deixaria enganar, acreditando que o homem estava só puxando assunto. Nada do que os funcionários diziam poderia ser considerado uma conversa casual. Tudo ali era intencional. Tudo ali era invasivo.

– Tenho facilidade para fazer amigos – Ricky disse sem se alterar.

Eles caminharam pelos corredores que levavam à sala de recreação nos fundos do edifício, desceram a escada até o saguão e o atravessaram, deixando para trás a relativa tranquilidade das cadeiras da recepção e das mesas repletas de revistas a caminho da administração. Um grupo de enfermeiras estava reunido na farmácia. Elas fizeram silêncio quando o diretor passou com Ricky.

– Isso é verdade. A enfermeira Ash também gosta muito de você – disse o diretor.

– Não sei, não – respondeu Ricky, encolhendo os ombros e fingindo indiferença. – Ela parece tratar todo mundo da mesma forma.

– Hum. Mas fala muito bem de você. Pacientes cooperativos são uma bênção. Além disso, vocês têm mais ou menos a mesma idade, e é um rapaz de boa aparência. Chama a atenção das jovens, Ricky. Com certeza presta atenção nelas também, não?

Aquilo significava que a enfermeira não o havia dedurado por ter saído no meio do evento? Ele acreditava que aquele era o motivo do isolamento, mas talvez todos tivessem sido isolados como punição pela confusão criada. O diretor não parecia irritado, então talvez ela não tivesse mencionado nada sobre o que conversaram naquela noite.

– Não estou aqui para arrumar namorada – retrucou Ricky. – Eu tenho... problemas de temperamento. Perco a cabeça às vezes. Estou aqui para ser tratado.

– É muito maduro da sua parte reconhecer isso. – Ele pareceu impressionado de verdade, como se acreditasse em Ricky. – E você tem razão, claro. Só precisamos controlar esses seus impulsos raivosos, então você vai poder ir embora.

O diretor pôs uma balinha na boca antes de abrir a porta do escritório. Ele se manteve em movimento, o que significava que estavam indo para o porão. Aquela era a Fase Dois? Estava na hora de receber a dose? Ricky tentou não entrar em pânico, porém se sentia, assim como da primeira vez, estranhamente encorajado pelas palavras. Ele estreitou os olhos às costas do homem, tentando criar uma imagem do diretor a partir dos poucos momentos que haviam passado juntos. Talvez a enfermeira Ash fosse maluca também. Talvez trabalhar naquele lugar a tivesse afetado da mesma maneira que o estava afetando.

O diretor Crawford não parecia uma ameaça, mas Ricky sabia que era perigoso confiar em um adulto que prometia algo que parecia bom demais para ser verdade, e mantê-lo em um manicômio sem a intenção de entrar na questão de sua “perversão”, como Butch dizia, era bom demais para ser verdade.

Mas Ricky sabia que era uma meia verdade, e duvidava que a “transformação” mencionada na outra noite fosse algo tão simples assim. A situação confusa em que se encontrava começou a pesar sobre seus ombros.

Seus passos se tornaram mais lentos.

– Por que vamos descer? – ele questionou.

– Você parece apreensivo, sr. Desmond.

Os passos pesados do diretor já ecoavam pelos degraus. Ele não hesitou nem ficou esperando que Ricky o seguisse.

– Talvez eu *esteja* apreensivo.

– Não precisa ficar. Já deixei claras as minhas intenções, não? Um futuro mais suave e humano para a medicina, lembra? Você não tem o que temer quanto a mim – ele garantiu. Sua voz era afetuosa. Tinha um tom grave, paternal e cheio de sabedoria, além de algo que lembrava vagamente alegria. – Só estou levando você para ver outro paciente.

– Quem?

Seria Kay? Seus pensamentos aceleraram. E se, enquanto estava isolado no quarto, ela tivesse sido arrastada lá para baixo para algo ainda pior que a terapia de choque? Ricky sabia que estava tirando conclusões precipitadas e entrando em pânico. Mas naquele momento era impossível se controlar.

Uma gargalhada súbita e aguda do diretor fez com que Ricky tivesse um sobressalto e tropeçasse nos próprios pés. Em um gesto rápido e automático, o homem virou e o segurou pelo braço para equilibrá-lo, continuando a descer sem se abalar.

– Você está cheio de questionamentos hoje, não? Onde está sua inclinação para a aventura, sr. Desmond? Para o *mistério*?

A inclinação para mistério era o que vinha ocupando sua cabeça nos últimos tempos. Mas Ricky manteve a boca fechada e continuou descendo. Ele começou a tremer de frio, tentando se lembrar de quanto tempo fazia que não sentia a luz do sol. O caminho parecia ainda mais escuro dessa vez, mas ele já sabia o que esperar e não tropeçou mais. Perguntou-se como os pacientes conseguiam sobreviver lá embaixo. Como conseguiam atravessar as noites se em cinco minutos ele já parecia prestes a congelar?

Continuaram descendo, cada vez mais. Ricky tinha se esquecido de como a descida era longa. Em suas visões, sempre atraído pelo pulsar retumbante, parecia mais rápida, ou pelo menos mais urgente.

Quando chegaram ao último patamar do subsolo, o diretor se dirigiu a um dos auxiliares e apontou para o local por onde tinham vindo. Um vigia. Ele não queria ser interrompido outra vez. Ricky duvidava que a enfermeira Ash fosse aparecer de novo. Ele franziu os lábios, observando o auxiliar enquanto se afastava. O homem nem olhou para ele, limitando-se a assumir seu posto e ficando imóvel como uma estátua.

Eles pararam diante da segunda porta à esquerda. O corredor estava silencioso dessa vez, mas o olhar de Ricky continuava a ser atraído para a última porta à direita. Ela estaria ali naquele exato momento, a garotinha de seu sonho? Sua atenção se voltou para o diretor, com medo de ser surpreendido.

A porta abriu com um rangido agudo, tão pesada que até o diretor, um homem de constituição robusta, tinha dificuldade em manejá-la. Um hálito de menta atingiu o rosto de Ricky quando o homem soltou um suspiro de esforço. A curiosidade falou mais alto, e ele deu uma espiada lá dentro.

– Excelente – comentou o diretor, fazendo um gesto para dentro da cela. – Aqui está sua estrela. Você se lembra de Patty, claro. Pensei que gostaria de ver como ela está depois de sua *apresentação* extraordinária.

CAPÍTULO

No 23

A cela não era como Ricky esperava. Estava bem iluminada, com lâmpadas brancas ofuscantes de sala de cirurgia montadas em ambos os lados de um leito.

Patty estava amarrada à cama, com os olhos meio vinhos se lançando em todas as direções. Eles pousaram em Ricky, e a boca dela se escancarou de surpresa. Ele deveria estar com a mesma expressão no rosto, porque se sentia um invasor ali – não apenas da privacidade de Patty, mas de um ambiente cirúrgico controlado. A enfermeira Ash estava ao lado da paciente, com uma cara péssima, manipulando uma seringa cheia. Uma mesa de metal fora montada junto ao leito, e havia alguns instrumentos de operação espalhados sobre uma folha de papel branco.

– Patty estava fazendo um progresso constante, mas lento – explicou o diretor. – Nesses casos, é fácil retroceder. Às vezes, por mais difícil que seja, precisamos ajudar o paciente a dar um salto. As abordagens mais suaves nem sempre são eficientes. Depois de muita tentativa e erro, aprendemos a lidar com as limitações no trato de certos defeitos mentais.

O tom afetuoso e amigável desaparecera de sua voz. Ele não soava mais como um pai decepcionado, e sim como alguém frio e distante que tinha aprendido a se tornar um ser humano em um manual de medicina, encarando Patty com olhos vazios. Ela se debateu na cama, mas só até o diretor erguer a mão e fazer um sinal para a enfermeira, que hesitou antes de enfiar a agulha da seringa no braço de Patty.

A porta se abriu às costas de Ricky. Podia sentir a presença do corpo robusto do auxiliar. Ele estava cercado.

– O que... o que você vai fazer com ela? – perguntou. Seu instinto de autopreservação surgiu rapidamente, e ele começou a tremer. Aquela era a primeira opção a uma abordagem mais suave? Tudo o que o diretor falara sobre limitações estava invertido. Patty estava em uma situação vulnerável ali. Para Ricky, era impossível não se imaginar amarrado naquela mesma cama. Outros pacientes já haviam morrido no hospital. Ele sabia muito bem daquilo, depois de ver pessoalmente as fichas.

– Esse procedimento foi inventado em Portugal, mas refinado aqui. Era algo muito menos asséptico, envolvendo perfurações no crânio e coisas do tipo – o diretor explicou como se fosse a coisa mais banal do mundo.

O diretor Crawford não revelava nenhuma emoção em sua voz. Enquanto esperava a anestesia fazer efeito, ele apanhou um objeto comprido e afiado que parecia um prego gigante.

A luz refletiu na ponta prateada, e uma mancha branca surgiu na superfície como uma marca de lágrima.

– Walter Freeman aperfeiçoou o procedimento, fez os ajustes necessários. – O diretor admirou o instrumento por um instante e então se aproximou de Patty, esperando que a enfermeira Ash posicionasse o rosto da mulher, depois de um longo suspiro, inclinando-o levemente para cima.

Ricky conseguia ver o interior do nariz dela do local onde estava.

– Ele era um homem brilhante, mas nunca estava satisfeito – continuou o diretor.

Ricky não conseguia acreditar no que estava vendo, nem que a enfermeira Ash fosse capaz de colaborar de forma tão impassível. *Quem é o monstro agora?*, ele pensou, cerrando os punhos em fúria. Aquele era o grande segredo, ele continuou refletindo, o porão escuro e horrendo e as coisas que aconteciam ali.

*Falecido, falecido, falecido...*

– Nunca estava satisfeito – repetiu o diretor. – Como eu! – Ele soltou uma risada seca. – Hoje é tudo muito mais simples. Muito mais humano. A lobotomia transorbital foi uma revolução. Alguns dizem que é um processo datado, bárbaro... Até eu acho que existem métodos melhores hoje, mas ainda é um último

recurso válido quando a medicina não é capaz de ajudar alguém como Patty.

Ricky deu um passo à frente. Precisava impedir aquilo. Patty criara a distração de que precisava. Ele não sabia se ela havia feito de propósito, para arruinar a grande noite planejada pelo diretor. Era preciso respeitar aquele tipo de disposição. E admirar. Ele não podia abandoná-la. O auxiliar o agarrou pelos ombros e o puxou para trás.

– Vai ser bem rápido – garantiu o diretor.

Ele ergueu o instrumento afiado sem aviso e Ricky se encolheu todo, fechando os olhos com força. Os sons produzidos eram igualmente horríveis. Ouviu uma respiração funda, uma pancada seca e um estalo inconfundível. Houve uma pausa, e então o ruído se repetiu. Seu corpo ficou inteiro gelado e ele estremeceu, sentindo a cabeça latejar. Um grito se fez ouvir no corredor, vindo das outras celas. Parecia de raiva. De identificação com a situação. Começou com um berro de criança, abafado por uma porta maciça. Outras vozes se juntaram ao apelo, erguendo-se num coro terrível.

Ricky queria poder levar as mãos aos ouvidos, mas o auxiliar o segurava com força.

Os minutos se arrastavam. Ele não ousava abrir os olhos.

Se pelo menos fosse possível abafar os gritos e os apelos...

– Pronto. Não foi tão ruim, foi? Ela vai ficar bem tranquila quando a anestesia passar. Acho que podemos esperar um comportamento muito melhor no futuro.

Não havia problema nenhum com o comportamento dela, Ricky pensou. Patty talvez nem fosse doente. Só gostava de cantar, e tinha uma bela voz. Ele também gostaria, se tivesse. Ricky se lembrou dos fins de semana com Martin tocando violão no parque enquanto ele mesmo cantava. Era desafinado, e mesmo se soubesse a letra ele não conseguia manter o ritmo. Os dois sempre acabavam às gargalhadas. Queria se esconder naquela lembrança, envolver-se nela como se fosse um cobertor quente, mas podia sentir o frio implacável penetrando as barreiras. Quando Ricky abriu os olhos, o diretor sorria orgulhoso ao lado da paciente, sem se importar com os gritos abafados que tomavam conta do porão.

A enfermeira Ash olhou para ele, que notou toda a sua tristeza. Ela parecia tão contrariada e amargurada quanto Ricky por estar ali, com Patty imóvel de olhos fechados na cama diante dos dois.

CAPÍTULO

No 24

— Não entendo — disse Ricky, com os olhos vidrados.

Ele tinha parado de tentar se desvencilhar do auxiliar que o segurava, mas só momentaneamente. Se fossem tentar amarrá-lo àquela maldita cama, usaria todas as energias restantes em seu corpo para resistir.

— Sim, você entende — o diretor respondeu calmamente. Ele pôs o instrumento de volta na bandeja e foi até a ponta da mesa, apoiando a mão no tornozelo de Patty. — Ela era uma agitadora, uma ameaça à saúde dos demais pacientes. Não toleramos isso aqui.

*Nós punimos*, Ricky pensou, complementando a ameaça implícita. Ele se voltou para a enfermeira Ash, que desviou o olhar, com o rosto pálido. O diretor a soltou. Aquele não seria seu destino. Mas só porque a enfermeira Ash se mantivera em silêncio. Ele não se sentia exatamente grato, mas estava aliviado. Por que ela não intervieria em benefício de Patty?

— Enfermeira Ash, fique com a paciente, por favor. Avise quando ela acordar.

— Sim, senhor — ela respondeu baixinho.

Ricky sentiu seu estômago embrulhar. Não por causa do diretor, que obviamente lhe causava repulsa, mas por causa da enfermeira Ash. *Esse é o trabalho dela*, lembrou a si mesmo. *E ela protegeu você.*

O diretor passou por Ricky, cantarolando alegremente consigo mesmo. A lobotomia o deixara de bom humor, parecia. O rapaz sabia que deveria acompanhá-lo, mas não se mexeu, então o auxiliar o empurrou para fora e bateu a porta da cela.

Eles iam sair do porão, e Ricky não podia reclamar daquilo, mas era impossível não se sentir perturbado com os gritos e apelos que ainda ressoavam. O diretor nem parecia ter notado. Talvez não desse a mínima para eles.

Os piores casos estavam lá embaixo, lembrou Ricky, mas Patty não havia feito nada de mais. Aquilo significava que os outros haviam recebido o mesmo tratamento?

Ele estava perdido nesses pensamentos enquanto subia a escada de volta para o primeiro andar, com o frio do porão os seguindo, tentando escapar do ambiente confinado. Sua postura não relaxou nem quando entraram no saguão, de onde vinha a luz.

— Ainda não entendi a razão de você ter me mostrado aquilo — disse Ricky.

— Essa é a realidade do meu ramo de trabalho — explicou o diretor. O bom humor se esvaíra, e ele parecia exausto. — Esse procedimento pode ser fatal. Sou obrigado a fazer escolhas assim o tempo todo, decidir se vale a pena correr o risco para ajudar os pacientes a lidar com suas anormalidades.

— Ela não era anormal — Ricky retrucou de imediato. — Só era excêntrica! Você não precisava ter feito aquilo, e muito menos me mostrado! E se eu contar sobre isso para minha mãe quando ela vier me visitar?

*SE ela vier me visitar.*

— Fiz isso porque confio em você, sr. Desmond, e acredito que tem potencial para se tornar um jovem extraordinário. Mas sou obrigado a lembrá-lo de que está em uma instituição para doentes mentais. As pessoas não estão aqui de férias, vieram na esperança de melhorar e voltar para o convívio familiar com um pouco de sorte. Você tem razão, Patty era excêntrica. E doente também. As duas coisas não se excluem. Esse é seu caso também, com a diferença de que você tem potencial para ser muito mais. Voltar para o convívio familiar não deve ser sua única aspiração. — O diretor inclinou a cabeça para o lado, encarando Ricky por trás dos óculos miúdos. *Por que ele parecia tão triste?* — Venha comigo.

Em vez de levar Ricky de volta para o quarto, ele o conduziu com um auxiliar para um cômodo no primeiro andar, que o garoto nunca visitara antes. O diretor abriu a porta, revelando outro auxiliar, que

limpava o chão lá dentro, assobiando, embora não houvesse nada de agradável no lugar. Ricky sentiu seu estômago se revirar. Seus músculos se enrijeceram, preparando-se para suportar ondas invisíveis de agonia.

Ele reconheceu o mecanismo, com suas alças e correias. Reconheceu as molduras que faziam o corpo ficar imóvel e esticado. Reconheceu a tela branca em que eram exibidos os slides. O cheiro de urina seca e, pior, de medo.

Por mais que quisesse, não conseguia fazer seu corpo se mover. Estava paralisado, transportado de volta ao Hillcrest, à salinha no fim do corredor da ala oeste do segundo andar. De volta às amarras. De volta à *dor*.

O hálito mentolado do diretor embrulhou suas entranhas, e Ricky precisou fazer força para não vomitar. Ele já estava enjoando antes, mas agora parecia certo que o que havia em seu estômago sairia pela boca.



– Esta não é a sala certa para um paciente de um programa especial, para alguém com potencial – o diretor murmurou gentilmente para acalmá-lo, como se alguma palavra fosse capaz de aplacar o medo paralisante que tomava conta dele. Não era uma lembrança, e sim um trauma, e Ricky sentiu vontade de pular no pescoço do auxiliar e enforcá-lo até a morte por assobiar uma música alegre enquanto limpava os vestígios de uma inquestionável tortura. – Você não precisa vir para cá, Ricky. Não precisa voltar a

ver um lugar como este e não precisa terminar como Patty. Entendeu bem?

Ricky não conseguia falar. Nem se mover. Suas veias pareciam agulhas geladas e afiadas, revolvendo-se com a lembrança de ter seu corpo ameaçado e submetido a choques elétricos.

A voz do diretor perdeu toda a gentileza.

– *Estamos entendidos?*

– Sim – Ricky se ouviu dizer. Era a única coisa a falar. Não queria acabar como Patty. Ainda conseguia ouvir o barulho do instrumento afiado contra seu crânio. – Sim.

A porta foi fechada, e ele chorou, sentindo seu corpo encolher. Imaginou se algum dia as pessoas parariam de fazer com que se sentisse minúsculo.

CAPÍTULO

No 25

O auxiliar o levaria de volta para o quarto. Não era sua imaginação: o corredor realmente estava mais escuro. Ele olhou para cima enquanto caminhavam e reparou que uma das lâmpadas no teto estava queimada, mas ninguém tinha se dado ao trabalho de trocar. As rachaduras em volta estavam cada vez mais visíveis.

Eles passaram pelo saguão, e Ricky tentou afastar o medo e a confusão para prestar atenção no vozerio exaltado. Um homem gritava para uma enfermeira do outro lado da porta gradeada.

Era o irmão do diretor, o sujeito que aparecera no outro dia, com a mesma pele clara, a mesma ossatura facial acentuada e os mesmos cabelos escuros. Ricky notou que as roupas dele estavam desalinhadas. Lembrou-se vagamente de ter ouvido sobre a herança da mãe, que precisava ser dividida. Ele se perguntou se o diretor tinha subido na vida honestamente ou se havia algo mais por trás da briga entre os dois.

– Como assim, ele não pode me ver? Pelo amor de Deus, sou irmão dele. E tenho hora marcada! Não venha me dizer para ir embora. Vou esperar aqui o dia inteiro se for preciso!

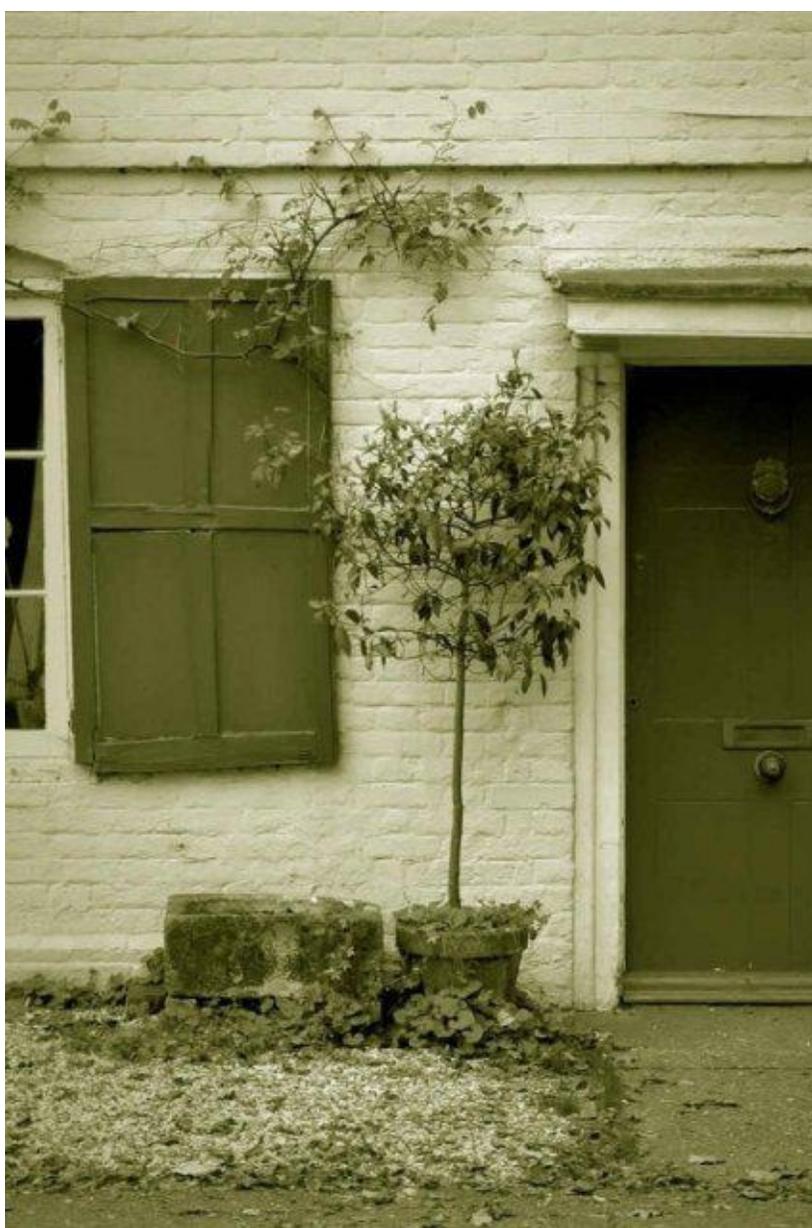
Ricky deixou de ouvir a discussão quando eles viraram à esquerda e saíram do saguão. O salão estava trancado, e não era possível ouvir nenhuma voz lá dentro. Ricky se deu conta de que os pacientes estavam presos nos quartos. O diretor resolvera punir todo mundo por causa do desastroso evento de gala.

O auxiliar abriu a porta do quarto com impaciência e o empurrou para dentro de forma indiferente, fechando-a de novo sem dizer nada. A enfermeira Ash pelo menos avisava quanto tempo faltava para o almoço ou para o jantar, ou recomendava que descansasse. Ele duvidava que o auxiliar soubesse seu nome.

Era como se tivesse voltado do corredor da morte. Teria que esperar para descobrir que destino o diretor tinha em mente para ele. Fechou os olhos e tentou se acalmar, sem sucesso.

Quando abriu os olhos de novo, soltou um suspiro de susto. Não estava mais em seu quatinho branco no hospital, e sim em *casa*. Em Boston. O piso de cerâmica não estava mais lá, substituído por um gramado verde e alto. Seu coração disparou. Parecia impossível, mas Ricky caminhava na direção da fachada branca da casa em estilo colonial. Só que nada parecia estar como antes. Os canteiros, por exemplo, em geral cheios de flores vermelhas e alegres, estavam tortos sob as janelas. As pétalas estavam caídas, e o resto tinha ressecado. A porta da frente estava entreaberta, e ele podia ouvir o som do programa de TV favorito de sua mãe. A estática se misturava com a música, transformando o ritmo e as letras em um amontoado sem sentido de notas e palavras.

Mesmo assim, Ricky estava ansioso para entrar. Aquela era sua casa, por mais que não se desse bem com a família, por mais que sentisse raiva da mãe de tempos em tempos. Afinal, era uma relação de amor, não? E se ele tivesse conversado com sua mãe no dia em que Butch chegou em casa todo agressivo? E se ela tivesse escutado?



A porta se abriu, lentamente e apenas o bastante para deixá-lo entrar. Havia alguma coisa queimando na cozinha, deixando o ar carregado com uma névoa espessa e gordurosa. A risada de sua mãe se fez ouvir na sala de estar à direita, e Ricky a seguiu. Ela estava debruçada sobre o tapete. O aspirador não estava ligado, e ela girava o fio do aparelho na mão como um laço de vaqueiro.

– Mãe? – ele chamou, parado na porta.

A imagem da televisão oscilava tanto que era impossível ouvir alguma coisa.

– Ah, Ricky, querido, você voltou. Que bom. E bem a tempo para o jantar! Que ótima surpresa. – Ela suspirou, lançando olhares para o instável televisor.

Em seguida baixou a cabeça de novo e fingiu que estava passando o aspirador no tapete. Sua pele estava mais pálida que o normal. Seus olhos estavam vidrados, e havia um sorriso fixo em seu rosto. A boca não parecia se mover quando ela falava.

– Você está bem, mãe?

– Estou ótima, querido – a mãe falou, mais uma vez sem mexer a boca. – Por que você não sobe para chamar seu pai? Ele deve estar com fome.

*Seu pai.* Ricky correu escada acima. Ela nunca se referia a Butch, seu padrasto, daquela maneira. Era sempre “Butch”, e não “seu pai”. Aquilo significava que seu verdadeiro pai estava lá em cima. Finalmente tinha voltado, o que Ricky sempre desejara sem nunca admitir, porque era clichê demais, exatamente o tipo de coisa que aqueles palhaços do Victorwood queriam. Na única vez que falara aquilo,

sua mãe se desfez em lágrimas furiosas. O pai tinha ido embora, deixando os dois sozinhos. Fora egoísta em vez de ficar e resolver o que precisava ser resolvido.

Mas agora ele estava de volta. Colocaria ordem na casa. Plantaria novas flores nos canteiros e tiraria aquele olhar estranho do rosto de sua mãe. Ricky sentiu o piso do andar de cima instável aos seus pés, e o corredor parecia inclinado como o de uma casa maluca de parque de diversões. Ele se equilibrou apoiando a mão na parede, sentindo os pés descalços chafurdar no carpete ensopado. Uma gosma espessa e vermelha borbulhava entre seus dedos, manchando sua pele.

O rádio estava ligado no banheiro, o único cômodo com a luz acesa sob a fresta da porta. Ricky se dirigiu até lá a duras penas, tentando se equilibrar. Seus pés estavam molhados e frios, e sua cabeça girava, tornando impossível reconhecer a música que tocava.

A porta do banheiro estava geladíssima ao toque, mas ele bateu mesmo assim. E mais de uma vez. A música se tornou reconhecível. Era uma de suas preferidas: “Tears of a Clown”.

– Pai?

*But don't let my glad expression*

*Give you the wrong impression*

Ricky bateu com mais força, tentando superar o ruído da música.

Por mais forte que batesse, não produzia nenhum ruído. Ele insistiu, gritando e berrando tão alto que sua garganta começou a arder. Seu pai estava lá dentro. Por que não conseguia ouvi-lo? Não queria vê-lo?

O pânico se instalou, então a música foi interrompida de forma repentina.

– Qual é o problema, filho? Por que está batendo na porta desse jeito?

Ricky se virou e deu de cara com Butch no corredor, com sua corpulência habitual. Mas havia algo errado com ele também. Estava de costas e mesmo assim o encarava, com a cabeça e o pescoço contorcidos em um ângulo impossível, de modo que seu rosto ficava visível. Pálido. Doentio. Com o mesmo sorriso fixo e bizarro de sua mãe.

– Por que essa barulheira? – Ele se moveu na direção de Ricky, com passos acelerados e exagerados, pisando com as pontas dos pés, de forma antinatural, como uma aranha. – Por que está batendo na porta desse jeito?

Ricky se encolheu. Não havia como fugir, nenhuma porta aberta, nenhum cômodo em que se esconder. Ele não conseguia desviar os olhos daquele sorriso horrendo e imóvel no rosto de Butch, que se aproximava cada vez mais.

– Não sabe que ele está morto? Que está MORTINHO, MORTINHO? FALECIDO.

Ricky foi ao chão com um grunhido. A realidade o atingiu com toda a força – era mais uma visão. Um sonho. Seu peito doía, assim como seu queixo. Ele rolou para deitar de barriga para cima, pressionando o peito com a ponta dos dedos e respirando fundo até os últimos vestígios do sonho evaporarem. O chão gelado era a única coisa que parecia real. Sólida. Nem mesmo seu corpo, trêmulo e fraco, parecia digno de confiança.

Por que suas visões precisavam parecer tão reais? E, o que mais o deixava aflito, por que não paravam?

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 26

— **V**ou sair daqui. Preciso sair. Está tudo errado, tudo é... E Patty...

Ricky pontuou sua fala com um grunhido enquanto arrancava um punhado de ervas daninhas do canteiro de flores. O isolamento tinha terminado. Eles voltaram à jardinagem supervisionada, o que àquela altura parecia uma bênção. Ricky e Kay trabalhavam lado a lado; a alguns passos de distância, os demais pacientes faziam seu melhor para limpar e plantar. Mesmo com o tempo quente, o céu estava encoberto e a estranha névoa se agarrava às extremidades do jardim. Parecia que um mago tinha lançado um feitiço sobre o lugar para impedir qualquer um de entrar ou sair.

— A hora de trabalho é provavelmente nossa melhor oportunidade... ocasiões como esta. — Ele estava falando por falar, mas assim pelo menos preenchia o silêncio. — De repente alguém pode nos ajudar, servindo de distração. Podemos abrir um buraco na grade. Só temos que nos manter longe da estrada. Não vai ser fácil, mas precisamos tentar. Não podemos acabar como a Patty.

Angela, que em geral ficava com Patty, trabalhava sozinha. A outra estava a apenas alguns passos de distância, trabalhando em silêncio nas plantas. Andava quieta e não cantava mais.

Kay limpou a testa e se ajeitou sobre os calcanhares. Uma mancha de lama grudou em sua pele, misturando-se ao suor.

— Você sabe que isso é impossível. E viu o que fizeram com ela. Vai querer mesmo arriscar e ver o que acontece depois? Quando nos pegarem?

— Eu sei, Kay, mas esse é mais um motivo para irmos embora. — Ricky jogou um punhado de dentes-de-leão em um balde de plástico, espantando com irritação uma mosca pousada em seu braço. — Como não ligo mais de parecer louco, posso contar que tive uma visão ontem à noite com minha família. Minha casa estava caindo aos pedaços e minha mãe e meu padrasto pareciam monstros. Eles tinham um sorriso horroroso no rosto. — Ricky se contorceu todo só de pensar. — Acho que foi um sinal.

— Tipo o Expurgo do Condado — respondeu Kay.

— Tipo o que do quê?

Ricky não fazia ideia do motivo para alguém revirar os olhos com tanto desprezo como Kay fez naquele momento.

— Ah, qual é? Você não lê? Tolkien? *O Senhor dos Anéis*?

Ele ficou vermelho, olhando para as ervas daninhas que segurava nas mãos.

— Revista de fofoca conta?

— Não, com certeza não. — Ela abriu um sorriso, batendo o ombro no dele e dando uma cotovelada leve em suas costelas. — Enfim, é de um livro. Os hobbits partem em uma longa jornada. Em determinado momento, o protagonista tem uma visão de sua aldeia em chamas, e quando eles voltam descobrem que o lugar realmente tinha virado um inferno. Estou simplificando a história, mas serve como alegoria.

— Como o quê?

Pelo menos ela não revirou os olhos dessa vez.

— A questão é que você nunca vai poder voltar para casa. Os hobbits não têm para onde voltar, e o mesmo vale para você. Mesmo que consiga escapar daquelas grades, quando seus pais descobrirem, vão mandar você de volta, não é?

— É — ele admitiu, deixando os ombros desabarem e soltando um suspiro. — Provavelmente. Acho que, para Butch, nunca vou estar curado. E o mesmo vale para a minha mãe, sendo bem sincero.

— Pois então. Precisamos de um plano melhor — disse Kay, baixinho. — E, quando sair daqui, não vai dar para ir para casa. A gente precisa de outra opção.

A ideia de estar sozinho no mundo era assustadora, mas Kay tinha razão. E ele faria dezoito anos no

ano seguinte. Nunca tirara notas muito boas e nunca tivera muita convicção de que faria faculdade. Na verdade, gostava da ideia de ir a Nova York conhecer o tal West Village de que seus amigos no Victorwood sempre falavam.

– Acha mesmo que a gente consegue se virar sozinho?

– Não sei, mas podemos tentar.

Ricky assentiu com a cabeça. Parecia uma ideia inteligente. Madura.

– Deus do céu, meu pai estava no sonho também. Parei de sonhar com ele há muitos anos, quando percebi que não ia mais voltar.

– Por que ele foi embora, aliás? – perguntou Kay. Ela não estava trabalhando com muito afinco. Arrancava as flores vivas para fazer um cordão de flores quando a enfermeira Ash virava as costas. – Você acha que a gente poderia recorrer a ele?

Normalmente uma questão como aquela faria com que Ricky se descontrolasse, mas por algum motivo ele não se importou. Com o pessoal de sua cidade a história era bem diferente. Sua mãe devia ter feito alguma coisa errada para seu pai querer ir embora, diziam. Era assim que as coisas funcionavam. Nenhum homem de respeito abandonava a família, então ou seu pai não valia nada ou sua mãe tinha aprontado alguma.

Ricky pensou na estranha fotografia que encontrou na sala com os arquivos, de um homem estranhamente parecido com ele. Aquilo somado à ficha que Kay encontrara... Era quase mais fácil pensar que seu pai tinha sucumbido e ido parar em um sanatório. Significaria que não tivera escolha, que havia algo de errado com seu pai, que ele não era apenas um imbecil egoísta.

Ricky arrancou mais um punhado de ervas daninhas.

– Minha mãe nunca conseguiu se decidir por uma história. Num dia ele era um vagabundo imprestável, no outro, um sonhador que nunca teve uma vida estável. Butch diz que ele bebia e batia nela, e que por isso minha mãe detestava falar dele. Mas não me lembro de ver meu pai bêbado. Bom, ele pode até receber a gente, mas nem *conheço* o cara.

– Você ia saber por onde começar a procurar, se pudesse? – indagou Kay.

– Na Califórnia, provavelmente. Ele é de lá.

– Então vou dizer uma coisa: vamos sair daqui juntos e eu vou com você para lá – ela falou com uma risada baixinha. – Sabe por quê?

– Por quê?

– Porque é o lugar no país mais longe o possível daqui. E fica bem distante do meu pai. – Ela terminou o cordão de flores e o colocou na cabeça de Ricky. – Lamento que tenham levado você para aquele porão. Não consigo nem imaginar como foi ver quando ela... quando fizeram aquilo com ela.

– Obrigado – ele murmurou. O cordão de flores estava fazendo cócegas em sua orelha, mas Ricky não se incomodou. Ninguém nunca havia colocado uma coroa em sua cabeça antes. – Fiquei surpreso que ele não tenha falado: “Comporte-se, ou vai ser o próximo”.

– Você é mesmo o queridinho do diretor, não é? – alfinetou Kay. Havia um tom de provocação em sua voz, que Ricky detectou de imediato.

– Eu não deveria ter falado nada sobre isso. Não sou o queridinho de ninguém.

– Certo. Então a tal Fase Dois deve ser só um mal-entendido. Você deve ter ouvido errado.

– Não importa o que sou; só quero cair fora daqui.

– Então qual é o plano? Agora que a festa passou.

– Ainda não sei – disse Ricky. – Pode parecer bizarro, mas talvez essa coisa com o diretor seja boa para a gente. De repente consigo mais liberdade. Por exemplo dizendo para ele que caminhar à noite acalma meus impulsos.

Parecia tão idiota e raso quanto seu último plano, mas só de falar aquilo em voz alta Ricky já se sentia melhor. Permanecer no Brookline sem nenhuma perspectiva, sem nenhum plano, seria pior.

– Claro – disse Kay, parecendo tão derrotada quanto ele se sentia. – Só não vai sair voando daqui sem mim, certo, Super-Homem?

– Eu não faria isso.

Kay soltou um leve grunhido em consentimento e começou a arrancar mais flores perfeitamente saudáveis. Por um momento eles ficaram em silêncio, e os únicos sons no ar foram o de um passarinho sobre uma árvore e de Sloane resmungando consigo mesmo. Então Ricky ouviu Kay respirar fundo.

– O problema é que meu pai pagaria o quanto fosse preciso para eu ser *normal*. Eles jamais vão me dobrar, então ele vai continuar pagando, e nunca vou conseguir sair daqui.

– Seu pai faria isso mesmo?

– Ah, com certeza. É o que acontece com pessoas que ganham dinheiro. Pensam que podem resolver *qualquer coisa* pagando.

Kay terminou o segundo cordão de flores e o pôs sobre a própria cabeça, observando Ricky enquanto ele removia as ervas daninhas. Os amigos do diretor também pareciam pensar daquela forma, lembrou o jovem.

– Como foi que ele ganhou tanto dinheiro? Minha mãe herdou tudo o que tem.

– Com música. Morris Waterson e os Getup Seven ficam mais famosos a cada dia que passa, e a última coisa de que precisam é de uma garota problemática. – Ela suspirou e tirou as luvas, enfiando os dedos na terra sem muita convicção.

– Morris Waterson é seu pai?

Ricky ficou em dúvida se contava a ela que tinha os três discos da banda em casa. Ele jamais pensou que um de seus músicos favoritos fosse capaz de internar a própria filha.

– Hum-hum. Ele foi para a cadeia uma vez por causa de uma briga de bar, mas tomou jeito depois disso. Não combino exatamente com a imagem que ele quer passar agora. Pensei que um dia fosse me deixar entrar na banda. Tocando trompete. Mas não é o tipo de grupo que teria uma trompetista mulher, muito menos uma como eu. – Ela pegou um punhado de terra e examinou mais de perto, jogando uma minhoca por cima da cabeça de Ricky, na direção do velho Sloane. – Azar o dele. Da próxima vez que a gente se encontrar, vou mandar ele enfiar o trompete no...

– Waterson! Volte ao trabalho! – A enfermeira Kramer os encarava do outro lado do jardim, caminhando na direção dos dois com o rosto vermelho e a respiração ofegante. O tempo quente parecia não combinar com sua pele branquíssima. – E você... – Ela apontou para Ricky, arrancou o cordão de flores da cabeça dele e o jogou no chão. – Levante daí. O diretor Crawford está chamando.

CAPÍTULO

No 27

## *Diário de Ricky Desmond – final de junho*

Continuo sonhando com meu pai. Ele aparece para mim todas as noites, com a aparência do cara da fotografia que encontrei, porque não consigo me lembrar direito de como ele era quando foi embora. Às vezes me tira do quarto, atravessa o saguão comigo e vamos lá para fora. Às vezes me leva para as sombras vazias e escuras do porão. Talvez no fim ele seja tão ruim como Butch dizia, e talvez eu seja igual. Talvez seja por isso que estou aqui, porque nós dois somos péssimas pessoas, e esse tipo de gente tem mais é que desaparecer mesmo.

Às vezes me pergunto se ele nasceu como eu. Se gostava de homens e mulheres também, ou talvez só de homens, e minha mãe descobriu. Ela jamais aceitaria isso. Sempre precisa ser o centro das atenções. Todo o amor tem que ser direcionado para ela.

Para mim não sobrou muito amor. Não recebo nenhum. Não é justo. Não é justo que me interne e eu não possa fazer nada. Quem foi que disse que as mães estão sempre certas? Se posso ficar doente e incapacitado, então ela também.

Kay tem razão: meu pai deve estar em algum lugar por aí. De repente podemos desaparecer juntos.

**S**  *seja forte.* Ricky abriu um sorriso tranquilo para o diretor, observando com temor enquanto ele guardava alguns instrumentos em uma maleta em seu escritório. Seria possível que ele tivesse ouvido sua conversa com Kay lá fora?

– Mandou me chamar? – perguntou Ricky, sentindo um arrepio de ansiedade.

– Sim. Agora que o hospital voltou a seu funcionamento normal, está na hora de começarmos de verdade nossa colaboração – disse o diretor. Ele estava bem sério. Severo. Enfiou a maleta debaixo do braço, contornou a mesa e foi até a porta, parando apenas para remover uma pétala da cabeça de Ricky. – Estava trabalhando duro no jardim, pelo que vejo.

– Eu estava só me divertindo um pouco – Ricky se defendeu, sem muita convicção.

– Confraternizando com Keith outra vez?

Kay, Ricky corrigiu em silêncio, tentando manter seu temperamento sob controle.

– Como eu disse, estava só me divertindo um pouco. É difícil manter o astral por aqui, sabia? Depois da Patty... Bom, todo mundo percebeu que ela está diferente. Nem canta mais.

– Hum – foi a resposta do diretor, como se fosse um assunto completamente irrelevante e tedioso. Enfim. O diretor tinha deixado bem claro que sentia estar fazendo a coisa certa quando enfiou uma agulha gigante no olho de Patty e bagunçou seu cérebro. Por que a opinião dos pacientes faria diferença? – Você não vai poder ser amigo de Keith por muito tempo. Nem de Patty. Nosso projeto vai exigir dedicação total de nós dois. Vamos desenvolver seu potencial, testar os limites do espírito e da mente. É uma coisa interessantíssima, Ricky, mas que exige muito esforço. Agora vamos conhecer suas novas acomodações.

– Novas o quê? – ele questionou. Uma sombra se aproximou por trás deles. Quando Ricky virou para ver, notou que um auxiliar estava ali. – E-espera aí. Para onde eu vou?

– Ora, lá para cima, sr. Desmond – o diretor disse alegremente, enfiando uma balinha na boca. – Como eu disse, vamos começar. Agora entendo como sua confraternização com os demais pacientes é prejudicial. Impede que você veja sob a perspectiva adequada. Patty demonstrou isso com toda a clareza. Foi um erro meu permitir que você passasse tanto tempo com os outros.

O tom de voz do diretor se tornou mais sério, e Ricky percebeu a ameaça que pairava no ar: ou aceitava os termos ou seria amarrado na maca e receberia terapia forçada pelo resto de sua estada. Ou pior: acabaria como Patty.

Ricky não respondeu, o que aparentemente foi encarado como um consentimento. Caso mudasse de ideia, o auxiliar estava a postos.

– A enfermeira Ash desfez seu antigo quarto e arrumou o novo.

– Posso me despedir? – quis saber Ricky, sentindo a mão do auxiliar se fechar sobre seu braço. Ele

estava sendo posto para fora do escritório. Não parecia um favorecimento, pensou, sentindo seu coração disparar, e sim um *exílio*. – Posso falar com a Kay antes de ser transferido?

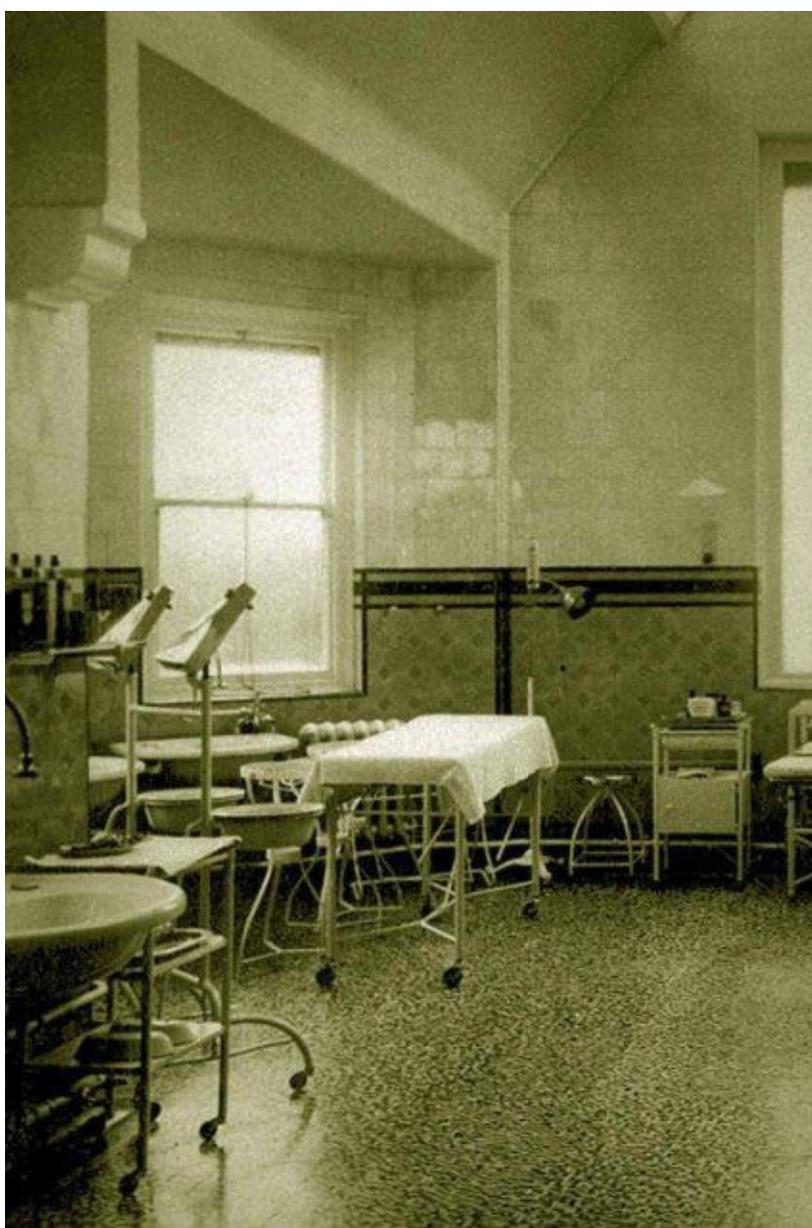
– Claro que não, sr. Desmond. Não ouviu o que acabei de falar? – O diretor estalou a língua, inclinando a cabeça para trás com um sorriso nos lábios. – Confie em mim. Em breve Keith vai ser a última coisa a passar por sua cabeça.



O quarto 3808 era mais acolhedor, porém sem deixar de ser espartano, mobiliado de forma quase idêntica ao anterior, com só um pouco mais de conforto. As janelas também tinham grades, mas o colchão era mais grosso e o travesseiro, mais confortável. As cortinas estavam abertas e a luz do sol que entrava no quarto era quase ofuscante, refletindo dolorosamente em todas as superfícies brancas.

Ricky protegeu os olhos e baixou as mãos ao notar uma estranha abertura na parede do lado direito do quarto, perto da porta. Tinha mais ou menos meio metro de largura e a mesma altura, com o batente pintado de branco ao redor da portinhola de correr e uma alça na parte inferior. Pelo visto, era possível erguer a portinhola até o teto, proporcionando uma vista para... alguma coisa.

– Este vai ser seu novo quarto por ora, sr. Desmond – explicou o diretor, entrando atrás dele. – A enfermeira Ash arrumou o lugar de forma admirável. Excelente.



Sua pulsação, que estava disparada desde que saíra do primeiro andar, acelerou ainda mais, com um pânico renovado. Se a enfermeira Ash tinha esvaziado seu antigo quarto, então devia ter achado as anotações do diário que vinha guardando. E a ficha do misterioso Desmond que passara pelo Brookline. *Idiota*. Era irritante que ela soubesse todos os seus segredos. Podia não ter dedurado Ricky na noite do evento de gala, mas aquilo não significava que não era mais uma marionete do diretor.

– Portanto, acho que chegou a hora do seu primeiro exercício – disse o diretor, caminhando até a cama e se sentando. Ele apoiou um dos tornozelos no joelho e pegou a maleta, que se abriu com um clique. Remexeu lá dentro e sacou uma pedra vermelha brilhante em uma corrente de prata comprida, que tilintava de leve.

O auxiliar que os acompanhava entrou com uma cadeira e ficou à espera, em um silêncio passivo. Para Ricky ele lembrava o Tropeço da Família Addams. O rapaz sentou sem que ninguém ordenasse.

– O que é isso?

Ele não conseguia tirar os olhos da pedra vermelha na mão do diretor. Parecia ter um brilho próprio, com veias serpenteantes de vermelho mais intenso percorrendo seu formato irregular.

– É só mais um dos meus muitos métodos – respondeu calmamente o diretor, limpando a garganta e se posicionando na beirada da cama. Em seguida ergueu a corrente, deixando a pedra balançando na ponta como um pêndulo. – Quero que você siga a pedra com os olhos, Ricky. Respire fundo. Relaxe. Isso, assim mesmo. Está confortável na cadeira?

Se era difícil tirar os olhos da pedra quando estava parada, em movimento era quase um reflexo.

– *Sim* – ele respondeu, distraído.

Era como se a cadeira nem estivesse lá. Ricky mal conseguia senti-la. Sua pulsação foi voltando ao normal. Ele sentia com uma clareza quase perturbadora as batidas de seu coração e o calor – e a velocidade – do sangue percorrendo seu corpo.

Não estava ficando com sono, como diziam aqueles hipnotizadores ridículos que apareciam na televisão, mas era impossível não se concentrar na pedra. De um lado para o outro. Sua respiração começou a sincronizar com o balanço. O rosto do diretor desapareceu atrás do pêndulo. Só havia a pedra e a voz profunda e amena que o mantinha consciente e alerta.

– Continue olhando. Continue seguindo. Impressionante, não? Quase... reconfortante. Isso é bom. Eu sabia que você ia se sentir atraído por ela. Agora, Ricky, quero que escute minha voz e se concentre o máximo que puder. Vai ser sua segurança. Sua guia.

*Sim.* Aquilo parecia certo. De um lado para o outro. Uma sensação de tranquilidade e relaxamento se estabeleceu. Era como quando Ricky matava aula e bebericava conhaque com Martin no píer. Butch teria um ataque quando visse que a garrafa havia sumido de seu armário de bebidas, mas naquele momento, no píer, com as gaivotas gritando à distância e as ondas quebrando perto de seus pés, Ricky se sentia absolutamente em paz.

– Quando a enfermeira Ash vier mais tarde, você vai tomar o remédio que ela trazer – disse o diretor, suavemente. Parecia um bom conselho. Ele estava num hospital. Quando alguém está no hospital, precisa tomar remédios. Uma dose. A primeira. – Você vai engolir os comprimidos. Vai garantir sua segurança. Está seguro aqui, Ricky. Este é seu lugar. Não quer ir embora, não é mesmo? Por que ia querer, se está tão seguro aqui?

CAPÍTULO

Nº 28

Um sono sem sonhos. Gostoso, pacífico, relaxante... Era um alívio poder dormir profundamente, mas aquilo não durou muito. Ricky despertou do agradável estupor em pânico, sentindo um aperto em torno dos pulsos. Amarras? Quando havia sido amarrado? Sua cabeça estava confusa. Ele não se lembrava de quase nada do que ocorrera antes de entrar no novo quarto. Depois de ser transferido para o 3808, o diretor pegara uma pedra em uma corrente e então foi como se alguém passasse uma borracha em seu cérebro e apagasse metade do que estava registrado lá.

– Shhh!

Era uma mulher. O quarto estava escuro, mas estreitando os olhos Ricky conseguia ver a enfermeira Ash ajoelhada ao lado da cama.

– O que vocês fizeram? Por que vocês... Por que me amarraram?!

Aquilo era demais. Ele havia despertado das profundezas do sono com um tremendo susto e seu peito começou a doer. Agitando os braços, tentou afastar a enfermeira Ash da cama, mas ela se manteve firme, pedindo que Ricky fizesse silêncio.

– Calma. Eu vou soltar as amarras. Vou soltar você.

– Ah... Nossa. Por que não estou conseguindo pensar? E por que me prenderam na cama?

– Eu avisei – ela murmurou, sacudindo a cabeça. Alguns raios pálidos de luar entravam pela cortina, formando um trilho no chão. Ricky viu que havia uma bandeja com comida no criado-mudo, mas não estava com fome. – Não se pode confiar no diretor. Nem em mim.

– Como se eu não soubesse! Ficou bem claro quando vocês dois enfiaram aquela agulha gigante no olho da Patty.

Ela guardou as chaves, e então Ricky estava livre. As tiras de couro com fechos de metal caíram com um leve tilintar. Ele tentou se sentar, esfregando os punhos marcados.

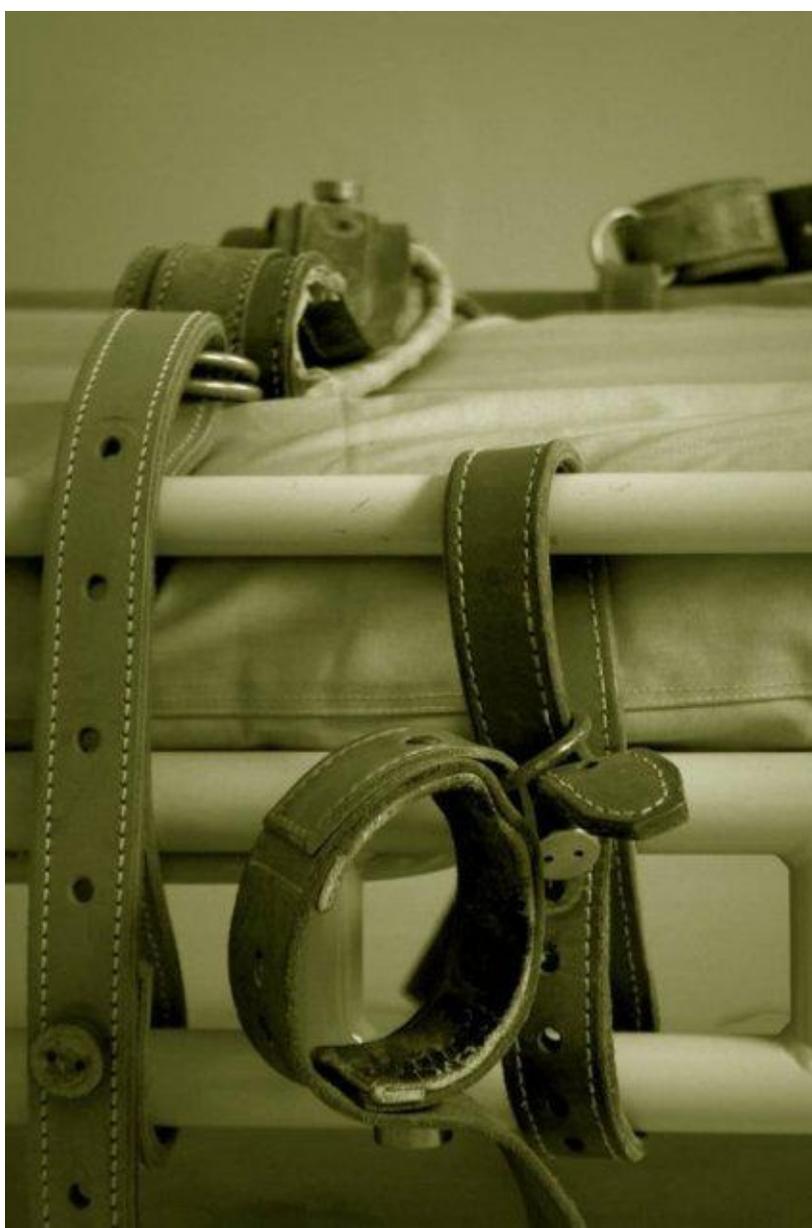
– Ele me fez ajudar naquele dia por um motivo – a enfermeira falou baixinho, ficando de pé. – É assim que ele age. Não quer que você acredite em mim, confie em mim. Não quer que pense que eu sou... boa. Quer nossa cumplicidade em tudo o que faz. Quer que tenhamos medo de ser surpreendidos. Não me importa se você acredita nele ou em mim. Isso não interessa. Só quero que acredite em si mesmo.

– Disse a maluca para o maluco.

– Não sou maluca, nem você – ela garantiu. Um xale azul de crochê caía de seus ombros. Sem a touca, a enfermeira parecia muito mais humana. Normal. – Gostaria de poder contar tudo para você... – Ela fechou os olhos com força e gemeu baixinho, com uma fina camada de suor cobrindo o rosto. – Sempre que tento fazer isso, parece que tem uma mão pairando sobre minha cabeça, pronta para bater em mim.

– Agora você está parecendo maluca *de verdade*.

– Não era assim que eu queria que as coisas fossem – a enfermeira Ash falou, ajoelhando outra vez. Ela tentou segurar a mão de Ricky, mas ele a puxou para si. – Eu me sinto outra desde que comecei a trabalhar aqui. Ele manipula as pessoas. *Controla*. Com remédios, com hipnose... Não percebe o que o diretor está fazendo? Está isolando você. Transformando todo mundo em seu inimigo. Ele achava que algumas semanas de convivência com os outros pacientes o deixariam ansioso para se livrar deles, mas, como não deu certo, decidiu afastar Kay e me proibiu de ajudar você.



Ricky estava tendo dificuldade para entender, com o raciocínio ainda lento por causa da medicação. Ela parecia estar sendo sincera, mas era loucura. Por que o diretor faria tudo aquilo só para mantê-lo sozinho agora? Por que não o fez desde o início?

– Que engraçado, se ele a proibiu de me ajudar, o que está fazendo aqui? Não está cuidando de mim?

– Sim, mas não é o que ele quer – ela se apressou em dizer. – Estou tentando ajudar você a resistir aos remédios. À influência. É o melhor que posso fazer. Por isso estou aqui.

A enfermeira enfiou a mão no bolso e sacou um punhado de comprimidos, que deixou ao seu lado no colchão.

– Ele me mandou lhe dar isso.

Ricky olhou para aquilo e sentiu sua boca salivar. A próxima dose. Que diabos estava pensando? Ele *detestava* engolir comprimidos. Aquilo quase o fazia vomitar. Mesmo assim, suas mãos se estenderam na direção das cápsulas.

– São meus remédios – ele ouviu sua voz dizer em um tom estranho e infantil. – Preciso tomar.

– Não! – A enfermeira se inclinou para a frente, derrubando os comprimidos no chão de cerâmica. – Não tome mais isso. De agora em diante vou trazer pílulas falsas para você. Aspirinas. O diretor pode me seguir... pode me vigiar. Seria tão mais fácil se eu pudesse... – Ela fez uma careta, segurando a cabeça entre as mãos e apertando, fechando os olhos com tanta força que lágrimas escaparam pelas laterais. – É isso que ele faz – ela continuou por entre os dentes cerrados. – Está me testando. Testando

você. Jogando um... contra... Argh!

A enfermeira quase despencou ao lado da cama, precisando se agarrar ao móvel para se equilibrar.

– Minha nossa, o que está acontecendo com você?

– Você precisa me escutar – ela sussurrou, batendo na própria têmpora com uma força que parecia excessiva a Ricky. – Você precisa escutar, antes que eu esqueça.

Não parecia o momento ideal para ter aquela conversa, mas ele não sabia o que fazer. A enfermeira parecia desesperada... Estava trêmula.

– Tudo bem, tudo bem, mas pare de bater em você mesma! Do que está tentando lembrar?

– Jocelyn – ela falou. – Me chame assim. Ajuda a lembrar.

– Do que você está tentando lembrar, Jocelyn?

– *Madge* – a enfermeira gritou aquele nome como se levasse uma facada em suas costas. – Ela se matou, Ricky. Este lugar a levou a fazer isso. Fez com que perdesse a cabeça. O diretor deu algum remédio para ela. Estava sendo medicada em segredo. Ficou tão estranha, tão diferente. Não sei por que, talvez para me torturar, mas ele a fez se matar. Tanner viu. Ele estava lá, e isso acabou com ele, assim como quase acabou comigo. Madge não se mataria. Simplesmente não faria isso.

– Então ele fez o quê? Hipnotizou essa mulher para que ela se matasse? Não sei se eu... Se isso... Deus do céu, não sei se acredito em você – ele falou, afastando-se dela e chegando mais perto da parede.

– Não parece possível.

– Ótimo.

A enfermeira Ash soltou um suspiro e enfim soltou a própria cabeça. Ela piscou algumas vezes, recobrando a postura, e então ficou de pé, recolhendo os comprimidos caídos e enfiando no bolso. Quando terminou, voltou para perto da cama. Ricky não se moveu. Continuou encolhido no canto, longe dela e das amarras soltas perto do travesseiro.

– Seja cético. Não acredite em nada que ouvir aqui. O diretor acha que me controla com rédea curta. – Ela baixou os olhos, envergonhada. – Que controla minha *mente* com rédea curta. Pensa que você está amarrado na cama, mas não é assim que vai passar as noites. E a porta vai ficar destrancada.

*Uma fuga.*

– Oficialmente, vou vir aqui duas vezes por dia, com o café da manhã e os remédios e com o jantar e os remédios. Não posso garantir que não vai ter nenhum vigia no andar, mas o diretor vai pensar que você está amarrado em um quarto trancado.

– Por quê? – indagou Ricky. Era só nisso que ele conseguia pensar. – Por que está fazendo isso?

A enfermeira Ash deu alguns passos na direção da porta, colocando os cabelos ruivos e rebeldes atrás das orelhas. Ela o encarou com um meio sorriso.

– Vá até o depósito no primeiro andar. Tentei ver seus registros, mas não estavam lá. Não encontrei nada. Tem alguma coisa que o diretor não quer que eu saiba. Não sei se existe algum jeito de descobrir o que é, mas você precisa tentar.

– Por que você não faz isso? É enfermeira, afinal de contas.

– Porque preciso voltar para minha ronda noturna. Alguém vai notar minha ausência.

– O que devo procurar? – ele perguntou, aflito.

Ela parecia *enlouquecida*. Não maluca. Enlouquecida.

– É alguma coisa relacionada especificamente a você – Jocelyn falou distraidamente, sacudindo a cabeça. – Ele está escondendo os registros...

Os saltos dela batucaram de leve o piso. Ricky continuou encolhido contra a parede, observando enquanto a enfermeira punha alguns papéis que ele conhecia bem sobre a cama.

– Esconda isso melhor – ela falou, virando para sair. – Vou voltar depois da minha ronda para trancar tudo. Se você ainda estiver aqui.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 29

Livre.

Sentia-se livre. Ou, pelo menos, quando a euforia começou a passar, mais livre do que tinha se sentido naquele maldito lugar. Quando passou completamente, ele se sentiu paralisado, com a mesma certeza que sentira na primeira noite de que havia alguém escutando do outro lado da porta.

Mas ninguém entrou no quarto às pressas quando ele ficou de pé. Seus passos ficaram mais confiantes enquanto caminhava até a janela e tocava as grades. Em seguida, ele andou em círculos, só para se certificar. Em sua cela anterior recebera um chinelo barato para usar quando saísse, mas agora não havia nenhum calçado, e seus pés estavam congelando. Ricky encarou a realidade.

Eles não achavam que sairia mais do quarto.

Antes do Brookline, a ideia de fazer um pacto com o diabo sempre lhe parecera ótima, mas agora ele sabia o que significava trocar um inferno por outro. Um pacto com o diabo envolvia a ilusão de uma escolha, não uma verdadeira escolha. Ricky seguiu na ponta dos pés para a estranha abertura na parede oposta. Ficava diante da cama, perto da porta. Fez uma pausa, levou a mão à alça e experimentou puxá-la.

Se ele a puxasse, a estrutura ia se elevar. Não era pesada nem estava trancada.

Ricky soltou a alça. Não seria nada surpreendente se a portinhola cobrisse um espelho falso ou uma janela para o corredor, de onde os auxiliares veriam que estava perambulando pelo quarto, sem amarras. Ricky perderia a primeira chance que tivera desde a noite do evento. E poderia não ter mais nenhuma. Então foi até a porta, ainda esperando algo como um choque elétrico quando tocasse a maçaneta. Porém, nada aconteceu. Virou a maçaneta devagar, para testá-la, e o mecanismo cedeu.

Ricky deu um puxão com força e viu a porta abrir para dentro. Era inacreditável. Havia todos os elementos indicativos de uma cilada. Era possível imaginar o diretor escondido em um canto, fazendo anotações em sua prancheta: *Paciente espera quatro minutos e dez segundos antes de tentar sair*. Era uma questão de confiança, o que não parecia uma boa ideia depois de a própria enfermeira Ash lhe dizer que não deveria confiar nela. Mas ela devolvera as páginas de seu diário. Impedira que tomasse os “remédios” receitados pelo diretor. (Sedativos, sem dúvida, para que Ricky estivesse bem tranquilo e manipulável quando o diretor precisasse dele de novo. Era repugnante.)

Em algum momento, ele precisaria parar de tentar adivinhar as intenções alheias e arriscar. Afinal, sabia melhor que ninguém que até suas próprias intenções eram um mistério.

Aquela era sua chance de fugir. De *ir embora*. Não importava o que a enfermeira Ash tinha dito, ele não ia perder tempo procurando registros e pistas. Precisava dar o fora dali. As dúvidas poderiam ser esclarecidas mais tarde.

O corredor do lado de fora do quarto 3808 estava vazio e silencioso. De alguma forma, aquilo parecia estar relacionado com o frio, como quando uma nevasca caía e até mesmo as áreas mais movimentadas de Boston ficavam silenciosas. Caminhou pelo corredor usando toda a sua coragem. Não parecia ter ninguém vigiando o andar, mas não havia como saber o que encontraria nos pavimentos inferiores àquela hora da noite. Os funcionários tinham que dormir em algum lugar, e ele não queria nem pensar na possibilidade de bater por engano na porta do quarto da enfermeira Kramer.

Ricky foi explorando a passos lentos, voltando correndo na direção do quarto a cada ruído que ouvia. A maioria das outras portas era idêntica à sua, pesada e sólida, mas ou os quartos estavam vazios ou os pacientes estavam sedados. Todos os sons vinham de cima ou de baixo, não de dentro dos quartos.

Por fim, Ricky chegou à porta da escada no fim do corredor, de onde era possível ouvir uma movimentação no andar de baixo. Ele esperou sob uma lâmpada pendurada no teto, tentando entender o

que parecia ser uma conversa despretensiosa entre enfermeiras e auxiliares, seguida de risadinhas. Seria reconfortante saber que os funcionários podiam rir se ele não estivesse com tanto medo. A melhor parte dos risos era o fato de indicarem que naquele momento ninguém estava esperando uma fuga. As risadas se tornaram mais distantes, e Ricky resolveu tentar abrir a porta para a escada. Quase soltou um grito de alegria quando ela cedeu, e ele pôde descer correndo os primeiros degraus, afetado pela imprudência da empolgação.

Ricky se recompôs e ficou alerta quando chegou ao segundo andar. Pressionou a orelha contra a parede e concluiu que as risadinhas estavam se distanciando. Quando arriscou espiar pelo canto do corredor, viu que as duas enfermeiras que ouvira estavam na extremidade oposta, com as cabeças bem próximas enquanto conversavam. Era uma ala marcada por círculos simétricos de luz, e um auxiliar silencioso estava parado no meio do corredor, com o nariz enfiado em uma revista. Aliviado, Ricky correu para a porta seguinte, que levava a mais um lance de escadas.



Estava se aproximando do primeiro andar e do saguão, que com certeza seria a parte mais perigosa. Era impossível saber o que estaria à sua espera ali, ou como ele conseguiria passar pelas portas com grades e depois pela entrada principal, mas precisava tentar. Nesse momento, Ricky se deu conta de que a enfermeira Ash, caso estivesse mesmo contra o diretor, correria um sério risco se sua tentativa de fuga fosse descoberta, mesmo que fosse bem-sucedida. Aquilo lhe provocou uma pontada de arrependimento,

mas sua segurança precisava vir em primeiro lugar. Se Jocelyn tinha algum juízo, aproveitaria aquela noite para sumir dali também.

Uma porta se fechou em algum lugar no primeiro andar. Ele ficou paralisado, tentando escutar o que poderia estar à sua espera do outro lado da porta da escada. Ouviu um chamado distante, e então um grito. Não sabia se voltava correndo ou se seguia em frente, e acabou ficando imóvel.

No momento em que resolveu se arriscar no saguão, a porta se escancarou e uma figura pálida e exaltada apareceu de surpresa, mandando-o para o chão. Ricky soltou um suspiro de susto quando a parte de trás de sua cabeça atingiu o piso de cerâmica. Sua visão ficou borrada por um momento. Então ele se lembrou do auxiliar com a revista no andar de cima.

Quando olhou para cima, viu Sloane, que tinha forçado passagem pela porta. Seminu e com os olhos arregalados, o velho estremeceu ao ver Ricky. Não havia como saber por onde ele andara nem como saíra do quarto. Sloane recuou, apavorado, escancarando a porta atrás de si com o ombro, estendendo as mãos para a frente como se quisesse se proteger de um ataque.

A cicatriz viva em seu pescoço parecia pulsar loucamente.

– N-não! É você! Você morreu, eu vi! Não vou deixar que acabe comigo, está me ouvindo? Não vou deixar!

Ricky ficou de pé aos tropeções quando ouviu uma dupla de auxiliares correndo pelo primeiro andar. Sloane devia ter se desvencilhado deles em algum momento, provavelmente perto do saguão. Mas agora saberiam muito bem onde estava.

– Shhhh! – Ricky tentou silenciá-lo, olhando freneticamente para o corredor e então para a escada. – Vão encontrar você!

– Você era como um irmão para mim! Como *pôde* fazer isso? Como *pôde* fazer isso comigo? – Sloane foi às lágrimas, apoiando-se na porta da escada e levando as mãos ao pescoço.

Os auxiliares estavam quase lá, Ricky conseguia ouvir seus passos pesados. Ele deu meia-volta e correu escada acima, para o terceiro andar, sem olhar para trás nem uma única vez.

Ele não ia conseguir sair do Brookline naquela noite, e o medo e a adrenalina estavam embrulhando seu estômago. Escapara por pouco. Por muito pouco. Mais alguns segundos e teria sido pego pelos auxiliares. Ricky voltou com todo o cuidado para o quarto, fechando a porta com o mínimo de ruído possível, torcendo para que ninguém aparecesse para verificar a situação naquele andar antes que enfermeira Ash voltasse para trancá-la. Seus ouvidos rugiam com sua pulsação acelerada, e seu pavor começou a ceder. Estivera assustado e aliviado demais para se irritar com Sloane, e era impossível deixar de ter pena do velho também. Ricky se perguntou o que significava o que ele dizia. Talvez fosse algum trauma de guerra ou coisa do tipo. Isso explicaria uma explosão bizarra como aquela e o motivo de Sloane estar ali, para começo de conversa. Ricky provavelmente era parecido com algum soldado com quem ele servira.

Ricky suspirou e esfregou a parte de trás da cabeça, sentindo o ponto que atingira o chão doer. A noite fora um fracasso absoluto. Ele fez uma pausa antes de ir para a cama, voltando os olhos de novo para a abertura na parede. Estava determinado a obter pelo menos uma resposta aquela noite. Queria fazer alguma coisa por impulso para lembrar a si mesmo de que ainda tinha controle sobre as próprias ações.

Ricky foi se aproximando, soltando o ar pela boca para aquecer as mãos. A curiosidade e o desconforto fizeram seus dedos tremer quando segurou a alça e puxou a portinhola. O mecanismo resistiu a princípio, então ele puxou com mais força.

A portinhola subiu e escapou de sua mão, revelando uma janela de vidro limpíssima que proporcionava uma visão bem clara do quarto ao lado, que com certeza estava ocupado. Ricky soltou um suspiro de susto, sentindo-se paralisado como na escada. Sua respiração embaçava o vidro, borrando a visão que estava à sua espera do outro lado.

Uma menina olhava diretamente para ele com seus olhos e cabelos escuros. Os mesmos olhos de sua

visão o encaravam do outro lado da parede.

Ela não piscou. Não gritou. Só levou o indicador aos lábios e pediu silêncio.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 30

*Diário de Ricky Desmond – [Quase ilegível, escrito com sangue no verso da última folha] fim de junho*

Agora eu a vi. Ela é real. A menina dos meus pesadelos está aqui, do outro lado da parede. Não vou conseguir dormir esta noite. Meu Deus, nunca mais vou conseguir dormir.

**R**icky acordou amarrado. Seu primeiro instinto foi resistir, mas ele se tranquilizou assim que seus pensamentos clarearam e seus olhos entraram em foco. Conforme prometido, a enfermeira Ash estava lá, com um copinho com comprimido na mão. Logo atrás, o diretor vigiava tudo, supervisionando a operação com a boca franzida.

– Preciso soltar o paciente, ou vai ficar difícil engolir. É mais fácil se ele estiver sentado – ela justificou.

– Vá em frente – respondeu o diretor.

Em seguida, ele deu um passo atrás, remexendo os dedos com impaciência enquanto a enfermeira Ash tirava a chave do bolso e soltava as amarras. Ricky livrou as mãos e soltou um grunhido antes de se sentar. Ele tinha passado a noite rolando na cama, e seu indicador ardia no local onde se cortara no fecho das amarras para fazer a anotação com sangue em uma das páginas do diário.

Nada parecia real nem duradouro naquele lugar, e escrever que tinha visto a garotinha pareceu uma tarefa urgente, uma confirmação necessária de que aquilo de fato acontecera. Ela poderia desaparecer na noite seguinte. Uma parte dele desejava que aquilo acontecesse. A *maior* parte.

Então aquela era a Fase Dois. Remédios e amarras. Hipnose e isolamento. Ele deveria ter sentido mais medo. Deveria ter tentado fugir com mais afinco quando ainda estava alocado no andar principal. Mas como ia saber que as coisas só iam piorar, em vez de melhorar?

A enfermeira Ash entregou o copinho e a água para ajudar a fazer os comprimidos descerem pela garganta. Na verdade, pareciam idênticos aos que acabaram espalhados pelo chão na noite anterior. Por outro lado, estava muito escuro, era difícil ter certeza... Mas pareciam ter mais ou menos o mesmo formato. Ela mentira? Aquilo era mesmo aspirina, como dissera?

Não havia escolha, não com os dois ali. Ele encheu a boca de água, enfiou os comprimidos e engoliu. Aquilo satisfez o diretor Crawford, que balançou a cabeça, anotou algo na prancheta e se dirigiu à janela, destrancando suas grades. Ricky mal sentiu o toque do papel contra a palma de sua mão, mas era real – a enfermeira Ash aproveitara que o diretor estava de costas e lhe passara um bilhetinho enquanto pegava de volta o copo d'água.

– Agora tome seu café da manhã, Ricky – ela disse com seriedade. Sua voz não combinava com sua expressão, e ele era capaz de jurar que dera uma piscadinha. – É melhor não ficar de estômago vazio depois dos remédios – ela acrescentou, olhando por cima do ombro, enquanto saía.

– Verdade. – O diretor pareceu mais relaxado sem a presença da enfermeira. Ele foi até a cama, com a luz do sol cintilando em seu relógio e em seus óculos dourados. – Você parece exausto, Ricky. Não conseguiu dormir?

Droga. Ele precisava inventar uma mentira, e depressa.

– É o colchão novo – murmurou, comendo uma colherada de ovos para não precisar olhar para o diretor. – Ainda não me acostumei.

– O tratamento deve ajudar com isso – o diretor falou, seguro de si. – Em breve você nem vai reparar no colchão e nas amarras, eu garanto, meu rapaz. Vai ficar forte. Invencível. Imperturbável pelo desconforto e pela dor. – Ele se aproximou um pouco mais, inclinando-se para a frente a fim de examinar os olhos e o restante do rosto de Ricky. – Fora isso, como você está?

O rapaz pôs uma mão sobre a outra, tratando de manter o bilhete escondido. Como ele tinha se sentido no dia anterior, durante o tratamento? Aquela poderia ser uma boa resposta. Havia o risco de ser cedo demais para saber se os “remédios” estavam fazendo efeito, mas naquele momento não estava se sentindo nem um pouco diferente, e não sabia se era mais seguro contar a verdade ou dizer o que imaginava que o diretor queria ouvir.

– Calmo – ele falou. *Entre no jogo. Ganhe a confiança dele.* – Pronto para melhorar.

– Quanto progresso! E tão depressa! – ele exclamou. Então acrescentou, mais comedido: – Eu sabia. Você nasceu para isso. Eu sabia.

*É alguma coisa relacionada especificamente a você.*

– O que você sabia?

– O que eu não sabia? – retrucou o diretor, brincalhão.

Ricky abriu o sorriso mais largo de que era capaz.

– Enfim, estou pronto – ele repetiu, respirando fundo enquanto o diretor abria um sorriso também. – Mas quero pedir uma coisa. – O sorriso desapareceu do seu rosto. – Eu... preciso de uma garantia. – Inquieto, Ricky olhou para as mãos, remexendo nas unhas sem parar. Pensar em pactos com o diabo na noite anterior lhe dera uma ideia. As pessoas que enganavam o diabo eram sempre aquelas que não pediam coisas para si mesmo. – Quero que você deixe Kay em paz. Vou fazer o que for possível para ajudar, mas ela precisa ser deixada em paz. Por favor.

O diretor refletiu sobre a proposta, mexendo os pés e mantendo as mãos paradas junto às costas. Ricky ficou com medo de ter cometido um erro de cálculo. Tinha pensado que Crawford faria de tudo para garantir sua cooperação, e Kay não parecia ter muita importância para ele.

– Se o progresso continuar – o diretor disse por fim –, posso pensar em reduzir o tratamento dela. Mas apenas se o seu progresso continuar.

Ele percorreu o restante do quarto, inspecionando tudo ao redor, e então voltou para Ricky para mais um breve exame. O jovem cerrou os punhos quando o diretor se inclinou para a frente, segurou-o pelo pulso e prendeu as amarras outra vez. Ricky quase soltou o bilhete, porque seus dedos estavam duros de tanto manter as mãos fechadas. O diretor se afastou e limpou as mãos com um gesto exagerado que deixou Ricky irritadíssimo.

– Bom, vou deixar você sozinho com seus pensamentos. Daqui a algumas horas, começamos de novo. Você não faz ideia da alegria que sinto ao ouvir que está *pronto*, meu rapaz. Meu Paciente Zero.

Ricky já ouvira aquelas palavras antes. Paciente Zero. Ele estremeceu. O diretor vinha planejando aquilo fazia tempo. Seu corpo relaxou apenas um pouquinho quando a porta enfim se fechou.

Como ia conseguir ler o bilhete de Jocelyn se mal conseguia mover os braços? Ricky não precisou se preocupar com aquilo por muito tempo. A enfermeira voltou logo em seguida, com o pretexto de apanhar a bandeja do café da manhã. Olhava por cima do ombro o tempo todo, como se pudesse se encrencar até por isso.

– É assim que vai ser todos os dias? – ele perguntou, desabando sobre o travesseiro quando ela o soltou.

A enfermeira Ash parecia tão exausta quanto ele, pálida e com olheiras carregadas.

– Infelizmente parece que sim.

Ricky desenrolou o bilhete com um sorrisinho.

Ouvi dizer que o serviço de quarto é horrível por aí. Você precisa reclamar com a gerência. Eu passei o dia todo no SPA. – K.

– Aquela ali é uma comediante de primeira – comentou a enfermeira Ash, com toda a gentileza. – Ela... não estava em SPA nenhum.

– Sei o que ela quis dizer. – Kay estava sendo torturada de novo. Na sala da terapia de choque. Ricky dobrou o bilhete e escondeu sob o colchão, com o resto do contrabando. Com um pouco de sorte, os dias

de “SPA” estavam contados, agora que ele fizera seu pacto com o diabo. Valeria a pena. Pelo menos um deles seria deixado em paz.

– Obrigado por me trazer isso.

– Claro. Você quer que eu diga alguma coisa para ela? – Ele comeu a última colherada dos ovos antes que a enfermeira Ash levasse a bandeja. – Posso tentar conseguir papel e giz de cera, mas não prometo nada.

– Pode dizer que vou mandar para a gerência uma carta bem desaforada – ele falou, fechando os olhos.

– E que vou dar um jeito de tirar a gente daqui. De algum jeito. Em breve. Pode falar que é uma promessa.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 31

— **V**ocê sabe o que significa tudo isso, Ricky?

A voz do diretor o tranquilizou como o abraço de um pai carinhoso. Era como ouvir uma história na cama antes de dormir, que o deixaria com sono, mas ainda não o suficiente para fazê-lo dormir. Seus olhos acompanhavam a pedra de um lado para o outro, e ele relaxou totalmente, experimentando um vazio completo. Na verdade, nunca tinha se sentido tão leve. Como um copo vazio. Sim, ele era isso, e as palavras do diretor o preenchiam.

— Legado — respondeu Ricky, extraindo a palavra das profundezas de sua mente. — Permanência. Eternidade.

Era muito bom estar certo. Ele seria recompensado.

— Isso mesmo. Muito bem, Ricky. — Aquela era a recompensa. Um elogio. Ele estava indo bem. A pedra vermelha ia de um lado para o outro. Dava para sentir a luz do sol entrando pela janela. O hálito de menta vindo da boca do diretor. Alguns sentidos se tornavam mais aguçados, enquanto outros cediam completamente. — Muito, muito bem. O que mais?

— Imortalidade.

— Exato. Você está aprendendo bem rápido. Sabe por que eu o escolhi, Ricky? Sabe por que você tinha que ser meu Paciente Zero?

Ele não sabia, mas a pedra, o ritmo, o vai e vem, tudo aquilo o fazia querer muito saber. Na verdade, saber a resposta era a única coisa que importava. A única coisa, e ponto final.

— Por quê? Por que tinha que ser eu?

— Houve outros mais espertos — disse o diretor. — Mais inteligentes, mais bem formados, mais ansiosos para agradar, mais interessados na ciência e na filosofia por trás. Mas no fim, para minha desolação, nada disso era suficiente. Os resultados estavam tão distantes do que eu queria obter que eles nem ao menos chegaram a fazer parte do mesmo experimento que você. Então o destino, que é o oposto da ciência, mas também um parceiro necessário, fez sua parte, e o paciente antes de você chegou bem perto, de forma totalmente acidental. Então formulei uma nova hipótese. A biologia. Ela era o segredo. — O diretor suspirou como se estivesse decepcionado consigo mesmo, mas logo voltou a se animar. — Você... Você é curioso como ele. Curiosidade significa movimento, Ricky. E o leva sempre adiante. Gera um *impulso*.

Sim, um impulso, como o da pedra. Movendo-se de um lado para o outro.

— Agora relaxe, Ricky, e abra sua mente por inteiro. Tenho muita coisa para lhe contar, muita coisa para você levar para o futuro...



Era como se seu crânio tivesse sido aberto e fechado de novo, com alguma coisa ficando para trás. Sua cabeça doía, latejava, como se seu cérebro tivesse volume demais para um recipiente daquele tamanho. Como se houvesse palavras demais impressas numa página.

Com um grunhido, Ricky rolou de um lado para o outro na cama, movimentando-se o máximo que podia com as mãos amarradas. Era uma tortura de outro tipo. Uma ressaca furiosa sem ter bebido uma gota de álcool. Ele tentou entender o que tinha acontecido, o que era aquele espaço em branco bem no meio de seu dia. Acordara, tomara café da manhã, lera o bilhete de Kay e então os auxiliares tinham-no levado para uma sala mais adiante no corredor e lhe dado um banho de água gelada, com um jato que

parecia capaz de arrancar sua pele do corpo. Depois voltara para o quarto, onde o diretor estava à sua espera.

A pedra vermelha fora removida da maleta de couro e... Nada. Só um grande branco. Mas Ricky sentia que havia algo diferente, que alguma coisa tinha mudado.

Ele não era nenhum escoteiro, mas pela luminosidade dava para ver que estava anoitecendo. O diretor deixara as cortinas abertas, e a luz antes brilhante agora tinha um tom de laranja.

Aquela hora do dia fazia com que Ricky se lembrasse de quando ficava observando o mar com Martin, que comia uma raspadinha enquanto ele cantava uma música qualquer que lhe viesse à mente. Era difícil pensar naquilo quando parecia que alguém tinha passado a tesoura em suas lembranças. Ele se recordava de ter cantado uma música de um cara chamado Otis Redding, por exemplo, embora nada da letra lhe viesse.

– O que está acontecendo comigo? – indagou Ricky.

Talvez não significasse grande coisa, esquecer a letra de uma música, mas aquilo ficou em sua cabeça. Nunca se esquecia de um cantor. Não era comum para ele.

Quando a porta se abriu, Ricky começou a bater com as mãos amarradas na estrutura da cama. A enfermeira Ash entrou com passos apressados, equilibrando a bandeja do jantar nas mãos. Seus cabelos estavam bagunçados, presos dos dois lados de forma assimétrica. Ricky então viu o auxiliar que apelidara de Tropeço parado no corredor.

– Estou sem tempo hoje – ela falou, olhando por cima do ombro para se certificar de que a porta estava fechada antes de soltar as amarras. – Não sei se o diretor está desconfiado. Espero que não. Muito cuidado se sair do quarto, viu? Vou fazer o máximo para provocar algum tumulto lá embaixo. De repente consigo convencer Kay a dar um escândalo.

– Tenta oferecer um livro – ele falou, meio grogue. – Ela gosta de ler.

– Vou pensar, mas talvez seja melhor que ela não se envolva nisso.

– Kay tem que ficar em segurança. – Seus pulsos ardiavam, e ele se sentou para esfregá-los, sentindo-se incrivelmente zozinho assim que levantou a cabeça. – Ela mandou outro bilhete?

– Claro. – A enfermeira Ash o tirou do bolso junto com um giz de cera. – Vou tentar trazer papel.

Ela estava com o copinho de remédios também, que mais uma vez pareciam os mesmos. O diretor não via Ricky tomar os comprimidos à noite, então era mais provável que fosse aspirina. Ele tomou de bom grado, porque qualquer ajuda para apaciar a dor era válida.

O jantar daquela noite se resumia a uma montanha de purê instantâneo e um punhado de ervilhas velhas cozidas. Ele comeu, perdendo o apetite a cada colherada. O bilhete de Kay o animou, mas só um pouco. Era surpreendente que ela conseguisse mandar um todos os dias. Ricky esperava que aquilo continuasse a acontecer, porque precisava se agarrar a alguma coisa.

Nada de novo no primeiro andar. Acho que a enfermeira tem uma quedinha por você. Provavelmente lê o que eu escrevo também... Olá, enfermeira! Você ganhou um concurso de popularidade em um hospital psiquiátrico. Deve estar se sentindo incrível.

Ele deu uma risadinha de leve e enfiou o bilhete debaixo do colchão, com o resto de suas coisas. Passando a colher pelo purê, deu uma espiada na enfermeira Ash, que parecia interessadíssima nas rachaduras do revestimento de cerâmica.

– Por que está ajudando tanto a gente? – ele questionou. – Por que está *me* ajudando?

– Sinceramente?

Ele fez que sim com a cabeça. O rosto da enfermeira ficou bem vermelho, e ela limpou uma mancha inexistente no vestido. Não fazia diferença se evitava o contato visual. Independente do motivo, ele duvidava que fosse coisa boa. Talvez ela tivesse se dado conta de quem realmente era o diretor depois que sua amiga morrera.

Mas talvez fosse simplesmente uma pessoa boa. Uma das poucas no mundo.

– Desde o primeiro dia em que cheguei aqui, soube que o diretor não prestava – ela disse com tristeza.  
– Mas fui... Sei lá. Cativada. Ele fazia um monte de discursos grandiosos, me dizendo que eu ia chegar longe. Que eu podia ser médica, e não só uma enfermeira. Que podia progredir de verdade. Senti que ele estava do meu lado. Eu me rebelei contra uma série de ideias antiquadas no curso de enfermagem e fui ingênua a ponto de pensar que ele fosse diferente. É tarde demais para salvar a menina que eu era na época, mas não para ajudar você e Kay.

– Discursos grandiosos – repetiu Ricky. – Bom, isso combina bastante com ele.

– Não dá para levar nada do que o diretor diz a sério – ela continuou, baixando o tom de voz e olhando por cima do ombro, como se tivesse se lembrado de repente da presença de Tropeço. – É tudo da boca para fora. Um monte de mentiras. Ele acredita que pode viver para sempre. Uma loucura total.

Ricky quase fez uma piadinha apontando a ironia daquela última afirmação, mas guardou o comentário para si, sentindo o purê grudar na garganta.

– E ele pode mesmo?

A enfermeira Ash o encarou com uma expressão confusa.

– Pode o quê?

– Viver para sempre. Ele parece achar possível e está disposto a investir pesado nisso. Não é isso que está fazendo comigo? O diretor me considera um espécime, ou o que quer que seja. Sou o Paciente Zero. E se ele tiver razão?

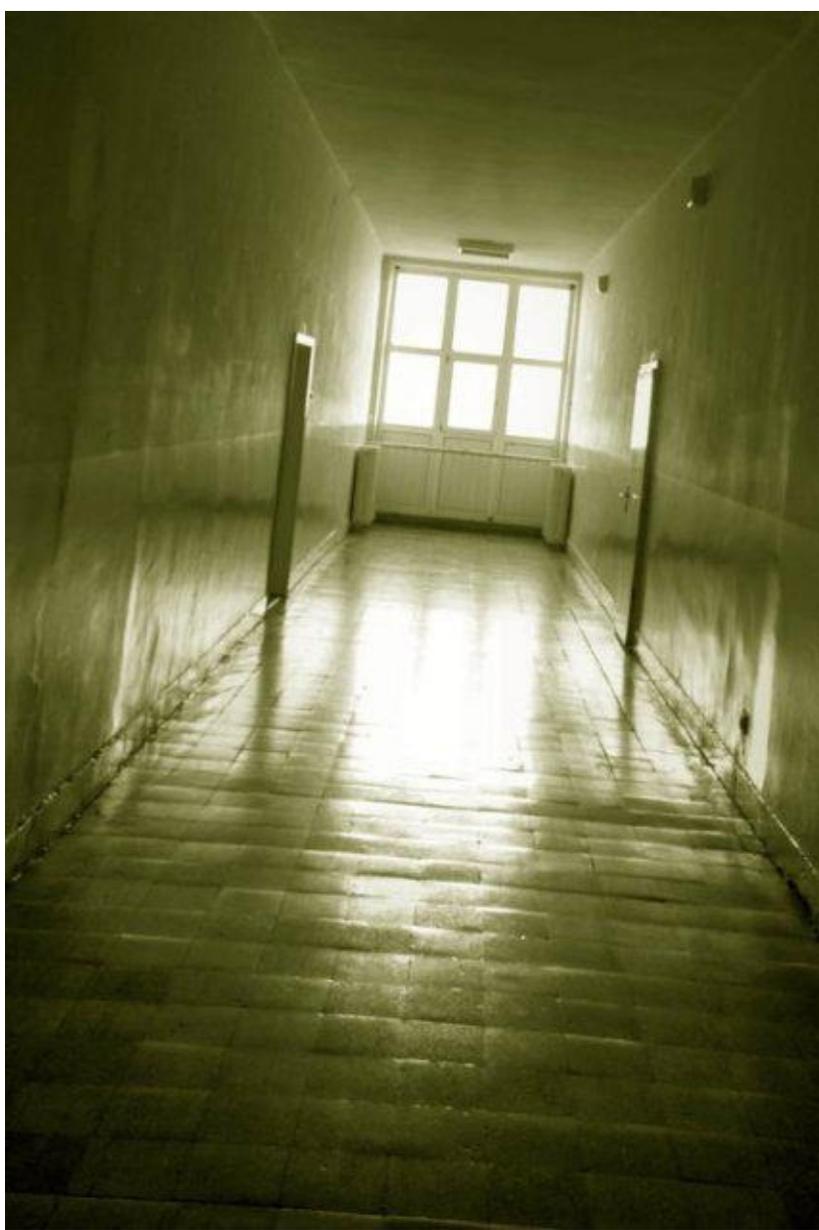
– É impossível Rick. Não dê ouvidos a ele, está bem? Não vá cair nessa.

– Estou perdendo partes de mim – ele falou depois de um instante, e com o canto de olho notou que a enfermeira ficou paralisada. – Não me lembro mais do meu último aniversário. Nem da letra das minhas músicas favoritas. Mal consigo me recordar de qualquer coisa que aconteceu antes de entrar no Brookline. As lembranças ainda existem, mas é como se estivessem atrás de um vidro. Não consigo ter acesso a elas, e estão ficando cada vez mais distantes.

A enfermeira Ash não voltou a olhar para ele. Simplesmente recolheu a bandeja e o copinho dos remédios, quase derrubando tudo. O prato tilintou ruidosamente na bandeja em suas mãos trêmulas.

– Você só está cansado. Talvez seja melhor não sair hoje à noite e ficar descansando até que eu volte para prender as amarras.

Certo. Mergulhar na cama. Esquecer tudo. Dormir um pouco. Ele teria sorte de fazer isso de novo em algum momento da vida. Ricky não disse nada, só balançou a cabeça e bocejou, cumprindo seu papel como se fosse o paciente de uma peça de teatro, boa noite, durma com os anjinhos.



CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 32

O corredor ficou vazio depois que anoiteceu. A enfermeira Ash fizera sua parte, e Ricky viu que seu andar estava tranquilo como sempre, tão silencioso que era possível ouvir as conversas abafadas que aconteciam sob seus pés. Ele não conseguia distinguir as palavras, mas ouviu uma risadinha aqui e um comentário mais alto ali...

Ricky atravessou o corredor na ponta dos pés, fazendo uma careta ao passar pelo quarto imediatamente ao lado do seu. Era assustador demais pensar naquela garotinha à espera lá dentro. A tentação de reabrir a portinhola na parede para ver se ela ainda estava lá era grande, mas ele tinha resistido, preferindo ignorar a curiosidade, por mais que atormentasse sua mente. A menina existia e estava lá.

Pelo menos na vida real a menina tinha rosto, ele pensou, desolado.

A sala no canto oposto do andar tinha chamado sua atenção. Enquanto esperara que a barra ficasse limpa, ficara pensando no que poderia haver ali. Vassouras e esfregões pareciam ser a resposta mais provável, porém uma pequena pontada de curiosidade mantinha sua esperança viva. Ele estremeceu. Curiosidade. Não era aquele o motivo que levava o diretor a escolhê-lo como Paciente Zero?

Como ele tinha falado mesmo? Biologia? O garoto sentiu sua respiração se acelerar. A fotografia que encontrara... A ficha de paciente surrupiada por Kay... Parecia um absurdo, mas era impossível deixar de perguntar se seu pai não havia sido um paciente do Brookline. Podia parecer loucura, mas retratá-lo como um babaca que dera no pé era exatamente o tipo de coisa que sua mãe faria. Para manter as aparências. Era só o que importava. Ela não queria um filho que beijava outros garotos e não queria um marido internado em um manicômio.

*Caso* ele tivesse ido mesmo parar lá.

Pensando bem, seu pai poderia ter sido mesmo apenas egoísta e cruel, dado aos mesmos impulsos violentos que Ricky. Aquilo não era uma fantasia, era a provável verdade. Biologia podia significar muitas coisas diferentes, ele lembrou a si mesmo: tipo sanguíneo, gênero, inclinações mentais...

Ricky parou diante da porta, testando a maçaneta para ver se os funcionários tinham tomado juízo e resolvido trancá-la. Sua sorte continuava. Ela abriu com um leve rangido, e ele bateu em busca da correntinha no teto para acender a lâmpada, fechando a porta em seguida. Ele deu um pulo para trás, com a certeza de que a imagem de um rosto aparecera. Olhos escuros. Boca aberta. Um sussurro abafado.

– Aguenta firme – ele falou baixinho para si mesmo, encostando-se na parede para recobrar o fôlego. Não deveria ter olhado por aquela abertura. A imagem da garotinha o atormentava fora de seus sonhos agora.

Ele se recompôs para examinar a sala. Caixas e mais caixas empilhadas em fileiras desiguais. A maioria tinha etiquetas retangulares que traziam a descrição dos conteúdos escrita a caneta, com a tinta já desbotada. Orçamentos, faturas, despesas... Nada daquilo o interessava. Ninguém limpava aquele lugar fazia décadas. Como imaginara, havia um esfregão apoiado em um canto, mas uma aranha dedicada havia prendido o cabo à parede com sua teia. Moscas e pernilongos mortos se acumulavam nos cantos. Um repugnante par de sapatos velhos estava sobre uma prateleira bem no meio do depósito, onde ele viu também o que parecia ser uma camisinha usada. Talvez os funcionários aproveitassem aquele depósito para suas escapadelas. Certamente não estava sendo utilizado para mais nada.

Frustrado, mas ainda cheio de determinação, Ricky mergulhou nas caixas, abrindo algumas tampas e verificando se os conteúdos condiziam com as etiquetas. Não havia nada de extraordinário. Coisas como comprovantes e listagens. Sua cabeça começou a doer de cansaço. Ele apanhou uma caixa com cuidado e pôs em cima de outra à sua esquerda, remexendo na fileira de baixo. Uma nuvem de poeira o sufocou quando fez isso, mas a recompensa foi imediata: a caixa de baixo não estava etiquetada. O que o diretor

Crawford tinha falado sobre ciência e destino mesmo?

Ricky segurou as caixas empilhadas para mantê-las equilibradas enquanto abria a última. Em seguida agachou e apanhou a primeira folha, uma ficha escrita à mão.

#### DESCARTAR IMEDIATAMENTE

– Alguém não levou isso a sério – ele brincou, pondo a ficha de lado e remexendo naquilo que deveria ter sido destruído e claramente não fora.

Lá dentro havia um punhado de pastas, algumas tomadas pelo mofo. Ele abriu uma por uma, encontrando mais fichas como aquelas do primeiro andar. Estavam amareladas por causa da umidade e da falta de cuidado na armazenagem, mas ainda era possível ler. Nomes. Datas. Sintomas. Seu coração disparou enquanto folheava, ignorando o cheiro repugnante de poeira e bolor que preenchia o depósito.

Nenhuma das linhas que descrevia o destino final dos pacientes demonstrava algum progresso. Assim como nas demais fichas. Ele encontrou onze pacientes seguidos que morreram apenas seis meses depois da internação. Nenhum progresso. Sintomas agravados. Paranoia aprofundada. Descolamento da realidade. Insônia.

*Morte.*

Nossa. Era uma sequência bem ruim. Isso não podia ser só coincidência, pensou Ricky. Algumas das linhas em branco no verso continham breves descrições de tratamentos e procedimentos. Outras traziam anotações mais cifradas, como “Perto”, ou “Ainda mais perto”. Ele folheou mais algumas fichas, cada vez mais depressa. *Morte, morte, morte...* Então parou. Seu coração acelerou. *Não.* Não era possível. Ele conhecia aquele nome. Tinha tentado esquecê-lo.

*Seu pai foi embora. Seu pai nos abandonou.*

Mentira. Era tudo mentira.

Talvez tivesse ficado sabendo e se recusara a aceitar. Podia ter esquecido, como forma de autodefesa, para se sentir melhor. Talvez tenha descoberto assim que bateu os olhos na foto da saleta do primeiro andar, ou quando viu aquele homem pálido e frágil escondido entre as caixas de figurinos, com os olhos arregalados e suplicantes. Ou quando aquela voz falou com ele, tentando ajudá-lo, incitando-o a fugir.

Estava trêmulo. Não conseguia se conter. A ficha tremia em seus dedos quando a ergueu mais perto do rosto e da luz. Se estivesse sofrendo uma alucinação tudo faria mais sentido, concluiu enquanto lia aquele nome repetidas vezes.

*Desmond, Pierce Andrew*

*Internado por iniciativa própria*

*Insônia, múltipla personalidade, inquietação, idealização do suicídio*

*Falecido em 1967*

E no verso: *O mais próximo.*

Desmond, Pierce Andrew

Internado por iniciativa própria

Isônia, múltipla personalidade, inquietação,

idealização do suicídio

Falecido em 1967

CAPÍTULO

Nº 33

O Brookline estava consumindo Ricky, devorando-o, corroendo-o por dentro. As paredes se fechavam sobre ele, esmagando-o por todos os lados. Não conseguia dormir nem ao menos rolar na cama. As paredes azuis o cercavam, aproximando-se como grandes geleiras em rota de colisão. Quando a enfermeira Ash voltou para prender as amarras, ele estava trêmulo e delirante. Imóvel. Ela o virou para junto de si, mas Ricky não se mexeu nem disse nada.

Não havia como dormir depois daquela descoberta. Seu pai. Ele tinha morrido ali, menos de um ano antes. E se tivesse ficado naquele mesmo quarto? Ricky o vira... Deus do céu, ele o vira encolhido no chão, com abismos negros de desespero no lugar onde deveriam estar seus olhos.

Sacudiu a cabeça, tentando encontrar um sentido naquilo tudo. Quando fechava os olhos, via o rosto terrível e macilento de seu pai, então era melhor mantê-los abertos. As sombras se moviam pelo piso, com o balançar das árvores do lado de fora ao sabor da brisa noturna. Havia uma sombra na parede oposta, e foi lá que ele fixou o olhar. Parecia mais densa que as demais, uma forma sólida e preta que crescia diante de seus olhos.

Era só um truque da escuridão. Uma consequência da privação de sono. Sua mente estava sendo levada aos limites, a uma desolação cada vez maior. Mas aquilo não parecia fazer diferença para o vulto do outro lado do quarto, que tomou a forma de uma silhueta borrada nas extremidades. Não podia ser sua imaginação. Ele piscou mais umas vezes e a figura permaneceu ali – crescendo, zumbindo, escavando a estrutura, tentando forçar sua passagem por algo que a detinha. Quando se libertou, em vez de seguir junto à parede, moveu-se diretamente em sua direção.

Uma pessoa. Um vulto. Tinha atravessado a parede. Era ela, a menina de cabelos escuros e bagunçados, com a roupa branca esfarrapada. Ia até ele, que não podia fazer nada além de observar, amarrado na cama. Ela atravessou o quarto com a cabeça baixa, os movimentos lentos e inexoráveis, os cabelos tão compridos que quase roçavam o piso de cerâmica. Havia rachaduras pretas e serpenteantes em sua pele, e uma aura de luz antinatural brilhava fracamente ao redor de seu corpo.

Ele gritou. Debater-se contra as correias não produziu nada além de dor nos pulsos. Ela estava vindo. Estava bem perto àquela altura.

– M-me deixa em paz – implorou Ricky, notando que aquilo saiu em um soluço. – Por favor, me deixa em paz. O que você quer? Não tenho *nada*. Nada. Vai embora. Por favor, vai embora!

Quando ela estava perto o suficiente para tocá-lo, ergueu a cabeça para revelar um sorriso, um enorme sorriso, grande demais para qualquer rosto humano.

– Morto, morto, morto – ela sussurrou. – Como *todos nós*.



Ricky mal conseguia manter a cabeça equilibrada para seguir o balanço do pêndulo. O brilho sobrenatural da pedra não o interessava mais. Ele preferia encarar o diretor, da melhor forma que conseguisse com seus olhos baixos e injetados.

O assassino de seu pai.

O que viria pela frente era impossível saber, mas Ricky só conseguia se concentrar nesse único e avassalador fato. Seu pai fora àquele lugar por vontade própria, para tentar melhorar. Acreditou que aquelas pessoas pudessem ajudá-lo, mas em vez disso o mataram.

Ricky não dissera uma palavra à enfermeira Ash, apesar de todas as tentativas e demonstrações de preocupação da parte dela. Os textos dos bilhetes de Kay desapareceram em sua mente. Por que fariam diferença? Por que ela, a enfermeira ou qualquer um ali importariam depois de descobrir que o diretor matara seu pai? E provavelmente acabaria o matando também. Seu corpo não tinha energia suficiente para dar conta de sua raiva, por isso Ricky permanecia imóvel, borbulhando por dentro, deixando que o conhecimento daquele segredo pútrido o consumisse até fazê-lo vomitar nos sapatos caríssimos do diretor.

– Pierce Desmond – ele conseguiu dizer com um grunhido.

O pêndulo diminuiu o ritmo, e os olhos miúdos do diretor se estreitaram atrás dos óculos redondos.

– Como é? Ricky, preciso que você se concentre, por favor... Está disperso demais hoje.

– Pierce... Desmond.

Naquele momento ele encontrou forças para voar da cadeira e, com as amarras ainda frouxas do café da manhã, avançar contra o diretor, agitando os braços e golpeando-o. Ricky ouviu o auxiliar correr pelo quarto enquanto Crawford tentava se defender do ataque, deixando de lado a pedra vermelha e segurando-o pelos pulsos. Ricky estava fraco demais, cansado demais... Eles o dominaram, mas não sem impedir que acertasse uns bons golpes antes.

– VOCÊ O MATOU! VOCÊ O MATOU! SEI QUE FOI VOCÊ!

– Minha nossa, ninguém vai sedar o paciente? Ninguém vai me ajudar aqui?!

O diretor saiu de debaixo de Ricky, pegou a pedra e se afastou cambaleando. Em seguida, ajustou os óculos no rosto e ficou observando enquanto o auxiliar punha Ricky na cama com os braços atrás da cabeça, mantendo-o imobilizado até que mais pessoas chegassem.

Ricky ignorou a presença e a dor em seus braços imobilizados. Cuspiu e esperneou, sem tirar os olhos do rosto espantado do diretor.

– Ele veio até aqui. Confiou em você. E foi *assassinado*! Não queria fazer o que você mandava, e foi morto por isso!

– Sedativos, por favor – o diretor instruiu seus funcionários, ignorando o rapaz que gritava para ele da cama. Aquilo só deixou Ricky ainda mais furioso. – E deixem uma nova dose pronta para quando ele acordar! Não disse, destas aqui.

O verniz de tranquilidade do homem se desfez enquanto remexia o bolso do jaleco para pegar um frasco de comprimidos, que entregou a Tropeço. A enfermeira Ash chegou com mais gente. Ricky mal conseguia ouvir o que as pessoas diziam, de tão alto que gritava.

– Foi só um incidente desagradável – disse o diretor Crawford. Seus óculos ficaram borrados diante dos olhos de Ricky. Tinham enfiado uma agulha nele. Tudo estava desaparecendo. – Pronto, foi só um incidente desagradável, certo? Isso vai passar em breve, Ricky. *Confie em mim*. Confie em mim.



Ele não se lembrava de ter acordado, mas deviam tê-lo despertado à força. Era possível estar desperto e inconsciente ao mesmo tempo? Era assim que se sentia. No limbo. Preso entre o sono e a vigília. Não conseguia se mover. Estava preso em um tipo estranho de cadeira, que mantinha seus braços e suas pernas no lugar. A pedra vermelha oscilava na sua frente, e não havia nada a fazer além de observar seu balanço de um lado para o outro; pequenas garras afiadas de metal mantinham suas pálpebras abertas. Não havia como se mover. Nem piscar. De tempos em tempos, ele sentia uma gota gelada pingando em seus olhos para amenizar o ressecamento.

Era impossível determinar quantas pessoas havia naquela sala. Estava tudo escuro, a não ser por um foco de luz à sua frente. Uma luminária, talvez? A lâmpada iluminava a pedra, que ia de um lado para o outro, atraindo-o, oferecendo um refúgio da dor e da confusão.

Sua consciência oscilava. Aquilo não podia ser real. Nada daquilo tinha como ser real. Ele devia estar dormindo. A voz do diretor se misturava à sua. Fazia quanto tempo que aquilo estava acontecendo? Sem nenhuma noção de tempo, seu mundo inteiro se condensou no pêndulo vermelho e na voz tranquilizadora do diretor.

Pouco depois, era o único som que ele ainda queria ouvir.

*Você está seguro agora, Ricky. Está seguro.*

*Faça o que eu digo. Siga minha voz. É a única maneira de acabar com isso, a única maneira de deter a dor...*

Sim. Ricky queria que a dor parasse. Não queria ficar amarrado a uma cadeira. Não queria uma

mordança na boca, nem ter os olhos abertos à força. A lâmpada era quente, muito quente, queimando sua pele e fazendo o suor escorrer por seu rosto, encharcando suas roupas.

*Você é muito especial. Ser o primeiro, o Paciente Zero, é um privilégio. Não é bom ser especial? Não acho que você precise ser mudado, Ricky.*

Aquilo parecia ser verdade. Ele não precisava ser mudado. Finalmente alguém tinha dado ouvidos ao que vinha dizendo desde o início.

*Você é perfeito da maneira como é. Mas precisa escutar. Precisa obedecer. Garotos perfeitos obedecem. Quer ser perfeito da maneira como é, não é mesmo?*

*Eu sou, ele pensou, sentindo uma pontada de dor atingi-lo, não sou?*

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 34

## Diário de Ricky Desmond – julho

“Ain’t too much sadder than the tears of a clown when there’s no one around...” É isso. Isso é tudo de que me lembro. Está tudo se esvaindo. Moro na Hammond Street, 335, minha mãe se chama Kathy Anne. Meu pai se chama... Ele se chama... Não sei. Eu me lembro de Butch. E da minha mãe. Onde foi parar tudo isso? Não é o tipo de coisa que as pessoas esquecem. A enfermeira Ash me disse para não esquecer. Me disse para não confiar em ninguém. Mas não consigo lembrar, exige muita energia, e quando tento tudo vira fumaça.

Só quero dormir. Queria que ele me deixasse dormir.

Quando o diretor o visitou de novo, Ricky sentiu como se estivesse vendo tudo pelos olhos de um estranho.

Estavam sentados um de frente para o outro: ele na cama e o diretor em uma cadeira. Um auxiliar estava a postos perto da porta, mas Ricky não tinha energia nem para falar, quanto mais para resistir. Vinha sendo alimentado com mingau e água fazia tantos dias que perdera a conta. Seu estômago doía o tempo todo, mas, quando pedia mais ou alguma coisa diferente, era ignorado.

O remédio deixou um tremor em suas mãos e um gosto azedo e espesso em sua boca. Ele sabia que não estava mais tomando só aspirina. Já fazia alguns dias. Não aguentaria por muito mais tempo.

– Estou vendo que está se recuperando, Ricky – o diretor disse baixinho, curvando os lábios num sorriso. Ele se inclinou para a frente, pondo a mão no joelho de Ricky. – Uma punição a você é uma punição a mim também. É doloroso tratá-lo dessa maneira, mas eu já deveria esperar por isso. A perfeição nunca é fácil. Exige sacrifícios. Seu pai também era assim às vezes. Pior, até. Ele resistia, não queria entrar para a história da ciência. Era muito egoísmo da parte dele, não acha?

Ricky não achava que era egoísmo, de forma nenhuma. Seus lábios tinham se contorcido em uma careta assim que o diretor mencionara seu pai. Ele tinha morrido... morrido. Por algum motivo, aquilo não parecia verdade.

– As coisas vão ficar mais fáceis agora – o diretor garantiu. Seu rosto exibia novas linhas de expressão, rachaduras na fachada impecável. – Só preciso saber se está do nosso lado. Do meu lado.

O diretor Crawford se inclinou para a direita, pegou a maleta e a pôs no colo, abrindo os fechos com um estalo e mexendo lá dentro. Ricky viu quando sacou um bisturi e colocou na cama, perto de sua mão.

Ele olhou para o instrumento e se encolheu. Na mão do diretor, havia uma ferramenta capaz de produzir dor. Capaz de matar. Ricky pensou ter ouvido que ele estava melhorando. Por que precisaria daquilo agora?

– Quer segurar? – o homem ofereceu.

– Não – Ricky respondeu, mas não era exatamente verdade. Ele não sabia como reagir à presença do pequeno instrumento cortante ao seu lado. – Não sei.

O diretor fez um aceno de cabeça e pegou uma prancheta. Em seguida abriu a tampa de uma caneta e começou a fazer anotações, pondo a maleta de volta no chão.

– Posso comer alguma coisa? – pediu Ricky. – Estou morrendo de fome.

– Em breve. Quando terminarmos aqui você pode fazer um lanchinho, que tal? Uma pequena recompensa. – O diretor continuou fazendo anotações, então empurrou os óculos mais para cima no nariz. – Não quer pegar o bisturi?

– Não, quero comer.

– Não quer me atacar usando isso? – ele insistiu.

Ricky sentiu o peito em chamas. Atacar o diretor? Por que ele faria aquilo? Havia uma razão. Tinha que haver. Uma barreira fora erguida em sua mente para afastar seus pensamentos dela. Estava em algum

lugar, escondida, inacessível. Lá dentro. Alguma coisa sobre... sobre alguém... Por que aquilo não parecia mais tão importante? Sua cabeça latejava em busca de lembranças.

– Está bem aqui à mão, Ricky, e posso garantir que é afiadíssimo. Não quer usar para me cortar?

– Não – ele respondeu, cerrando os dentes. Talvez quisesse, mas, mesmo se fosse o caso, seria certamente a resposta errada. Ela ia levá-lo de volta àquela cadeira. – Não, eu não quero nem encostar nisso.

Com um aceno, o diretor Crawford murmurou alguma coisa para si e fez mais algumas anotações. Sua letra era cheia de curvas, uma caligrafia estilizada demais para que Ricky conseguisse ler da posição em que estava. A única palavra que conseguiu distinguir foi “progresso”.

– E o que aconteceu com seu pai, Ricky? O que aconteceu com Pierce Desmond?

Era como se alguém no quarto ao lado tivesse gritado a resposta imediatamente, antes mesmo de o diretor ter terminado de fazer a pergunta. Em alto e bom tom. E com insistência. Parecia uma coisa falsa, mas foi a primeira que lhe veio à mente, então devia ser verdade.

– Ele cometeu suicídio.

– Onde?

– Aqui. Bem aqui neste quarto.

– Isso mesmo, Ricky. Você tem uma memória excelente. – O diretor sorriu para ele, orgulhoso, e o jovem retribuiu.

Sim, ele tinha uma boa memória. Estava tudo bem. Progresso.

– Seu amigo Keith anda bem contrariado, sabe? Eu tinha encerrado a terapia forçada dele, mas precisamos rever a decisão graças ao seu comportamento. Talvez seja bom pensar no bem-estar dele daqui em diante. Não é uma boa ideia fazer um trato se não está disposto a cumprir sua parte até o fim, Ricky.

Keith... Quem era Keith? Não, o nome dela era Kay. Era sua amiga e estava sofrendo por sua causa. Aquele pensamento quase tirou Ricky do estupor. Houve um tempo em que o que acontecia com ela tinha importância, mas agora ele não conseguia pensar em nada. Não havia mais músicas em sua cabeça. Nem piadas. Amizade parecia um conceito distante demais para fazer alguma diferença.

– Eu... não sei – ele disse com toda a sinceridade.

Estava com vontade de chorar. Alguma coisa ali era culpa sua. Uma coisa muito feia era culpa sua. As pessoas choravam quando aquilo acontecia, não?

– Está tudo bem, Ricky. Não precisa se preocupar com nada disso agora. Se concentre na minha voz e no que estou dizendo, certo? Volte sua atenção para mim e tudo vai ficar bem. Escute: quero que você pegue o bisturi.

Sua mão apanhou o instrumento antes que Ricky pudesse pensar a respeito.

– Por quê? – ele perguntou depois.

Seu corpo obedecera apesar do questionamento de sua mente.

– Porque eu mandei.

O bisturi estava mais quente do que ele esperava, como se o metal estivesse vivo. Ricky segurou o cabo estreito e ergueu o instrumento a uma distância segura da perna. Alguma coisa no fundo de sua mente o incomodou de novo. Era como se estivesse prestes a formar uma palavra ou um pensamento, mas um instante depois esquecesse. Já nem se lembrava mais do bisturi em sua mão.

– Ótimo, agora erga. Isso, mais alto. Quero que encoste a lâmina na sua garganta.

Isso, pelo menos, ele sabia que era errado. Mas Ricky se viu incapaz de desobedecer aos comandos. Era perigoso: um movimento em falso e ele podia se matar, o que talvez fosse o que o diretor queria. Era impossível entender. Ricky estava fazendo tudo o que o homem dizia. Um som de desespero escapou de sua garganta, entre um gemido e um grito. Por que estava sendo punido se fazia tudo conforme o ordenado?

O diretor o encarou e abriu um sorrisinho reconfortante.

– Está com medo, Ricky?

– Estou.

– Está com medo do que vou pedir?

– E-estou.

– Não tenha medo de mim – o diretor falou em um tom suave. – Temos uma espécie de pacto, não?

Você vai se tornar meu veículo. Meu braço direito. Seria uma tolice ferir a mim mesmo, não?

Ricky balançou a cabeça afirmativamente, esquecendo que o bisturi estava lá e então sentindo o toque do metal contra sua garganta. Fechando os olhos com força, desejou que tudo aquilo terminasse logo.

– Só mais uma pergunta, certo?

O diretor continuava com um sorriso no rosto, mas aquilo não oferecia muito consolo para Ricky. Sua mão estremeceu, assim como a lâmina.

– Certo.

– A enfermeira Ash está ajudando você? Está trazendo coisas em segredo? Contando mentiras sobre mim?

*Não, não, não. Responde que não! Ela ajudou muito, e você sabe disso... Não pode traí-la agora que precisa dela mais do que nunca! Jocelyn é sua amiga. Ela e Kay são suas únicas amigas aqui.*

Mas todos esses alertas não significavam nada quando era o diretor quem fazia a pergunta. Por que Ricky não podia simplesmente mentir? Por que não conseguia fazer nada para se salvar?

– Sim.

O diretor não ficou irritado. Não demonstrou nenhum sentimento. Balançou a cabeça em um gesto solene e franziu a boca, pensativo por um momento. O bisturi ficou escorregadio, por causa do suor na palma da mão de Ricky.

– Pode baixar o bisturi. Acho que já está claro que terminamos por hoje.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 35

A temperatura da água estava torturante, primeiro gelada depois pelando, com uma pressão tão forte que deixou sua pele toda vermelha. Atrás do bocal da mangueira, Ricky viu a expressão impassível do auxiliar que controlava a temperatura para atormentá-lo, quente e depois gelada, alternando sem parar, sem se importar com sua dor.

Por fim, quando estava esquentado dos pés à cabeça, o auxiliar fechou a torneira. Morrendo de frio, Ricky ficou encostado na parede, pingando, esfregando os braços e o peito, tentando se livrar dos tremores violentos que faziam seus dentes baterem ruidosamente, ecoando dentro de sua cabeça.

– Bem limpinho – comentou o auxiliar, enrolando a mangueira e colocando em um canto do cômodo. O banheiro pequeno e gelado ficava perto de seu quarto, com janelas sem grades altas demais, fora do alcance de quem quer que fosse. Azulejos brancos cobriam a parede do chão ao teto, e não havia nada além de um ralo enferrujado e da temida mangueira enrolada no canto.

– Está tudo pronto para o grande dia – acrescentou o auxiliar.

Não era o Tropeço daquela vez, e sim um sujeito mais baixo, de cabelos castanho-claros, na casa dos quarenta ou cinquenta anos. Parecia uma versão encolhida do diretor, mas sem óculos.

– Grande dia – repetiu Ricky, esperando que as palavras fizessem sentido.

Ele tinha se esquecido de alguma coisa outra vez? O que era aquele grande dia? Sua manhã começara como a maioria das outras, com os pesadelos interrompidos pela chegada de uma enfermeira trazendo os remédios e o café da manhã. Mas Ricky sabia que não era a enfermeira Ash, e que a época das aspirinas não passava de um sonho distante.

Ele não sabia que comprimidos eram aqueles, mas os medicamentos o deixavam com uma sensação de névoa perpétua. Ou talvez fossem as noites agitadas. Ou passar a maior parte do dia amarrado a uma cama. Ou ser submetido às frequentes sessões de hipnose do diretor.

– Vai receber visitas, Ricky – respondeu o auxiliar. – Não é muita sorte? Você é o favorito do diretor. *É claro* que vai receber visitas. E precisa estar limpinho, né? Não pode aparecer todo emporcalhado no grande dia. Se você se sair bem, aposto que vai ganhar mais uma chance no próximo evento de gala. Não seria incrível?

Visita? A névoa envolvendo seus pensamentos se elevou por um instante. Ele permitiu que o auxiliar o empurrasse de volta para o corredor, onde recebeu roupas limpas para vestir enquanto o homem esperava. Ninguém o deixava fazer nada sozinho, a não ser dormir. Nem mesmo a menina de cabelos compridos tinha ido vê-lo de novo. Não que ele sentisse sua falta, mas parecia mais um abandono.

Para sua surpresa, o auxiliar não o amarrou de novo na cama, só o mandou pôr os calçados descartáveis que entregavam aos demais pacientes. Em seguida levou Ricky para fora do quarto, atravessando o corredor até a porta da escada. Sua noção de tempo estava no mínimo abalada, mas Ricky desconfiava que fazia pelo menos duas semanas que não punha os pés fora do terceiro andar.

Por mais que detestasse o quarto 3808, era uma espécie de âncora para ele, que agora estava sendo conduzido rumo ao desconhecido. O auxiliar cantarolava distraidamente para si mesmo, arrastando o garoto consigo por um novo lance de degraus. Era uma das duas grandes escadarias que flanqueavam o saguão, como se aquele edifício tivesse sido construído para ter uma aparência mais amigável e acolhedora. Talvez algum dia tivesse. Era melhor não pensar naquilo; ele só conhecia o Brookline como o que era no momento.

Eles contornaram o saguão e passaram pela farmácia. Para todo mundo, era só mais um dia como qualquer outro no sanatório. Duas enfermeiras passaram, em uma animada conversa. Elas deram uma rápida olhada para Ricky, viram que estava acompanhado do auxiliar e seguiram em frente. Do refeitório

vinha o som de risos. Na ala dos pacientes no primeiro andar, onde ele ficava antes, não havia nenhum sinal de vida. Os pacientes deviam estar descansando, ou então em algum outro lugar, como o jardim ou a sala de recreação.

Ricky se deixou levar pela curiosidade. Era como se estivesse visitando aquela parte do manicômio pela primeira vez. A lembrança de ter falado com Kay quando não deveria na hora de trabalho lhe ocorreu, mas aquilo parecia ter acontecido uma eternidade antes. Ele não era mais aquela pessoa.

Sua alimentação tinha sido muito melhor naquela manhã, porém a comida mais encorpada fez tão mal para seu estômago quanto a ração magra de costume. Sua barriga doía, estava dura e inchada. Os ovos com bacon tinham caído como uma bomba.

Quando chegaram à sala do diretor, Ricky hesitou.

– Por que estamos aqui?

– Como você está falando hoje, hein? – brincou o auxiliar. – Entre logo, Desmond. Nada de perguntas. É seu grande dia, esqueceu? Sorria.

Sorria. A porta abriu, e ele foi empurrado para dentro sem cerimônia. Era como o dia de tirar foto na escola, quando penteavam seus cabelos de um jeito estranho e ele era obrigado a usar roupas novas e engomadinhas. Ricky abriu o mesmo sorriso falso e forçado daquela época quando entrou na sala do diretor. Dois rostos familiares se voltaram em sua direção ao som da porta.

Eram sua mãe e Butch. Ricky ficou paralisado, ainda sorrindo, esforçando-se para não entrar em colapso e cair no choro.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 36

—Ah, Ricky!

Sua mãe ficou de pé, apertando a bolsa junto ao peito, e abriu um sorriso aliviado. Estava usando um vestido com pregas e estampa de girassol que às vezes escolhia para ir à igreja, mas só em ocasiões especiais. Butch estava sem graça, quadrado como sempre, com seu físico de jogador de futebol americano com uma capa de gordura alimentada a bolo de carne e cerveja.

— Que bom ver você, querido!

A mãe ignorou o grunhido do auxiliar e disparou na direção de Ricky, segurando-o nos braços e apertando forte.

Ele não sabia o que fazer. O que *poderia* fazer? Por cima do ombro da mãe, notou que estava no campo de visão do diretor. Ela estava ali. Bem ali! Era o milagre no último minuto que tanto esperara, que desejara mais do que qualquer outra coisa. O verão já tinha chegado ao fim? Devia haver alguma explicação.

Com movimentos lentos, Ricky ergueu uma das mãos e pôs nas costas dela, para confortá-la. Sua mãe soluçava e estremeia, agarrando-o com força junto ao peito. Era como ser imobilizado. Ele se esforçava para sentir alívio, para explodir de alegria em todas as direções, mas a influência do diretor o impedia. Os remédios. A hipnose. Havia dois dele agora, o antigo e o Paciente Zero, e o último sempre levava a melhor sobre o primeiro.

— Oi, mãe.

— A condição dele ainda é muito delicada. — A voz do diretor dominou a sala. A mãe se afastou, limpando as lágrimas dos olhos e do rosto com um lençinho fornecido por Butch. — É estímulo demais para ele. As explosões de raiva eram bem pronunciadas no começo, mas agora ele está muito, muito melhor. Um dia de cada vez... ordem, disciplina, rotina, era disso que ele precisava.

— Sim. — A mãe deu um passo atrás, esbarrando na cadeira diante do diretor antes de se sentar com um suspiro. — Sim, eu entendo. É só o alívio de mãe... O senhor entende...

— Sua emoção é natural — disse o diretor, sem nenhum sentimento. Mantendo os olhos cravados em Ricky, ele fez um sinal para um espaço vazio no escritório, perto da janela. — Seu alívio é tão grande quanto o meu, posso garantir. É sempre recompensador saber que um paciente está melhorando. Esse é seu novo filho, uma versão melhorada do anterior. Ele não é mais violento nem dado a *comportamentos estranhos*.

A janela estava aberta. Os passarinhos cantavam do lado de fora. A faculdade ao lado do manicômio fervilhava de atividade, com as pessoas reunidas em um churrasco de Quatro de Julho, do Dia do Trabalho, ou o que quer que fosse. A liberdade. Estava bem ali. Era possível sentir o cheiro do churrasco e da grama recém-cortada. Ricky olhou para a mãe, para seus olhos verdes reluzentes, como os dele, para os cabelos escuros, como os dele, e nunca pensou que fosse possível se sentir tão distante de alguém que era sangue de seu sangue.

— Ele está melhorando? — A mulher se voltou para o diretor, apoiando as mãos na beirada da mesa.

— Já ouvimos isso antes — Butch resmungou. Os cabelos dele tinham o tradicional corte escovinha, rente o bastante para que um aeromodelo pousasse em sua cabeça. As espinhas da adolescência tinham deixado seu rosto esburacado e manchado. Ele fechou sua mão gigantesca sobre a da mãe de Ricky e lhe lançou um olhar. — Quem me garante que não está só falando um monte de merda?

— *Butch*.

— Quê? É verdade. Ele não parece muito diferente. Está mais magro, talvez. E aí, garoto? Continua uma bichinha ou esse sujeito deu um jeito em você?

– Na verdade ele não costuma falar assim, mas é uma época difícil para a família. Todo mundo está sentindo o estresse...

Butch se voltou para o diretor Crawford, apontando o dedo em sua direção.

– Não pense que eu não vou saber se estiver mentindo. Isso me deixa doente, sabia? Fico revoltado quando mentem para mim. Os outros médicos fizeram a mesmíssima coisa! E ele ainda gostava de bater nos outros depois de sair do Victorwood e do Hillcrest!

O rosto vermelho de Butch foi se acalmando e assumindo um aspecto de buldogue flácido. Ele tinha se emperdigado todo para fazer seu discurso, mas aos poucos voltava a se apoiar no encosto da cadeira, moderando seu temperamento a cada segundo que passava. Enquanto isso, o diretor o encarava calmamente por trás dos dedos entrelaçados.

– Diga a eles o quanto você melhorou – o diretor Crawford falou num tom suave, mas nem por isso deixava de ser uma ordem. – Seja sincero, Ricky. Diga a eles o que achou de seu período no Brookline.

As palavras começaram a sair de sua boca antes que ele se desse conta. Era sua voz falando, mas Ricky não a reconheceu.

– O diretor vem trabalhando no meu caso todos os dias, mãe. Não precisa se preocupar comigo.

– Ninguém aqui estava preocupado – resmungou Butch, olhando feio.

Em geral o tom pretensioso do padrasto fazia Ricky sentir vontade de sair distribuindo socos. E talvez fosse aquela a ideia. Talvez Butch estivesse querendo começar uma briga. E o rapaz queria ir para cima dele, gritar, mas sua raiva não extravasava. Tudo dentro dele parecia amortecido.

– Sim, nós estávamos. – A mãe contorceu os lábios. – Estávamos preocupadíssimos. Sentimos sua falta, Ricky, e queremos que venha para casa. Como... você era antes.

– Eu sei, mãe. – Ele abriu um sorrisinho, sentindo uma dor de cabeça começar a crescer atrás do olho esquerdo. Uma veia pulsava lá dentro. Havia alguma coisa errada com seu rosto, sua expressão. Uma barragem evitava o transbordamento súbito de sentimentos. Ele pensava em uma coisa e dizia outras, das quais se arrependia imediatamente. – Vou voltar a ser quem eu era em pouco tempo. Só precisa confiar no diretor Crawford. Ele sabe o que está fazendo. Ainda não estou curado, mas melhorei. Estou em boas mãos.

Butch e sua mãe o encararam em um silêncio estupefato. Ela ficou de pé em um pulo, correu até Ricky e o abraçou de novo.

– Meu menino prodígio. – Ela o apertou com força, e ele sentiu o calor das lágrimas contra seu rosto. – Eu sabia que era só uma questão de tempo. Que se continuássemos tentando e rezando...

– Sim. Bom. Hã. – Butch franziu a testa, e seu rosto pareceu ganhar um aspecto menos semelhante ao de um buldogue do que de costume. – O tempo vai dizer. Tem certeza de que isso não é só encenação, doutor? Ele é bom nisso.

O diretor não se deixou abalar pela acusação, desdobrou as mãos e as abriu, mostrando-se à vontade com o questionamento.

– Meu trabalho vale pelo de dez médicos medíocres, isso quando não estou nos meus melhores dias. O que faço produz resultados duradouros, sr. Kilpatrick.

– Eu estava tão preocupada, querido – a mãe falou, ainda com as mãos sobre Ricky. Parecia mais velha, como se tivesse envelhecido severamente nos dois meses em que ele ficou no Brookline. – Você não respondia minhas cartas, meus telefonemas...

– Eu expliquei de antemão que era assim que funcionava aqui, é claro – interrompeu o diretor.

– Mesmo assim... é preocupação de mãe.

– Pode tranquilizar sua mãe, Ricky. Diga a ela o quanto tem apreciado sua breve jornada conosco.

Mais uma ordem. As palavras não saíram com a mesma facilidade daquela vez. Cartas? Telefonemas? Ele passou um tempão convencido de que sua mãe não estava nem aí. Ainda que ela tivesse se deixado enganar, qualquer coisa era melhor do que ser esquecido. Aquilo não havia acontecido. Ela escrevera. E

ligara. Agora o segurava com firmeza pelos pulsos, com os olhos banhados de lágrimas de alegria.

*Me tire daqui. Eles estão me torturando. Me destruindo. Não sei mais quem eu sou. Ricky Desmond está desaparecendo. Me tire daqui antes que ele suma de vez.*

– Não tem nenhum outro lugar em que eu queira estar agora – Ricky ouviu sua voz dizer. – Pelo menos até terminar meu tratamento.

– Pelo jeito milagres acontecem de verdade – grunhiu Butch. Ele ficou de pé e puxou a mulher pelo ombro. – Viu? Eu falei que estava tudo bem. Já está na hora de sairmos de cena. Estamos interrompendo o processo. O diretor tem tudo sob controle. Era por isso que estávamos rezando...

– Eu sei – a mãe falou, com o sorriso esvanecendo. Ela continuou segurando o rosto de Ricky enquanto era puxada para longe. – É que... Se ele já melhorou tanto, poderia voltar conosco, não? Estamos sentindo sua falta em casa.

Parecia até que ela estava sendo sincera. A expressão de Butch permanecia a mesma, mas ele nunca gostara de Ricky, nem mesmo antes de descobrir sobre Martin.

– Ainda não estou curado, mãe – o rapaz repetiu de forma automática. – Mas estou em boas mãos.

– Claro que está – ela falou, franzindo a testa e fazendo uma leve careta, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa. – Se você tem tanta certeza assim...

– Pode acreditar.

– Pode acreditar – o diretor repetiu com firmeza, ficando de pé. – Agora, se nos derem licença, sr. e sra. Kilpatrick, Ricky precisa muito descansar. O tratamento é puxado, mas os resultados falam por si mesmos.



CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 37

Ele não foi amarrado à cama ao voltar para o quarto. Quando pôde examinar o próprio corpo mais de perto, notou as marcas vermelhas em torno dos pulsos. A mãe não as tinha visto. A camisa de mangas compridas escondia as evidências dos “resultados” do diretor, que tanto haviam agradado sua mãe e seu padrasto.

Ricky foi até a janela enquanto o diretor punha um cadeado na alça da portinhola que cobria a abertura para o quarto ao lado. Sem problemas. O rapaz não tinha a menor intenção de espiar por ali de novo. Por algum motivo, era mais fácil pensar que era o único sob os cuidados do diretor, e começava a gostar daquilo. Estava isolado e sozinho, em um mundo que incluía só duas pessoas. Dois homens.

Dois monstros.

Pelas grades da janela, viu o carro de sua mãe se afastar. Foi seguindo sua trajetória com os olhos pela colina, fingindo observá-lo até sumir de vista. Seus dedos seguravam as grades com tanta força que até doíam, absorvendo a frieza do metal. Sua última chance de fuga tinha acabado de escapar, e em parte era culpa sua.

– Acho que talvez mereça uma recompensa por seu comportamento hoje – disse o diretor, ainda ao lado da abertura na parede. Ricky virou para encará-lo, com os dedos fechando suavemente em punho. – Não precisa fazer essa cara. Sei que os métodos são extremos, mas não está notando o progresso? É uma maravilha. Você está concentrado, calmo, livre da dor e da confusão. E eu fiz isso com você. Sem lobotomia. Sem choque.

– Sim.

– Agora, sobre a recompensa – o diretor falou com uma risadinha, andando de um lado para o outro por um momento, batendo com o dedo no queixo enquanto pensava. – Que tal alguma coisa para ler, hein? Não seria bom? Algo para ocupar a mente enquanto estou com os outros pacientes.

– Tolkien – disse Ricky sem pensar duas vezes. – *O Senhor dos Anéis*.

Ricky não conseguia lembrar por que queria aquilo, ou de onde conhecia o nome. Devia ter vindo de algum lugar das profundezas de sua mente, além da barreira que o diretor construía para limitar seus pensamentos. Talvez seu cérebro não tivesse sido apagado, no fim das contas. Talvez só estivesse dormente.

O diretor não pareceu nem um pouco surpreso e se limitou a um breve aceno de cabeça.

– Acho que isso pode ser providenciado. Sim, posso fazer isso por você, Ricky. Afinal, você fez muito por mim.



O garoto nem se preocupou em tentar começar do início. Ele faria aquilo mais tarde, no momento estava interessado apenas no que conseguia lembrar. Não era muita coisa, mas quando passou os olhos no sumário teve a certeza de que encontraria o que procurava. E encontrou. Alguém havia lhe falado sobre aquilo.

*O Expurgo do Condado.*

Ele reconhecia aquelas palavras. O restante da leitura era menos importante do que o fato de que aquilo estava ligado de alguma forma a uma lembrança escondida no depósito lacrado que era sua personalidade. Se pelo menos tivesse a chave para acessá-lo. Ricky leu as últimas páginas da história diversas vezes, sedento por pistas. O terror se transformou em alívio. A derrota, em triunfo. Porém ele

queria mais.

Deitado na cama, folheou as páginas até o início da trilogia, lendo cada palavra, desde o *copyright* até o começo do primeiro capítulo, e daí em diante. Pistas. Precisava de pistas. Aquele livro específico lhe viera à mente, mas por quê? Ele passou do capítulo quatro para o cinco e parou, observando um cartão que caíra do livro.

Era estranho. Alguém teria esquecido um marcador? Ele dobrou o canto da folha para lembrar onde estava e examinou o verso do cartão, onde havia um bilhete escrito com letra apressada. Quase ilegível. Ricky ergueu-o e estreitou os olhos para decifrar os garranchos.

*Debaixo da capa. Não esqueça: não esquecemos de você...*

Capa? Que capa? E aquele último comentário... O que queria dizer? Só podia ser uma piada. Infelizmente para quem mandara o bilhete, se tinha uma coisa que ele andava fazendo muito era esquecer. Capa. Talvez tivesse entendido errado e aquilo significasse outra coisa. Não custava nada. Pegou o travesseiro e enfiou a mão dentro da fronha. Não havia nada de estranho ali. Ele desceu da cama e ergueu o colchão, mas tampouco achou algo.

Ricky se largou na cama, desanimado. Seus olhos percorreram o livro e o bilhete outra vez, então ele os revirou. Era um idiota. Ele removeu a sobrecapa do livro e virou para ver o verso, onde encontrou um cartão mais ou menos do mesmo tamanho do primeiro, preso com fita adesiva.

Era uma ficha de paciente. Uma dor intensa surgiu em sua cabeça, praticamente rachando seu crânio. Sibilou, levando as mãos aos olhos e uma tentativa de aliviar a pressão agonizante. Sua visão se borrou, com manchas que se alargaram em faixas espessas. Ter uma lembrança era assim? Era aquilo que ele precisava fazer para escapar das garras do diretor?

Piscou algumas vezes, ainda com dor, mas apenas alguns minúsculos pontos claros permaneceram em sua visão. Quando abria a boca, como se fosse bocejar, a dor se aliava um pouco, então ele tentou se concentrar na mandíbula, procurando ignorar o latejar no crânio.

*Desmond, Pierce Andrew*

*Internado por iniciativa própria*

*Insônia, múltipla personalidade, inquietação, idealização do suicídio*

*Falecido em 1967*

Ricky leu aquelas informações mais de dez vezes, e a cada uma a dor aumentava. Então ele viu o verso da ficha, um acumulado de palavras rabiscadas em uma caligrafia que parecia se deteriorar a cada linha.

*Perto. Tão perto! O mais perto. Mesmo assim um fracasso. Mais uma vez, um fracasso. Mas preciso tentar de novo... talvez o sangue seja a chave. Alguns pacientes aceitam melhor a terapia, agora eu entendo, e o único elo ainda não investigado é o parentesco sanguíneo. Da próxima vez não vou fracassar, da próxima vez construirei meu legado. E vou fazer isso com o sangue.*

Fiapos de memórias lhe vieram à mente. Fragmentos. Ricky se lembrou do cheiro de mofo no depósito, da lâmpada balançando sobre sua cabeça, da nuvem de poeira ao seu redor... Pierce Andrew Desmond. Pierce Desmond. Um rosto surgiu em sua cabeça – um homem com o mesmo nariz proeminente e as mesmas sobrancelhas espessas que ele. O mesmo sorriso largo, quase bobalhão. Um pai. *Seu* pai. Então o rosto se transformou, ficando mais magro e macilento, os olhos afundaram nas órbitas, a boca sorridente se escancarou de terror.

Ele fechou os olhos de novo, de forma involuntária, e a dor voltou com tanta força que por um momento de pânico ele pensou que fosse perder a visão. Por que justo ali? Por que seu pai se internara naquele lugar? Sua mãe não teria ficado sabendo? Não podia ter sido por acidente que pai e filho haviam terminado no mesmo sanatório em um intervalo de apenas um ano.

Mais coisas voltaram. Raiva. Kay... A enfermeira Ash... O bilhete não parecia ter a letra da amiga. Só podia ser da enfermeira. Mas ela usara o plural. *Não esquecemos de você.* Elas estavam agindo em parceria. Aquilo era possível? Os detalhes foram se tornando cada vez mais vívidos, como uma

fotografia que se revelava no papel diante de seus olhos. Sim. Ela o alertara para lembrar, sempre lembrar, nunca confiar no diretor. Aquela era sua maneira de reavivar sua memória, de trazê-lo de volta antes que fosse tarde demais.

Ricky escondeu o bilhete e a ficha debaixo da sobrecapa do livro, prendendo tudo com a fita adesiva. Era arriscado manter aquilo por perto, mas e se começasse a se esquecer de tudo outra vez? Precisava ter alguma coisa por perto para lembrá-lo de Ricky Desmond, brincalhão e fã de frutos do mar, que gostava de matar aula, desrespeitar regras, beijar garotos e garotas... O verdadeiro Ricky.

E de música! Nossa, ele tinha esquecido... As melodias invadiram sua cabeça, e a alegria e o impacto que sentiu foram tão intensos que era como se as ouvisse pela primeira vez. Ricky se deitou na cama, cantarolando, com os olhos cheios de lágrimas. “Tears of a Clown”, aquela era uma de suas favoritas. Ele se perguntou se seu pai gostaria daquela também. Provavelmente. Fora ele quem lhe apresentara os Beatles, os Stones, Ella Fitzgerald, John Coltrane...

Seu pai. Que tinha morrido ali por causa dos experimentos doentios do diretor. Daquela vez Ricky não ia esquecer. Podia não ter recuperado tudo, mas já tinha o suficiente. Para sobreviver. Para lutar.

Mesmo depois da visita de sua mãe, mesmo depois de ela ter aparecido e de ele ter perdido a chance de contar tudo. As lágrimas queimavam seu rosto. Ele chegou perto, muito perto, e agora estava empacado. Tinha dito para sua mãe com suas próprias palavras – não, com as palavras do diretor –, que queria ficar no Brookline. E, o que era pior, ela acreditara.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 38

Ricky acordou com mãos pequenas e geladas em seu rosto, sacudindo-o. A garotinha estava de pé ao lado de sua cama, cutucando-o para acordar, ainda frágil e pálida, mas com olhos, nariz e boca. Ele fez menção de gritar de susto, mas ela o silenciou. Uma cicatriz horrenda e vívida podia ser vista em meio à franja imunda que caía sobre seu rosto. Ela se afastou em silêncio, deslizando pelo chão com uma velocidade antinatural.

Ricky foi atrás, observando a facilidade com que ela abria a porta trancada e saía. Ele tinha que se apressar para acompanhá-la, conseguindo ver apenas as pontas de seus cabelos enquanto a seguia quase correndo pela escada. Vozes pairavam como nuvens na atmosfera, resmungos confusos e sem sentido que vazavam por todas as portas e paredes.

Eles continuaram descendo. Passaram pelo saguão no primeiro andar, pela ala administrativa e tomaram o caminho do porão. Ricky hesitou, mas ela se movia tão depressa... Se não a acompanhasse, acabaria perdendo seu rastro. Ele mergulhou no frio, perguntando a si mesmo se estava enlouquecendo, se tinha outra escolha. Aquela criança estranha o atormentava fazia semanas. Por que ele insistia em lhe dar aquele poder?

Mas Ricky seguia em frente, determinado, mantendo o ritmo. Quando ele se aproximava, ela acelerava, sempre inalcançável.

Sombras com pontas afiadas atravessavam as paredes e surgiam em seu campo de visão, desaparecendo quando ele virava para olhar. Concentrou-se de novo na garotinha, na perseguição, e em pouco tempo estava no patamar mais baixo do subsolo. Ela passou pelas celas, ignorando cada uma e se dirigindo para a porta alta no fim do corredor. Atravessou-a, penetrando um recanto do manicômio onde Ricky jamais tinha se aventurado.

O corredor escuro continuava, infindável, cansativo, até que chegaram a uma última porta, que se abria para um espaço parecido com um anfiteatro. Uma sala de cirurgia. Alguém tinha posicionado uma maca, holofotes e uma bandeja com instrumentos. A garotinha desaparecera, mas Ricky sabia que precisava seguir em frente, precisava olhar, precisava saber...

O corpo na maca estava coberto com um lençol, com uma estranha deformidade no lugar onde deveria estar a cabeça. Todo trêmulo, Ricky segurou a barra do lençol e o puxou. Seu estômago se revirou. Desejou não ter visto aquilo, mas era tarde demais...

Era muito parecido com ele, só que mais velho. Maior. Seu pai. O cadáver estava quase azul de frio, com a boca entreaberta, congelada em um grito de surpresa. Um instrumento afiado tinha sido enfiado até a metade na órbita ocular esquerda.

Ricky cobriu a boca com as duas mãos para não gritar. Seu estômago se embrulhou de novo, e ele estava prestes a vomitar.

A cabeça caiu em sua direção com um baque, e o instrumento foi saindo devagar, escapando inexoravelmente, atingindo o piso de cerâmica, tilintando e girando... O olho bom piscou uma vez.

– Não esqueça – o cadáver murmurou por entre os lábios rachados e arroxeados. – Não esqueça, Ricky. Não fuja, não se esconda. *Lute.*

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 39

**N**a manhã seguinte, cheio de sorrisos, o diretor entrou assobiando no quarto de Ricky com a enfermeira Kramer em seu encalço, esforçando-se para acompanhar o passo. Ela entregou o café da manhã e o remédio, os comprimidos listrados azuis e vermelho que Ricky temera desde o momento em que acordara. Geralmente as enfermeiras tapavam seu nariz para fazê-lo abrir a boca e jogavam os comprimidos em sua goela. Mais recentemente, com sua maior cooperação, elas apenas observavam enquanto ele tomava os remédios.

Mas naquele dia a enfermeira Kramer entregou distraidamente a bandeja com os ovos e o bacon. Utensílios afiados não eram permitidos, então ele comeu com uma colher, quebrando as fatias de bacon da melhor maneira que conseguia com as bordas arredondadas. Ela se voltou para o diretor imediatamente, ignorando Ricky enquanto ele se ocupava com a comida.

– Precisamos de mais gente aqui, senhor – falou num sussurro exaltado. – Ontem Mosely quebrou o pulso tentando descarregar uma carga dos caminhões. Agora que a enfermeira... com *mais* uma perda de funcionário, estamos bem apertados. Simplesmente não é viável...

Ricky leu nas entrelinhas daquela pequena interrupção. A enfermeira Ash. Tinha acontecido alguma coisa com ela. Esconder o bilhete no livro podia ter sido seu último ato de rebelião. E Kay tinha ajudado. Elas estavam bem? Ele fingiu que não ouvia e continuou comendo, apesar da falta de apetite.

– Não é hora nem lugar para esse tipo de discussão – retrucou o diretor, severo.

– Mas o senhor disse que tudo estava progredindo...

– Existe hora e lugar para tudo. – Ele suspirou, apertando o alto do nariz, e seu humor pareceu mudar de repente. – Podemos conversar sobre esse problema à tarde, no meu escritório, enfermeira Kramer.

Sentindo-se inspirado, Ricky pegou o copinho com os remédios e sacudiu ruidosamente enquanto o diretor se estranhava com a enfermeira Kramer. Ele escondeu os comprimidos na mão em vez de enfiá-los na boca, despejando-os discretamente no traveseiro por uma fresta na fronha.

O fingimento foi completado por um grande gole de água.

*Não fuja, não se esconda. Lute.*

– Isso é uma grande decepção – comentou o diretor, fazendo um gesto para a porta. – Hoje é um grande dia para Ricky. Para nós. Para esta instituição. É a formatura dele, por assim dizer, e você está estragando tudo com suas reclamações constantes e descabidas. O pulso de Mosely vai ficar bom. Quanto à sua outra queixa, a solução temporária deve servir até que surja uma permanente.

– Sim, senhor, claro. Peço desculpas.

A voz dele se ergueu a ponto de provocar um eco no quarto, e tanto Ricky como a enfermeira Kramer foram se encolhendo à medida que o diretor elevava o tom. Em seguida a enfermeira foi até Ricky, retirou a bandeja do café da manhã – que ele nem havia terminado –, pegou o copinho vazio dos remédios e saiu.

– Desculpe o comportamento dela – o diretor falou quando a porta se fechou. Ele abriu as mãos amistosamente para Ricky. – Quem me dera o trabalho que faço com você fosse minha única obrigação. Infelizmente, não é o caso.

– Pois é – disse Ricky, sem a menor sinceridade. Aquele canalha... – Infelizmente.

Ainda estava se sentindo meio grogue naquela manhã e sabia que os remédios provavelmente ainda faziam efeito em seu organismo, mas já se sentia melhor, por causa da comida ou pelo retorno de sua memória. Da lembrança de seu pai. Um fogo voltou a queimar dentro dele.

Porém havia problemas mais imediatos com que lidar. O que quer que fosse sua “formatura”, não podia ser nada de bom. Mentir de cara lavada para seus pais não bastava? Sua mãe tinha *chorado* de alegria ao ver que se transformara em uma casca oca e sem emoção, porque até aquilo era melhor do que

o que ele era antes, e cabia a eles dizer o que era mais saudável para Ricky. A raiva dentro dele veio à tona, e daquela vez ele não queria controlá-la.

De novo, não. Aquela casca oca, o Paciente Zero, estava com os dias contados. Quando o diretor deu alguns passos em sua direção e sua determinação fraquejou, Ricky visualizou em sua mente a ficha de seu pai. Imaginou Kay naquela sala horrorosa de terapia de choque. Imaginou a enfermeira Ash contrabandeando bilhetes, fazendo tudo o que podia para ajudá-lo.

– Preciso mostrar uma coisa para você. Não é algo de que tenho orgulho, mas é importante que veja. Venha comigo.

Ricky ficou de pé e o seguiu, dando uma olhada rápida no travesseiro para se certificar de que nenhum comprimido tinha caído da fronha.

O bom humor do diretor tinha voltado, e Ricky o ouviu assobiar uma música que não conhecia enquanto o conduzia porta afora. O garoto esperava fazer mais uma visita ao escritório do diretor, mas em vez disso eles viraram à direita, dirigindo-se ao quarto ao lado do seu. Com suas lembranças voltando e seu corpo se recuperando da medicação, foi preciso fazer força para não demonstrar nenhuma reação que o denunciasse.

Por que tinha que entrar *naquele* quarto?

Ricky ficou imóvel, tentando parar de sacudir nervosamente a perna enquanto o diretor destrancava e abria a porta. Os auxiliares que estavam no corredor, inclusive Tropeço, perceberam a movimentação e foram olhar, curiosos. Eles não foram convidados a entrar.

*Ele pensa que estou totalmente sob controle. Acha que sou inofensivo.*

Ricky não estava preparado para ver a garotinha ou o quarto dela. Estava impecavelmente limpo, mas também triste. Quase vazio. A cama dela era bem menor que a sua e parecia bem mais desconfortável. Havia um lençol embolado na ponta do colchão. Ela era pequena e frágil, como em suas lembranças, e vestia uma camisola branca e lisa que chegava até pouco abaixo dos joelhos. Os cabelos compridos caíam sobre o rosto, quase chegando ao chão.

Ela não pareceu notar a presença dos dois e continuou parada no meio do quarto, imóvel.

O diretor Crawford entrou no quarto com passos confiantes, sem se deixar abater pela melancolia da cena. Como ele podia deixar uma garotinha naquele estado? O que uma criança daquele tamanho podia ter feito? Suas perninhas mal pareciam ter forças para mantê-la de pé. O diretor parou a um passo dela e começou a falar lentamente, com um tom bem alto, como se estivesse se dirigindo a alguém com dificuldade de compreensão.

– Olá, Lucy. Quero que você conheça um jovem muito especial. O nome dele é Ricky. Que tal dizer um “oi”?

Ao ver a menina de suas visões em carne e osso, seu sentimento foi mais de pena do que de medo. Ela era bem magra, uma criança frágil, tão desnutrida que sua cabeça parecia desproporcional ao corpo. Uma cicatriz era visível em toda a extensão de sua testa.

Além da cama e da menina, só havia uma caixinha de música no quarto, perto da porta. Estava tombada, e o diretor foi até lá para pegá-la. Ele ficou assobiando distraidamente enquanto dava corda no mecanismo, fazendo a caixinha estalar em sua mão.

– Isso costuma acalmá-la – explicou. Uma bailarina encardida de porcelana fazia piruetas sobre a caixinha de música, com sua canção lenta e cheia de falhas, engasgando de tempos em tempos. Era um milagre que aquela coisa ainda funcionasse. – Ela foi uma das minhas tentativas fracassadas. Como seria de esperar, é impossível fazer ciência sem sofrer algumas baixas.

A voz da menina surpreendeu os dois, grave e áspera, bem diferente da voz doce de uma criança.

– Não dá para viver para sempre. Não dá. – Ela falava com um sotaque carregado. Hispânico, talvez, tão pesado que Ricky mal conseguia entender as palavras.

– Ah, vejo que você está disposta hoje – respondeu o diretor, baixando a caixinha de música e

caminhando até a menina. Ele se inclinou para a frente, pondo as mãos para trás enquanto falava. – O corpo pode não durar para sempre, é verdade, pequena Lucy, mas e uma ideia? Quando plantada no solo certo, pode germinar eternamente. – O diretor virou para seu outro paciente. – Lucy estava fora de controle como você, Ricky. Em casa, gritava por horas e horas, a ponto de pensarem que estava possuída. Mas o padre não foi capaz de ajudá-la, então a trouxeram para cá. Eles a deixaram aqui e esqueceram que ela existia, assim como seus pais fizeram com você.

– Erva daninha – ela murmurou, inquieta. – Podre.

Ricky não sabia quanto tempo mais ia aguentar ficar naquele quarto. Um instinto protetor falava alto dentro dele quando olhava para a menina, tão pequena e solitária. O que poderia ter feito para merecer aquilo? Talvez tão pouco quanto ele. Ou Patty.

*Ou meu pai.*

– É sempre agradável visitá-la, Lucy. Fico feliz que possa fazer um último amigo – comentou o diretor. Em seguida se endireitou e pediu que Ricky se aproximasse, abrindo um sorriso tão frio e calculado que o medo do rapaz crescia a cada passo. Ele sabia que sua “formatura” deveria ser alguma coisa terrível, e aquele instinto encheu seu corpo de adrenalina. – Agora que viu um dos meus erros – continuou o diretor, enfiando a mão no bolso –, quero que o corrija. Os dois podem ser parecidos em alguns pontos, mas você é muito superior, Ricky, e por isso ela não vai ser uma grande perda.

Lucy ergueu a cabeça o suficiente para encará-los, mas, mesmo com os cabelos na frente do rosto, Ricky notou que ela estava concentrada no diretor, que sacou alguma coisa que brilhou sob a luz fraca entrando pelas cortinas fechadas.

Uma lâmina. O bisturi.

– Corrija o erro, Ricky – o diretor falou em um tom resolutivo, oferecendo o instrumento. Lucy ficou paralisada. – Você está livre em termos mentais e físicos. Sua supressão do ego e do id está completa. Isso não deve ser problema para você. Pegue a lâmina. Sim, isso mesmo, seu pai a segurava do mesmo jeito.

De novo, seu pai. Ricky hesitou. O diretor o havia obrigado a fazer a mesma coisa? Ele se lembrou do homem triste encolhido entre as caixas de figurinos, com as mãos ensanguentadas segurando um bisturi.

Ricky faria aquilo. Ele *precisava* fazer. Em seu subconsciente, ainda sentia a influência do diretor o puxando na direção errada. Obedecer era mais simples. Desafiar só trazia sofrimento. Ele não podia voltar para aquela cadeira de novo, simplesmente não podia...

Ergueu o bisturi, esforçando-se para impedir que sua mão tremesse e o denunciasse. A tristeza imóvel do quarto deixou de provocar efeito nele. Sua mente ficou vazia diante da pressão insuportável. Uma garotinha. Ela era só uma garotinha.

*Olhe ao seu redor. Ela parece estar bem? Você estaria lhe fazendo um favor...*

O diretor sorria como um pai orgulhoso ao levar o filho à escola no primeiro dia de aula. Ele assentiu com a cabeça, dando sua permissão. Seu incentivo.

– Corrija o erro, Ricky. Não podemos tolerar nada menos que a perfeição.

O bisturi, pequeno e leve, pareceu pesado em sua mão. O garoto ergueu a lâmina e viu os olhos da menina se virando na sua direção, enormes e escuros. Amedrontados. Os olhos grandes se fecharam quando a mão dele entrou em ação, arrancando sangue.

*Não fuja, não se esconda. Lute.*

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 40

**E**le jamais se esqueceria do grito do diretor: primeiro de dor, depois de surpresa, e por fim de alguém traído.

Lucy soltou um suspiro de susto e deu um passo atrás, levando as mãos ao rosto para abafar o som de sua súbita risadinha de deleite. Mas o diretor não estava rindo. Ele cambaleou para trás, rugindo de indignação, com o bisturi ainda cravado no bíceps. O sangue manchava a manga do jaleco, escorrendo para o cotovelo quando agarrou a lâmina.

– Não! – ele gritou várias vezes, sem parar, e em um piscar de olhos a porta se abriu. – Que desperdício! Como tudo pode ter dado *nisso*? Assim como seu pai, um desperdício! Dessa vez eu tinha certeza, absoluta. Mais um fracasso no momento de triunfo.

Ricky tinha arriscado a própria sorte, sabendo claramente o que aquilo lhe custaria. Os auxiliares o agarraram e o jogaram no chão, apesar de ele não ter feito nenhuma menção de se mover nem de fugir. O diretor deu um berro quando arrancou o bisturi do braço, e isso foi a última coisa que Ricky viu antes de ser atingido pelo auxiliar que estava sentado sobre seu ombro, mergulhando rapidamente na escuridão.

– Você está morto! – berrou o diretor, ofegante. Lucy ria sem parar, aplaudindo e gargalhando, batendo os pezinhos no chão. – *Morto! Entendeu bem? Vou acabar com você pessoalmente!*



– Você conseguiu, gênio.

Ricky grunhiu. Ele era capaz de jurar que estava sonhando. Que estava no quarto vazio da garotinha. Que o diretor tinha chegado ao cúmulo de tentar forçá-lo a matar a criança, porque ela era uma espécie de equívoco. Era bizarro demais para ser real. Ele piscou algumas vezes e ergueu a cabeça dolorida, então se viu deitado no que parecia ser uma espécie de calabouço.

O chão de pedra era inacreditavelmente duro e machucava suas costelas, mas sua cabeça estava apoiada em alguma coisa macia. Ele piscou mais algumas vezes. Era a perna de Kay.

– Onde estou? – murmurou, sentindo a boca e a garganta secas.

– Ah, no Ritz-Carlton, não ficou sabendo? O bom e velho diretor se arrependeu de tudo o que fez, então instalou a gente em um palácio – ela falou, dando um tapinha em sua cabeça. Ele fez uma careta, porque ainda estava dolorida das pancadas dadas pelos auxiliares. – Desculpa. Você está no porão, com o resto de nós. Sério que não lembra mesmo?

– Eu... Eu estava com o diretor, e ele queria que eu matasse uma pessoa.

– É, e em vez disso você enfiou a lâmina no braço dele. A gente faria uma festa em sua homenagem, mas os únicos confetes que temos por aqui são insetos mortos – ela deu uma risadinha.

Ricky já conseguia vê-la melhor. Estava mais magra, e seus cabelos tinham crescido, formando um halo escuro e suave em torno da cabeça encostada à parede. Apesar da escuridão, o tom de voz de Kay parecia mais leve do que nunca, como se também tivesse percebido que não tinha mais nada a perder. Os dedos dela percorriam suavemente seus cabelos, o que quase o fez voltar a dormir.

– Eu não mataria uma criança.

– Em geral é uma coisa que nem é preciso dizer, mas fiquei sabendo que ele estava pegando pesado com você.

– Quem disse isso? – Ricky quis saber. – Foi só por alguns dias. Não sabia que as coisas podiam desandar tão rápido.

Kay ficou boquiaberta.

– Alguns dias? Está mais para um mês. A gente pensou que você estivesse *morto*. A enfermeira Ash me manteve informada por um tempo, mas aí foi dedurada por alguém e... As coisas não andam muito boas para ela desde então. O diretor mandou todo mundo aqui para baixo depois de você tentar aplicar o método do picadinho para cima dele.

– Desculpa – ele murmurou, desesperado por água. Em seguida, fechou os olhos de novo, imaginando que tudo fosse desaparecer se desejasse com todas as forças. – Isso é tudo minha culpa.

– Nada disso. Você tentou fazer lavagem cerebral em alguém?

– Que eu me lembre, não.

– Acorrentou alguém na cama?

– Não...

– Deixou alguém passar fome? Deu choques em alguém?

Ricky deu uma risadinha.

– Não. É só que... parece tudo minha culpa.

– Você tem exatamente dez minutos para se lamentar, depois vai ter que levantar, porque minha perna está começando a formigar – ela falou, remexendo os ombros em movimentos circulares. Ricky ouviu um estalo baixinho quando a coluna dela se alinhou. – Pensei que você tivesse morrido, Ricky.

– Eu também pensei.

– Sem chance que ele vai deixar a gente em paz agora – ela disse com uma risadinha.

– Tenho tanta coisa para contar para você, não sei nem por onde começar – comentou Ricky.

A névoa sobre seus pensamentos tinha sido provocada pelas pancadas na cabeça e era muito mais fácil de administrar que aquela causada pelo tratamento. Aquilo, pelo menos, era bom.

– Não precisa se apressar. Não tenho lugar nenhum para ir.

– Mesmo que eu *seja* um homem morto, fico feliz em vê-la. Estava me sentindo muito sozinho. Por um tempo... Por um tempo não conseguia nem me lembrar de você. Era como viver em outro corpo. Um corpo sem passado, sem memória, sem futuro.

A ideia de sair de onde estava era quase inimaginável. A perna dela era tão confortável, apesar do chão duro e de estar morrendo de sede.

– Gosto de você no corpo em que está.

– Então aproveite enquanto pode – ele murmurou. – Tenho uma forte desconfiança de que vou voltar a ser um projeto científico daquele psicopata muito em breve.

Kay passou a mão por seus cabelos de novo, estalando a língua de leve.

– Qual era a alternativa? Matar uma pessoa, certo? Você fez a coisa certa.

– Talvez. Mas então por que estou me sentindo tão mal? – questionou Ricky.

A dor aos poucos foi passando, e ele ficou mais consciente de seus arredores. A cela onde estavam não era muito maior do que aquela em que o diretor realizara a lobotomia em Patty. A cada leve movimento, os insetos se agitavam nos cantos. Um gotejar persistente vinha de fontes que eram impossíveis de localizar, caindo de forma esporádica como os últimos resquícios de uma tempestade.

– Isso não é nada bom, você sabe – Kay falou, bem séria.

– Eu sei.

– Você aqui comigo... Não pode durar muito tempo.

– Sei disso também. – Ele se mexeu um pouco, inclinando a cabeça para enxergar melhor. Ela parecia maltratada, mas ainda bonita, com os ossos do rosto proeminentes denunciando a falta de alimentação apropriada. – O que a gente pode fazer além de esperar? A enfermeira Ash também deve estar enfiada em algum lugar. Não temos amigos, ninguém para ajudar, ninguém lá fora para nos socorrer.

Um sorriso enorme iluminou o rosto dela.

– Isso não é *exatamente* verdade.

– Como assim?

– Espere chegar a noite – ela falou com uma piscadinha. – Você vai ver.

CAPÍTULO

Nº 41

Ricky não precisou esperar muito tempo. Tinha passado a maior parte do dia apagado, mas agora o ferimento em sua cabeça provocava só um latejar ocasional na base do crânio. Quando tocou o local sentiu que estava sensível, mas, como a maior parte de seu corpo estava dolorida, não deu muita atenção àquilo. Os auxiliares o deixaram coberto de hematomas nos ombros e nas costas, e tentar aliviar uma dor só significaria deparar com outra.

Porém toda a dor foi esquecida quando a noite caiu e, uma a uma, as portas do último pavimento do subsolo começaram a ser abertas. Ele ouviu as demais serem destrancadas primeiro, com mecanismos pesados de metal que reverberavam como motores de um barco a vapor. Quando a deles se abriu, Ricky ficou só observando, com a certeza de que estava imaginando coisas ou de que era alguma espécie de armadilha.

– O que está acontecendo? – ele murmurou, sentando às pressas e se arrastando até onde Kay estava, encostada à parede.

– É assim todas as noites agora. Ele simplesmente deixa a gente sair. – Kay encolheu os ombros, permanecendo imóvel. – Mas o acesso a esta ala continua trancado. Não dá para sair.

– E o que acontece?

– Ah, eles circulam por aqui. Conversam. Gritam uns com os outros. Fazem o que quiserem. Estou começando a achar que ele quer que os pacientes matem uns aos outros para se poupar do trabalho de arrumar um pretexto. – Kay suspirou e ficou de pé, ajudando Ricky a se levantar. Era possível ouvir as vozes do corredor, e um vulto passou bem diante da cela deles. – Vamos lá ver.

– Eles não são perigosos? – perguntou o rapaz, ficando um pouco para trás.

– Olha só quem fala, o cara que esfaqueou o diretor.

– Isso é outra coisa – Ricky disse baixinho para se defender. – Você teria feito o mesmo.

– De jeito nenhum. Eu teria ido na jugular.

Verdade. Mesmo assim, ele não sabia o que encontraria do lado de fora. Kay parecia bem menos apreensiva ao sair para o corredor. No teto havia lâmpadas protegidas por grades, lançando faixas de luz amarelada sobre o chão de pedra. Ricky hesitou por um momento antes de deixar a cela. Ele não esperava reconhecer tanta gente ali no corredor.

Tanner era um deles, encostado na parede, olhando feio para a enfermeira Ash. Ela parecia bem diferente agora, menos imponente, com cortes e hematomas em toda a pele, os cabelos ruivos desalinhados. Estava ao lado de Lucy, que fora transferida dos andares superiores para o porão. Os olhos da menina acenderam quando viram Ricky, e ela fez um sinal para que se aproximasse.

Ele não conseguia acreditar. Em seus sonhos, ela parecia saída de uma história de terror profana, e agora estava caminhando na direção da menina, vencido pela curiosidade.

A menina puxou a enfermeira Ash pela manga e apontou. A enfermeira, ou melhor, ex-enfermeira, agachou para ouvir o que Lucy cochichava em seu ouvido, com a mão fechada em concha.



– Ela está orgulhosa de você – disse a enfermeira Ash, ainda agachada. – E me pediu para agradecer por ter tomado a decisão certa.

– Pelo menos alguém aqui tomou – resmungou Tanner, sem tirar os olhos da enfermeira.

Ela o ignorou, encolhendo os ombros para Ricky e abrindo um sorriso como quem diz “O que se pode fazer?”.

– Por um bom tempo fiquei sem saber se voltaria a ver você. Ele tentou fazer com que machucasse Lucy?

– Era para ser minha formatura – disse Ricky, esforçando-se para encontrar sua voz. – Mas encontrei seu bilhete no livro, e a ficha também. Dei um jeito de não tomar os remédios hoje de manhã. Tudo começou a voltar. Eu me lembrei de todos vocês, da minha casa, do meu pai... Ele foi morto pelo diretor. Era uma cobaia em um experimento, assim como eu.

– Tudo mesmo? – perguntou Tanner, enfim desviando os olhos da enfermeira.

– É. Bom, pelo menos acho que sim. É difícil saber o que é real e o que não é.

– Se a memória dele voltou, então a sua também vai voltar. – Ele virou para a enfermeira Ash. Mesmo sendo mantido no porão, continuava com um físico mais imponente e ameaçador do que os outros. E pelo jeito não tinha pudor de usar a força bruta, o que demonstrou dando alguns passos na direção da enfermeira. – Você continuou colaborando mesmo depois que Madge morreu. Como quer que a gente confie em você?

– Ela tentou compensar de outras maneiras, certo? E estava me ajudando. – Ricky não pretendia interferir, mas o fez mesmo assim, estendendo a mão na direção de Tanner. – Durante esse tempo todo arriscou a própria segurança por mim, e agora está na mesma situação que a gente. Você precisa deixar isso para lá.

O olhar gelado de Tanner só endureceu ainda mais.

– Não preciso fazer coisa nenhuma.

– Todo mundo faz coisas questionáveis para sobreviver – disse Kay, juntando-se a Ricky e colocando a mão no ombro dele. – Você ouviu o que ele falou, a enfermeira Ash estava ajudando lá em cima. E deve ter irritado um bocado o diretor para vir parar aqui, por isso não tenho problema em confiar nela.

– Ele estava brincando com nossa cabeça o tempo todo – acrescentou Ricky, aproveitando a deixa. – O diretor fez um monte de coisas e exerce *muita* influência. Eu quase cortei minha própria garganta só porque ele mandou. Sei que não serve como desculpa para perdoar tudo, mas não importa o que a enfermeira Ash tenha feito: agora ela está contra ele também. O diretor provavelmente fez lavagem cerebral em todos os funcionários. Jocelyn foi a única que conseguiu resistir de alguma forma. Isso é impressionante, e não um motivo para brigar com ela.

Tanner passou a olhar feio para Ricky.

– Tanner era um auxiliar de enfermagem aqui do hospital – Jocelyn explicou calmamente. – Ele não... não lidou muito bem com a morte de Madge. Foi difícil para todos nós, mas eles dois eram bem próximos. Eu entendo por que acha que sou culpada. Para mim, a culpa é de todos. *Nós dois* deveríamos ter feito mais para proteger Madge daquele monstro.

Tanner olhou mais uma vez para enfermeira e para Ricky, e por fim deu um passo atrás. Ele se encostou na parede, cerrando os dentes.

– Enfim, isso não importa. Estamos presos aqui até ele decidir o que vai fazer.

Ricky olhou para cada um ali. Uma silhueta alta se aproximou de Lucy por trás, e ele quase deu um grito para alertá-la. Mas o homem se posicionou sob a luz e ficou imóvel, observando, com os cabelos escuros e ralos desalinhados e a pele salpicada de caspas do tamanho de flocos de neve. Ele parecia ausente, quase como um manequim animado, deixado do lado de fora, na chuva, para estragar.

Era Dennis.

Ricky reconheceu Patty e Angela na penumbra mais atrás. Ao ver todos sob a luz, a sensação foi quase cômica. Era como se sentir assustado por uma sombra na escuridão e, ao acender a luz, perceber que era só um mancebo com um gorro e um par de luvas. Talvez eles fossem perigosos, mas naquele momento pareciam um bando de pobres-diabos. Eram o símbolo da decadência do manicômio.

– Existe uma saída – a enfermeira Ash falou, sem muita convicção, olhando para o rosto de cada um. – Só que... não é fácil. E um de nós teria que morrer.

CAPÍTULO

No 42

**H**ouve um ruído alto no fim do corredor, do outro lado da porta trancada. Todos fugiram. Ricky também, puxado de volta para a cela por Kay.

– Do que a gente está se escondendo? – ele murmurou.

– Aqui a gente nunca sabe – ela disse, segurando-o em um canto. – Faz diferença?

– Não – admitiu Ricky. – Acho que não mesmo. – Não havia mais sons do lado de fora do corredor, mas mesmo assim ele não se moveu. Não era exatamente desagradável ficar encolhido em um canto escuro com uma garota bonita. Não tinha contato humano com alguém por quem não sentia desprezo fazia tempo, e aquilo parecia quase uma revelação. – A gente não precisa fazer isso, você sabe.

– Fazer o quê? – ela perguntou, inclinando o pescoço para trás para vê-lo melhor.

– O que Jocelyn está sugerindo. A gente pode ignorar e tentar se virar sozinho.

– E ficar aqui esperando até morrer? – Kay sacudiu a cabeça e a encostou na parede. Suas mãos pousaram sobre os ombros de Ricky, apertando-os de leve. – Tem um alvo desenhado nas suas costas agora, Ricky. O diretor não vai deixar isso barato.

– E nas suas também... Graças a mim.

– Qual é? Eu sou a única garota negra neste lugar. Talvez em todo o estado de New Hampshire. Acha mesmo que eu não era um alvo desde que cheguei? Aqui embaixo não tem ninguém encarcerado, nós fomos *descartados* mesmo. – Ela apontou para a porta. – Como lixo, entendeu? Ninguém sabe que estamos aqui e ninguém se importa. A não ser que aquela enfermeira seja uma superespia no estilo James Bond, não vamos sair daqui. Talvez seus pais venham, mas mesmo assim...

Ele fez uma careta.

– Eles já vieram.

– *Quê?*

– Minha cabeça estava embotada... Não fui eu mesmo. O diretor me fez contar um monte de mentiras, e eles acreditaram nelas. Olha, eu andei pensando no que você falou. Sobre o Expurgo do Condado, sobre voltar para casa. Mesmo se a gente conseguir sair daqui, não quero voltar. Eles gostaram do que viram. Se não voltar outra pessoa, eles preferem que nem volte. Não querem saber de mim – Ricky falou, respirando fundo –, e eu não quero saber deles. Meu pai morreu aqui dentro. Não tenho mais família.

– Ricky... minha nossa.

– Pois é. – Ele não sabia mais o que dizer. – O diretor me queria aqui por causa do meu pai. Acha que tem algum lance biológico interferindo no que pretende fazer, seja lá o que for. Pelo jeito chegou bem perto de fazer uma lavagem cerebral completa nele, então, quando não funcionou, mexeu uns pauzinhos para que eu viesse para cá e ele tivesse uma nova chance. Disse isso para seus amiguinhos na noite do evento.

– Então estamos presos aqui de verdade – murmurou Kay.

Houve mais um ruído alto, e eles foram se esconder atrás da cama, que não oferecia abrigo contra absolutamente nada. Ele ouviu as portas das celas se fechando, então o corredor inteiro mergulhou em um silêncio arrebatador.



Eles dividiram a cama estreita durante a noite. Na manhã seguinte, a comida chegou por uma janelinha na porta. Sem talheres. Mal era suficiente para uma pessoa, quanto mais duas. Estavam vivendo como

animais. Um bando de cães. Kay tinha razão. Tinham sido esquecidos lá embaixo, recebendo apenas migalhas quando alguém se dava ao trabalho de se lembrar da existência deles.

Mas mesmo assim aquilo era melhor do que ficar em suas acomodações relativamente mais confortáveis no terceiro andar. Ele tinha parado de sonhar. Não era o mesmo que ter liberdade, obviamente, mas Ricky estava voltando a ser o que era, sentia-se menos sufocado. Fingindo uma dor de estômago, deixou que Kay ficasse com a maior parte do mingau.

– O que as pessoas fazem, trancadas o dia todo aqui? – ele perguntou.

– Às vezes dá para conversar pelas paredes, mas a gente precisa gritar, e os auxiliares ficam bravos. Eles entram para sedar quem estiver fazendo escândalo. É melhor só cantar baixinho e pensar em histórias. Livros. Isso me impede de perder a cabeça. – Ela empurrou o pote vazio de mingau para perto da porta. – Vai ser mais fácil agora. Pelo menos vamos poder conversar.

– É muito bom não estar mais sozinho – ele disse baixinho. – O isolamento foi uma coisa infernal.

As bandejas do café da manhã foram recolhidas sem que uma palavra fosse dita, e Ricky viu a mão que a recolheu entrar e sair pela janelinha aberta.

– O diretor vem bastante aqui?

– Só faz alguns dias que viemos, então não dá para saber. Meu palpite é que estava ocupado demais mexendo com sua cabeça, mas agora... A não ser que ele tenha encontrado um novo favorito, podemos ter problemas.

– *Argh.* – Ricky sacudiu a cabeça, curvando os ombros e se afastando dela. – Isso é tudo culpa minha. Eu deveria ter... sei lá...

– Matado aquela garotinha? – questionou Kay.

– Poderia ter feito o jogo dele por mais tempo – respondeu Ricky, mas sabia que aquele tipo de pensamento não o levaria a lugar nenhum.

– E então o quê? Se a gente sair daqui, não vai ser com a colaboração dele – disse Kay, ficando de pé e andando de um lado para o outro. – Aquela enfermeira ajudou você. E me ajudou também. Se alguém conhece um jeito de sair daqui, é ela.

– Mas e depois? – questionou Ricky. – Se a gente conseguir chegar ao primeiro andar, e depois? Se a gente conseguir sair do prédio, e depois? Se a gente conseguir chegar até Camford, e depois?

– Você prefere nem tentar? – ela perguntou, na defensiva.

– Não é isso que estou dizendo... Claro que a gente precisa tentar, é que... sei lá. Esquece o que eu falei.

Kay parou de andar de um lado para o outro e foi se sentar ao lado dele, inclinando-se para a frente com um suspiro. Estavam todos muito maltratados, no limite. Ricky imaginou como seria ver todo mundo naquele porão limpo e feliz. Recebendo um bom tratamento, para variar.

– A faculdade – ela falou. – De repente conseguimos chegar até a reitoria de lá. Afinal de contas, é logo ali.

– Mas eles podem pensar que somos loucos. E, na verdade, acho que o diretor tem influência lá também, está tentando emplacar um amigo como reitor.

– Esquece isso então – ela murmurou. – Se eu disser que a gente vai dar um jeito, vai fazer você se sentir melhor?

– Ah, claro – respondeu Ricky, sarcástico.

Ele se lembrou do que seu pai lhe dissera, ou melhor, do que a visão de seu pai lhe dissera, embora estivesse cada vez mais inclinado a acreditar que aquilo fora real. Era preciso lutar. Por mais que parecesse impossível, tinham sobrevivido e estavam juntos. Sua mãe havia dito que mandara cartas e telefonara, então talvez ainda se preocupasse. Ele estava furioso com ela, mas era melhor ter uma alternativa de fuga do que nenhuma. Ricky poderia decidir mais tarde se ainda queria o amor e o apoio de sua mãe, quando estivessem distantes das garras do diretor.

– A gente vai mesmo – ele respondeu, confiante. – Sei que a gente vai conseguir dar um jeito.

CAPÍTULO

No 43

**E**les se reuniram na cela que a enfermeira Ash compartilhava com Lucy. Não havia cômodos suficientes para que todos ficassem separados, mas, mesmo se houvesse, Ricky tinha a impressão de que as duas seriam colocadas juntas. Aquilo não era uma concessão, ele sabia, mas uma afirmação da impotência de todos ali.

*Podem tramar à vontade, podem se matar... não faz diferença.*

O jovem tentava não alimentar os pensamentos de desesperança, mas eles apareciam a todo momento.

– Ninguém precisa morrer de verdade – explicou a enfermeira Ash, dirigindo-se aos demais de um canto da cela. Eles estavam reunidos em um semicírculo, de costas para a porta. Dennis estava meio afastado, maior que todos os outros. – Se alguém conseguisse fingir que está muito doente e prestes a morrer, eles seriam obrigados a oferecer tratamento.

– Por que você acha isso? – questionou Tanner. Sua postura em relação à enfermeira não tinha mudado muito, mas pelo menos ele estava ouvindo. – Por que pensa que ele está preocupado com o que acontece aqui embaixo?

Ela respirou fundo, juntando as mãos na altura da cintura.

– Quando minha amiga, ou melhor, *nossa* amiga Madge morreu, Tanner e eu estávamos presentes. Vimos tudo. Ele poderia ter nos matado também, para encobrir o que fez. Somos um risco. Sabemos de certas coisas. Se mais corpos começarem a aparecer, alguém de fora vai notar, e a última coisa que ele quer é esse tipo de atenção.

– O diretor ficou furioso com o que aconteceu no evento de gala, e nem foi nada de mais – argumentou Kay. – Parece estar tudo bem para quem não vê o que acontece aqui embaixo.

A enfermeira Ash assentiu com a cabeça e continuou falando com mais empolgação.

– Exatamente. Ele tentou usar suas técnicas em Tanner e em mim para resolver o problema. Se conseguisse nos controlar, controlaria a situação, e ninguém mais precisaria morrer. Sei que muitos não têm família, e talvez não haja ninguém olhando por nós, mas deve existir algum jeito de conseguir atenção. – Ela se interrompeu, aparentemente se preparando para o que diria a seguir. – Algumas pessoas em Chicago se preocupam comigo. Se eu não der notícias em breve, vão ficar preocupados. Se eu desaparecer de vez, minha família vai querer saber o que aconteceu.

– A questão aqui é só você mesmo – disse Tanner com um risinho de deboche. – Quer ser tirada daqui e levada para outro hospital. E quem garante que vai cumprir sua palavra e nos ajudar depois? E se ninguém acreditar em você?

– Não é só isso – ela rebateu, irritada. – Eu conheço o cronograma. Sei quando chegam suprimentos, e não é todo dia que os visitantes são permitidos. As coisas seguem um padrão. O diretor programou um novo evento para arrecadação de fundos depois que o primeiro deu errado. Ele vai tentar outra vez. É a nossa oportunidade. Mesmo que não dê para fugir, podemos no mínimo criar um tumulto e chamar a atenção de quem estiver esperando no saguão. Ninguém aqui está bem alimentado, limpo ou vestido decentemente.

– Isso não é nada – disse Tanner. Embora o sujeito estivesse se mostrando extremamente resistente, Ricky era obrigado a concordar. Aquele plano envolvia variáveis demais. Eles podiam arriscar, claro, mas não provocariam muito mais que mero desconforto. – Eles aplicariam sedativos imediatamente em quem estivesse mal; o diretor está tão preocupado com sua reputação que não se arriscaria a ter nenhum tipo de problema.

– Sim, mas a equipe está reduzida. Eu estou aqui, e Mosely está afastado com uma contusão.

– É verdade – confirmou Ricky. – Ouvi a enfermeira Kramer se queixando a respeito.

– Então, se mais de um de nós precisar de atendimento médico, podemos derrubar quem nos levar lá para cima – concluiu a enfermeira Ash.

– Não vai dar certo – decretou Tanner. – Digamos que tudo saia de acordo com o plano. E daí? Você acha mesmo que uma gritaria no saguão vai fazer alguma coisa por nós? É exatamente isso que os amigos ricos do diretor lá de fora *esperam* de nós.

A pequena faísca de esperança que havia sido acesa se apagou de forma abrupta. O rapaz soltou um grunhido. Ele estava certo. Ricky estava surpreso por testemunhar aquela conversa tranquila entre os que eram considerados os piores pacientes do Brookline. Pouco importava que *ele* soubesse que todos ali mereciam uma segunda chance de uma vida normal. Ninguém mais pensava assim.

– Você tem alguma ideia melhor? – a enfermeira Ash perguntou, pondo as mãos na cintura.

– Não – admitiu Tanner, encolhendo os ombros. – Mas nunca prometi nada.

– Vale a pena tentar – disse Kay. Ela estava olhando para a parede com a testa franzida, e por um momento Ricky chegou a pensar que não estivesse prestando a menor atenção na conversa. – Na pior das hipóteses, não vai dar em nada.

*Ou então o diretor vai calar nossa boca para sempre.*

– Quem mais ficaria doente? – indagou Ricky, já com medo da resposta.

– Bom... Você, não? Seus pais pensam que está melhorando. As ilusões deles cairiam por terra se ouvissem falar que está tendo surtos.

*Eu sabia*, o rapaz pensou.

– Tudo bem – disse. – Mas precisa ser tudo muito bem feito.

– Sim. Precisa ser real. – Dennis, que ainda tinha as cicatrizes sofridas no surto da noite do evento, enfim se manifestou.

– Ah, obrigada por se juntar a nós – murmurou Kay.

– Sim, Dennis. – Embora fosse educada com ele, a enfermeira Ash sempre evitava olhar em sua direção. – Precisa ser bem realista. Ninguém vai ser tirado daqui a não ser que esteja em uma situação de vida ou morte.

Ricky sentiu a mão de Kay envolver seu pulso, e o sussurro dela o pegou de surpresa.

– A gente não precisa fazer isso, você sabe.

– Pensei que essa fala fosse minha – ele respondeu com um meio sorriso.

– Pois é... bom, eu não sabia que *essa* era a grande ideia dela.

– Eu preciso fazer, sim. Tem um alvo desenhado nas nossas costas, lembra?

– Eu já gosto de você, não precisa bancar o herói – ela murmurou, apertando seu pulso com mais força.

– Mal não faria.

– É sério, Ricky, não se arrisque assim. A gente pode pensar em outra coisa.

Recuar era uma opção tentadora. Afinal de contas, ele pensou que pudesse sobreviver no Brookline sem fazer nada, levando tudo na brincadeira, como fizera no Hillcrest e no Victorwood. Mas aquela não era mais uma possibilidade, e agora ele entendia que fora a omissão de outras pessoas – centenas de outras, das enfermeiras aos faxineiros, dos auxiliares de enfermagem aos médicos – que permitira que o diretor saísse totalmente do controle.

– Não, a gente vai sair daqui – Ricky respondeu por fim. – Não importa quantas vezes precise tentar.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 44

Todos estavam dormindo, e o corredor permanecia em silêncio quando o diretor apareceu.

Ricky percebeu quem era só pela maneira de andar. Ouvia o assobio baixo, uma musiquinha alegre, e estremeceu, sentando bem devagar na cama para não incomodar Kay. Ela continuou dormindo, encolhida de lado. Os passos foram ficando mais altos e mais próximos, assim como a melodia.

Não se tratava de um sonho, tinha certeza disso, mas beliscou o braço por precaução. Em seguida desceu da cama e foi para o outro lado da cela, encolhendo-se contra a parede oposta à porta. Dessa forma, apenas Kay seria vista se alguém espiasse pela janelinha.

Conforme o esperado, os passos se detiveram e a janelinha foi aberta, de forma tão lenta e silenciosa que era quase imperceptível. Ele respirava pela boca, profundamente, mas sem fazer barulho, com os ouvidos em alerta em meio ao gotejar constante na cela úmida e ao estalar dos canos mais acima. Kay parecia vulnerável sozinha na cama, com um lugar vazio ao seu lado onde ele deveria estar.

– Não seja tímido, sr. Desmond – murmurou o diretor. Sua voz era grave e afiada como uma lâmina.

Ele voltara a chamá-lo pelo sobrenome. Significava que Ricky não era mais seu queridinho. Pelo menos ele torcia para aquilo. Imaginou se a interrupção da medicação bastaria. De acordo com Kay, ele tinha ficado no terceiro andar durante semanas. Perdera as contas dos dias em que passara naquela cadeira, amarrado e submetido às constantes sessões de hipnose do diretor.



– Pensei em vir pessoalmente ver como estava se adaptando às novas instalações.

O diretor mantinha um tom de voz tranquilo, como se Ricky estivesse bem diante dele.

– Quanto tempo acha que vai conseguir sobreviver aqui embaixo? – ele questionou com uma risadinha.

– A enfermeira Ash é um perigo. É uma de nós, mas disso você já sabia. Dennis é imprevisível. Um gigante gentil em um momento, e no instante seguinte resolve estrangular você com as próprias mãos. Tanner está arruinado. Ver a amiga morrer acabou com ele. Patty mais parece uma ostra. E você confia em seu companheiro de cela? Tem certeza de que não fez nada com ele? Esses desajustados não são seus amigos, sr. Desmond. Sou seu único amigo aqui.

Ricky sacudiu a cabeça, mas se manteve em silêncio. A voz do diretor mexia com algo profundamente enraizado em sua mente. Ele não estava livre por completo. Desconfiava disso, mas ter a confirmação daquilo era assustador. Um suor frio brotou em sua testa, e sua respiração se acelerou. Uma parte dele queria gritar por socorro, como uma reação à voz dentro de sua cabeça lhe dizendo que o diretor merecia sua confiança.

*Debaixo da capa. Não esqueça: não esquecemos de você...*

O diretor fez uma pausa, mas não obteve resposta.

– Só quero ver até quando vai resistir, sr. Desmond. É questão de tempo até voltar rastejando. Vamos nos reencontrar muito em breve, não? Eu o conheço. E o aceito. Quis trabalhar com você. Sabia que tivemos um trabalhão para trazê-lo para cá? Ficamos mandando informações sobre o Brookline para seus

pais durante meses, sem sucesso. Pensei que seria obrigado a arrastá-lo para cá pessoalmente, mas *sua* mãe fez o trabalho por mim. Ela mordeu a isca. Encontrei seu pai, encontrei sua mãe e encontrei você. O resto foi por sua conta. Foi *você* quem atacou seu padrasto. Este era o lugar certo para você depois daquilo. O lugar perfeito, na verdade, porque eu o queria aqui. E não era isso o que você sempre quis? Estar em um lugar em que sua presença fosse desejada?

Depois daquilo, ele se foi. Os passos se afastaram sem pressa e a canção assobiada pareceu ainda mais alegre que a da chegada. Ricky desabou no chão, levando as duas mãos ao rosto. Ele queria que sua presença fosse desejada, mas não por uma cobra venenosa; não por um *monstro*.



– Você não dormiu à noite.

Ricky estava praticamente dormindo em pé enquanto a enfermeira Ash e Tanner discutiam os detalhes do plano. Quanto mais falavam, mais percebia as falhas na trama, mas manteve suas preocupações apenas para si. A exaustão o estava deixando no mínimo incapaz de se comunicar.

– O diretor desceu aqui – ele confessou. – Queria falar comigo. Eu não disse nada, mas, meu Deus, como queria. Ele tramou tudo. Garantiu que eu viesse para cá para poder fazer um experimento comigo, assim como aconteceu com meu pai. Senti vontade de *gritar*. Isso algum dia vai passar, enfermeira?

– Joss – ela corrigiu. – Não sou mais enfermeira. – Os cabelos dela estavam mais ajeitados, mas mesmo assim ela parecia bem desgastada, com olheiras tão profundas quanto as dele. Às vezes Ricky ouvia Lucy chorar à noite. Talvez fosse aquilo que estivesse impedindo Jocelyn de dormir. – E, respondendo à sua pergunta, acho que nunca vai passar. Sei que não é uma resposta muito animadora, mas é a verdade.

– Ele fez isso com você também? E com Tanner? – indagou Ricky.

Ambos tinham se afastado um pouco dos demais. Lucy brincava com Angela, e Dennis estava parado como uma estátua em um canto, sempre vigilante.

– Sim, e com Madge também – respondeu Jocelyn. Ela arregaçou as mangas da camisola de paciente e encolheu os ombros. – Percebi que tinha alguma coisa errada com este lugar assim que comecei a trabalhar aqui, mas nada teria sido capaz de me preparar para isto. Eu queria fazer alguma diferença. Tentei proteger Lucy e fracassei. Então Madge começou a se comportar de um jeito estranho, como se estivesse sempre dopada. Pensei que fosse o estresse do trabalho, mas não era só isso. O diretor tentou fazer uma lavagem cerebral em mim para me convencer de que *eu* a tinha matado. Por um bom tempo acreditei. Penso naquela noite toda vez que ponho a cabeça no travesseiro. Todos os dias. Sei que não fiz nada contra ela, mas sempre resta uma pontinha de dúvida. É essa a vantagem que ele tem contra mim, e a usa sempre que pode.

Ricky ficou cutucando as unhas, perplexo. Era muito parecido com a maneira como ele se sentia. Não se lembrava da maior parte dos dias que havia passado sendo submetido a torturas naquela cadeira. Os fragmentos de memórias apareciam e se dissolviam antes que pudessem ser entendidos.

– Acredito em você, enfermeira Ash.

– Joss.

– Joss. – Ele abriu um sorriso fraco. – Eu poderia ter matado Lucy se não tivesse começado a recuperar o juízo. Os pensamentos dele, os comandos dele estavam dentro da minha cabeça. Isso é o que mais me assusta nesse plano. Com um estalar de dedos, o diretor pode recuperar o controle sobre nós.

– Tente pensar em alguma âncora. Alguma coisa que possa trazê-lo de volta. A minha é a visão de você no porão com ele, prestes a entrar no quarto de Lucy. É uma lembrança muito vívida. A mais real que tenho aqui neste lugar. O diretor não tentou apagar minha mente, mas mesmo assim preciso de alguma

coisa para manter minhas esperanças aqui dentro.

– A minha é a ficha de paciente do meu pai – disse Ricky. – Obrigado por ter me devolvido.

– Claro. Eu vim para cá para ajudar pessoas doentes, e acabei tornando as coisas ainda piores. Agora só posso me esforçar para arruinar os planos do diretor – ela disse baixinho. – Mas na verdade ainda não sei quais são eles. O alcance da coisa. O perigo envolvido.

– Todo mundo aqui é como uma bomba-relógio. – Ele detestava dizer aquilo, mas sabia que era verdade. Mesmo depois de tudo o que acontecera, mesmo depois de o diretor tentar transformá-lo em um assassino, a voz do homem na noite anterior quase provocara uma recaída. Ninguém estava livre da influência dele. – O diretor pode detonar a gente a qualquer momento.

– Tem razão. Isso me dá raiva. Mas acho que você está certo.

– Já descobriram como vão salvar o mundo?

Kay se juntou a eles, apoiando a cabeça no ombro de Ricky em um gesto automático. Era engraçado que ela fosse a mais alta entre os dois.

– A gente está mais se lamentando – ele respondeu.

Lucy começou a dar risadinhas, aparentemente encerrando a brincadeira com Angela. Ela se aproximou de Jocelyn, puxando-a pela manga como sempre fazia quando queria dizer alguma coisa.

Kay deu um leve chute em sua canela.

– Que atividade mais produtiva. – Os olhos delas se voltaram para Dennis, parado a um canto. Ele permanecia imóvel, com os braços junto ao corpo. – Estou preocupada com ele. Nunca sei quando vai tirar um cochilo ou sair batendo em todo mundo.

– Estamos todos estressados – Jocelyn respondeu com um sussurro. – Dennis nunca foi meu paciente. Era Madge quem cuidava dele. Às vezes... – A enfermeira baixou ainda mais o tom de voz. – Às vezes ela ficava morrendo de medo. Mas ele nunca ameaçou nenhum de nós, e a maioria das coisas que fala nem faz sentido. Sobre Montanhas Brancas. Sobre pessoas posando.

– Um artista, talvez? – sugeriu Kay.

*Dennis é imprevisível. Um gigante gentil em um momento, e no instante seguinte resolve estrangular você com as próprias mãos.*

Não, aquilo não era justo. Nada do que o diretor dizia era verdade, e Dennis não parecia muito interessado em ninguém ali. Ricky olhou em sua direção e notou que ele o encarou de volta.

– Eu não sei, de verdade – disse Jocelyn. – Mas ele tem o direito de ser libertado deste lugar também. Se está doente, precisa ser tratado, não abandonado.

Dennis pareceu ganhar vida ao ouvir aquele comentário, embora seu corpo continuasse imóvel e só sua boca se mexesse. Um olhar mais aceso e vivo surgiu em seu rosto.

– Esperança não, só sobrevivência. Só sobrevivência.

– Com certeza, grandão. Mas então quando vamos voar para fora do ninho? – rebateu Kay.

Jocelyn pôs a mão na cabeça de Lucy, brincando distraidamente com os cabelos da menina enquanto pensava a respeito.

– Se eu não tiver perdido a conta, hoje é quinta-feira. O diretor marcou o evento de arrecadação de fundos para sexta. Eu jamais esqueceria, porque a enfermeira Kramer não falava em outra coisa. Ele queria exhibir Ricky para todo mundo como um macaco amestrado.

– Eu ainda posso fazer esse papel – o rapaz disse com uma risada cínica. – Mas estamos falando de amanhã à noite.

Era logo. Mas seria possível? No entanto, por que oferecer mais tempo ao diretor se podiam chegar a um de seus convidados escandalizados logo no dia seguinte?

– Está bem perto, eu sei – Jocelyn falou, olhando para ele e Kay como quem se desculpa. – Pode ser só a primeira tentativa de muitas, mas não podemos desperdiçar nenhuma oportunidade.

CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 45

**N**a sexta de manhã, os funcionários tiraram Tanner de sua cela e o arrastaram gritando e esperneando para o primeiro andar. Assim que saíram, com os gritos dele ainda ressoando pelo corredor, Ricky ouviu as batidas na cela da frente. Era Jocelyn, desesperada para chamar sua atenção.

A agitação perturbara Dennis, que batia na porta de sua cela com a cabeça ou o pé, tornando quase impossível ouvir a voz dela.

– Rick... Nós ainda vamos fazer isso?

– Precisamos – ele gritou, fazendo uma careta. Estava na cara que o diretor começava a separá-los. Na certa não achava que Ricky ia ficar em silêncio no porão, só esperando para ver o que aconteceria. – Se ele for hipnotizado, se for interrogado...

– Eu sei! – ela praguejou. – Dennis! Você poderia se acalmar, por favor?!

As batidas continuaram e só foram ficando mais fortes.

– Vamos manter o plano – Ricky disse em um tom sério, encostado à porta. – É a nossa primeira oportunidade para valer, lembra? Precisamos aproveitar.

Eles ficaram à espera. Ricky ficou sentado na cama com Kay em silêncio na hora combinada. Ele podia ver o medo e a ansiedade no rosto dela... No dia anterior, Kay se mostrara brincalhona e bem-disposta, mas naquele momento não havia o que falar. Dennis continuava batendo na porta, o que impedia qualquer um de tentar dormir.

– Se você não tirar a gente daqui logo, vou matar aquele imbecil com minhas próprias mãos – ela resmungou, esfregando as têmporas.

– Escuta, se eles levarem a gente e deixarem vocês aqui...

– Eu vou ficar bem.

Ela pegou a mão dele e colocou no seu joelho, depois se inclinou para a frente e o beijou no rosto.

– Obrigado – Ricky falou, ficando estranhamente tímido. Já tivera intimidade com outras pessoas antes, mas aquele momento parecia especial. – O herói sempre precisa de um beijinho antes da missão suicida. – Ele soltou uma risadinha forçada. O sorriso não ficou por muito tempo no rosto de nenhum dos dois. – Não vou fazer um grande discurso de despedida nem nada do tipo, mas preciso dizer que adoro a banda do seu pai. Sou fã deles há anos. Não, me deixa terminar. Ele é um imbecil egoísta, já entendi, e você seria muito melhor que ele no papel de líder da banda. Deveria montar a sua quando sair daqui.

– Se sair daqui – ela corrigiu.

– *Quando* – ele insistiu. – Mesmo se der tudo errado, uma hora ele vai se dar conta do que está fazendo. Ninguém é tão cruel assim.

– Isso você não sabe, Ricky. Nem sei como tem coragem de dizer algo assim. Viu o que o diretor quer fazer. Tem um monte de gente cruel no mundo.

Ricky sacudiu a cabeça.

– Perdi muito tempo me achando mais esperto do que todo mundo. Agora só quero fazer o bem, e para isso preciso acreditar que as outras pessoas também podem ser boas.

– Você é bonzinho, *sim*. Sei que tentou me ajudar quando estava lá em cima – murmurou Kay. – Eles pegaram mais leve na terapia de choque por um tempo. Foi por sua causa, não?

– Eu já estava lá em cima. Não faltava muito para ser seu anjo da guarda.

Ela revirou os olhos, mas Ricky viu que seu pescoço ficou corado.

– Que cafonice.

– Eu sei.

– Vou continuar tentando mesmo se absolutamente tudo der errado – prometeu Kay. – Esse é o bem que

eu posso fazer.

– E não é pouca coisa. – Ricky se encostou nela, sentindo o nó em seu estômago ficar cada vez mais forte. – Quem consegue sobreviver a isto aqui é capaz de fazer qualquer coisa.

– Se concentra no evento de hoje – Kay falou com um sorrisinho. – Uma coisa de cada vez, certo? A gente precisa sair daqui antes de começar a sonhar alto.

Estava chegando a hora de dar o maior chique de sua vida. Aquilo exigiria muita energia, e ele estava se sentindo exausto. Às vezes se perguntava se não era melhor sucumbir à desolação daquele lugar, desistir e se deixar morrer de vez por dentro, viver fantasiando com o lado de fora, a fuga para algum lugar com Kay.

Mas aquilo não bastava. Ela estava ao seu lado, viva e respirando; a morte, mesmo que apenas em sua mente, não era uma opção.

A hora de começar chegou depressa demais. A remoção de Tanner pesava em seus pensamentos. O diretor era um sujeito persuasivo. Se Tanner fosse pressionado com certeza revelaria o plano. Naquele caso, os funcionários ignorariam qualquer coisa que acontecesse no porão naquele dia. Mas era preciso acreditar que Tanner queria fugir tanto quanto qualquer um. Sua amiga morrerá lá dentro. Todos se juntariam a ela mais cedo ou mais tarde, e o Brookline não era um túmulo dos mais atraentes. Ele não morreria naquele lugar como seu pai. Precisava *lutar*.

E a ideia de uma festa glamorosa acima da cabeça deles o deixava enojado. Furioso. Seu temperamento não era dos melhores, Ricky sabia, e num mundo ideal aceitaria ser tratado. Mas naquela noite seu descontrole seria útil. Aquelas pessoas provavelmente não davam a mínima para os pacientes trancafiados no Brookline. Deviam achar que estavam ajudando o progresso da *ciência*. O diretor fez uma lavagem cerebral de outro tipo neles, deixando todos cegos ao que acontecia por trás da fachada branca e limpa do hospital. O Brookline era podre de alto a baixo. Ele só precisava fazer aquela gente provar um gostinho de tudo que acontecia por lá.

Ricky ouviu o sinal, apesar das pancadas que Dennis dava em sua porta. Três batidas rápidas, uma pausa e mais três.

– Esta é a Fase Três – ele disse baixinho, para si mesmo e para o diretor. – Aquela em que a gente mostra a fraude que você é.

Ricky foi o primeiro.

Nunca tinha berrado tão alto e com tanta força em sua vida. Se a barulheira de Dennis não fez com que ninguém movesse uma palha, então ele precisaria superá-lo com sobras. O rapaz se jogou no chão e gritou a plenos pulmões, enchendo-os de novo e emitindo outro urro longo e inquietante. Kay se juntou a ele, mas pedindo freneticamente por socorro.

– Ricky está tendo um ataque! – ela gritou. – Ai, meu Deus! Ai, meu Deus, socorro! Alguém ajude, tem alguma coisa errada acontecendo aqui!

Foram necessários cinco minutos inteiros de encenação antes que a porta do corredor se abrisse. O coração de Ricky disparou dentro do peito. Estava funcionando. Mas era só a primeira parte, e eles ainda não estavam nem perto de fugir. Ele se lançou de novo aos berros, estrebuchando no chão, de boca aberta.

Kay o cutucou de leve no ombro com o pé, para sinalizar que a porta estava sendo aberta. Aquele era o momento crucial. Assim que a dobradiça começou a ranger, Jocelyn começou a fazer sua parte. Eles provavelmente estavam acostumados com surtos de Lucy, mas não com os dela.

– Tem alguma coisa errada – Kay gritou quando os auxiliares enfim entraram na cela. Com os olhos fechados de dor fingida, Ricky não conseguia ver o que estava acontecendo, mas sentiu quando se ajoelharam ao seu lado e mediram seu pulso. – Este lugar está infestado de insetos. Acho que ele foi mordido por alguma coisa. Está estranho, e a outra garota também.

– Merda, eu disse para o diretor que a gente precisava limpar aqui embaixo mais vezes – resmungou

um dos auxiliares. – E precisava ser logo hoje? Ele vai me matar.

– Cale a boca e preste atenção. Acho que ele está com febre – disse o outro. Estavam ajoelhados um de cada lado de Ricky, tentando estabilizá-lo enquanto se debatia. – Não injete isso nele – o auxiliar disse de repente. – Não sabemos qual é o problema, e não podemos enfiar uma agulha no braço de alguém que está tendo uma convulsão.

Do outro lado do corredor, Jocelyn urrava ainda mais alto. *Nada de sedativos.*

– Melhor chamar o diretor – o homem que media o pulso de Ricky falou. – Cadê ele, aliás?

– Com os convidados, claro – respondeu seu parceiro. – Nossa, que *barulheira*. Que tal alguém ir ver o Heimline? Eles estão tendo alguma reação adversa!

Ele ouviu passos no corredor e em pouco tempo Dennis não estava mais batendo na porta, e sim em outra coisa. Ricky arregalou os olhos ao ouvir o primeiro auxiliar gritar de susto e de dor.

– Quem foi que o deixou sair?! Esta ala não está segura! – A voz vinha do corredor. Parecia a enfermeira Kramer, com um tom estridente de pânico. – Ai, meu Deus, alguém o coloque de volta na cela...

Os gritos dela foram interrompidos por um estalo alto que fez os pelos dos braços de Ricky se arrepiarem. O auxiliar o deixou deitado no chão e saiu para o corredor.

– Levanta. – Kay estava ajoelhada ao seu lado, sacudindo-o. Ele sentiu seu corpo estremecer. Os olhos dela estavam arregalados de medo. Ricky se ajoelhou e então ficou de pé. – Dennis está...

Houve mais um grito, e então algo foi arremessado contra a parede bem ao lado da porta de sua cela. Ele ouviu um gemido e um gorgolejar em meio aos gritos de Jocelyn. Mas mesmo ela soava diferente naquele momento, como se estivesse sentindo um pavor genuíno.

– A gente precisa sair daqui – disse Ricky, virando e correndo para a porta.

Kay seguiu rapidamente em seu encalço, mas ambos detiveram o passo quando um vulto enorme escureceu a passagem. Havia alguém caído no chão bem diante da porta. Um dos auxiliares. Não estava se movendo, e seu pescoço estava posicionado em um ângulo impossível, com uma mancha azulada se formando em torno da garganta.

– Você precisa se acalmar.

Ricky encarou Dennis, que tinha acabado de esganar todos os funcionários à vista. Seus cabelos ralos estavam grudados na testa pelo suor. Sua pele estava marcada por tantas batidas de cabeça seguidas na porta.

– Ricky, precisamos fugir! Precisamos sair daqui agora mesmo!

Jocelyn chegou no corredor aos tropeções, com os olhos cheios de lágrimas. Era possível notar que ela estava se esforçando ao máximo para não olhar para a carnificina ao redor. Uma mão trêmula pousou no ombro de Ricky e o puxou.

– Fecha a porta – murmurou Kay. – Fecha isso agora. Pelo amor de Deus, fecha essa porta.

Foi o que ele fez, segurando a maçaneta e batendo a porta com força sem pensar duas vezes. Ele e Kay estavam trancados lá dentro, isolados, sem a menor chance de fugir para os andares superiores. E, para piorar, dava para ouvir Jocelyn gritar seu nome, e então os berros se transformaram em gemidos. Ricky escutou os passos dela tentando fugir pela porta do corredor.

Então houve um grunhido e um baque surdo, o som de um crânio atingindo o chão.

– Não! Dennis! Dennis, pare com isso! Você me conhece! Você me conhece!

Ricky não tinha como impedi-lo. A porta tinha trancado ao ser batida. Ele esmurrou sua superfície com todas as forças para atrair a atenção do homem. Lucy estava gritando também, mas de nada adiantava. Ao seu lado, Kay dava socos na porta também, gritando, implorando...

– Você me conhece! – Jocelyn conseguiu gritar uma última vez.

– Eu conheço você – respondeu a voz grave e monocórdia de Dennis. – E sei que ficaria perfeita em uma pose, bem quietinha nas Montanhas Brancas.

Ricky se agachou encostado à porta e tapou os ouvidos. Não ia suportar ouvir aquilo. Não ia suportar ouvir o som da morte de sua amiga.



CAPÍTULO

N<sup>o</sup> 46

Eles foram levados para o primeiro andar, para quartos individuais e limpos – com cheiro de tinta fresca – dois dias antes da inspeção do governo estadual.

Era para ter sido uma vitória, mas Ricky estava atordoado. Apenas alguns pacientes selecionados foram entrevistados, para confirmar que estavam sendo devidamente tratados. Ricky e Kay não estavam entre eles, por razões óbvias. Naquele dia, o jovem desconfiou que fora levemente drogado no café. Ele dormiu durante toda a inspeção, acordando com o que parecia ser uma tremenda ressaca.

Toda movimentação do lado de fora do quarto era estritamente vigiada. Ele não fazia ideia de onde estava Kay nem de onde tinham escondido Lucy. Dennis sem dúvida estava morto ou acorrentado em algum lugar. Ricky sequer imaginava como os assassinatos haviam sido explicados.

Passara os dias anteriores atormentado pela culpa, paralisado por tantos questionamentos. Tudo poderia ter sido diferente. Seu plano fora mal concebido, e por causa disso Jocelyn havia morrido. Não era mais Lucy quem habitava seus pesadelos, e sim os últimos gritos de Joss, pouco antes de Dennis tirar sua vida. E o que tinha mudado? Não estavam mais no porão, claro, mas ele estava sozinho de novo, sem ter avançado em absolutamente nada.

O diretor enfim foi vê-lo, uma semana depois do assassinato de Jocelyn. Ricky não esboçou nenhuma reação. Parecia inútil lutar àquela altura. O que quer que o diretor tivesse planejado, ele sofreria sozinho. Todas as esperanças de fuga tinham se esvaído agora que eles estavam separados e devastados. A única surpresa fora que o diretor parecera frio e distante. Ricky esperava vê-lo se gabando. Esperava uma demonstração de arrogância.

– De todos os desdobramentos que previ – começou o diretor, perto da porta, a uma boa distância de Ricky –, esse com certeza não era um deles.

– Me deixa em paz – o rapaz resmungou, virando para a janela e olhando para o gramado. Às vezes um carro passava e ele sentia uma faísca de esperança acender no peito. Mas ela morria com a mesma velocidade com que aparecia. – Não tenho mais o que falar com você. Estou cansado dos seus joguinhos idiotas. Aliás, faz alguma diferença para você que Jocelyn esteja morta?

– Infelizmente, não posso deixar você em paz – o diretor falou, com os dentes cerrados, como se cada palavra fosse um sacrifício.

Ricky sentiu seu corpo gelar, preparando-se para o que viria a seguir. A cadeira, provavelmente, ou alguma outra tentativa de “tratamento” que o levasse à submissão. Tudo bem. Ele já se sentia derrotado mesmo.

– Quem vai embora desta vez é você.

Ricky ficou paralisado, refletindo sobre aquelas palavras. Quando elas começaram a fazer sentido, ele virou para o diretor, com a cara fechada.

– Vai se livrar de mim, é? Como? Agora que a inspeção já passou, deve estar se sentindo todo corajoso. Pode sumir com quem quiser. Mas eles vão voltar e da próxima vez vão encontrar alguma coisa. Não vai conseguir esconder este lugar para sempre.

– Ah, bem que eu queria que fosse o que você está pensando – o diretor respondeu friamente. – Você vai receber alta. Sua mãe veio buscá-lo, e eu não posso mantê-lo aqui contra a vontade dela.

– Mentira – ele não queria dizer aquilo, mas era o que seu instinto dizia.

Não podia ser verdade. Era mais um truque. O diretor sempre tinha uma carta escondida na manga. *Mas o diretor não mentiu sobre Dennis, não é mesmo? Ele era perigoso. Era um assassino, e agora Jocelyn está morta.*

– Levante.

O diretor deu um passo para o lado. Quando a porta abriu, uma enfermeira entrou. A maioria dos funcionários fora substituída depois do massacre promovido por Dennis. Ele não conhecia quase ninguém mais. Nenhum deles era simpático, nenhum parecia disposto a ajudar, como Joss estivera.

Ainda surpreso, Ricky ficou de pé e permitiu que a enfermeira tirasse suas roupas. Em seguida começou a colaborar e com movimentos distraídos vestiu suas próprias roupas, aquelas com as quais tinha chegado. Estavam comicamente largas, como se pertencessem a um jovem com duas vezes seu tamanho.

A enfermeira saiu sem dizer nada. Ricky sentia um arrepio sempre que via uma touca passar por perto. Aquilo o fazia se lembrar de Jocelyn, que o enchia de esperanças toda vez que entrava em seu quarto. O diretor fez um gesto na direção do corredor e ficou à espera enquanto Ricky se dirigia para a porta. Ele não manteve a cabeça erguida. Nem ao menos olhou para o homem ao passar. Ainda havia uma chance, e não era pequena, de tudo terminar em uma grande decepção.

– Não encare isso como uma vitória, sr. Desmond – ele murmurou quando Ricky passou. – Você vai embora, mas não vai ser esquecido. Entrei na sua cabeça. Não existe liberdade depois disso. É impossível escapar da própria mente. Ah, aí estão eles.

Ricky quase esbarrou em duas pessoas que vinham pelo corredor na sua direção. Era o homem de cabelos castanho-claros que se parecia com o diretor. Seu irmão. Estava acompanhado de um garoto mais novo que Ricky, com os mesmos cabelos castanhos, embora fossem crespos, e o rosto aberto tinha os mesmos ossos pronunciados que pareciam ser um traço dominante na família.

– Que bom revê-lo, Daniel – o diretor falou, inclinando-se para cumprimentar o menino. – Você cresceu desde a última vez que nos vimos.

O garoto olhou para o pai, o irmão do diretor, e franziu a testa, afastando-se do médico.

– Nós temos o mesmo nome, sabia? – acrescentou o diretor. – Vamos ficar amigos bem depressa.

– Você tem certeza do que está fazendo? – perguntou o irmão.

Ricky continuou andando, mas capturou mais algumas palavras antes de se afastar de vez da conversa. Um calafrio percorreu sua espinha, e ele ficou sem saber se fugia ou se voltava para ajudar o pobre menino.

– Ele vai estar em boas mãos aqui – o diretor disse com uma risadinha. – Afinal de contas, é sangue do meu sangue.

CAPÍTULO

No 47

**B**utch não tinha ido buscá-lo.

Sua mãe estava à espera no saguão, retorcendo a bolsa como se fosse uma esponja molhada. Estava com o vestido de girassol outra vez, o que só usava em ocasiões especiais. Na longa caminhada pelo corredor, Ricky esquadrinhara o local com os olhos, procurando freneticamente pela presença de Kay. Não podia ir embora sozinho. Não havia futuro para ele fora do Brookline, a não ser que estivesse com ela.

– Ah, meu menino prodígio!

A mãe nem esperou que ele passasse pela porta. Daquela vez, quando o abraçou, pareceu um gesto sincero, e foi bom. As lágrimas dela molharam seu rosto de novo, e Ricky retribuiu o abraço.

– Você anda se alimentando direito? – ela questionou, afastando-se para examinar seu rosto. – Rick, querido, você está tão magrinho.

– É só um efeito colateral dos remédios – interferiu sem demora a enfermeira Cruz, substituta da enfermeira Kramer. Ela estava lá para terminar de despachar a papelada da alta de Ricky. – Vou pedir para a enfermeira Edmonds entregar sua receita.

– Sim – a mãe falou, sem lançar um segundo olhar para Cruz. A nova enfermeira era muito mais jovem que Kramer, e mais gentil, com modos suaves que com certeza garantiriam sua obediência ao diretor. – Obrigada. Obrigada por tudo o que vocês fizeram, mas está na hora do meu filho voltar para casa.

– A decisão é sua, sra. Kilpatrick, mas eu não aconselharia que ele fosse tirado daqui no momento.

– Bom, lamento que se sinta assim, mas fiquei sabendo das inspeções. É... É o tipo de coisa que me tira o sossego. Eu ficaria muito melhor sabendo que Ricky está em casa conosco. Com certeza você me entende.

A enfermeira Cruz baixou a cabeça e soltou um suspiro.

– Claro... Eu entendo.

– O diretor falou com tanta confiança da recuperação dele quando viemos pela última vez que me pareceu o momento perfeito para levar Ricky para casa. Assim ele vai ter tempo para se preparar para o ano letivo – ela respondeu com firmeza, apesar da voz um pouco trêmula. O garoto se manteve em silêncio; ele não tinha a menor intenção de contar que havia desistido da escola e de sua mãe também. Iria embora em breve, mas primeiro precisava sair dali. – Com certeza vai ficar empolgado com a volta às aulas. Ricky tem um futuro brilhante pela frente se conseguir manter a cabeça no lugar. Vamos contratar um professor particular de álgebra para ele.

– Parece ótimo, mãe – Ricky falou, parecendo sincero. – Mas não posso ir embora, não sem minha amiga.

Ela franziu a testa, olhando para ele e depois para a enfermeira.

– Sua amiga?

– Ela não está doente, mãe. O lugar dela não é aqui.

A enfermeira estalou a língua de um jeito teatral.

– Infelizmente apenas um parente ou responsável legal pode tirar alguém do Brookline. Mas não se preocupe, o sr. Waterson está seguro aqui conosco.

Ricky se exaltou e sentiu suas energias voltarem com toda a força junto com a irritação com a enfermeira. Ele se controlou no último instante, lembrando que deveria parecer alguém melhor. Em todos os sentidos. Então baixou o tom de voz.

– Vou voltar para buscar Kay – ele murmurou. – É bom mesmo que ela fique em *segurança*, porque ela vai sair daqui, e comigo.

– Claro – disse a enfermeira Cruz, sem se alterar, olhando bem para ele.

– Podemos ir agora, mãe? – perguntou Ricky, segurando sua mãe pelo braço e a conduzindo na direção da porta. – Por favor? Explico tudo no caminho.

– Tudo bem, querido – ela falou.

Em seguida, ela deteve o passo e virou, estendendo a mão para a enfermeira, que não estava mais lá. Perplexa, continuou olhando para trás, ainda procurando a mulher enquanto Ricky a empurrava para fora do Brookline.

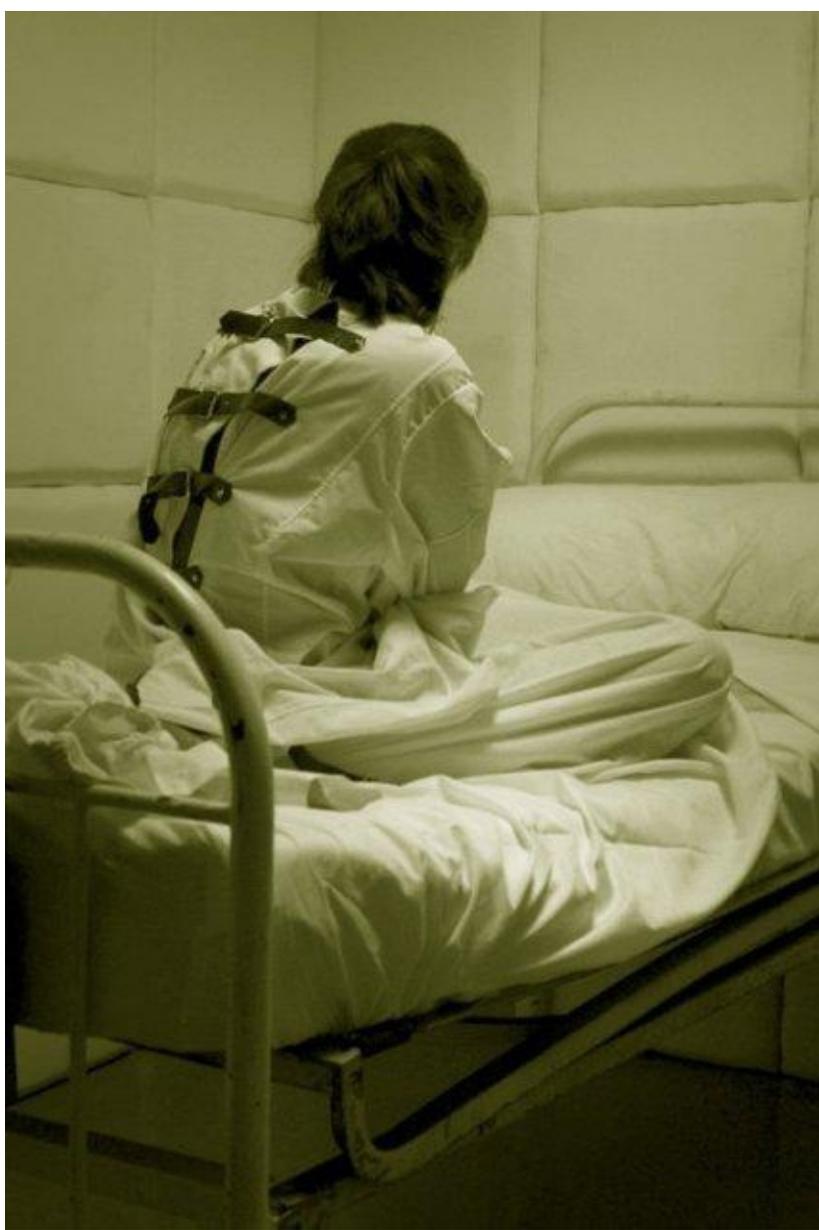
– Obrigado por ter vindo me buscar – ele falou, sentindo o sol no rosto pela primeira vez em semanas. Ricky respirou fundo, fazendo uma promessa silenciosa de voltar para salvar Kay. – Você ficou sabendo pelo jornal, então? Que bom. Não foi uma estada nada boa, mãe. As pessoas não são muito bem tratadas aqui.

– Ah, querido, isso é... eu sei. Não deveria ter deixado você aqui, mas depois daquela noite, do que aconteceu com Butch, tudo parecia fora de controle. Eu não sabia se ainda podia ajudá-lo.

Até os pássaros estavam em silêncio enquanto eles iam até o portão. Havia alguns estudantes fazendo um piquenique no gramado perto das grades do hospital. Ele se perguntou se aquelas pessoas faziam ideia do tipo de loucura que vinha ocorrendo dentro do prédio ao lado de sua faculdade.

– Não foi só por causa do jornal, querido. Foi também por causa de uma coisa que você disse... – sua mãe murmurou, franzindo a testa. Ela pôs a mão sobre seu pulso, de braço dado com o filho. Eles não andavam assim fazia anos. – ...que estava em boas mãos. Isso me fez pensar. Até poderia ser verdade, mas você deveria estar comigo. Eu deveria ser a responsável por cuidar de você.

– Tudo bem – ele falou, sentindo a esperança tomar conta de seu corpo ao ver o carro da família estacionado perto do portão. – Quer dizer, fico feliz por isso, mas acho que já aprendi a cuidar de mim mesmo. Preciso conversar sobre um monte de coisas com você. Sobre o que aconteceu aqui, sobre mim. Sobre essa menina especial que conheci. Sobre meu pai. Sobre o que vou fazer daqui para a frente.



A rectangular piece of aged, cream-colored paper is centered on a background of green damask wallpaper. The wallpaper features a repeating pattern of stylized floral and foliate motifs in shades of green and dark green. The paper has a slightly textured appearance and is slightly tilted. The word "EPILOGO" is printed in a simple, black, sans-serif font, centered on the paper.

EPILOGO

## *Nova York, um ano depois*

**E**le atravessou o Central Park para chegar até lá. Não que fosse necessário, claro, mas saíra do apartamento cedo. Muito cedo. Não queria admitir o quanto estava nervoso. E se ela não aparecesse? E se as coisas tivessem mudado demais?

A carta em sua mão estava molhada de suor. Havia sido lida e relida, dobrada e desdobrada tantas vezes que as palavras pareciam mais hieróglifos indecifráveis. Não fazia diferença. Ele já sabia o conteúdo de cor.

Os pássaros cantavam acima de sua cabeça, e o cheiro de pipoca e cachorro-quente pairava no ar, como se a extensão verde do parque fosse uma festa escondida no meio do burburinho da cidade. Às vezes ele sentia falta dos parques de Boston, mas os de Nova York tinham um charme todo especial. Assobiava um pouco enquanto caminhava, tentando lembrar todos os discos que mostraria a ela assim que fossem para seu pequeno apartamento em um predinho no Queens. Tinha uma pilha de LPs quase de seu tamanho, com preciosidades musicais que ela não teria como conhecer enquanto estava internada.

Por onde começaria? Three Dog Night? Não, previsível demais. Archies também não, era doce e convencional demais. O primeiro disco seria de Johnny Cash, ele decidiu. Com Johnny, não havia como errar.

O caminho terminava na rua 59, e ele deteve o passo, ansioso, desdobrando a carta como um mapa do tesouro e repassando o endereço pela décima sexta vez naquela manhã. Uma névoa fina cobria o gramado mais atrás, o último traço do frio da manhã antes que o sol do verão fizesse subir a temperatura no parque. Virou à esquerda, caminhou até o fim do quarteirão e parou quando encontrou a pequena placa de metal que indicava o ponto de ônibus. Ele estava lá. Agora era só esperar.

Esfregou uma mancha na manga da camisa e soltou um suspiro. A maior parte de sua roupa estava suja ou puída, pois todo o dinheiro que tinha era gasto com o aluguel e os discos. Sua mãe teria um ataque se o visse tão maltrapilho, mas ele duvidava que voltassem a se ver tão cedo.

Era só uma camisa. A mancha de gordura no punho era como uma marca de batalha, que ele conseguira trabalhando como garçom na noite anterior no único clube de jazz de seu bairro que aceitara contratá-lo. Quando estava com sorte, os músicos o deixavam ajudar a guardar os instrumentos e os amplificadores no fim da apresentação. Não havia nada melhor do que fazer parte de uma coisa tão boa, mesmo que só por um instante.

Ele olhou para o céu. Mesmo ali, mesmo no meio de uma cidade imensa, era possível sentir a presença do diretor pairando no ar de tempos em tempos. Sempre haveria alguns resquícios em sua mente, ele sabia – barreiras perigosas e sufocantes que precisariam continuar a ser derrubadas pelo resto de sua vida.

Uma freada repentina desviou sua atenção do avião que passava no céu. Ele sorriu e ajustou nervosamente a postura, enfiando a carta no bolso da calça jeans e pondo a mão sobre os olhos para observar a chegada do ônibus, cuja roda dianteira roçou de leve o meio-fio.

A porta se abriu com um guincho, e ele observou o desembarque dos passageiros. Não, não, não, não era ela... Começou a ficar apreensivo. E se não aparecesse? E se tivesse mudado?

E, de fato, ela estava mudada. Mais bonita do que ele se lembrava. Os cabelos estavam mais compridos, e ela abriu um sorriso assim que desceu do ônibus. Os lábios e as bochechas estavam levemente pintados. Maquiagem. Ela havia se maquiado para ele.

– Oi – ela falou, juntando-se a ele no meio-fio, carregando uma única mala de lona, puída nas pontas, e

um vestido amarelo com libélulas azuis.

– Você veio mesmo – Ricky falou, pegando a mala.

– Você também.

– A gente, hã, vai precisar ir andando até a estação de metrô. Não tenho carro nem nada do tipo – disse Ricky, todo sem jeito. – Queria oferecer boas-vindas melhores. Desculpa.

Kay sorriu, corando-se. Ela se aproximou e o segurou pelo braço.

– Você tem um lugar para eu dormir?

– Sim.

– Alguma coisa para comer? E de repente um refrigerante?

– Isso também – disse Ricky, conduzindo-a da calçada para o espaço verde e bonito do parque.

– E discos?

– Assim você me ofende – brincou Ricky. – *Claro* que tenho discos.

Kay assentiu com a cabeça, como se estivesse aceitando tudo: a cidade, a companhia, a nova liberdade.

– Hum. Isso basta. A *gente* basta.



AGRADECIMENTOS

Este livro foi um desafio por diversas razões e, sem dúvida nenhuma, o primeiro agradecimento vai para Andrew Harwell, que foi absurdamente paciente e compreensivo durante todo o processo. Trabalhar na série foi muito além do que eu imaginava, e nada disso seria possível sem ele. Sua lealdade, generosidade e visão foram a força motriz por trás de *Asylum*, e ele merece mais elogios do que sou capaz de colocar neste pequeno parágrafo. Resumindo, ele é o máximo, tá? Kate McKean se manteve ao meu lado o tempo todo, sempre encorajadora, sábia e animada. Quando estou prestes a jogar tudo para o alto, ela é a voz de incentivo que me mantém na linha. A equipe da HarperCollins, que tanto acreditou nesta série, também merece um agradecimento – editores, ilustradores e especialistas em marketing que criaram um produto deslumbrante atrás do outro. É sempre uma alegria ver o que eles vão criar a seguir.

A matéria da *NPR* sobre Howard Dully e sua experiência com lobotomias foi uma influência e uma inspiração para esta história. Há também muitas referências a Doug Wright e sua maravilhosa peça *Quills*, que precisa ser citada como inspiração.

Minha família e meus amigos foram maravilhosos e nada menos que isso, o que se tornou cada vez mais claro a cada vez que o estresse dos prazos começava a bater. Eles suportaram uma quantidade vergonhosa de falatório e preocupação, e merecem um prêmio por ainda querer minha companhia no fim das contas. Mãe, pai, Nick, Tristan, Julie, Gwen, Dom: sou eternamente grata a todos vocês por serem uma inspiração na minha vida. Para Anna, Katie, Michelle, Jess, Taylor e Jessy: saibam que eu quero todas vocês ao meu lado no apocalipse, porque nunca existiu no mundo um grupo de mulheres mais duronas. Obrigada por me tirar de casa e ouvir meus problemas, e por colocar as coisas em perspectiva para mim. Quando eu estava prestes a surtar enquanto escrevia, Brent Roberts me lembrou de que era só um livro, e eu ia sobreviver. Sua família foi muito paciente comigo quando trabalhei na casa de vocês no dia de Ação de Graças, e sou extremamente grata por isso. Obrigada pelas playlists. Obrigada por tudo. *Amoowa ekla teeket.*

Por fim, preciso reconhecer as inspirações de carne e osso desta história, em especial as vítimas do Atascadero State Hospital, que foram tratadas de forma abominável apenas por serem diferentes. Incentivo a todos os que lerem este romance a se informar sobre as atrocidades cometidas por lá em um passado bem recente.

As imagens reproduzidas neste livro são fotomontagens criadas pelo Faceout Studio com base em manicômios reais.



| capítulo | título  | do acervo de   |
|----------|---|--|
| rosto    | Menina fantasma                               | Clayton Bastiani / Trevillion Images   |
|          | Fundo texturizado                             | Naoki Okamoto / Getty Images   |
| epígrafe | Médicos executando cirurgia                   | Everett Collection / Shutterstock.com  |
| 1        | Cama de paciente                              | Kelly Young / Thinkstock.com   |
| 1        | Agulha cirúrgica                              | Laborant / Shutterstock.com  |
| 2        | Brookline                                     | James W. Rosenthal, Biblioteca do Congresso  |
| 2        | Escadaria escura                              | hraska / Shutterstock.com  |
| 2        | Paciente                                      | Lario Tus / Shutterstock.com   |
|          | Manchas na camisola                           | siloto / Shutterstock.com  |
| 4        | Sala de cirurgia                              | Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias, LC-D4-21254  |
| 5        | Papel rasgado                                 | STILLFX / Shutterstock.com   |
|          | Desenho                                       | Faceout Studio   |
| 5        | Cirurgia                                      | Everett Collection / Shutterstock.com  |
| 5        | Paciente perturbada                           | Wikimedia Commons / Dr. H. W. Diamond, "On the Application of Photography to the Physiognomy and Mental Phenomena of Insanity", <i>The Photographic Journal</i> , julho de 1856, 2003-5001/2/24914 |
| 6        | Arquivos                                      | Benjamin Haas / Thinkstock.com   |
| 6        | Instrumentos cirúrgicos                       | Grisha Bruev / Shutterstock.com  |
| 6        | Sala de operações                             | Everett Collection / Shutterstock.com  |
| 6        | Paciente desconfortável                       | Wellcome Library, Londres / Wellcomeimages.org. V0029705EL   |
| 10       | Retrato do diretor                            | Ysbrand Cosijn / Shutterstock.com  |
| 10       | Homem em cirurgia                             | Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias, LC-D4-21255  |
| 10       | Médico preparado para cirurgia                | Everett Collection / Shutterstock.com  |
|          | Pacientes e equipe de enfermagem em um quarto | Wellcome Library, Londres / Wellcomeimages.org. L0015465   |
| 16       | Equipe de cirurgia durante operação           | Everett Collection / Shutterstock.com  |
| 18       | Jantar de arrecadação de fundos               | Wikimedia Commons / Fotógrafo desconhecido. Imagem de 4 de abril de 1936. Jantar formal, Budapeste. Black-tie. Schaffer Fotószalon.  |
| 21       | Paciente sendo contida                        | Wellcome Library, Londres / Wellcomeimages.org. L0074938   |
| 24       | Sala de cirurgia                              | OFFFSTOCK / Shutterstock.com   |
| 25       | Exterior de casa                              | 1000 Words / Shutterstock.com  |
| 27       | Sala de cirurgia                              | Wellcome Library, Londres / Wellcomeimages.org. L0028124   |
| 28       | Cama com amarras                              | Rikke68 / Thinkstock.com   |
| 29       | Corredor escuro                               | Ingram Publishing / Thinkstock.com   |
| 31       | Corredor de hospital                          | Tonkovic / Thinkstock.com  |
|          | Fichas de pacientes                           | badahos / Shutterstock.com   |
| 32       | Papel antigo                                  | worker / Shutterstock.com  |
|          | Pilha de fichas                               | Oleg Golovnev / Shutterstock.com   |
|          | Caligrafia                                    | Torrey Sharp, Faceout Studio   |
| 33       | Figura atormentada                            | Lario Tus / Shutterstock.com   |
| 36       | Paciente de manicômio                         | Wellcome Library, Londres / Wellcomeimages.org. L0074958   |
| 41       | Vulto caminhando                              | Anki Hoglund / Shutterstock.com  |
| 44       | Figura borrada em corredor                    | Petr Klempa / Shutterstock.com   |

45 Paciente insana Wellcome Library, Londres / Wellcomeimages.org. L0074949

47 Paciente amarrada Alvaro German Vilela / Shutterstock.com

prólogo, capítulos 1 ao 47, epílogo, agradecimentos  
Fundo florido; Jomwaschara Komvorn / Shutterstock.com

prólogo, capítulos 1 ao 47, epílogo, agradecimentos  
Cartão-postal antigo; Karin Hildebrand Lau / Shutterstock.com

capítulos: 5,6,10,16,21,45  
Foto antiga; val lawless / Shutterstock.com

capítulos: 5,6,10,16,21,45  
Piso de cerâmica; Andrea Astes / Thinkstock.com

**SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE**

Mande um e-mail para [opinio@vreditoras.com.br](mailto:opinio@vreditoras.com.br)  
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, maio 2017